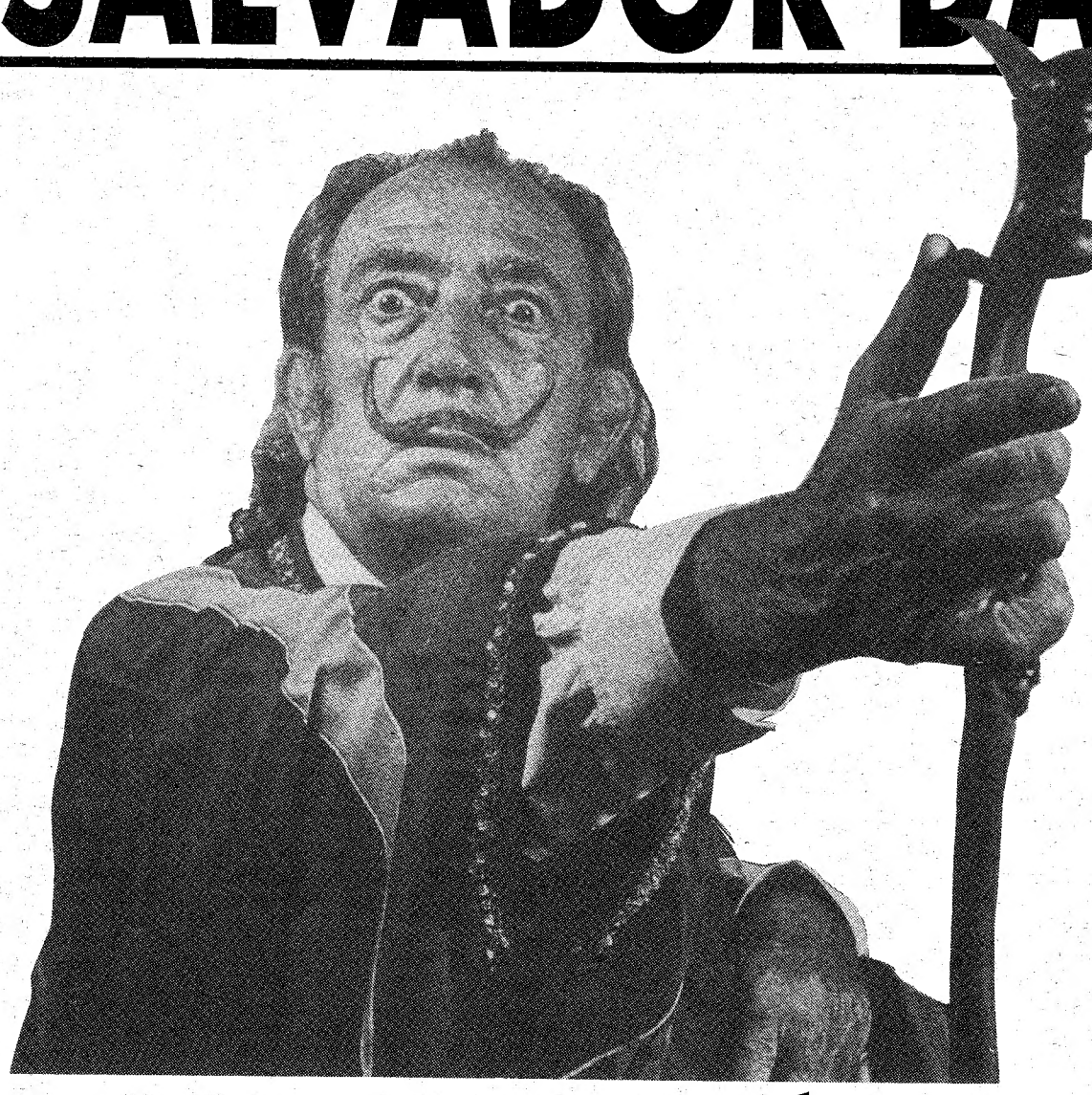
NOVO SISMO NA URSS: 1400 MORTOS

Diário de Lisboa

ANO 68 N.º 22 873 Segunda-feira, 23 de Janeiro de 1989 Preço 50$00

SALVADOR DALI



A MORTE DO ÚLTIMO ESPANHOL UNIVERSAL

Alguém o classificou como «o último espanhol universal»: Salvador Dali, 84 anos, marquês de Pubol, por graça do Rei Juan Carlos, surrealista, morto pouco depois das 9 horas da manhã de hoje devido a uma paragem cardíaca provocada por insuficiência respiratória.O título de «imortal» fora-lhe conferido pela Academia Francesa de Belas Artes, em 1979. Mas Dali atribuia a si próprio títulos mais sonantes: «génio universal», «profeta», «caracol», «a ideia platónica de um lavabo», «a reincarnação na Terra de um raio de Jupiter»... Entre as últimas vontades: ser embalsamado e sepultado no pátio interior do seu museu, sob uma cúpula geodésica.

Págs. 20, 21 e 22

GREVE NA CP PAROU 98% DOS COMBOIOS

Pág. 5

Conselho de Concertação Social reunido esta manhã: acordo possível?

Acordo da UGT com o Governo

Greve geral: ponto final

A UGT, o Governo e as confederações patronais deverão subscrever, no final da reunião do Conselho Permanente de Concertação Social que hoje decorre, um Acordo de Política de Rendimentos e Preços para o primeiro trimestre do ano corrente. A contratação colectiva, naquele período, deverá ser feita com base em valores que rondarão os 9 por cento. Quanto ao pacote laboral, o Governo cedeu na protecção aos representantes dos trabalhadores. De qualquer modo, assinale-se, trata-se de uma «cedência» polémica por parte da UGT.

Pág. 5

Novo Secretariado PS reune hoje

Gestão Sampaio ganha contornos

O novo Secretariado Nacional do PS, mais pequeno e, por isso, segundo Jorge Sampaio, mais operacional, realiza hoje a sua primeira reunião. Duas caras novas neste órgão com que o recém-eleito secretário-geral do PS conta para revitalizar e reforçar o seu partido: Fernando Marques da Costa e Jorge Lacão.

Pág. 3

Serviços secretos colombianos investigam transacção de armas

O caso do envio de armas portuguesas para a Colômbia vai conhecer um novo desenvolvimento com o envio, ao nosso país, de um grupo de investigadores dos serviços de contra-espionagem militar colombianos, chefiado pelo chefe dos Serviços Secretos, general Camilo Hernando Zuniga.

De acordo com a Agência Reuter,o ministro colombiano dos Negócios Estrangeiros, Julio Londono Paredes, terá declarado na sexta-feira a uma estação de televisão local que o seu governo quer investigar o caso antes de se decidir a apresentar um eventual protesto formal junto das autoridades portuguesas.

Durante a investigação a prioridade será dada - segundo fontes militares citadas pela mesma agência - à verificação dos documentos usados para fechar o negócio, nomeadamente, os certificados de destino final. Por seu lado, o ministro escusou-se a dar detalhes sobre a missão do grupo de investigadores.

Recorde-se que este caso foi tornado público na passada segunda-feira, quando o ministro colombiano da Defesa, Jaime Guerrero Paz, declarou, durante uma conferência de Imprensa, que Portugal tinha vendido ao movimento guerrilheiro pró-soviético «Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia» dez toneladas de armas fabricadas pela indústria nacional de armamento.

Na altura, as autoridades colombianas acusaram o Governo português de ter transacionado o armamento sem a necessária documentação, ao que os responsáveis do nosso país responderam afirmando que todos os documentos legalmente requeridos tinham sido apresentados. Portugal considerou ainda que se os documentos são falsos ou roubados, isso é um problema interno da Colômbia com o qual os portugueses nada têm a ver, dando assim o caso por encerrado.

Os Verdes estão preocupados com militarização do território

«Estamos a assistir a uma militarização acentuada do nosso território», conclúiram os dirigentes do partido ecologista Os Verdes, no final da reunião do seu Conselho Nacional, que decorreu este fim de semana em Coimbra. A conclusão foi justificada pela questão da autorização dos voos razantes a partir da Base de Beja e pela utilização da Base das Lajes pelos americanos em troca de material militar.

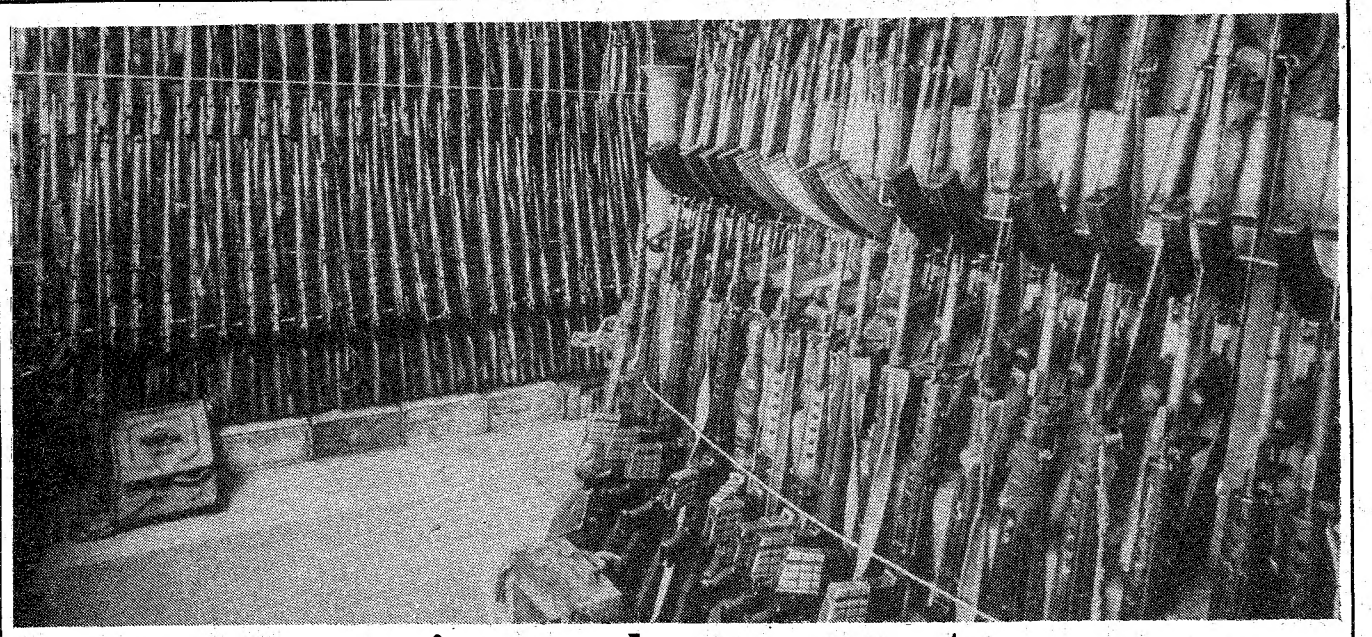
De acordo com o líder ecologista Herculano Pombo, que falava à Imprensa no termo do encontro, «os perigos que os alemães rejeitam não têm que ser suportados pelos portugueses». Além disso - afirmou ainda deputado de Os Verdes - «dos nove recentes acidentes de aviação, oito foram imputados à falta de treino dos pilotos e os aviões que nos chegam custam verbas astronómicas com a formação desses pilotos e encargos de mautenção». Os Verdes apelaram ainda às Forças Armadas para que se confinem ao cumprimento das tarefas que lhes são constitucionalmente cometidas.

Analisando a actual conjuntura política, os ecologistas consideraram que existe «um crescendo de descontentamento contra o Governo e uma quebra da sua popularidade». Quanto à eleição de Jorge Sampaio para o cargo de secretário-geral do PS, Herculano Pombo tem a convicção de que ela vai «acrescentar achas à fogueira em que a democracia se consome caso venha a entrar na barca da bipolarização».

Abordando a questão da revisão constitucional, os ecologistas reivindicaram a inserção, na nova Lei Fundamental, de referendos locais e regionais com carácter vinculativo, acrescentando que vão apresentar esta proposta à Comissão Permanente de Revisão Constitucional.

Os Verdes decidiram marcar para os dias 25 e 26 de Fevereiro, em Lisboa, uma Convenção Nacional Extraordinária para análise de problemas de organização e estratégia de actuação. Durante os trabalhos será discutida a mudança de símbolo e sigla do partido, podendo o malmequer ser substituído pelo girassol.

A data de 1 e 2 de Abril foi a escolhida para a realização de uma Convenção Ordinária durante a qual serão abordados problemas ecológicos de fundo, bem como a introdução de alterações aos estatutos e ao programa de actuação do partido.



Empresas americanas de armamento querem instalar-se em Portugal

Representantes de duas das maiores unidades industriais de produção de material de guerra do mundo - a fabricante de munições Martin Marietta e a produtora de invólcuros metálicos Valentec - encontraram-se esta manhã com o secretário de Estado da Defesa, Eugénio Ramos, a fim de apresentarem um projecto de implantação destas empresas norte-americanas em Portugal, através da aquisição da cota maioritária da Sociedade Portuguesa de Explosivos (SPEL) - confirmou ao «DL» uma fonte do Ministério da Defesa.

De acordo com a mesma fonte, estes contactos, de iniciativa americana, vêm de encontro aos objectivos de um grupo de trabalho que está a funcionar no âmbito da referida Secretaria de Estado com a finalidade de reestruturar a indústria portuguesa de defesa. Entre os hipotéticos projectos que estão a ser estudados por este grupo, conta-se a transferência, para a margem Sul do Tejo, das infraestruturas desta indústria, bem como a sua reconversão tecnológica.

«A eventual chegada a acordo com os empresários norte-americanos poderá ser muito benéfica para a nossa produção de armamento, actualmente muito desactualizada e quase obsoleta», considerou ainda a referida fonte, acrescentando que se o negócio se concretizar, «Portugal poderá começar a fornecer material militar não só para as Forças Armadas portuguesas como para a Nato».

Direcção da SPEL favorável ao negócio

Esta opinião é partilhada pela administração da SPEL - cuja cota maioritária é actualmente detida pela Indep - que considera que o negócio pode ser importante se trouxer novas faixas de mercado e tecnologia de ponta. No entanto, segundo declarou ao «DL» o director financeiro da empresa, ainda não se registaram quaisquer contactos directos directos entre os administradores da empresa e os americanos, estando os contactos a decorrer apenas a nível governamental.

No encontro desta manhã - afirma o «Europeu» na sua edição de hoje - participaram o presidente da Martin Marietta, George Perlman, os seus dois vice-presidentes, Robert Fisette e Robert Gall, bem como o vice-presidente da Valentec Jim Redden e um alto funcionário desta empresa. Esta reunião, refere o «Europeu», vem dar continuidade a uma série de encontros iniciados em Julho passado, entre aquelas empresas e as autoridades portuguesas.

O projecto que foi discutido traduz-se na constituição de uma nova sociedade, a Martin Marietta, Portugal SA, que seria constituída por 512 por cento da Martin Marietta americana, 19 por cento da Valentec Internacional e 30 por cento de entidades nacionais. Em contrapartida pela aquisição dos 50,8 por cento da SPEL, a Martin Marietta propõe-se fornecer conhecimentos técnicos e de gestão, bem como capitais e mercado.

O «Europeu» refere ainda que da proposta faz igualmente parte o projecto de construção, nos 190 hectares adjacentes à SPEL, de uma nova fábrica de elementos metálicos, destinada não só ao abastecimento das necessidades da SPEL como também ao mercado nacional e à exportação.

G3 substituídas por Colt

Entretanto, a Colt Industries propôs ao Estado Maior do Exército a fabricação de espingardas automáticas de calibre 5.56 que substituam as actuais G3 de calibre 7.62. Esta empresa norte-americana oferece como contrapartidas a ecomenda das munições 5.56 que consome e a recomendação da compra destas munições por parte dos seus clientes habituais.

Além disso, e como a Colt Industries fabrica apenas 25 por cento dos componentes, a industria portuguesa poderia concorrer ao fabrico dos restantes 75 por cento, num regime de competição em preço e qualidade. O apoio nas áreas de fabrico, marketing e investigação fazem ainda parte do pacote das contrapartidas oferecidas.

A partir de 27 de Janeiro

CAVACO SILVA OFICIALMENTE VISITA A SUÍÇA E PARTICIPA NO WORLD ECONOMIC FORUM

O primeiro-ministro, Cavaco Silva, acompanhado pelo ministro do Comércio e Turismo, e pelo secretário de Estado da Integração Europeia, visitarão oficialmente a Suiça no dia 27 deste mês. O chefe do Governo, que se desloca à confederação helvética a fim de participar, em Davos, no «World Economic Forum», manterá na manhã do dia 27 encontros com o presidente suiço Jean-Paul Delamuraz e com o ministro dos Negócios Estrangeiros, René Felber, com quem discutirá as relações entre os dois países e entre a CEE e a EFTA, bem como a análise das situações política e económica internacionais e assuntos de interesse bilateral, nomeadamente no que se refere aos emigrantes portugueses naquele país.

O «World Economic Forum» - que tem como tema «Desenvolvimentos chave nos anos 90: implicações no comércio global» - contará com a participação de mais de 800 delegados de 65 países e será presidido pelo príncipe Sandrudin Aga Khan, por Raymond Barre e por Maurice Strong. O presidente da Comissão da CEE propôs recentemente o estabelecimento de uma associação entre os estados membros da EFTA e a Comunidade Europeia, sendo o Forum uma oportunidade de os países das duas organizações estabelecerem contactos.

O presidente da Comissão da CEE, o presidente do Zimbabwé e o presidente eleito da Venezuela serão alguns dos presentes.

O problema da dívida externa dos países do Terceiro Mundo - tema acerca do qual se aguarda com expectativa a intervenção do chefe de estado venezuelano - o Fundo Monetário Internacional e a questão dos desiquilíbrios mundiais e a construção europeia, serão algumas dos temas em debate durante os três dias do encontro.

As relações Leste/Oeste constituirão ainda outro dos assuntos privilegiados, sendo de referir que o presidente da Fundação «World Economic Forum» convidou o líder soviético Mikhail Gorbatchov a participar na reunião via satélite, não tendo porém até agora obtido qualquer resposta.

ID disponível para participar na CDU

A Associação Intervenção Democrática (ID), reunida em Assembleia Geral, num hotel de Lisboa, manifestou-se «disponivel» para participar com a CDU nos trabalhos preparativos das eleições para o Parlamento Europeu e autarquias. A ID promoveu o encontro, no sábado, para debater a actual situação política e entre outras questões defendeu a necessidade do Presidente da República «não vir a promulgar» a alteração à lei eleitoral para o Parlamento Europeu.

«Largas centenas de sócios» aprovaram ainda um documento, no qual tecem críticas à actuação governamental, «que atinge novas e diversificadas categorias sócio-culturais e tem provocado forte descontentamento popular».

A Intervenção Democrática considerou ainda «extremamente grave» para o regime democrático, «a forma como se pretende alterar a Constituição da República Portuguesa» e criticou a maneira como esses trabalhos estão a decorrer no Parlamento. Outro problema focado foi o da alteração aos símbolos das coligações eleitorais que, segundo a ID, «visa afectar exclusivamente e ilegitimamente a CDU».

Mota Amaral no Congresso da JSD

«Bandeira azul e branca produz convergência política na autonomia»

O presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, salientou que existem actualmente condições de convergência política para o projecto autonómico, na medida em que, hoje, «todos empunham a bandeira azul e branca». O líder açoriano falava durante o V Congresso Regional da JSD/Açores, que durante três dias reuniu 110 jovens em Ponta Delgada.

A necessidade prosseguir um verdadeiro projecto autonómico, de forma «tranquila, serena e em diálogo», constituiu a tónica do discurso de Mota Amaral, que se referiu ainda à juventude, considerando que há que «doutrinar e organizar os mais novos».

Entre as conclusões do encontro, destaca-se a necessidade de gerar novos empregos, nomeadamente através do apoio e incentivo ao aparecimento de um tecido empresarial jovem. O problema da habitação foi outra das questões levantadas pelos jovens da JSD, que reivindicaram a criação de mecanismos que facilitem a aquisição de casa própria.

ELEITO ONTEM EM LISBOA

PS: só dois nomes novos em Secretariado reduzido

Paulo Martins

A nova gestão do PS ganha contornos. O Secretariado, mais pequeno e operacional, inclui dois nomes novos c coordenará a actividade dos «delegados nacionais», uma inovação. Sampaio deseja um partido vitalizado e reforçado, protagonista activo de um sistema «dual», não «bipolar».

Sampaio apresentou ontem «três razões» pelas quais o Governo «entrou em queda»: pelouros da CEE, «zanga» Beleza-Médicos e «caso Cadilhe»

Fernando Marques da Costa, professor de História Portuguesa Contemporânea na Universidade de Évora, protagonizou a mais surpreendente promoção ao novo Secretariado do Partido Socialista, eleito ontem em Lisboa, na primeira reunião da Comissão Nacional após o VIII Congresso.

O jovem docente universitário, colunista de Imprensa que esteve ligado ao MASP, apenas integrava a Comissão Nacional, tendo participado activamente na campanha de Jorge Sampaio. Porém, poucos observadores vaticinaram esta meteórica ascensão, tanto mais significativa quanto é certo que para a direcção do partido só outro «novo» foi eleito: Jorge Lacão. Deputado desde a III Legislatura, este jurista de 34 anos fez parte da Comissão Parlamentar de Assuntos Político-Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias e dos ex-Conselhos de Informação da ANOP, RTP e Imprensa. Na orgânica interna do PS, era membro da Comissão Política e vice-presidente do Grupo Parlamentar.

Lacão e Marques da Costa representam a aposta de Sampaio num Secretariado Nacional «purificado», como observou o «DL» ao revelar a opção do novo secretário-geral por um orgão mais reduzido do que o anterior (11 membros, além do líder) e supostamente mais eficaz. Do anterior SN, passaram à Comissão Política Edite Estrela, Luis Filipe Madeira e Maria do Céu Esteves, além do candidato a secretário-geral vencido em Congresso, Jaime Gama, e de Miranda Calha, seu braço-direito. Como já se sabia, António Vitorino e António Barreto, neutrais durante o processo de sucessão, deixam de desempenhar qualquer cargo nacional no PS.

«Delegados»: convites ainda esta semana

A criação de «delegados nacionais», dirigentes especializados em determinadas matérias que publicamente expressarão a posição do PS -uma inovação da gestão Sampaio que ele próprio deseja distinta da falhda fórmula do «Governo-Sombra» do seu antecessor- vai conduzir a alterações na orgânica interna do Secretariado, por forma a assegurar uma mais eficaz ligação entre o orgão decisório do partido e os restantes. Por um lado, o futuro chefe do Grupo Parlamentar a eleger na próxima quinta-feira, António Guterres, continua a integrá-lo. Por outro, não está afastada a hipótese de alguns secretários-nacionais assumirem também as funções de delegados.

A este respeito, Jorge Sampaio adiantou ontem em conferência de Imprensa que ainda esta semana serão convidadas personalidades para delegados nacionais. Por ora, está tudo em aberto: pode tratar-se de socialistas que não desempenham funções a nível nacional e mesmo elementos das minorias internas, derrotadas na assembleia magna. O critério será a competência, como Sampaio sublinhou. O Secretariado manter-se-à, no entanto, como orgão de «discussão política e coordenação da intervenção». Dotado, por esse facto, de grande homogeneidade, uma vez que é exclusivamente constituido por «fiéis» do líder.

Na reunião de ontem da CN, foram ainda eleitos o presidente do partido -Ferraz de Abreu, como se esperava-, a Mesa da Comissão Nacional (vice-presidente João Proença, secretários Luisa Costa e Raul Martins), o Conselho Editorial (César Oliveira, Teresa Olga, Fernando Pereira Marques e José Leitão) e ainda os 51 membros da Comissão Política. Deste último orgão, eleito com base em lista única de consenso, sairam Carlos Lage, Torres Couto e Maria Belo, entre outros. Entraram, além dos já citados, Martins Goulart e José Apolinário (que já o integravam, mas por inerência), Alberto Costa, Raul de Brito, Joaquim Mestre e Vasco Franco (anterior secretário-nacional adjunto para a Organização, pelouro que vai ser extinto).

«Dualismo» em vez de «bipolarização»

No final da reunião de ontem Jorge Sampaio criticou o Governo («em perda») em três aspectos fundamentais: a sua «falta de capacidade negocial», materializada na derrota sofrida na distribuição de pelouros da CEE; a «zanga» entre Beleza e a Ordem dos Médicos, sintoma, em seu entender, da «insensibilidade» do executivo; o «caso Cadilhe». O novo «homem-forte» do PS vituperou o inquérito solicitado pelo PSD aos anteriores detentores de cargos públicos. Retomou assim o tema que já abordara em entrevista à Rádio Renascença ontem emitida, durante a qual manifestou a disponibilidade de «dez mil socialistas» para se submeterem ao inquérito, mas sublinhou que o de Cadilhe «não se pode diluir no outro, porque o ministro das Finanças tem todo o direito de ver resolvido o seu problema rapidamente».

O aspecto mais importante desta entrevista à emissora católica foi, porém, a definição da estratégia futura do PS. Sampaio rejeitou peremptoriamente um novo «Bloco Central», posicionou o PS como «partido de esquerda e não esquerdista» e fez-se arauto do «dualismo», pela primeira vez de forma explícita. «Em Portugal, a bipolarização tem assumido uma carga muito negativa. O que pretendo dizer com a expressão «dual» é escolha entre dois blocos com acesso ao Governo, sem prejuízo de o eleitorado se pronunciar entre duas alternativas», afirmou Sampaio.

Kalidás integra o grupo

«70 de Coimbra» aderem em Fevereiro

Kalidás Barreto, Rui Namorado, Alberto Martins, Jorge Strecht Ribeiro e Fonseca Ferreira estão entre as cerca de 70 personalidades, a maioria das quais participou há três anos na campanha presidencial de Lourdes Pintasilgo, que ontem decidiram em Coimbra aderir ao Partido Socialista.

Combater a «hegemonia autoritária do PSD» e lutar por «maior justiça social e económica», objectivos centrais afirmados em comunicado, são hoje possíveis no quadro do PS, para este conjunto de independentes de esquerda, que decidiu solicitar uma audiência ao novo secretário-geral do PS, Jorge Sampaio.

A decisão do grupo, quase totalmente formado por homens que estiveram ligados à Convenção da Esquerda Democrática, constitui o «happy end» de um longo «namoro», iniciado no tempo de Vitor Constâncio, no qual desempenhou importante papel Alberto Martins, deputado independente pelo PS e membro do Grupo Parlamantar. Pintasilgo, porém, manteve-se apenas «a par do processo», como afirmou ao «DL» fonte desta área política, sendo pouco provável que adbique do seu estatuto de independente. Tudo depende, aparentemente, da decisão da nova gestão do partido a respeito da sua continuidade no Parlamento Europeu.

A filiação do grupo só deverá concretizar-se no início de Fevereiro, em várias secções espalhadas pelo País. Nos casos de anteriores membros de outros partidos, o processo terá de passar pelo «crivo» da Comissão Política, como mandam os estatutos do PS, a qual não deverá levantar grandes objecções. Certas objecções, entretánto ultrapassadas, criou o sindicalista Kalidás Barreto, a única figura destacada do grupo para quem a adesão constitui um regresso ao partido. A integração de um alto dirigente da CGTP/In no «bloco» não era bem vista por alguns dos seus componentes.

Jorge Lacão e Ferraz de Abreu: uma estreia (no Secretariado) e uma «reedição» (na Presidência)

Os 11 eleitos

O novo Secretariado do Partido Socialista, que esta tarde reune pela primeira vez, foi ontem eleito em Comissão Nacional com 152 votos favoráveis, 42 contrários, 15 abstenções e 14 brancos. Integra apenas os seguintes 11 membros:

Arons de Carvalho
Ana Maria Bettencourt
António Costa
António Guterres
Elisa Damião
Ferro Rodrigues
João Cravinho
Jorge Lacão
Lopes Cardoso
Manuel dos Santos
Marques da Costa

Hoje na Póvoa de Varzim

PSD reunido em Jornadas Parlamentares com Cavaco a encerrar

As Jornadas Parlamentares do Partido Social Democrata iniciaram-se hoje na Póvoa do Varzim, com a participação de um vasto leque de deputados daquele partido. O líder do PSD, Cavaco Silva, encerra amanhã as jornadas sendo o seu discurso esperado com alguma expectativa, por se previsível que venha a referir-se às críticas avançadas pela oposição ao Governo e ao PSD e também à ofensiva política lançada pelo novo secretário-geral do PS, Jorge Sampaio contra os social-democratas e o «Estado laranja».

Os trabalhos, que abrem hoje à tarde com a intervenção do líder da bancada social-democrata, Montalvão Machado, realizam-se sob o tema genérico «Parlamento e Democracia», desdobrado em dois subtemas: «A condição do deputado», que será dirigido por Carlos Encarnação; e «Organização do grupo parlamentar», de que será responsável Luís Filipe Menezes. Vão ainda intervir Fernando Amaral, Mário Raposo e Assunção Esteves.

Amanhã, as jornadas começam com o tema «Social Democracia e reforma da sociedade», debate que será moderado por Rui Machete, com intervenções de Carlos Encarnação, Pacheco Pereira e Fernando Nogueira. Antes do encerramento e da leitura das conclusões pelo director do «Povo Livre» e vice-presidente do grupo parlamentar, Duarte Lima, os 148 deputados do PSD discutem o «1992 - Desafio Europeu» com intervenções de Fernades Marques, Miguel Macedo e Vítor Martins.

PSD/Porto desmotivado

Os social-democratas portuenses parecem desmotivados. Nas eleições para a Comissão Política do PSD/Porto, realizadas no sábado, às quais concorreu uma única lista liderada por Brochado Coelho, registaram-se 56 por cento de abstenções. Dos 590 delegados inscritos só votaram 259.

Na eleição para aquele orgão partidário a lista única obteve 228 votos, tendo Brochado Coelho sido reeleito presidente da Comissão Política Permanente e assumindo assim, por dois anos, o seu quinto mandato consecutivo. O líder do PSD portuense afirmou que a inexistência de uma lista alternativa «vem demonstrar que o partido está coeso e unido em volta do projecto iniciado e defendido por Sá Carneiro e que está a ser excelentemente continuado por Cavaco Silva».

Na vice-presidência da Comissão Política Permanente estarão Ângelo Brou, reconduzido no cargo, e Mamede Fernandes, que substitui Diogo Luz, eleito do Conselho Jurisdicional. Maria Cândida Oliveira, vice-governadora civil do Porto, Margarida Luz e César Oliveira são as novidades da Comissão Política.

JSD quer jovens mais interventivos

Ainda na área social-democrata, assinale-se que o V Congresso Regional da JSD-Açores aprovou, por unanimidade, uma moção global de estratégia na qual se defende que «os jovens têm de poder, com a sua acção, mudar qualquer coisa». A moção orientadora da organização juvenil social-democrata, para os próximos dois anos, aborda alguns dos principais problemas dos jovens açorianos e adianta propostas de resolução.

No V Congresso Regional da JSD-Açores, que encerrou ontem com a presença do líder regional do PSD, Mota Amaral, participaram cerca de 110 delegados de todas as ilhas do arquipélago.

Para desenvolver a zona nos próximos cinco anos

SERRA DE SICÓ NECESSITA DE 11 MILHÕES DE CONTOS

A Associação de Municípios da Serra de Sicó (ADSICO) apelou aos fundos comunitários da CEE para subscreverem 75 por cento de um programa de 11 milhões de contos destinados ao desenvolvimento da zona nos próximos 5 anos.

Que de um verdadeiro apelo se trata prova-o o facto de os presidentes dos 6 municípios associados terem voado, em fins de Novembro, para Bruxelas a fim de pessoalmente apresentarem os seus projectos aos técnicos responsáveis dos fundos estruturais da Comunidade Europeia.

Além de elementos sobre um conjunto de 27 iniciativas que se propõem concretizar, os autarcas da ADSICO levaram também na bagagem um «vídeo» alusivo à zona dos conselhos de Soure, Condeixa, Penela (distrito de Coimbra), Pombal, Ansião e Alvaiázere (distrito de Leiria).

O que pelo filme se pode ver, num auditório do areópago de Bruxelas, foraç aspectos do território de Portugal com 1500 quilómetros de extensão, e a braços com graves carências resultantes da pobreza dos solos e do descuido dos homens.

Salvo algumas pequenas veigas de fértil e bem irrigado aluvião, a zona da ADSICO é feita de terrenos de sequeiro, de pobres arenitos onde a floresta demora a desenvolver-se, e de montes escalvados onde mesmo a oliveira estoica se recusa a galgar além da meia encosta.

Parar a emigração

O «vídeo» sugere, porém, vários recursos endógenos que podem suster a sangria da emigração, desde que convenientemente explorados.

Aos cerca de 130 mil habitantes da zona poderiam juntar-se muitos mais a partir do momento em que os emigrantes se cansem do seu exílio e aí encontrem condições de vida airosa.

A região possui um centro de convergência turística com a popularidade internacional das ruínas romanas de Conímbriga, e uma paisagem que há cerca de 30 anos encheu os olhos de alguns realizadores estrangeiros de cinema.

Em termos de gastronomia, pode gabar-se da qualidade do queijo rabaçal já apreciado por reis da segunda dinastia, além de outras iguarias que fazem as delícias de quem as prova.

O azeite, o mel, os frutos secos são, nesse maciço calcário, de óptima qualidade, devido talvez às mil dificuldades com que obrigaram ao esmero da sua produção.

As nozes, de mercado garantido, são particularmente abundantes na região, havendo notícia de, em 1872, ter sido abatida próximo de Condeixa uma nogueira que andava arrendada por 40 alqueires de nozes e media no tronco 9 metros de diâmetro. Em madeira e lenha a árvore deu nada menos de 26 carradas, segundo a Imprensa da época.

Foi no sentido da valorização destas e outras potencialidades que a ADSICO elaborou o seu programa de investimentos para o quinquénio de 1989-93 e o apresentou aos fundos estruturais da CEE.

Repartir 5 milhões de contos

Nas estruturas básicas, os 6 municípios associados propõem-se gastar 5 milhões de contos repartidos pela remodelação da rede viária, abertura de um circuito turístico, abastecimento de água às populações da serra e saneamento básico.

Segue-se, em volume de investimentos, um projecto de dois milhões de contos para desenvolvimento industrial: criação de parques industriais, apoio à formação profissional na indústria transformadora, parque TIR e serviços aduaneiros e parque de exposições e feiras.

Para o ordenamento florestal e repovoamento cinegético a ADSICO propõe-se apoiar a reflorestação e seu reordenamento, estabelecer um mercado de origem das madeiras e fomentar as reservas cinegéticas, à custa de um milhão de contos de investimentos.

Em igual quantia vão importar acções no sector do ordenamento e inovação agrícolas, tais como incentivos ao emparcelamento, criação de um centro de inovação e experimentação agrárias e estudo, projecto e gestão de recursos hídricos.

Para a criação do parque regional natural e exploração turística da serra de Sicó, destina-me uma verba de 700 mil contos a distribuir pela criação de uma pousada de turismo rural, recuperação das termas da Amieira e outras, exploração de grutas e ruínas arqueológicas e formação de pessoal na área do turismo.

Zona do queijo rabaçal

Sendo a serra de Sicó a zona produtora do queijo rabaçal, os 6 municípios da zona apresentaram também em Bruxelas um plano de promoção desse lacticínio, promoção essa que vem já sendo tentada através de feiras-concurso em alguns dos concelhos.

O plano, no montante de 300 mil contos, aponta para a rápida delimitação da área demarcada do queijo e sua tipificação, controlo sanitário do gado ovino e caprino na zona do maciço calcário, fomento do fabrico cooperativo e artesanal do queijo, e formação profissional em silvipastorícia e produção artesanal.

A ADSICO propõe-se, finalmente, investir 600 mil contos num centro de serviços e gestão informatizada do seu projecto global integrado de desenvolvimento regional.

Este pacote de projectos elaborados pela ADSICO nos primeiros 9 meses que leva de activo prefaz a soma de 11 milhões de contos.

Como o apoio global que o organismo intermunicipal espera da CEE é de 75 por cento (9 250 000 contos), as 6 câmaras da associação terão de suportar os restantes 2 750 000 contos.

Guilherme Santos, presidente da Câmara de Pombal e da ADSICO, disse que se trata de «um esforço realista, ao alcance dos orçamentos dos municípios interessados».

«Repartido uniformemente pelos cinco anos considerados, esse esforço financeiro representa cerca de 30 por cento do total das despesas do investimento anual dos municípios» — acrescentou o autarca.

O mesmo optimismo é partilhado por Fernando Antunes, Belmiro Moita, Júlio Marques, Firmino Ramalho e Pinho Simões, presidentes das câmaras de Penela, Condeixa, Ansião, Soure e Alvaiázere.

O optimismo dos autarcas abrange uma grande esperança de que o seu pedido de apoio aos organismos da CEE seja atendido «porque em Bruxelas se entendeu a urgência e o realismo que subjazem ao pedido».

Lei Eleitoral

Soares diz que ainda está a meditar

Nada se alterou em relação à controversa lei eleitoral que se encontra em Belém e o PSD pretende ver promulgada. Em declarações prestadas à Lusa, à sua chegada da RFA, Mário Soares disse que «ainda está a meditar». As declarações do Presidente da República mantêm tudo em suspenso. A promulgação pode ser feita até ao próximo dia 29 mas parece pouco provável que isso venha a acontecer, face aos precedentes que levantaria uma alteração da lei eleitoral neste momento e, ainda para mais, para um órgão como o Parlamento Europeu.

A «meditação» de Mário Soares é nem mais nem menos que a ponderação de todos estes factores de uma forma objectiva. Em círculos próximos do Presidente da República há quem receie os efeitos de uma alteração da lei eleitoral, susceptível de gerar situações absurdas.

Em Estrasburgo, circula entre os deputados europeus de diversas famílias políticas, uma lista visando a recolha das 260 assinaturas necessárias à aprovação pelo Parlamento Europeu de uma recomendação contra a alteração da lei eleitoral portuguesa a poucos meses das eleições. É evidente que, na eventualidade de tal recomendação vir a ser aprovada, não terá valor jurídico. Mas terá uma força moral e reflexos políticos talvez mais fortes do que lhe conferiria a validade jurídica.

Deputados holandeses classificaram a lei eleitoral aprovada em Lisboa unicamente com os votos do PSD como uma «contradição e escândalo». Dizem que ela pode permitir que membros da forças armadas da África do Sul com nacionalidade portuguesa possam vir a eleger deputados para o Parlamento Europeu.

Será uma possibilidade remota mas, de qualquer forma, uma possibilidade real, que ilustra bem a inadequação do diploma do PSD, um diploma que não vai prestigiar Portugal em termos da sua credibilidade no seio da Comunidade.

Mesmo no interior do PSD, há quem pense que o veto presidencial pouparia o próprio partido a inevitáveis consequências desprestigiantes que poderiam ocorrer se tal lei fosse mesmo promulgada.

EUCLIDES
OURIVESARIA

• **LOJA 1**
Rua Artur Ferreira da Silva, 31-C
Tel.: 251 92 53 * MOSCAVIDE

• **LOJA 2**
Centro Comercial Santo António, Loja 32
Tel.: 988 30 69 * STO. ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

• **LOJA 3**
Centro Comercial Fojos, Loja 47
BOBADELA

FOJOS centro comercial BOBADELA

SA

Greve na CP com elevada adesão

A greve na CP registava, ao fim da manhã, uma adesão na ordem dos 98 por cento, tendo circulado apenas cinco comboios e um barco, afirmaram ao «DL» fontes sindicais. Convocada pelo Sindicato dos Maquinistas (independente) e por cinco da UGT, a paralisação visa protestar contra a proposta de aumento salarial da empresa, o regulamento de carreiras e a idade da reforma.

A possibilidade de se chegar a acordo sobre política de rendimentos na reunião de hoje do Conselho Permanente de Concertação Social «não inviabiliza a reunião de sindicatos na quarta-feira, onde será ratificada a paralisação geral dos transportes, no dia 3 de Fevereiro», afirmou ao «DL» Francisco Fortunato, do SINDEFER.

O mesmo afirmou Varga Ramos, do Sindicato dos Maquinistas, que acrescentou que a CP começou com uma proposta de aumento de 4 por cento na tabela salarial, apresentando na semana passada uma nova proposta de aumento global de 7,2 por cento, com cerca de 5 por cento na tabela, valor que «não dá para desbloquear conflitos». Os sindicatos reivindicam 14,5 por cento.

ACORDO UGT/GOVERNO: ADEUS GREVE GERAL

Um acordo sobre política de rendimentos para o primeiro trimestre deste ano, na base dos 9 por cento, deverá ser assinado hoje entre o Governo, a UGT e algumas das confederações patronais, no âmbito do Conselho Permanente de Concertação Social, afastando assim a hipótese de greve geral. A CGTP não deverá subscrever o acordo, pois à entrada para a reunião Carvalho da Silva reafirmou que a central que lidera não baixará as exigências salariais que fez, e que se situam nos 13,5 por cento. A UGT, por outro lado, através de Rui Oliveira e Costa, manifestou a sua disponibilidade negocial, conforme foi ontem «claramente mandatada» pelo Secretariado. Mandato que foi difícil de obter e que poderá levar representantes de alguns sindicatos a disvincularem-se da central e a tomarem posições individuais.

«Há disponibilidade negocial da UGT», afirmou esta manhã, à entrada para a reunião do Conselho Permanente de Concertação Social, Rui Oliveira e Costa, acrescentado que para que haja acordo é necessário que as outras partes mostrem a mesma disponibilidade.

«Não vamos ceder em matérias que consideramos imprescindíveis para os trabalhadores», acrescentou o sindicalista.

Parece assim propvável que a reunião termine com o alcance de um acordo social, que servirá de base à contratação colectiva no primeiro trimestre deste ano, e que se deverá situar nos 9 por cento.

O acordo deverá consagrar ainda outras matérias, como a redução do horário de trabalho e as isenções fiscais.

Segundo o próprio Torres Couto afirmou, se a base míni-ma de consenso obtido for acei-te na íntegra pelo Governo, «poder-se-á evitar uma greve geral».

Depois da UGT e o Executivo de Cavaco Silva terem chegado a acordo na passada quinta-feira, falta agora o apoio das confederações patronais, e é possível que estas venham a dá-lo. A CIP afirmou já publicamente que não aceitaria os 12 ou 13 por cento reivindicados pelas centrais, mas que estaria disposta a subscrever um acordo sobre política de rendimentos se a base fossem 8 ou 9 por cento.

UGT: Secretariado «complicado»

O acordo a que UGT e Governo chegaram ao fim de 6 horas de reunião, na quinta-feira, colheu de surpresa alguns dos membros do Secretariado Nacional da central, que ontem reuniu de «urgência».

Segundo vários sindicalistas afirmaram ao «DL», a reunião esteve longe de ser pacífica, saldando-se por 38 votos a favor do acordo com o Governo, 11 contra e três abstanções.

Entre os sindicatos que acolheram negativamente a negociação contam-se representantes de alguns dos mais significativos da central, como o dos Bancários do Sul e Ilhas (Barbosa de Oliveira, Delmiro Carreira e Vanda Guimarães) e o dos Seguros do Sul (Armando Santos). Contra votaram igualmente os Químicos (Alfredo Morgado), Bancários do Norte (Artur Penedos) Gráficos, Transportes (Casimiro, do SITRA e Fortunato, do SINDEFER) e Corticeiros. Os votos contra são todos de socialistas.

Segundo as nossas fontes, o «pacote laboral» foi uma das matérias negociadas com Cavaco Silva, Miguel Cadilhe e Silva Peneda, que mais contesta-ção gerou. O Governo apenas se comprometeu a manter a protecção legal aos representantes dos trabalhadores, e a obrigatoriedade de ser a entidade empregadora a provar a justa causa para despedimento. Não haverá correcções salarias relativamente a 1988 nem redução do horário de trabalho da Função Pública para 40 horas.

O encontro foi longo - das 15 horas até cerca da meia-noite -, e a conclusão que os sindicalistas contestatários tiram é de que «a UGT foi novamente levada por Cavaco».

O Secretariado Executivo foi assim mandatado para negociar com o Governo, mandato para que muito contribuiram os votos dos sindicalistas social democratas, segundo afirmaram ao «DL» vários elementos.

O acordo conseguido quinta-feira não será assumido como «acordo», mas sim como um «protocolo», uma «plataforma mínima» ou sobretudo como uma «sugestão da UGT ao Governo para o primeiro trimestre do ano».

A plataforma a que a central sindical chegou com o Governo e que poderá possibilitar um acordo deverá afastar a hipótese de greve geral, mas não afasta, concerteza, a contestação interna na UGT, e há já representantes de alguns sindicatos que encaram a possibilidade de tomarem posições individuais, desvinculando-se da posição agora assumida pela central.

Representantes que estão a ponderar essa hipótese, respeitando assim a deliberação do seu Conselho Geral, são os do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, liderado pelo socialista Barbosa de Oliveira, e que é um dos sindicatos mais influentes da central e o seu maior suporte financeiro.

Um dos seus representantes afirmou ao «DL» que o resultado da reunião de ontem «vai merecer uma análise», pois consideram-se «profundamente lesados» pelo acordo de política de rendimentos de 1988, e sem o seu cumprimento não encaram a hipótese de novo acordo. Assim, aquela é uma das deliberações que poderá, eventualmente, sair da análise que será feita.

CGTP: abandono do «pacote»

O abandono, por parte do Governo, da lei dos despedimentos e o projecto de decreto-lei sobre a cessação do contrato individual de trabalho e contratação a prazo são as questões fundamentais da proposta que a CGTP apresentou esta manhã aos restantes parceiros sociais. A proposta aponta ainda para os 13,5 por cento como referência para a contratação colectiva.

A central sindical não abandonou as críticas ao projecto governamental de revisão da legislação laboral, questão que considera fundamental para qualquer acordo com o Executivo de Cavaco Silva, independentemente do que a UGT possa ter negociado com o Governo.

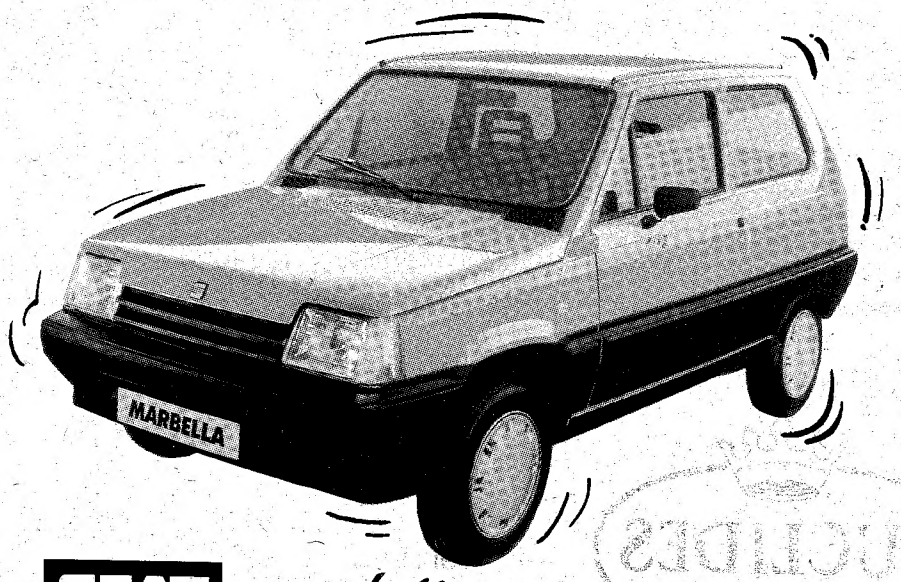
A PÉ NEM PENSAR!!

ANDE DE MARBELLA.

Acabaram os encontrões e correrias...
No seu Marbella andar pela cidade ou estrada fora é mais fácil. É um prazer.
Versátil e alegre. Económico e robusto.
Marbella a forma mais confortável de andar.
Marbella, um novo companheiro para o dia-a-dia.
Marque encontro com o Marbella no concessionário SEAT mais próximo.

Motor de 843 c.c. na versão L e Junior
Motor de 903 c.c. na versão GL e GLX
4,9 l aos 90 km/h (norma CEE)
Preços desde 947 000$00 (recomendado)

UTILIZE O CRÉDITO SEAT.



RECOMENDAMOS PRODUTOS Shell

SEAT Marbella Economia às 4 rodas.

GARAGEM VICTÓRIA, Automóveis, Lda.

Rua Nova de S. Mamede, 38-A • 1200 LISBOA-PORTUGAL
Telefs. 60 47 28/60 47 91/65 81 34 • Telex 42582 PORDAI P

Universidades preparam autonomia com base nos estatutos

As Universidades portuguesas apresentarão estatutos bastante diferenciados entre si, verificando-se essa diferença sobretudo entre as Universidades tradicionais e as novas.

Essa realidade tornou-se patente num seminário promovido recentemente pela Federação Nacional dos Sindicatos -- Fenprof -- no complexo pluridiscipinar do Instituto Superior Técnico, com o objectivo de debater os projectos de estatuto a apresentar por cada instituição em Março próximo.

Muito pouco participado devido à greve de transportes, apesar do tema ser, depois dos problemas financeiros, o que mais agita de momento as Faculdades, o seminário contou com a presença do reitor da Universidade Técnica de Lisboa, prof. Simões Lopes, o coordenador do grupo de trabalho dos estatutos da UTL, prof. Melo Barreiros, um professor da Universidade de Évora e dirigente do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, António Costa e outros docentes universitários, entre eles uma docente da Universidade Nova de Lisboa e outra da Faculdade de Farmácia de Lisboa.

Nas três Universidades da capital -- Clássica, Técnica e Nova -- é nesta última que o trabalho está mais atrasado, pois só agora vai começar a ser discutido o projecto, enquanto nas duas primeiras os respectivos projectos

já sairam do grupo de trabalho e estão a ser aprecidados nas diversas escolas até serem, finalmente, votados no início de Março.

Na elaboração dos estatutos das Universidades Clássica e Técnica de Lisboa, a questão mais controversa e difícil de conseguir consenso (se é que alguma vez esse consenso será possivel) é a proporção de representantes dos vários corpos das universidades nos orgãos de gestão das instituições.

Por outro lado, em universidades que integram escolas com características tão diversas como as que constituem a Universidade Técnica de Lisboa, o grupo de trabalho encarregado de elaborar o projecto de estatutos teve dificuldade de encontrar consensos na medida em que se, por exemplo, o Instituto Superior Técnico tem largas tradições de vida democrática e reclama o maior grau de autonomia possivel , escolas há, mais recentemente criadas, que sentem ainda a necessidade daquilo a que o prof. Melo Barreiros chamou «referências de segurança» acima delas.

Universitários do Porto reclamam colocação de professor

Mais de 70 por cento dos alunos de Arqueologia do curso de História da Faculdade de Letras do Porto subscreveram uma exposição que foi entregue ao conselho directivo e ao reitor da Universidade do Porto reclamando contra a falta de um professor.

O abaixo-aassinado, a que a agência Lusa teve acesso, foi também subscrito por alunos da variante de Arte e do curso de História que têm a cadeira de matemática em atraso.

A reclamação dos estudantes de História da Faaculdade de Letras do Porto diz respeito à cadeira de Matemática para as Ciências Sociais e Humanas, que deveria ser leccionada por um professor contratado que, no entanto, «veio a declinar o convite».

Por falta deste docente — afirmam-se no documento — «estes alunos foram anexados à cadeira de Matemática para as Ciências Sociais, do curso de Sociologia, cujo programa «não tem qualquer aplicação prática no âmbito do curso dos subscritores».

Os estudantes consideram a solução encontrada «antipedagógica, inadequada e de legalidade duvidosa» e reivindicam a aplicação do programa curricular de Matemática para as Ciências Sociais e Humanas, e não o programa de Matemática para as Ciências Sociais.

Reclamam também que «sejam dadas instruções para a suspensão das aulas e que seja encontrado de imediato um docente para leccionar a cadeira em que se inscreveram».

Os alunos dos três cursos (História, variante de Arte e Arqueologia) estão na disposição de encetar formas de luta, se o problema não for rapidamente solucionado.

Roberto Carneiro em Madrid com homólogo espanhol

O ministro da Educação, Roberto Carneiro, reúne-se hoje e amanhã em Madrid com o seu homólogo espanhol, Javier Solana.

Os dois ministros abordarão temas de âmbito bilateral no campo educativo, desportivo e comunitário, relacionados com a presidência espanhola da Comunidade Europeia no próximo semestre.

A visita destina-se a trocar ideias em vários domínios da educação, sobretudo sobre os planos de acesso à universidade e o possível intercâmbio desportivo, campo que os dois ministros pretendem desenvolver.

Além das reuniões agendadas com Solana, Roberto Carneiro visita a Universidade de Educação à distância.

Eleições a 25 e 26 na AAC

CAMPANHA CONTURBADA DE DUAS LISTAS PRINCIPAIS

A campanha para a eleição dos corpos directivos da Associação Académica de Coimbra (AAC) para o ano de 1989, tem decorrido num ambiente conturbado de acusações mútuas de violação das regras do regulamento eleitoral e da ética de concorrência leal.

Estes incidentes, registados entre as duas principais concorrentes à vitória nas eleições, a JSD e a JS, têm agitado o período de campanha eleitoral, através de tomadas de posição pública ou por via de comunicados acusatórios associados aos manifestos e programas de direcção.

A entrada, a coberto da noite, de indivíduos na Faculdade de Farmácia para aí afixar cartazes, o «arrendamento» das cantinas a pretexto de organizar convívios, mas com o objectivo de escolher os sítios estratégicos para exibir a publicidade e a passagem, antes de tempo, de propaganda eleitoral por um cinema da cidade, constituíram as principais violações das regras estabelecidas para a campanha que teve início em 17 de Janeiro.

O acto eleitoral está marcado para 25 e 26 de Janeiro e uma eventual segunda volta decorrerá em 1 e 2 de Fevereiro.

A atitude de «antecipação desenfreada» para assumir desde o início uma imagem de pujança, relativamente aos restantes, residirá eventualmente, na necessidade de «conter as despesas» e «maximizar os recursos», este ano afectados pela redução das disponibilidades das listas afectas à JSD e JS, segundo opinião de fontes próximas das duas candidaturas.

Esferográficas, calendários e bonecos de barro

Esta autêntica «caça ao voto» assume particular interesse na Academia de Coimbra onde uma vitória se pode expressar por uma escassa dezena de sufrágios e por ser vista, pelos dois grandes partidos nacionais, o PSD e o PS, como indicativo das tendências do eleitorado.

As duas pricipais listas têm apostado numa campanha de «grande aparato» jogando fundamentalmente nos novos inscritos na Universidade, através de «ofertas de brindes», esferográficas, calendários ou «bibelots» de barro, ou ainda ofertando, por exemplo, consumos gratuitos em discotecas.

As listas concorrentes apostam assim em «apelos psicológicos», tendo em conta a já tradicional fraca participação do eleitorado, que nos anteriores sufrágios registou, em média, uma abstenção na ordem dos 60 a 70 por cento.

O apelo ao voto também tem sido feito através do recurso a meios sonoros, instalados nas imediações da AAC, o que, devido à sobreposição da música e das palavras, dá um aspecto «folclórico» à campanha.

As listas privilegiam particularmente as cantinas universitárias, as faculdades e os locais estratégicos do percurso dos estudantes para colar os cartazes, distribuir propaganda ou «aliciar ao voto» através dos brindes.

Quatro listas

Este ano, para as eleições da AAC, apresentaram-se quatro listas, a lista A, afecta à JSD, encabeçada por José Manuel Quelhas (Direito), a «C», conotada com a JS, liderada por José Manuel Viegas (Ciências e Tecnologia», a «D», da JC, que candidata Cristina Ferreira (Direito) e a «E», de independentes, que tem como número um Joaquim Reis (Direito).

Autonomia, propinas, ligação às empresas e reforço das verbas à universidade são as grandes questões da actualidade estudantil por onde giram as propostas das listas concorrentes.

Os candidatos, tidos como prováveis vencedores», realçam ainda, nos seus programas, o papel de «charneira da AAC no movimento associativo nacional» e a importante acção cultural e desportiva que a dimensão de cerca de 14 mil alunos lhe confere.

A lista A, afecta à JSD, que venceu as eleições no último ano, apresenta-se com o lema «reforçar a Académica, construir o futuro», expressão que na acepção de José Quelhas se traduz no «reforço interno para melhor afirmar a AAC no mundo», nomeadamente, perante os países de língua oficial portuguesa.

Para aquele concorrente, torna-se urgente «continuar o trabalho de reestruturação do organismo numa perspectiva de autofinanciamento para que a AAC não dependa de uma política incerta» das estruturas centrais.

José Quelhas preconiza ainda que a AAC «não deve ser um palco de lutas partidárias, mas um espaço de reflexão das grandes questões universitárias e aberto a todos os associados».

José Manuel Viegas, líder da lista C, afecta à JS, assume-se como independente e a razão da candidatura reside na «necessidade de devolver aos estudantes a resolução dos seus próprios problemas» e afirma que o seu projecto engloba membros quer da JSD quer da JCP.

«Forum das Faculdadades»

O candidato da lista C defende como prioritário o «acompanhamento ao nível pedagógico dos problemas dos estudantes» e preconiza a criação de um «forum da Faculdades» onde participem elementos de cada curso, para cooperar com o pelouro respectivo da AAC.

A lista C, que este ano aparece sob o lema «A Academia não se se cala — a Académica tem uma voz», perdeu, em 1988, para a JSD, uma hegemonia que manteve ao longo de 5 anos.

A JC, que apresenta como candidata, na lista D, Cristina Ferreira, sob o lema que traduz as palavras de ordem tradicionais entre os estudantes «E p'la Academia não vai nada?... tudo», concorre, por entender que «a AAC deve tornar a ser a verdadeira voz dos estudantes, e não do poder político».

Mostrando-se contrária à campanha «folclórica das listas A e C», por considerar que «querem ganhar a todo o custo, por ser importante para os partidos», Cristina Ferreira sublinha que estes actos «põem em causa a capacidade dos estudantes de decidir e reflectir sobre as questões».

Joaquim Reis, da lista E, que lidera uma candidatura autónoma, sustentada em elementos «críticos da AAC», das secções e organismos culturais, apresenta-se sob o lema «Vamos de novo ao tacho», expressão que ironiza o alegado espírito partidarizante das eleições.

O líder desta lista que se assume, não para a vitória, mas pela crítica e pela recuperação da «solidariedade académica» e despartidatização, considera «um contrasenso que se gastem milhares de contos em eleições quando a AAC tem problemas financeiros».

Joaquim Reis sublinha que este organismo é «o coroar de uma ascensão e o trampolim da escolha para cargos maiores», afirmando que as motivações para a vitória na AAC não são académicas, mas de «conquista para o partido» e, simultaneamente, dar «prestígio à estrutura juvenil a que pertence».

Sustenta ainda que há uma «banalização destas eleições», realçando que as listas concorrentes «compram os votos com pequenos brindes», afirmando-se ainda convicto de que «os interesses dos estudantes só serão defendidos enquanto forem coincidentes com os do partido que pagou a campanha eleitoral».

Associação de Estudantes de Farmácia faz hoje 75 anos

A Associação de Estudantes da Faculdade de Farmácia de Lisboa comemora a partir desta tarde os seus 75 anos de vida.

A sessão solene decorrerá na Aula Magna da Reitoria, preenchendo o programa a actuação do côro da Universidade de Lisboa, as intervenções do presidente da AEFFUL, do Bastonário da Ordem dos Farmacêuticos e do reitor da UL.

Às 16 e 30, alunos do Conservatório Nacional darão um recital de guitarra clássica, seguindo-se a entrega das medalhas comemorativas dos 75 anos da AEFFUL e um espectáculo pelos alunos da Escola Superior de Dança do Conservatório Nacional.

«Animados de grande empenho e dedicação, iniciamos um ano de comemorações, durante o qual pretendemos estreitar relações entrecruzar vozes, intensificar o espírito no qual assenta o associativismo estudantil, e que é, acima de tudo, ter vontade de participar activamente na vida da Faculdade, numa esfera de respeito e amizade», declaram os membros da AEFFUL no programa das comemorações.

Os dirigentes associativos dividem os 75 anos de vida da associação em três períodos: um primeiro até 1930, em que a AE foi «de certo modo interveniente e participativa na vida da então Escola Superior de Farmácia»; em 30 foram renovados os estatutos e, de 34 a 68, viveram-se anos «escuros e práticamente sem história», que corresponderam à ditadura salazarista. «Com a movimentação estudantil de Maio de 68, o Movimento Associativo recuperou a sua força, tendo desenvolvido trabalho na clandestinidade, factor decisivo para a instalação da democracia em Portugal».

«A partir de 74 e até hoje, a AEFFUL não tem parado, tendo criado raízes que, de ano para ano, se vêm fortalecendo», concluem os dirigentes estudantis.

MEDICAMENTOS GENÉRICOS: UM GRANDE NEGÓCIO PARA O ESTADO E FARMÁCIAS

As farmácias serão penalizadas com a interrupção do fornecimento de medicamentos comparticipados, podendo ainda ver retirados os seus alvarás, caso se recusem a substituir os medicamentos prescritos por medicamentos genéricos, refere o projecto do Ministério da Saúde que regulamenta a produção, comercialização e distribuição de medicamentos genéricos.

O projecto de diploma especifica que «os directores técnicos das farmácias e os farmacêuticos ao seu serviço que actuem em sua delegação ficam autorizados a substituir o medicamento prescrito pelo genérico essencialmente similar».

Este acto farmacêutico será praticado quando se entender que «cientifica e deontologicamente é possível, devendo (o farmacêutico) escrever na receita a substituição que realizaram e assinar logo no acto».

Farmacêuticos recebem 30 por cento da diferença de preços

O acto farmacêutico será pago com um valor correspondente a 30 por cento sobre a diferença entre o medicamento original mais barato e o preço do genérico.

Ainda de acordo com o mesmo projecto da secretaria de estado da Administração da Saúde, a recusa em praticar o acto farmacêutico implica, na primeira vez, «a suspensão por parte da farmácia de fornecimento de medicamentos ao Serviço Nacional de Saúde e ADSE por seis meses».

Uma suspensão de dois anos será aplicada quando se verificar uma recusa pela segunda vez. A terceira recusa implicará a «cessação do alvará da farmácia».

Este projecto de diploma pretende «ir ao encontro do sistema praticado já nos hospitais onde é norma o farmacêutico da farmácia hospitalar substituir as especialidades prescritas pelos seus fimilares e também da farmácia de oficina ou comunitária existente em vários países europeus».

O documento define genéricos como produtos »similares a um medicamento já autorizado no mercado, em que pelo menos uma das patentes de protecção dos processos de fabrico dos respectivos princípios activos seja do domínio público, ou relativamente à qual o seu detentor tenha expressamente autorizado a utilização da mesma».

Os genéricos têm de ser identificados pela denominação comum internacional («DCI») dos princípios activos, ou, na falta desta, pelo nome genérico acrescentado da indicação da dosagem e fórmula farmacêutica.

O documento define ainda a embalagem, processo de registo e introdução no mercado e comparticipação, estabelece os preços e as margens de comercialização.

Quem ganha é o Estado e um grupo de farmacêuticos

Um grupo de farmacêuticos e o Estado é que lucram com a legislação dos genéricos, que é duvidosa quanto aos benefícios para os doentes, disse uma fonte médica acerca do diploma sobre estes medicamentos que se encontra «na forja».

A mesma fonte manifestou preocupação com a possibilidade de aplicação desse diploma que está em estudo na secretaria de estado da Administração da Saúde, o qual «põe em causa a responsabilidade de quem substitui o medicamento receitado pelo médico e prescreve o genérico», acrescentando que esse acto pode até constituir «um risco para a saúde».

O farmacêutico acaba por ganhar 50 por cento em cada medicamento que prescreve, segundo a fórmula de honorários aplicada no diploma, referiu a mesma fonte.

Na definição do preço de venda ao público, o projecto de diploma estipula que «o preço base do cálculo dos medicamentos genéricos será pelo menos de 20 por cento mais baixo do que o preço do similar mais barato que represente pelo menos 10 por cento do mercado do Serviço Nacional de Saúde (SNS)».

A este valor «será acrescida a importância correspondente aos honorários resultantes da prestação do acto farmacêutico constituído pela dispensa dos medicamentos genéricos, praticado pelos directores técnicos das farmácias»,

Os honorários serão calculados de acordo com a fórmula «30/100 X (Z-Y)» em que «Z» é o medicamento similar mais baixo que represente pelo menos 10 por cento do mercado do SNS e «Y» o preço base de cálculo do genérico.

Segundo explicação técnica e tomando como exemplo um medicamento similar de venda ao público por mil escudos e um genérico de 500 escudos, o farmacêutico adquire um medicamento ao armazenista por 800 escudos, preço de PVF (preço venda farmácia), e vende ao público (PVP) por mil escudos, ganhando 20 por cento.

Se o medicamento for participado em metade, o doente paga 500 escudos e o estado outros 500. Na hipótese de vender um genérico do similar por 500 escudos, o farmacêutico já cobrou 20 por cento quando o adquiriu ao armazenista.

Por isso, dos 500 escudos do genérico comparticipado, o Estado paga metade, e o utente paga 250 escudos. Da diferença entre o similar e o genérico, ou seja 500 escudos, o farmacêutico vai cobrar mais 30 por cento, o que equivale a ter ganho 250 escudos com a venda do genérico.

O Estado que tinha de comparticipar do medicamento similar 500 escudos, acada por pagar dessa comparticipação apenas metade mais os 150 escudos que tem que pagar ao farmacêutico, o que perfaz 400 escudos.

Enfermeiros querem formar novo sindicato

Um grupo de enfermeiros da zona sul, descontente com a prática da actual direcção do seu sindicato, anunciou que vai formar uma nova organização baseada em «princípios democráticos, livres e independentes».

O futuro sindicato abrangerá os distritos de Lisboa, Santarém, Setúbal, Portalegre, Évora, Beja e Faro.

A comissão promotora afirmou, em comunicado, que a prática do actual Sindicato dos Enfermeiros Portugueses se encontra «totalmente hipotecada à estratégia do Partido Comunista» e acrescenta que vai apresentar e discutir os projectos de declaração de princípios do novo sindicato, programas de acção e estatutos em todas as unidades hospitalares das capitais dos distritos que o seu ambiente geográfico engloba.

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

Divisão de Informação e Relações Públicas

EDITAL N.º 36-B/88

MARIA EMÍLIA GUERREIRO NETO DE SOUSA, Presidente da Câmara Municipal de Almada.

Faço público.

A Câmara Municipal de Almada, no seguimento da sua deliberação de 17/10/86 procedeu à elaboração do Estudo sobre o Bairro Campo da Bola em função do Plano da Frente Urbana da Costa de Caparica.

Anteriormente, já em 1977, havia sido aprovado pela Câmara um outro estudo em que se delimitava a área a recuperar designada por Bairro Campo da Bola, o que conduziu à publicação da Portaria n.º 77/78 de 78/02/09 em que se cedeu a esta Câmara o respectivo terreno.

Neste período foram igualmente aprovadas acções tendo em vista a recuperação de toda a orla litoral da Costa de Caparica que permitirão uma recuperação do Bairro Campo da Bola integrada na operação de ordenamento mais vasta programada para a área.

Estão assim criadas as condições para se dar cumprimento à Portaria n.º 77/78 e à deliberação da Câmara de 86/10/17, implementando-se o aí estabelecido. Assim e tendo em vista a recuperação do Bairro Campo da Bola, a Câmara Municipal de Almada decide o seguinte:

1 – A recuperação do Bairro Campo da Bola tendo por base os limites físicos, constantes da planta anexa, definidos no Estudo elaborado pelo Gabinete de Planeamento e Arquitectura em 1975 e aprovado pela Câmara Municipal em 1977.

2 – A recuperação far-se-á ainda tendo em conta os limites estabelecidos na Portaria n.º 77/78 de 9 de Fevereiro nomeadamente tendo em vista o realojamento dos desalojados da Ponte 25 de Abril e o alojamento das famílias em situação de residência permanente e única, à data da deliberação da Câmara de 86/10/17.

3 – A cedência em direito de superfície será apenas feita a favor dos moradores nos fogos que neles tinham residência permanente e única à data da conclusão do Estudo mandado efectuar em 86/10/17, e a mantenham à data do contrato de cedência.

4 – São desde já fixadas como condições da cedência em direito de superfície nomeadamente as seguintes:

a) O local a ceder apenas pode ser utilizado para habitação própria, permanente e única do cessionário e respectivo agregado familiar.

b) Fica vedado o arrendamento, subarrendamento, empréstimo ou cedência por qualquer outro título total ou parcialmente do terreno cedido ou da construção nele existente.

c) Não pode ser dado qualquer outro uso ao local cedido que não seja habitação.

d) A cedência far-se-á por um período de 70 anos não sendo transmissível intervivos.

e) Se o cessionário e o agregado familiar deixarem de ter residência permanente e única, resolve-se automaticamente o contrato de direito de superfície sem direito a qualquer indemnização para o cessionário.

f) Só haverá transmissão mortis causa do direito de superfície no caso de os herdeiros residirem em comunhão de mesa e habitação com o cessionário durante os três anos anteriores à morte.

g) Os cessionários ficarão obrigados a participar nas infra-estruturas necessárias à recuperação do bairro.

h) A recuperação dos edifícios será da inteira responsabilidade dos cessionários e obedecerá às normas em vigor sobre construção.

i) A recuperação dos edifícios deverá fazer-se no prazo máximo de 1 ano a contar da aprovação do projecto de recuperação que deverá ser entregue na Câmara nos 90 dias subsequentes à data da assinatura do contrato de cedência do direito de superfície.

j) Será devido cânon superfície anual, de montante a fixar pela Câmara, actualizável anualmente.

5 – As restantes situações existentes no Bairro consideram-se abrangidas pelas disposições relativas à área, nomeadamente as constantes do Edital aprovado por deliberação da Câmara de 88/12/09 e subscritos pela Câmara Municipal de Almada, Serviço Nacional de Parques Reservas e Conservação da Natureza, Direcção-Geral de Marinha e Direcção-Geral de Portos.

6 – Devem os interessados abrangidos pelas disposições da presente deliberação apresentar nesta Câmara, Divisão de Habitação, na Av. Professor Egas Moniz n.º 1-A, no prazo de 60 dias a contar da publicação do Edital que contém esta deliberação, documentação comprovativa de possuirem os requisitos que os habilite a concorrer à cedência do direito de superfície da respectiva parcela de terreno, e que são os seguintes:

a) Cartão de eleitor.

b) Certificado de residência passado pela Junta de Freguesia da Costa de Caparica.

c) Certificado da composição do agregado familiar passado pela Junta de Freguesia da Costa de Caparica.

d) Declaração sob compromisso de honra de que não possuem seja a que título for qualquer outra habitação.

e) Certidão da Repartição de Finanças do rendimento colectável referente ao Imposto Profissional e Complementar.

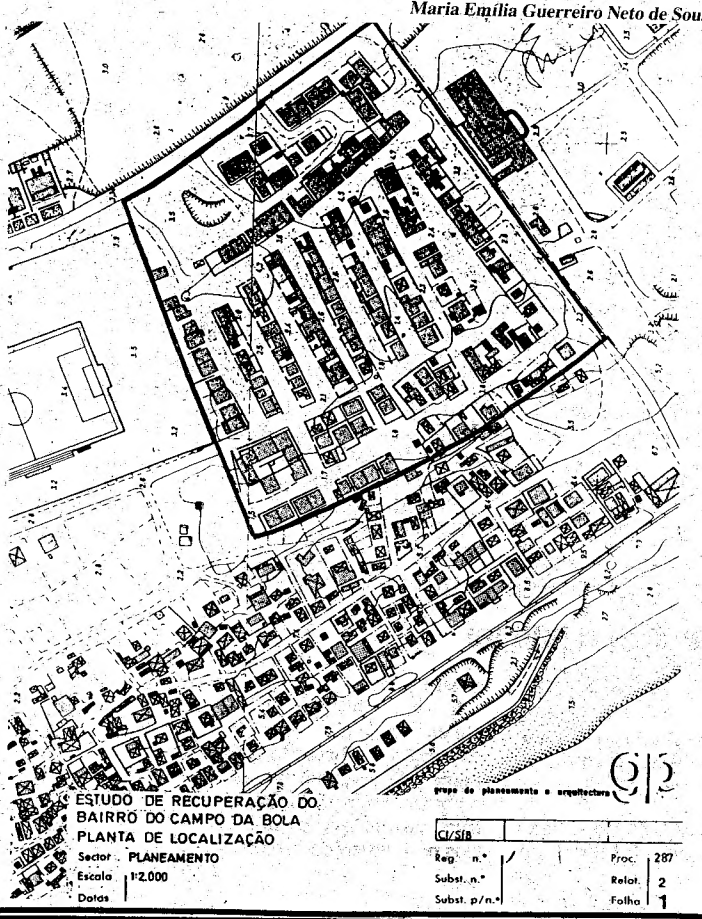
f) Outros documentos que atestem a verificação dos requisitos estabelecidos na presente deliberação.

Para constar se passou o presidente Edital e outro de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Almada, 13 de Dezembro de 1988

A Presidente da Câmara

Maria Emília Guerreiro Neto de Sousa



PELAS ESTRADAS DE PORTUGAL

Amarante e Cabeceiras de Baixo não querem alternativa ferroviária

A Comissão de Defesa da Linha do Vale do Tâmega exigiu o termo do transporte rodoviário alternativo ao serviço ferroviário, entre as localidades de Amarante e Cabeceiras de Basto.

A comissão denuncia, em comunicado, a tentativa por parte da CP e da empresa Auto-Mondinense em continuar com os serviços de circulação de autocarros na Linha do Vale do Tâmega, após concluído, no passado dia 14, o período experimental do chamado «transporte alternativo», que teve a duração de dois meses.

Este serviço rodoviário surgiu de um protocolo assinado, em Setembro, no Governo Civil de Braga, pelas autarquias de Basto (Cabeceiras, Mondim e Celorico) e a Amarante que, juntamente com um representante da CP, deliberaram proceder a um estudo experimental do sistema rodoviário entre Amarante e Cabeceiras de Basto.

O referido protocolo visou «ensaiar» um tipo de transporte alternativo à CP que fosse preferido pelas populações da região.

De acordo com o documento da Comissão de Defesa da Linha do Vale do Tâmega, «os autocarros não conquistaram a simpatia das populações» cumprindo os seus itinerários «sem passageiros por estradas que são uma vergonha figurar nos mapas das estradas de Portugal».

No comunicado, a comissão salienta que o transporte rodoviário é «isento de condições de segurança e mais caro para os utentes».

Na fiscalização do trânsito e transporte rodoviário as patrulhas da Guarda Nacional Republicana verificaram durante o último mês de Dezembro 30 643 transgressões ao Código da Estrada e seu regulamento e 4125 ao Regulamento de Transportes em Automóveis.

Destacam-se 2070 excessos de velocidade, 2711 faltas de capacetes de protecção (motociclos e ciclomotores), 3368 faltas de cartas ou licença de condução, 1687 faltas de livrete ou título de registo de propriedade e 322 condutores sem habilitação legal.

Foram apreendidos 574 veículos, 962 livretes e títulos e 2240 cartas e licenças de condução, controlados 601 veículos por básculas, 16 031 por radar, 380 por sonómetro e 15 698 por foto-controlo de velocidade.

No mesmo período fiscalizou 272 190 condutores de viaturas.

Menos movimento de emigrantes em Vilar Formoso onde apenas 133 mil portugueses residentes no estrangeiro entraram em Portugal por aquela fronteira, no período de 16 de Dezembro a 15 de Janeiro.

O número é inferior ao registado no mesmo período do ano passado em cerca de metade, possivelmente por os nossos emigrantes terem resolvido passar as férias nos países de acolhimento.

Por aquela fronteira, a maioria, 132 mil saídas, utilizou meios rodoviários.

O trânsito esta manhã nos grandes centros, em especial Lisboa, Porto e Coimbra esteve mais difícil do que o habitual, em virtude do maior recurso às viaturas individuais e aos autocarros contratados pela CP por motivo da greve dos maquinistas dos comboios.

No tocante a Lisboa as filas de veículos na Marginal, na estrada de Sintra, na auto-estrada do Norte, na estrada de Vila Franca de Xira e na auto-estrada do Sul, chegaram a atingir vários quilómetros, obrigando os condutores a um reforço da habitual paciência.

Sinistralidade em números

No períodos de vinte e quatro horas que findou ao meio-dia de ontem a Brigada de Trânsito da GNR registou nas estradas 95 acidentes de viação, de que resultaram três mortos e 84 feridos, dos quais 20 em estado grave.

GALP DINAMIC Gasóleo

SISMO SENTIDO EM QUATRO ILHAS AÇORIANAS

Um sismo de média intensidade sentido sábado de madrugada em várias ilhas açorianas teve origem tectónica — disse o geólogo Hugo Forjaz do Departamento de Vulcanologia da Universidade dos Açores.

O tremor de terra, que não causou danos materiais avultados, foi sentido nas ilhas de São Miguel, Terceira, São Jorge e Pico.

Com epicentro na fossa Hirondelle (com 3900 metros de profundidade), localizado entre o banco «D. João de Castro» e a ilha de São Miguel, o sismo foi sentido com particular intensidade em São Miguel, onde em zonas da ilha atingiu o grau seis da escala de Mercalli modificada.

Na Terceira atingiu o grau quatro na escala de Mercalli modificada e em São Jorge e Pico o grau três.

O abalo telúrico, que teve a duração de cerca de três segundos, causou oscilações nas casas e em algumas de construção mais antiga «fisuras» generalizadas e queda de chaminés, fazendo com que a população das zonas mais atingidas da ilha de São Miguel — Mosteiros e Ginetes — saísse para a rua em «pânico».

O sismo, ocorrido por volta das 1.50 locais (2.50 de Lisboa), foi precedido de outros abalos de fraca intensidade.

Judiciária da Guarda prende homicida

Elementos da Polícia Judiciária da subinspecção da Guarda, após morosas diligências, acabam de identificar e deter um jovem de 17 anos contra quem há fortes suspeitas de ser o autor do homicídio que em seis de Novembro último vitimou, na sua residência em Vila Cortez da Serra, um ex-emigrante em França, de 36 anos e trolha de profissão.

A vítima terá sido alvejada com um tiro de pistola de calibre proibido e o presumível autor, um jovem de etnia cigana, viria a ser localizado e detido numa localidade do Alto Alentejo.

Presente ao juiz de Instrução Criminal viu a prisão validada e mantida sem admissão de caução, pelo que recolheu à cadeia; onde aguarda a conclusão do processo.

CEE debate três milhões para os prejuízos das cheias

A concessão de uma ajuda financeira de 20 milhões de ECUs (cerca de 3 milhões e meio de contos) para os prejuízos das últimas cheias em Portugal é um dos assuntos em debate no Conselho Agrícola da CEE que se inicia hoje em Bruxelas, o primeiro sob presidência espanhola.

A ajuda excepcional à agricultura portuguesa deverá ser debatida no segundo dia de trabalhos, mas existe já um acordo político dos Doze sobre a sua concessão, recordam fontes diplomáticas em Bruxelas.

No entanto, a atribuição só poderá ser formalmente feita depois do parecer do Parlamento Europeu sobre a questão, o qual só está previsto para Fevereiro.

Os ministros da Agricultura da CEE iniciam o primeiro conselho do sector sob a presidência espanhola centrado num conjunto de medidas de reforma da política agrícola comum, cuja discussão se arrasta nos últimos cinco meses.

O conselho, cuja duração estava inicialmente prevista para dois dias, poderá prolongar-se até quarta-feira, numa tentativa de obtenção de um acordo sobre o pacote de medidas.

Mais uma vez estarão na mesa de trabalhos a aprovação de medidas de reforma do sector da carne bovina e das frutas secas, o regime dos «slom» e o regime aplicável aos pequenos produtores no quadro do regime de co-responsabilidade nos cereais.

Nos «slom», trata-se da concessão de quotas leiteiras aos produtores, na maioria alemães-federais, que suspenderam a comercialização de leite no âmbito de um regime de quotas.

O Tribunal de Justiça decidiu a favor da integração destes produtores no regime de quotas.

A delegação portuguesa é chefiada pelo ministro da Agricultura, Álvaro Barreto.

Adquirido na Madeira edifício para a Justiça e Finanças

O ministro da República para a Madeira, Lino Miguel, participa quarta-feira no Funchal na cerimónia de posse do Edifício 2000 adquirido pelo Governo da República por cerca de um milhão de contos e destinado à instalação de vários serviços.

O imóvel, localizado no centro da cidade, foi adquirido conjuntamente pelos Ministérios das Finanças e da Justiça, necessitando de obras de adaptação que serão realizadas após a posse formal.

De acordo com o gabinte do ministro da República serão instalados no novo edifício vários serviços dependente do executivo central: primeira repartição de finanças, tesouraria da fazenda pública, tribunais de trabalho e de contas, conservatórias dos registos civil, comercial, automóveis e predial.

Dispondo de uma árera global de 9 mil metros quadrados, distribuídos por sete pisos, o edifício agora adquirido, sublinha o gabinete do ministro da República, «contribuirá para uma melhoria apreciável das condições de prestação de serviços públicos».

«Fica assim resolvido, de forma satisfatória, e em termos de futuro o problema suscitado pelo funcionamento de diversos serviços em instalações degradantes e superlotadas o que restringia apreciavelmente a sua eficácia», acrescenta a nota hoje distribuída pelo ministro da República.

Foi ainda anunciado que «o esforço de investimento» do Estado na região, em matéria de justiça, ascendeu a 4 milhões de contos.

Em comunicado, Lino Miguel revela que neste montante não estão incluídas as verbas destinadas aos tribunais do Porto Santo e da Ponta do Sol — obras avaliadas em cerca de 240 mil contos — que deverão ficar concluídos no próximo ano.

O «esforço de investimento exigido ao Estado», segundo o gabinete do ministro da República, envolve apenas a aquisição do Edifício 2000 e a construção do novo estabelecimento prisional da capital madeirense.

As obras de construção da nova cadeia, com capacidade para 250 detidos, iniciam-se este ano, prevendo-se a sua conclusão em 1992.

Queixa em Estrasburgo contra o Estado português

Uma queixa do cidadão José Neves e Silva contra o Estado Português vai ser apreciada segunda-feira pelo Tribunal Europeu dos Direitos do Homem, em Estrasburgo.

Ma origem do caso está a queixa apresentada por Neves e Silva à Comissão Europeia dos Direitos do Homem, em Outubro de 1984.

O requerente queixa-se da morosidade de uma acção de responsabilidade civil que instaurou ao Estado a 11 de Maio de 1972, no Tribunal Administrativo de Lisboa.

Num relatório de 17 de Dezembro de 1987 a comissão manifestou unanimidade no entendimento de que houve violação do artigo sexto, parágrafo um — relativo à demora na aplicação da justiça.

Cônsul português em Sydney alvo de ameaças

O cônsul-geral de Portugal em Sydney, Alexandre Vassalo, foi alvo de ameaças telefónicas anónimas, disse uma fonte diplomática.

Uma chamada telefónica anónima em português alegando a existência de uma bomba na residência de Alexandre Vassalo ocorreu no passado dia 19, quando o cônsul se encontrava ausente num jantar com o embaixador de Portugal, José Luís Gomes.

A Polícia Federal australiana implementou medidas especiais de segurança junto da residência de Alexandre Vassalo, mas desconhece-se a origem das ameaças, as primeiras do género contra um diplomata português no país.

Couto dos Santos ao «Nem Mais nem Menos»

«HÁ QUEM QUEIRA DESESTABILIZAR SECTOR DA COMUNICAÇÃO SOCIAL»

«Conseguimos avançar, ao longo de um ano e meio, com a privatização de quatro títulos, de mais sete pequenos títulos da antiga EPNC e dois parques gráficos. Isso significa que aquilo que o Governo disse há cerca de ano e meio está quase integralmente cumprido, uma vez que só restam dois títulos cujas privatizações estarão concluídas até ao final do ano» - afirmou à «Antena Um» o ministro Couto dos Santos, que na circunstância, e ainda acerca da Comunicação Social escrita, sublinhou - abordando concretamente o «caso» do «Diário de Notícias»- haver «quem esteja em Porrtugal interessado em desestabilizar» o sector.

O processo de avaliação do «Diário Popular» - disse o ministro noutro passo da sua conversa de sábado aos microfones da «Antena Um» e respondendo a perguntas que lhe foram dirigidas - está na fase final. Em dois meses o caso estará encerrado» - eis uma síntese das declarações feitas pelo ministro adjunto e da Juventude ao programa «Nem mais nem Menos», da «Antena Um».

Couto e Santos, que nessa entrevista ao «Nem mais nem menos» se debruçou, de acordo com a própria ordem e incidência das questões que lhe foram equacionadas, sobre a situação na Comunicação Social de uma forma ampla e ao mesmo tempo genérica, traçou um quadro das perspectivas e realidades para o sector no imediato. O ministro da Juventude e adjunto de Fernando Nogueira sublinhou, repetindo o que Albino Soares disse sexta-feira no Porto, na abertura de um seminário promovido pelo Centro de Formação de Jornalistas, que 1988 será «o ano de oiro do ponto de vista económico da Comunicação Social do Estado». Segundo Couto dos Santos, o sector, em termos de resultados, atinge cerca de três milhões de contos.

«No ano de 1989 (este ano) iremos reduzir subsídios à Imprensa em 5O por cento em relação a ano de 1988. Isto porque - acrescentou o ministro - a Comunicação Social já deu este ano lucros sem subsídios. O subsídio de papel vai continuar, mas será reduzido em 50 por cento. Depois de concluídas as privatizações, teremos de ponderar se o subsídio de papel vai continuar. Certamente não irá continuar com os montantes que hoje temos» - salientou.

Ainda sobre Comunicação Social e continuando a falar de jornais e de situações, o ministro Couto e Santos abordou o «caso» do «Diário de Notícias», que considerou «uma questão hierárquica da tutela com uma administração«. de acordo com o teor das suas declarações, «sempre se disse que os Governos, nas empresas públicas, deveriam ter uma atitude de olharem pelos postos de trabalho dos seus trabalhadores».

Acerca do «DN», Couto dos Santos frisou que «há quem esteja, em Portugal, interesado em desestabilizar a Comunicação Social. Sinto-me tranquilo e, por me sentir tranquilo, não comento aquilo que foi feito.. O sr. Antunes da Silva que assuma a responsabilidade pelo que diz»

«Mexer» com 700 mil jovens

Instituto da Juventude, deliquência juvenil, comemorações dos Descobrimentos e rádios locais - problemas, «casos» e dificuldades suscitados nos últimoa tempos, todos da tutela do ministro adjunto e da Juventude - foram passados em revista ao logo da entrevista concedida por Couto dos Santos àquele programa radiofónico.

Sobre o Instituto da Juventude, que veio substituir o FAOJ e a Direcção-Geral da Juventude, o ministro vincou haver nisso «uma racioonalização de meios humanos e financeiros. a a criação fe uma estrutura para preservar o desafio de 1992. Há uma resposta que Portugal adquiriu no panorama europeu no sector da juventude. É fundamentalmente um organismo aberto aos jovens».

Couto dos Santos revelou que o Governo lançará esta ano programas vários (no quadro de uma política global que corresponde à conjugação

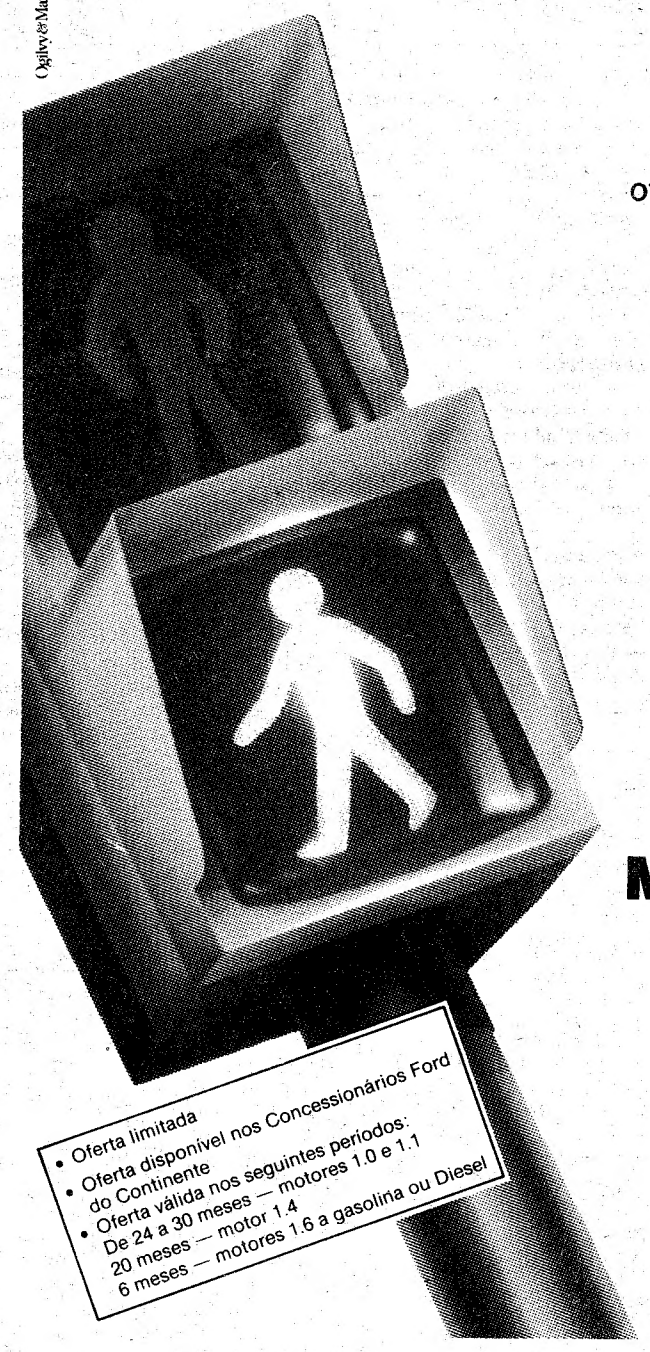
da criação de emprego com a formação profissional adequada, a formação nas áreas das novas tecnologias e a preparação dos jovens na transição da escola para a vida activa) que «mexem com mais de 700 mil jovens». Todas essas vertentes,de que naturalmente se exceptua a educação, «representam um esforço que finabceiro que ultrapassa os cem milhões de contos», acrescentou.

A delinquência juvenil «tem muito a ver com a toxicodependência», afirmou o ministro noutro passo da sua entrevista, acrescentando, ainda acerca dos jovens, ser objectivo do Governo, quanto à sisa na aquisição de casa, facilitar tal operação.

Quanto à Comissão dos Descobrimentos,o ministro adiantou que havia apresentado «um oprograma muito bem concebido e aberto» que, acrescentou, «faz apelo à sociedade civil».

Por último, as rádios locais: Couto dos Santos frisou que «o silenciamento era necessário, porque todos os candidatos se tinham de apresentar em igualdade de circunstâncias. Havia um caos no espectro redioeléctrico. Tinha que haver um dia zero. Alguém teria que fazer isto», concluiu.

AVANCE PARA A 1ª MENSALIDADE GRÁTIS DO SEU FIESTA



O Crédito Ford
oferece-lhe a primeira mensalidade grátis
na compra de qualquer Ford Fiesta*
a gasolina ou Diesel.

Visite o seu Concessionário Ford
e avance para o seu Fiesta.

* Só automóveis ligeiros de passageiros

CRÉDITO FORD

Mais fácil, Mais rápido

Ford

QUALIDADE E INOVAÇÃO

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

Divisão de Informação e Relações Públicas

SERVIÇO NACIONAL DE PARQUES; RESERVAS E CONSERVAÇÃO DA NATUREZA
DIRECÇÃO-GERAL DA MARINHA
DIRECÇÃO-GERAL DE PORTOS

E D I T A L

A Câmara Municipal de Almada e demais entidades da Administração Pública vêm reiterada e sistematicamente defendendo a prossecução dos objectivos de ordenamento urbanístico, de desenvolvimento, valorização e salvaguarda do litoral do Concelho de Almada, perfilhando uma política de defesa do património natural, paisagístico e estético que constitui tal litoral.

Na zona adjacente ao litoral concentra-se um conjunto de recursos naturais, cuja importância económica e social é inestimável, cujo aproveitamento se impõe através de um desenvolvimento urbano e turístico o qual possibilitará um incremento ao desenvolvimento económico-social, pondo termo à ocupação abusiva e ilegal com construção clandestina.

Não se pode comprometer — ou descurar a preservação e recuperação — a estabilidade ecológica e o carácter ou interesse público de lugares com tão densa procura da população da região mais povoada do País, ou, até prejudicar a salubridade, segurança e tranquilidade públicas.

Constata-se a existência de construções clandestinas nas zonas delimitadas em mapa anexo, que se dá como parte integrante do presente Edital, e, analisada a situação dos terrenos do domínio público, marítimo, e dos terrenos do domínio privado do Estado, sobre a administração da Direcção-Geral das Florestas e ainda dos terrenos integrados no domínio privado do Município de Almada, concluí-se pela necessidade urgente do cumprimento do imperativo de reposição de tais terrenos no seu estado natural, e permitir a criação de condições ao desenvolvimento turístico da zona litoral da Costa da Caparica, assim como a instalação de equipamentos de lazer.

Todas as barracas, abrigos, construções ligeiras ou outras edificações situadas na área delimitada no mapa anexo ou foram construídas à revelia dos licenciamentos exigíveis ou situando-se no Domínio Público Marítimo assumiram carácter definitivo quando haviam sido licenciadas a título precário, e em violação do previsto e estatuído no art.º 1.º do Regulamento-Geral das Edificações Urbanas, aprovadas pelo Dec.-Lei n.º 38382, de 7 de Agosto de 1951; no art.º 62.º do Código Administrativo; no art.º 1.º do Dec.-Lei 166/70, de 15 de Abril; nos art.os 1.º e 7.º do Dec.-Lei n.º 343/75, de 3 de Julho, no art.º 1.º do Dec.-Lei n.º 357/75, de 8 de Julho e no art.º 17.º do Dec.-Lei n.º 468/71, de 5 de Novembro.

A mencionada ocupação do terreno infringe a legislação atinente ao ordenamento do território e ocupação urbanística, violando o disposto na Base I, do Dec.-Lei 2116, de 14 de Agosto de 1962, no art.º 1376.º do Código Civil, no art.º 1.º do Dec.-Lei n.º 794/76, de 5 de Novembro, no art.º 2.º do Dec.-Lei n.º 46 673 de 29 de Novembro de 1965; no art.º 1.º do Dec.-Lei n.º 289/73 e no art.º 1.º, do Dec.-Lei n.º 400/84 de 31 de Dezembro.

Acresce, que as construções implantadas não respeitam as condições gerais das normas regulamentares de construção, constantes do Regulamento Geral das Edificações Urbanas, dando lugar a uma situação geral de insalubridade. Para além, de que tal ocupação contraria e compromete a exequibilidade de outros instrumentos urbanísticos aplicáveis.

Os objectivos enunciados e a degradante situação existente impõe uma acção necessária e inadiável da desocupação do Litoral, de todas as construções realizadas à revelia do devido licenciamento administrativo. Acção essa que tem por fim a restituição dos elementos naturais à forma originária e um reordenamento urbanístico que se revela premente, de molde a que o território e questão mereça um tratamento digno, adequado às suas naturais características e às suas potencialidades.

Tendo em atenção o exposto e usando os poderes gerais de autoridade que lhe são conferidos, os poderes derivados do exercício do direito de propriedade sob os terrenos de que têm as entidades subscritoras, e os poderes administrativos constantes da legislação aplicável, **ficam por este meio notificados os interessados e utentes de barracas, abrigos e outras construções existentes no domínio público marítimo, no domínio privado do Estado, e no domínio privado Municipal, delimitados em mapa anexo, que devem proceder à remoção dessas instalações e edificações no prazo de 45 dias, a contar da data da publicação deste Edital.**

Para tanto, deverão proceder à sua remoção total, o que é notificado ao abrigo do art.º 165 do R.G.E.U. aprovado pelo Dec.-Lei n.º 38382, de 7 de Agosto de 1951, com a redacção que lhe foi dada pelo Dec.-Lei 44258 de 31 de Março de 1962, do n.º 2, do art.º 5.º do Dec.-Lei n.º 343/75 de 3 de Julho; dos art.os 26.º e 28.º, n.º 2 e 30, n.º 1 do Dec.-Lei n.º 468/71, de 5 de Novembro.

Ficam notificados, de igual modo, os inquilinos de tais construções a desocupar as mesmas, sob pena de despejo sumário, nos termos do art.º 165.º do R.G.E.U. aprovado pelo Dec.-Lei n.º 38382, de 7 de Agosto de 1951.

Caso o não façam, as entidades subscritoras deste Edital farão essa remoção mediante total demolição, usando os poderes que lhe são cometidos pela Lei, nomeadamente, no art.º 165.º do Decreto-Lei 38382, de 7 de Agosto de 1951, no n.º 3, do art.º 5.º do Dec.-Lei n.º 343/75 de 3 de Julho e no n.º 2 do art.º 30.º, do Dec.-Lei n.º 458/71 de 5 de Novembro.

Transitoriamente e a título precário não serão de imediato demolidas as edificações que constituam mediante prova, única e permanente habitação.

Para o efeito, os que reúnam a condição de residência única e permanente deverão, no prazo de 45 dias, a contar da data de afixação do presente Edital, apresentar nos serviços desta Câmara, sitos em, Av.ª Prof. Egas Moniz, n.º 1-A, requerimento dirigido à Sr.ª Presidente da Câmara Municipal de Almada onde conste: data do início da habitação no local; composição do agregado familiar; rendimento anual do agregado familiar. Deverá ainda, instruir o requerimento com os seguintes documentos:

— declaração onde declare por sua honra de que a habitação que ocupa é a sua única e permanente habitação, com a assinatura reconhecida notarialmente;
— fotocópias dos cartões de eleitores, dos Bilhetes de Identidade e cédulas pessoais (e exibição aquando da entrega do requerimento);
— documentos relativos à aquisição, posse ou detenção da construção (compra, ocupação, tradição, empréstimo ou arrendamento);
— mapa de localização da construção acompanhado de fotocópia da construção.

Adverte-se os interessados de que a resistência ou desobediência às resoluções tomadas, são passíveis de procedimento criminal.

As entidades subscritoras reservam-se o direito de ser ressarcidas das despesas a efectuar.

Em anexo delimitam-se as áreas a repor no estado inicial.

ALMADA, 15 de Dezembro de 1988

MUNICÍPIO DE ALMADA

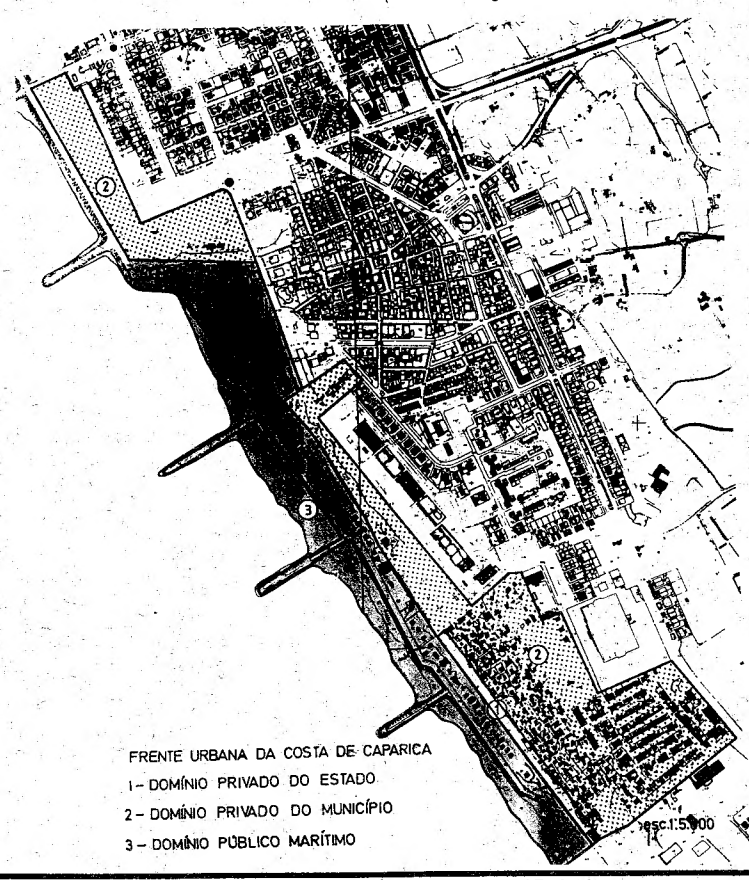
CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

SERVIÇO NACIONAL DE PARQUES, RESERVAS E CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

DIRECÇÃO-GERAL DA MARINHA

DIRECÇÃO-GERAL DE PORTOS

(Assinaturas ilegíveis)



DL NACIONAL

REFORMA FISCAL NÃO PÁRA COM APROVAÇÃO DOS CÓDIGOS

A reforma fiscal não pára depois da aprovação dos novos códigos fiscais sobre o rendimento, garantiu o secretário de Estado dos Assuntos Fiscais.

Oliveira e Costa referiu a próxima aprovação de diplomas relativos a benefícios fiscais, delitos fiscais e imposto sucessório, bem como o início dos trabalhos preparatórios de revisão do Código de Processo das Contribuições e Impostos, e a continuação dos estudos sobre avaliações prediais.

«A calendarização destes instrumentos, alguns dos quais completam a reforma da tributação do rendimento, em tempo diferente da aprovação do IRS, IRC e Autárquica, é útil, pois permite fazer obra melhor acabada», explicou.

A reforma fiscal começou com a tributação indirecta do rendimento, com o IVA, continuando com a «parte mais nobre», ou seja a tributação do rendimento.

Ainda faltam, porém, alguns «pilares essenciais do sistema fiscal», assegurando Oliveira e Costa que «tudo está a correr bem», «muito melhor do que os detractores pretendiam».

Os benefícios fiscais, primeira matéria a ser regulada, são «indispensáveis em qualquer sistema fiscal», afirmou aquele membro do Governo, que sublinhou porém «não terem lugar lógico nos códigos relativos ao rendimento.

Nos códigos já em vigor só devem ficar aqueles benefícios que, «pela sua natureza», tenham «características de manutenção sem limite de tempo», inserindo-se «perfeitamente» na estrutura do código, acrescentou Oliveira e Costa.

Instrumento de variação

Aqueles que tenham um tempo de vida «necessariamente mais curto», por se relacionarem com aspectos conjunturais da actividade económica do País, devem ser «fixados todos os anos», por forma a serem utilizados como «factor de estímulo ou retracção de determinadas áreas».

«O estatuto dos benefícios fiscais é um instrumento de variação, ao passo que os códigos devem ser instrumentos jurídicos de grande estabilidade», disse o secretário de Estdo.

Sobre as características do diploma na forja, e a que a agência Lusa já se referiu, o secretário de Estado acentuou a orientação de política fiscal no sentido da redução drástica dos benefícios fiscais.

«Esse caminho está traçado de há muito, e é a orientação internacionalmente seguida, que teve caloroso acolhimento na comissão de reforma fiscal, e foi já consagrado no Orçamento de Estado do ano findo», disse ainda Oliveira e Costa.

Quanto à objecção que assenta na indefinição dos agentes económicos, o secretário de Estado afirmou «não estar provado que o efeito económico-social dos benefícios esteja adequado ao seu custo social», pelo que Portugal segue a tendência internacional de «diminuição significativa».

«Fazer projectos de investimento em função de isenções possíveis é errado», disse Oliveira e Costa, que acrescentou «ser mais aconselhável os agentes económicos pensarem o investimento em função da capacidade para produzir mais e melhor».

O Estado não deixará de cumprir compromissos anteriormente assumidos, pois é «uma pessoa de bem», pelo que manterá os benefícios fiscais concedidos, publicando ainda uma tabela de conversão para projecção prática no novo estatuto.

A figura é reconhecida por Oliveira e Costa como um «prémio ao investimento», admitindo que «quem investe tem um bónus fiscal».

Só que o problema de fundo seria melhor defendido através da técnica dos subsídios, «aliás tendência comunitária dominante para apoiar crescimento económico em harmonia».

Depois da aprovação do estatuto dos benefícios, espera-se igualmente o diploma relativo aos delitos fiscais, que ainda não têm autorização legislativa do Parlamento.

Logo que esta seja conseguida, a legislação avançará, dado que os trabalhos preparatórios e estudos estão quase prontos.

A solução vai ser no sentido de «abranger todo o tipo de delitos fiscais», sendo aplicável à generalidade dos impostos.

Oliveira e Costa salientou já como «importante passo» a inversão do ónus da prova, que passa para o fisco, sendo ainda as presunções tipificadas e impugnáveis.

O «salto qualitativo» continua na lei punitiva, no fundo a funcionar como um «mecanismo desincentivador de fraude e evasão».

O secretário de Estado adianta que haverá contra-ordenações e crimes, bem como sanções de coima, multa e prisão convertível, conforme a natureza e gravidade do desrespeito aos comandos legais.

Pragmatismo e eficácia

«Tivemos uma grande dose de pragmatismo e eficácia, e consagramos como preocupação dominante arranjar mecanismos para criar condições que encontrem antecipadamente as situações de falta», disse.

Defensor da prevenção acima de tudo, neste domínio, Oliveira e Costa acrescentou preferir a pena de multa à prisão, já que «retirar a liberdade deve ser o último dos recursos a tomar».

Entretanto, é possível que entre em vigor antes da nova legislação penal fiscal a revisão do Código do Imposto Sucessório.

O anteprojecto está pronto e reconhece o «melindre em rever uma obra tecnicamente acabada», do ponto de vista de forma jurídica.

Mesmo assim, «há insuficiências», diz o secretário de Estado, que se prendem com as tabelas, escalões, e «outros aspectos práticos passíveis de distorcer a aplicação».

A opção foi tentar encontrar um ponto comum entre a «perfeição jurídica e a aplicação do código», ajustando-o aos «novos valores» saídos da reforma fiscal.

Sobre as avaliações fiscais, matéria essencial em sede de contribuição autárquica, aquele membro do Governo reafirmou a esperança de ter pronto o diploma ainda antes do fim do ano.

«Esta importante peça para a autárquica vai acabar com a componente subjectiva das comissões de avaliações», disse.

«Os homens erram, e temos de aceitar isso», acrescentou o secretário de Estado, para quem a solução neste campo passa pelo consagrar de soluções de cariz técnico, objectivas.

Os parâmetros vão variar em função de localização, tipos de acabamento do fogo e outros, abarcando o País e cada concelho.

A reforma, que está a ser testada vai para três anos, ainda não atingiu o ponto ideal, de acordo com o ponto de vista de Oliveira e Costa.

«Se chegarmos a conclusões aceitáveis quanto à universalidade, alargaremos o teste, por forma a fazer como que um pré-teste global», disse.

O avanço deste próximo código passa ainda pelos actuais trabalhos de campo em curso e pelos meios disponíveis para conseguir a base de dados necessários.

Para o secretário de Estado, não se podem consagrar neste domínio soluções ou fórmulas muito complexas, antes se devendo procurar ao máximo a simplificação.

A revisão do processo fiscal é matéria também agendada, ainda que não haja nada de definitivo quanto à comissão encarregue. De momento, conforme adiantou o secretário de Estado do sector, apenas estão em curso trabalhos de preparação e adaptação a nível interno, só se constituindo a comissão depois de aprovada a autorização para o diploma relativo às infracções.

De qualquer forma, será uma equipa mista, entre técnicos do fisco e juízes tributários e do Supremo, que terá a seu cargo a harmonização da lei processual com as inovações entretanto surgidas.

Três diplomas em 1988

No que respeita às alfândegas, Oliveira e Costa adiantou não ser sua intenção proceder para já a alterações de síntese na reforma aduaneira.

Não deixou, porém, de lembrar que 1988 viu serem aprovados três novos diplomas que representam «mudanças de grande envergadura» na lei aduaneira.

Assim, citou a aprovação do documento único, por imperativos comunitários (ainda que por antecipação), o fim do título de propriedade (reclamado há longos anos), e a permissão do desalfandegamento mediante caução ou fiança do despachante.

Loures vai desdobrar-se em três concelhos

IVA E IRC AGRAVAM DIFICULDADES DAS COLECTIVIDADES DE CULTURA E RECREIO

Julio Rodrigues

O IVA e o IRC preocupam as colectividades de cultura e recreio não apenas da freguesia da Póvoa de Santo Adrião e do concelho de Loures, mas de todo o País. Isso mesmo foi sábado vincado no II Encontro das Colectividades e Organizações da Freguesia da Póvoa de Santo Adrião (quatro anos depois do primeiro) pelo vogal da Junta de Freguesia local, Liberto Cruz. A moção que apresentou ao plenário realça «as dificuldades criadas com a aplicação, às colectividades, do IVA (Imposto sobre o Valor Acrescentado) e do IRC (Imposto sobre os Rendimentos Colectivos).

«Uma colectividade não é só um andar ou um edifício dirigido por um grupo de homens e de mulheres, mais ou menos abnegado, com um maior ou menor número de associados», justifica a proposta, a propósito da carga fiscal que de todos os lados recai sobre instituições que substituem o Estado em funções que a Constituição lhe reserva, mas este é incapaz de assumir. Assumem-nas, pois, colectividades e organizações que vêm assim o seu esforço traído pelo próprio Estado, ou aqueles que executivamente o substituem.

«Que predisposição poderão ter aqueles que querem participar numa vida associativa sã, atlética, cultural e recreativa, ou outra qualquer, dentro de uma colectividade, sabendo que diariamente depararão na promoção social e profissional, para além dos seus próprios problemas, com os que resultam da insegurança, da instabilidade e do espectro do desemprego, este sempre dependente dos critérios da entidade patronal ?».

Esta questão, a premência de Odivelas ser promovida a sede concelhia e de ser criada a freguesia de Olival de Basto, primaram no 2º Encontro das Colectividades e Organizações da Freguesia de Santo Adrião que sábado decorreu no Pavilhão Gimnodesportivo da Vila da Póvoa de Santo Adrião.

Três aspectos sócio-económicos

Encontro onde, afinal, não se falou muito na criação do concelho de Odivelas, e muito menos no de Sacavém - porque o concelho de Loures desdobrar-se-á, a seu tempo, em três. Nesse sentido apresentou o PCP uma proposta à Asembleia da República, apresentando como razão essencial para isso a existência de três aspectos distintos do ponto de vista sócio-económico: características rurais, dominância urbana e contornos urbao-industriais.

Boa parte das cerca de quarenta entidades que movimentam milhares de cidadãos, escassamente representados nos trabalhos, animou este Encontro, se bem que um dos intervenientes tenha sublinhado durante a reunião que algumas das propostas saídas (há quatro anos, do anterior Encontro (dinamizado por 13 organizações, três órgãos da Comunicação Social e 35 participantes) ainda estão por concretizar.

Apesar disso, o balanço desta II Encontro pode considerar-se positivo, a avaliar pelas conclusões dos próprios trabalhos. Não perdendo de vista, claro, que as entidades que movimentam esses milhares de cidadãos da Póvoa de Santo Adrião e arredores «contribuem para a sua formação e educação cívica e física, promovendo a ocupação dos seus tempos livres, através de actividades e iniciativas próprias ou conjuntamemte com as autarquias», acentuam as conclisões.

Várias dificuldades, de que o IVA e o fresco IRC são dois entre muitos exemplos, e os que mais pesam pelo facto de influenciar qualquer movimento ou investimento, condicionam a actividade das colectividades de cultura e recreio e organizações quejandas, de modo a afectar, naturalmente, o seu funcionamento. O mesmo documento dá conta dessa realidade, admitindo que o Encontro «contribuirá paraa melhoria do trabalho a desenvolv er, na medida em que permitiu um conhecimento global dos problemas e o estreitamento do relacionamento entre dirigentes».

Muitas intervenções pouco debate

A mesa que presidiu aos trabalhos confrontou-se com uma situação que, não sendo singular, não era lá muito esperada: a de aparecerem, como surgiram, intervenções a mais, de que se encurtaram o período reservado aos debates. Não foram estes nem tão ricos nem tão diversificados como se esperava. No entanto, foi ainda possível alinhar várias direcções de necessidades e urgências.

Por exemplo: de maior e melhor cooperação e interligação das colectividades e organizações, entre si e destas com as autarquias; criação de Comissões Coordenadoras das Colectividades da Freguesia da Póbvoa de Santo Adrião que visem a melhoria do trabalho a desenvolver e possibilitem a realização de iniciativas comuns; a promoção regular deste tipo de Encontros pelas próprias colectividades e associações; e a necessidade de levar a cabo um maior número de iniciativas com a participação de jovens e mulheres com a intenção de captar e interessar essas camadas da população para a vida da freguesia.

Para não sermos mais exaustivos (face às treze conclusões do Encontro), manter o apoio das autarquias locais ás colectividades e à promoção de actividades e acções de interesse geral, reivindicar ao Poder Central apoios de que as colectividades necessitam para a concretização dos seus objectivos, promoção de cursos de formação de dirigentes associativos e criação e um Centro Cultural na vila(que é desde 3 de Julho de 1986, por proposta apresentada à Assembleia da República pelo PCP e pelo PS).

Um grande vazio nesta freguesia

Inventariados que assim ficam os trabalhos, atentemos numa das intervençoes que mais chamou a atenção dos presentes (metade jovens, outra metade reformados ou a caminho da reforma), de autoria de João Henriques Coelho.

Segundo este afirmou, há na freguesia um grande vazio: «a falta de instituições vocacionadas para as actividades esencialmnte culturais», de que o irador destacou o teatro, o cinema, a música, a arte e a pintura.

Uma excepção, ou uma pedrada no charco, deverá surgir em breve: a construção, por parte da CM de Loures, de um grande espaço cultural, o Teatro Malaposta, ao mesmo tempo que o II Encontro de Colectividades e Organizações da Freguesia da Póvoa de Santo Adrião promete avançar para o arranque de um centro Cultural ou de uma Casa de Cultura.

A intervenção da Junta de Freguesia local apontou na mesma e noutras direcções: na criação de, pelo menos, uma Comissão Coordenadora contemplada no projecto de conclusões e na constituição de organismos que promovam actividades relacionadas com artes plásticas, artesanato, audiovisuais, defesa e preservação do património cultural e cinema.

Ainda de acordo com a intervenção apresentada pela JF anfitriã, entre o I e o II Encontros «verificaram-se alterações significativas que em muito contribuem para a melhoria das condições de vida», de que são exemplos, entre outras, as obras de beneficiação do próprio Pavilhão gimnodesportivo onde o plenário teve lugar, a construção do ruinque polivalente de Olival do Basto, as obras de adaptação do ex-matadouro, também em Olival do Basto, para instalação do Teatro da Malaposta e a fundação de novos estabelecimentos de ensino.

A proposta de criação de uma estrutura coordenadora das actividades da fregusia da Póvoa de santo Adrião foi também defendida por oito organizações (a saber: GROB-Grupo Recreativo de Olival do Basto, UDOB-União Desportiva de Olival do Basto, Grupo Recreativo do Monsenhor, Grupo Desportivo Estrelasda Quintinha, Externato da Quintinha, Externato «7 Castelos», Comissão de Jovens da obvoa de Santo Adrião e MDM), com a designação de «Secratariado do Movimento Associativo da Freguesia».

A autarquia local vincou ainda, através doseu representante, que Encontros como o de sábado decorreram, a seu tempo, nas freguesias de Odivelas, Sacavém, Santo Antão do Tojal e Unhos e, a nível mais vasto, no recente IV Encontro das Colectividades, em 18 de Janeiro de 1987.

Novos concelhos num concelho grande

Parece não subsistirem dúvidas sobre a possibilidade do concelho de Loures se dividir em três (concelhos, claro). A criação do concelho de Odivelas (o outro é Sacavém) estava, com efeito, na agenda dos trabalhos. Mas não chegou a ser, sequer, assunto exposto com profundidade.

Falou-se, isso sim, da criação da freguesia de Olival do Basto, povoação presentemente ineagrada na Póvoa de Santo Adrião. Com cerca de 4 500 eleitores em franco desenvolvimento (como o atesta a fixação de novos residentes e a implantação de diversificadas unidades industriais.

Separada fisicamente da Póvoa de Santo Adrião devido à construção da Via Rápida Lisboa/Malveira, o que originou uma maior interligação com os Bairros das Quintas da Várzea, Serra e Casapia, tem vida própria que lhe advem da sua origem bastante antiga.

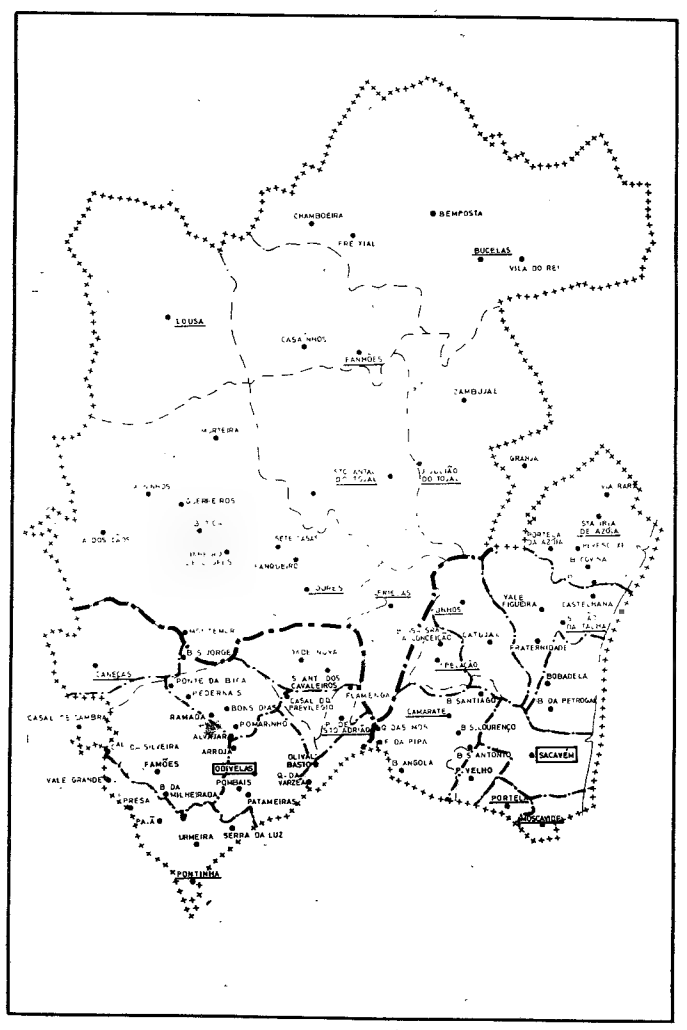
Olival do Basto preenche todos os requisitos que lhe são exigidos para passar a freguesia: número de eleitores, taxa de variação demográfica, variedades sde estabelecimentos cmerciais e de serviços ou de índole cultural e acessibilidadede transportes.

Dos futurod concelhos de Sacavém e Odivelas não de falou, mas opode aqui dizer-se que há, como o «DL« apurou, nesse sdentido, uma proposta do PCP entregue na Assembleia da República, visabdpo a divisão administrativa do concelho de Loures, a que Odivelas (a maior freguesia da Europa) e Sacavém pertencem.

Quando tal vier a acontecer, as dezanove freguesias do concelho de Loures transformar-se-ão em 25 e deverão ser assim repartidas: sete (Bucelas, Fanhões, Lousa, Loures - menos Santo António dos Cavaleiros, Santo Antão do Tojal, S. Julião do Tojal e Frielas) para Loures; oito para Odivelas (Caneças, Odivelas, Famões, Ramada, Pontinha, Póvoa de Santo Adrião, Olival do Basto e Santo António dos Cavaleiros; e dez para Sacavém (Apelação, Camarate, Moscavide, Portela, Sacavém, Prior Velho, santa Iria de Azóia, S. João da Talha, Bobadela e Unhos).

Presentemente com sete freguesias da zona rural, quatro da zona urbana (Caneças, Odivelas, Pontinha e Póvoa de Santo Adrião)e oito na chamada zona urbano-industrial, desde a Apelação,Camarate e Moscavide a Potela, Sacavém, Santa Iria de Azóia, S. João da Talha e Unhos.

O concelho tem 350 mil habitantes e uma área de 186,5 quilómetros quadrados.



A reorganização administrativa de Loures passa pela criação de dois novos concelhos

«Flor do mal» leva câmara da vila ao banco dos réus

O Governo enviou ao Tribunal Administrativo do Porto as conclusões da inspecção feita à Câmara Municipal de Vila Flor, que detectou «um apreciável conjunto de irregularidades reveladoras de negligência na gestão municipal».

O secretário de Estado da Administração Local e Administração do Território considerou ainda terem-se registado na inspecção «diversas ilegalidades no que diz respeito a vistos do Tribunal de Contas e inexistência de contratos nos fornecimentos de bens e serviços».

«A persistência de tal prática integrar-se-ia no conceito de prática delituosa continuada e seria susceptível de classificação de ilegalidade grave», acrescenta Nunes Liberato, no despacho emitido sobre a Câmara de Vila Flor, no distrito de Bragança, presidida por Alfredo Ramalho (PSD).

Entre as irregularidades apontadas na inspecção salientam-se o facto de em duas obras de saneamento do concelho não ter sido feito contrato escrito, nem submissão a vistos do Tribunal de Contas e num dos casos não ter sido feito concurso limitado.

Também no recrutamento de pessoal (sete funcionários) a Câmara nem sempre observou o estipulado na lei ao mesmo tempo que de 1983 a 1987, quer a autarquia quer o presidente da Câmara contrataram vários fornecimentos de bens e serviços sem precederem os contratos do concurso obrigatório ou de consulta a três fornecedores.

A Câmara pagou a mais 167 446 escudos, em Dezembro de 1986, por brita ao seu fornecedor Carlos Augusto Pinto dos Santos e Filhos, acrescentam as conclusões da inspecção.

O presidente da Câmara, Alfredo Ramalho (PSD), e o vereador a tempo inteiro Aristides da Costa são também acusados de terem recebido a mais, nos seus vencimentos de 1983, 1984 e 1985 as importâncias totais de sete mil escudos (o presidente) e 5384 escudos, respectivamente, (verbas que foram repostas) o que terá ocorrido por erro de interpretação da lei – acrescentam os resultados da inspecção.

Outra das 20 irregularidades apontadas reside no facto de a Câmara não ter feito ou actualizado o cadastro de bens móveis e imóveis.

As propostas feitas pelo inspector administrativo recomendam que sejam informados o agente do Ministério Público, no Tribunal Administrativo do Porto, que se participe ao Tribunal de Contas e que se remetam cópias do parecer emitido ao governador civil de Bragança, à Câmara Municipal e Assembleia de Vila Flor.

Recomendam ainda que a Câmara actualize o seu cadastro de bens e passe a fazer concursos e consultas na adjudicação de fornecimentos de bens e serviços.

LINO PAULO É CANDIDATO DA CDU A PRESIDENTE DA CÂMARA DE SINTRA

A CDU de Sintra proclamou Lino Paulo, actual vereador da Câmara local, candidato desta coligação à presidência do município nas próximas eleições autárquicas.

«O nosso candidato é para ganhar», afirmou Luís Sá, da Comissão Política do PCP e da Coordenadora Nacional da CDU, que falava no Palácio Valenças, onde decorreu um encontro de apresentação de Lino Paulo como «cabeça de lista» da coligação à Câmara de Sintra.

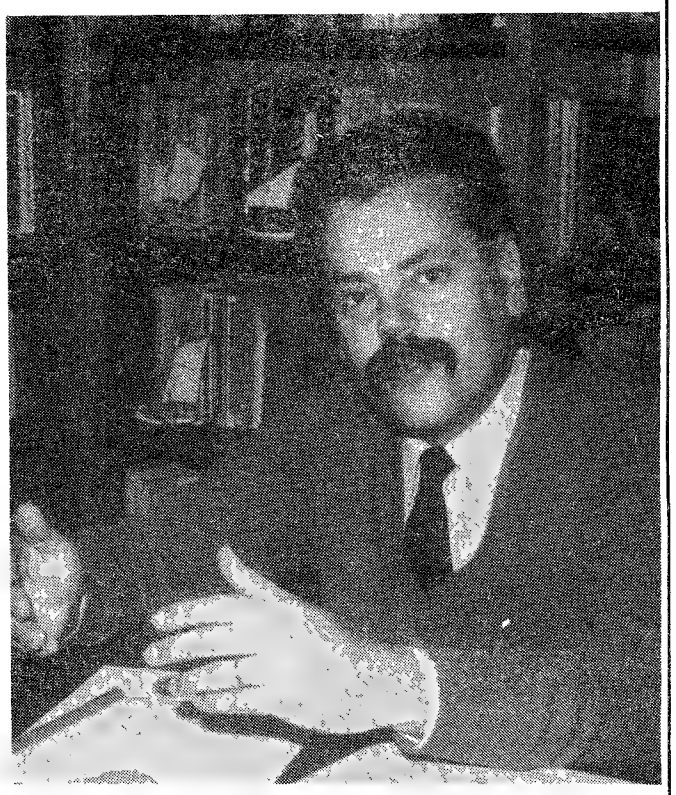
Luís Sá apelou para todos os democratas de Sintra no sentido de «se unirem à CDU para levar Lino Paulo à presidência do município».

«Essa vitória será não a vitória de uma força política, mas acima de tudo a vitória da competência de uma administração aberta, isenta e ao serviço das populações — uma vitória de Sintra», disse Luís Sá.

Lino Paulo, o primeiro candidato a ser anunciado pela CDU à presidência de câmaras municipais, frisou que o objectivo do encontro «não é prestar contas, mas lançar o trabalho para o futuro e para a vitória».

Ao referir que os pelouros geridos pela CDU «são incontestavelmente considerados os que melhor funcionam ao nível da Câmara», Lino Paulo frisou:

«A CDU gere melhor porque o faz no diálogo, na dignificação dos que na Câmara trabalham, na resposta colectivamente procurada para os problemas».



De acordo com uma nota da CDU, entre «as centenas de activistas presentes no encontro, contavam-se muitos partidários de 'Os Verdes', da Intervenção Democrática e ainda muitos independentes de diversas áreas e sensibilidades políticas».

O documento refere ainda que na reunião foi criada uma comissão coordenadora da CDU de Sintra, «aberta e unitária, com larga participação de independentes de diversas sensibilidades».

A CDU, actualmente com 11 pelouros na Câmara, é a segunda força do concelho de Sintra e perdeu as últimas eleições perante a coligação PS/CDS, por umas centenas de votos.

Declarada inconstitucionalidade de proibição da Câmara de Lisboa quanto a pinturas nas paredes

O Tribunal Constitucional declarou inconstitucional uma deliberação da Câmara Municipal de Lisboa de 1987 sobre inscrições nos prédios mas alertou para a vigência da lei de 1988 nesse sentido.

Mesmo assim, o Tribunal Constitucional considerou necessária a declaração de inconstitucionalidade da deliberação camarária para a «expurgar do ordenamento jurídico» e para «evitar os seus efeitos práticos» nomeadamente nas sanções.

A norma camarária punia a pintura de inscrições em imóveis públicos ou particulares na área do concelho de Lisboa com coimas de dois mil a 200 mil escudos.

A lei de 88, da iniciativa do grupo parlamentar do PSD, contém matéria nova sobre o assunto revogando tacitamente a norma camarária, mas mantendo a proibição de inscrição indiscriminada de mensagens de propaganda política nas paredes e muros do País e não só de Lisboa.

A norma camarária, segundo o Tribunal Constitucional, violou as normas da Constituição sobre a competência exclusiva da Assembleia da República e sobre as regras dos actos normativos.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50$51	57$00
ALEMANHA FED. (marco)	80$95	82$15
ÁUSTRIA (xelim)	11$50	11$70
BÉLGICA (franco)	3$675	3$925
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	125$80	128$30
(notas de 5 a 1000)	126$30	128$80
DINAMARCA (coroa)	20$85	21$25
ESPANHA (peseta)	1$268	1$388
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	149$45	152$95
(notas de 5 a 1000)	149$95	153$45
FINLÂNDIA (marka)	34$95	35$55
FRANÇA (franco)	23$75	24$45
HOLANDA (florim)	71$65	72$85
IRLANDA (libra)	217$70	221$70
ITÁLIA (lira)	1$126	1$181
JAPÃO (iene)	1$130	1$185
NORUEGA (coroa)	22$25	22$75
REINO UNIDO (libra)	264$80	269$30
SUÉCIA (coroa)	23$75	24$25
SUÍÇA (franco)	95$25	96$75
VENEZUELA (bolívar)	3$452	4$252

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

UNICAR
Comércio de Automóveis, Lda.
VIATURAS NOVAS E USADAS

Viaturas Usadas

FIAT REGATA 70	1984
CITROËN VISA II	1982
SUPER 5 TL — 3 Portoas	1987
RENAULT 4 GTL	1987
RENAULT 11 TSE	1987
REANULT 5 GTL — 5 Portas	1982
REANULT 5 GTL — 3 Portas	1982
SUPER 5 — 3 Portas	1985

CONDIÇÕES ESPECIAIS DE PAGAMENTO

Abertos aos sábados

Sede: Standes Novos – Av. Liberdade, 114 – Tel. 32 21 35 - 32 33 92
Stand Usados: R. do Telhal, n.º 4 A – 32 22 77
Oficinas: R. Possidónio da Silva, 104 ABC Tel. 60 73 06

RENAULT

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA

7.º Juízo Cível

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução de Sentença n.º 264/H/71 2.ª secção.

Exequentes – Dr. João Norberto da Palma Carlos.

Executado – JOSÉ MÁRIO SIMÕES BERTO e mulher MARIA DA CONCEIÇÃO MATIAS MENDES SIMÕES BERTO, com residência na Av.ª Barbosa du Bocage, n.º 35 em Lisboa, e MARIA FERNANDA BERTO DE SOUSA, residente na Rua Diogo Fernandes, 21-5.º dt.º em Lisboa.

Lisboa, 18 de Janeiro de 1989.

O JUIZ DE DIREITO,
a) *Maria Paula M. Sá Fernandes*
P'O ESCRIVÃO DE DIREITO,
a) *Cândida Maria M. Reinas Lourenço*

«DL» 23/1/89 - 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

O DOUTOR DOMINGOS MANUEL GONÇALVES RODRIGUES, Juiz de Direito da 2.ª Secção do 2.º Juizo Cível de Lisboa:

FAZ SABER que por este Juizo e Secção, correm éditos de 30 dias contados da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio, citando os executados abaixo indicados para, no prazo de 5 dias, posteriores aos éditos, pagar aos exequentes a quantia de 899 189$00, proveniente de dívida, deduzir oposição ou nomear bens à penhora suficientes para esse pagamento sob pena de se considerar devoldido o direito de tal nomeação aos exequentes.

Proc.º 8248 – EXECUÇÃO SUMÁRIA – 2.ª Secção, em que são:

EXEQUENTES: – JOSÉ MARIA TAVARES DA SILVA e outros – Campo do Carvalhal, n.º 48, Beduódo – Estarreja.

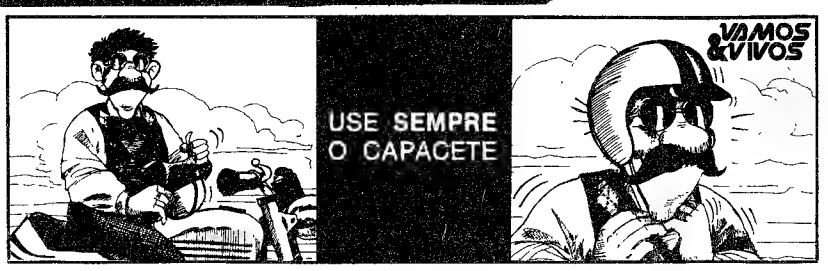
EXECUTADOS: – MANUEL FILIPE TEIXEIRA DA SILVA e esposa ROSA DA CONCEIÇÃO FERREIRA DA SILVA com a última residência conhecida na Rua do Arco Cego n.º 75-2.º Esq.º em Lisboa.

Lisboa, 16 de Janeiro de 1989

O JUIZ DE DIREITO,
a) *Domingos Manuel Gonçalves Rodrigues*

A ESCRIVÃ-ADJUNTA,
a) *Maria da Glória Soares Martins Guerreiro de Morais*

«DL» 23/1/89 - 1.ª Pub.



Um debate que demonstra como os interesses não são os mesmos

ARQUITECTOS E CÂMARA COM DIVERGÊNCIAS: CHIADO PARA CIMA, CHIADO PARA BAIXO

O debate público sobre o incêndio do Chiado, organizado pela Associação dos Arquitectos Portugueses e Sociedade Nacional de Belas Artes, terminou no sábado, com o acentuar de divergências entre aquela Associação e a Câmara Municipal de Lisboa. Durante dois dias o Chiado foi finalmente tema de debate público. Todos quantos estiveram presentes puderam ouvir e intervir. Dizer de sua justiça quanto ao futuro do «coração de Lisboa». Foi um contro frutuoso que pela primeira vez conseguiu despertar o público para este problema. O Presidente da República esteve presente na última sessão do debate e considerou que este «foi muito educativo e demonstrou que as pessoas estão atentas e não querem gato por lebre».

«Incêndio do Chiado...Cinco meses depois», o debate que faltava. Atraiu o público, técnicos e também o Presidente da República

A escolha dos arquitectos que irão trabalhar nos projectos posteriores ao plano geral delineado por Siza Vieira, constituiu o cerne da questão que despoletou as maiores as divergências entre Nuno Abecasis e Teotónio Pereira durante a sessão de sábado. Aquele arquitecto afirmou que «a AAP é firmemente contrária a uma solução que privilegie os currículos dos arquitectos». Teotónio Pereira sublinhou o facto de ter ficado esclarecido que «alguns assuntos que se pensavam resolvidos, afinal não o estão». O presidente da AAP referia-se concretamente à questão da solução curricular na escolha dos arquitectos a incluir na recuperação do Chiado.

Por seu turno, Nuno Abecasis aponta uma solução diferente para este problema. O presidente do Município lisboeta defende que os proprietários dos prédios destruídos pelo incêndio tenham a liberdade de escolher os respectivos arquitectos. É precisamente neste ponto que a AAP discorda, argumentando que o caso do Chiado deve ser tratado como um caso de excepção. Nuno Teotónio Pereira acrescentou que o próprio arquitecto Siza Vieira concorda com a posição da AAP.

AAP e CML: O cão e o gato

António Lamas, manifestou-se «seriamente preocupado» com a situação que se apresenta após cinco meses do incêndio. Segundo o presidente do IPPC, «cinco meses depois do incêndio verifica-se uma desagregação tanto das ruínas como dos projectos».

António Lamas lamentou o facto da Câmara Municipal não ter aproveitado a solução do «concurso de ideias». Sobre este tema Teotónio Pereira lembrou que «as entidades responsáveis, embora aceitando o princípio do concurso, não deram em tempo útil os passos necessários para a sua concretização».

«O público espera que Siza Vieira reconduza o processo ao bom caminho», acrescentou António Lamas. O presidente do IPPC teme que a lógica que domina operações de consolidação seja a de «achar que este ou aquele prédio não vale a pena salvar porque o que se tiver de demolir será reconstruído». Para Nuno Teotónio Pereira «se a arquitectura dependesse apenas dos arquitectos não precisávamos de ter preocupações acerca da reconstrução do Chiado».

Abecasis informou que «no Chiado perdeu-se até hoje um edifício que era impossível recuperar e parte de dois outros vizinhos».

Abecasis igual a si próprio

Assumindo, como se esperava, uma atitude polémica o presidente da edilidade lisboeta foi várias vezes objecto de críticas e intervenções durante o debate. A afirmação de que irá proteger Siza Vieira de possíveis pressões de «lobbies» suscitou por parte da arquitecta Helena Roseta, também presente no debate, a seguinte observação:«Talvez seja o próprio Siza Vieira que nos protege das pressões que se estão a fazer sobre a Câmara».

Siza Vieira, a personalidade mais visada em todo o debate, afirmou que se encontra ainda em estado de «paralisia» criativa . No entanto, adiantou que «a reconstrução do Chiado terá de ser encarada como uma intervenção pontual, limitada e urgente, no enquadramento de vários interesses e integrando aquela zona no todo que a cerca - a Baixa Pombalina».

«Já começamos a elaborar uma proposta de trabalho que apresentaremos à CML», acrescentou o arquitecto portuense divulgando naquela ocasião alguns elementos sobre o Chiado que o seu gabinete de trabalho reuniu.

Soluções do gabinete

Assim, não se verificará nenhuma modificação cadastral, ou seja, o número de lotes será o mesmo; a conservação material de algumas fachadas é praticamente impossível. Para uma melhoria de acessos o gabinete de Sizapreconiza transformações nas zonas periféricas ao Chiado e propõe a passagem de um ramal do Metropolitano na esquina das ruas Garret e Carmo, bem como a construção de uma passagem para Baixa aproveitando uma antiga passagem que foi encontrada no prolongamento das Escadinhas de S. Francisco.

Estas linhas de orientação serão testadas, bem como o seu impacto na zona. Siza Vieira pretende que com elas se dê uma resposta à polémica inicial que se centra nesta questão: transformar muito ou não?

O arquitecto portuense afirmou ter ganho bastante com o debate. «Os problemas emocionais aqui expostos elucidaram-me e um posterior distanciamento vai permitir-me a elaboração de soluções materiais».O projecto global, que será segundo Siza Vieira «frio como um iceberg»; deverá ser apresentado a debate público até Abril ou Maio. E espera-se que entre Julho e Setembro estejam prontos os primeiros projectos para se iniciar a reconstrução.

Problema excepcional soluções de excepção

Para Mário Soares, «o problema do Chiado deve ser encarado como um caso de excepção». O Presidente da República afirmou ainda que «todos os intervenientes se devem esforçar por resolver o caso dentro das possibilidades que o quadro legislativo apresénta».

Por seu turno, Teresa Gouveia, secretária de Estado da Cultura, mostrou-se renitente quanto a uma possível alteração da legislação sobre os contratos de arrendamento, que nesta questão do Chiado é fundamental. No entanto, adiantou que a alteração da lei pode servir para a futura regulamentação de centros históricos.«Neste caso exemplar do Chiado, a alteração da lei poderia suscitar situações perversas», afirmou.

O problema dos contratos de arrendamento está directamente ligado à reocupação dos espaços pelos comerciantes. Durante o debate, o «acordo de cavalheiros», divulgado pela CML, que previa uma base de 2900$00 como preço do metro quadrado para a área (e não terreno como por engano divulgámos) ocupada pelos estabelecimentos reconstruídos foi recusado por um representante dos comerciantes da zona sinistrada.

ESGOTOS DE LISBOA: UM MUNDO DESCONHECIDO SOB OS PÉS

Victor Bandarra
Lusa/«DL»

Ninguém sabe exactamente o que se passa debaixo dos nossos pés, ao longo dos 700 quilómetros de esgotos de Lisboa.

É um mundo desconhecido e em boa parte deteriorado onde coexistem ratazanas, fios da electricidade e telefones, canalizações de água e os dejectos naturais de um milhão de pessoas.

Actualmente, não existe nenhum cadastro actualizado da implantação e características dos esgotos de Lisboa e os serviços camarários «perderam» completamente de vista 200 quilómetros dessas canalizações, sobretudo na parte antiga da cidade.

O vereador camarário responsável pelo pelouro, Magalhães Pacheco, reconhece que os serviços não sabem por onde passam 200 quilómetros de esgotos e sublinha que «há locais de Lisboa onde é preciso resolver problemas urgentes, nesse aspecto».

Há quem diga que a falta de cadastro actualizado se deve ao medo que o regime de Salazar tinha dos atentados. Recordam a abortada tentativa de liquidar o ex-presidente do Conselho, nos anos 30, com a colocação de uma carga explosiva nos esgotos da zona das Avenidas Novas, por onde o seu carro haveria de passar.

Salazar não morreu na altura e os esgotos ficaram lá, inocentes e sem cadastro actualizado, até hoje.

Descoordenação entre serviços

No que toca a esgotos, há também casos graves de descoordenação entre os vários serviços públicos da capital. Na Avenida 24 de Julho, por exemplo, os esgotos foram utilizados para a colocação de fios eléctricos da EDP. Noutros pontos da cidade, a confusão é maior e acumulam-se também os fios dos telefones e as canalizações da EPAL.

Magalhães Pacheco revela que «vai sair brevemente um despacho para criar uma comissão que ataque de imediato o problema desta descoordenação» entre as várias empresas e a Câmara.

Há dois anos e meio, a Câmara Municipal decidiu que era preciso inspeccionar os esgotos e começar a elaborar um cadastro em condições, lançando um concurso internacional para o efeito.

São mais de 400 anos da história subterrânea de Lisboa, que só agora começou a ser «escrita», ou antes, filmada por uma empresa de Setúbal que utiliza quatro carrinhos equipados com câmaras vídeo para diagnosticar o estado dos esgotos lisboetas.

A empresa de Setúbal, que ganhou o concurso internacional, atrasou-se na fase da inspecção mas tem agora 18 meses para apresentar os resultados das filmagens e para efectuar os estudos necessários à elaboração de um futuro cadastro computadorizado dos esgotos da capital.

Arranjar sem buracos

«Sem fazer um buraco é possível conservar e arranjar os esgotos de Lisboa», assegura João Silvestre, sócio-gerente da firma de Setúbal.

Utilizando um carrinho telecomandado munido de uma câmara de vídeo fixa e assente num jogo de rodas, e outro com cabeça orientável, os técnicos da firma de Setúbal foram filmando e registando os dados e as características dos esgotos de várias zonas, de uma tampa a outra. Por dentro dos esgotos, os carrinhos avançam lentamente sobre os dejectos e param, de vez em quando, quando se torna completamente impossível avançar devido à acumulação de pedras e terra.

No entanto, até há alguns anos atrás, os serviços da Câmara Municipal de Lisboa ignoravam a existência de equipamento que possibilitasse a inspecção dos esgotos sem abrir grandes buracos, explica o vereador camarário, Magalhães Pacheco.

Em poucas semanas, os homens da empresa de Setúbal filmaram 11 horas de material vídeo e detectaram várias anomalias e rombos nos esgotos das zonas das Olaias, Cais do Sodré, Areeiro, Janelas Verdes e Restelo.

Nalguns casos, a situação é caricata. «Sabe-se que a água passa numa determinada boca de esgotos e que deveria seguir para a seguinte, mas a água não chega lá, não se sabe para onde vai», explica João Silvestre.

Esgotos de maré-baixa

Uma história exemplar: na maré-alta do Tejo, os esgotos do Estado-Maior da Armada Portuguesa, na Praça do Comércio, deixam de funcionar e a solução é esperar que ela baixe. Um caso mais grave ocorre em S. Bento, onde os esgotos passam exactamente por debaixo de dezenas de edifícios, quase inacessíveis a quem quiser desentupir as condutas.

Parece natural que esgotos com mais de 400 anos comecem a dar de si, mas no moderno Bairro das Olaias, construído há menos de 10 anos, grande parte dos esgotos estão também rachados e meio entupidos, explica João Silvestre.

Aqui, foi um deslocamento de terras que provocou a deterioração dos esgotos, mas na zona do Areeiro a destruição dos túneis acelerou-se quando um laboratório começou a lançar produtos ácidos para debaixo da terra.

«Ninguém sabia que aquilo estava partido e numa destas zonas das Olaias é preciso actuar imediatamente, mas aquilo não vai cair depois de amanhã», assegura Magalhães Pacheco.

Lusa/«DL»

Apenas desde há duas décadas a fiscalização aos esgotos se tornou uma prática corrente e o vereador admite também que tenha havido falhas nesse aspecto.

No Areeiro ou nas Olaias, nas Janelas Verdes ou no Cais do Sodré, a situação dos cerca de 700 quilómetros de esgotos de Lisboa deixa algo a desejar.

Os ratos atacam em massa

Ao longo das 11 horas de vídeo podem ver-se muitas rachas em esgotos construídos há relativamente pouco tempo. Mas é nos velhos esgotos de cascão (lajes de pedra assentes em quadrado), anteriores ao marquês de Pombal, que os ratos atacam em massa, abrem galerias ao lado e atulham tudo com pedras, no Cais do Sodré ou em Alcântara.

Na Mouraria, por exemplo, os esgotos são velhíssimos, ovóides, em tijolo, e também não se sabe muito bem por onde passam. Mas o pior acontece nas Janelas Verdes, onde os técnicos de Setúbal passaram dois dias a tentar encontrar um deles.

Exemplo do desconhecimento do trajecto dos esgotos da capital é a construção de uma casa de banho no Instituto de Socorros a Náufragos, no Cais do Sodré, exactamente por cima de uma velha tampa de esgoto que não é utilizada. «O cano dá uma volta larga até a outro esgoto quando poderia entrar directamente pela tampa que está por baixo», refere João Silvestre.

Para já, a empresa trabalha na elaboração de um cadastro das zonas já inspeccionadas, utilizando mesmo um «inclinómetro», aparelho que permite medir as inclinações do terreno.

Nos mapas de localização de esgotos utilizados actualmente pela câmara não está geralmente indicada a inclinação, o ângulo ou a profundidade dos esgotos de algumas zonas, o que torna a sua utilização um autêntico quebra-cabeças.

Uma manga repara os estragos

No futuro, os esgotos da capital poderão ser reparados através da chamada «técnica de manga», já utilizada em outros países. Uma manga com uma cola viscosa é metida no esgoto e soprada, através de ar quente, dilatando em seguida e aderindo à parede já existente, tapando os estragos. «Podem utilizar-se várias camadas, conforme for preciso ao longo dos anos», explica João Silvestre.

Magalhães Pacheco salienta que «nada está decidido» quanto ao método a utilizar na reparação dos esgotos de Lisboa e recorda que «o equipamento com aquele método é relativamente caro».

A câmara municipal já comprou, por 33 mil contos, os quatro pequenos carros, juntamente com a furgoneta onde está instalada a aparelhagem vídeo, que serão no futuro utilizados pelos técnicos camarários.

Mas o contrato da câmara com a empresa de Setúbal já levantou alguns problemas. A Direcção do Gabinete de Intercepção e Tratamento de Águas Residuais de Lisboa (Garlis) propôs há vários meses atrás a rescisão do contrato estabelecido por alegado incumprimento dos prazos de entrega do material.

No entanto, tanto o presidente Nuno Abecasis como o vereador Magalhães Pacheco consideram necessário dar uma segunda oportunidade àquela empresa portuguesa. «A única base de dúvida é a opinião do director do Garlis (Ferreira de Almeida), mas não vou agora perturbar um trabalho que já vai a meio...», comenta Magalhães Pacheco. «Se chegarmos à conclusão de que a empresa não é capaz de cumprir, então a história é outra», adianta.

Magalhães Pacheco considera que o Departamento de Arruamentos e Esgotos do Serviço de Obras também tem uma palavra a dizer, na sua qualidade de responsável pela conservação da rede, pelo que o projecto da empresa de Setúbal está agora sob a sua alçada.

João Silvestre garante que o trabalho está pronto dentro de 18 meses. Para ele, esta primeira experiência em Lisboa é apenas o princípio de um negócio que poderá levar a sua firma a alugar ou a vender os pequenos carros (entre 2200 e 2800 contos cada) a todas as câmaras municipais do País com problemas de esgotos.

Por isso, a sua empresa tem todo o interesse em cumprir na íntegra o contrato com a Câmara de Lisboa. «Sem fazer um único buraco, é possível conservar e arranjar todos os esgotos», garante João Silvestre.

Mais uma iniciativa dos Amigos do Tejo

JOVENS QUEREM VIGIAR O TEJO MAS NÃO SUBSTITUEM GUARDAS

Julio Rodrigues

Do Tejo se vive, nele se vive. Há quem nele, com efeito, ganhe a vida. Cada vez menos, há que dizê-lo Dizem-no os Amigos do Tejo. Do Carlos Salgado (agora com barbas, à marinheiro), do Gilberto e do António Nabais (um estudioso das coisas do Seixal, que à museologia alia a vigilância do património do maior e mais importante rio português), ao biólogo Antunes Dias, que reparte o seu tempo entre a Reserva Natural do Ruio Sado e a Reserva (natural, está claro) do Tejo. Mas é o Teófilo que faz as honras do Tejo com as suas divinais caldeiradas de peixe do rio. Teófilo, cozinheiro emérito, que é um estandarte dos Amigos do Tejo.

Amigos do Tejo que, como todos sabem, nos aparecem, de vez em quando, com projectos, programas e iniciativas. Vejam só: lembraram-se agora de nos propor a «Vigilância e Defesa do Ambiente» nas zonas ribeirinhas do maior curso fluvial português. Para que não haja confusão e não se infiram dessa preocupação quaisquer outras motivações. Como do cimento, por exemplo. Ambiente, apenas isso.

«A vigilância está na alma de todos nós, mas não somos polícias - disse Carlos Salgado, secretário-Geral da AAT (Associação dos Amigos do Tejo ao «DL». A vigilância que anuncia a referida Associação, nada tem a ver com tarefas de fiscalização. Passa pela «sensibilização das gemtes ribeirinhas», acrescenta o nosso interlocutor. Daí a razão doprimeiro curso para jovens vigilantes do «Vida - Tejo», assim se designa esta iniciativa, em que participam vinte jovens. Vinte jovens que durante 120 horas se relacionarão com as principais actividades do rio.

Dois jovens dois «casos»

Por dentro deste curso, em que o «Diário de Lisboa» entrou depois de ouvir Carlos Salgado, a dra. Maria José Costa (professora da Faculdade de Ciências de Lisboa) , o comandante Almeida Fernandes, do Instituto Nacional do Ambiente, e o engº Nunes dos Santos, da Direcção da Hidráulica do Tejo, dois casos saltaram às vistas de alguns.

José Francisco Correia de Oliveira, 27 anos, bombeiro (dos Voluntários de Alhandra) há doze, quer tirar a carta de marinheiro. Além de bombeiro, é, que diz que o quartel dos BV de Alhandra é, muitas das vezes, a sua primeira «casa» («Não há dia que não vá aí», frisou-nos), é também nadador-salvador. Em Alhandra, como devem adivinhar, isso é importante: nunca se sabe quando é que o Tejo, aborrecido com a modorra, ciclopicamente, se lembra de traduzir nos levantamentos da maré, a sua fúria. E quando assim é, a cheia espreita, com um desesperado cortejo de prejuízos e preocupações.

Pois Correia de Oliveira, três anos ao serviço dos Amigos do Tejo, fidelidade mais que provada e comprovada, quer ser marinheiro encartado e nadador-salvador.

Com Alexandra Neto, «Chana» para as amigos e os amigos, uma ginasta com cartaz nacional que ainda recentemente esteve, em representação de Portugal, nos « Mundiais» da especialidade, na Bélgica, passa-se este fenómeno curiosioso: sente ter energias para tudo o que motive os jovens, e por isso está com os Amigos do Tejo nesta interessante luta.

Tem uma importante contrariedade: o facto de estudar (medicina) em Coimbra, onde de resto (já no 2º ano) se sente bem, como disse ao «Diário de Lisboa». Frisou, na circunstância, ao nosso jornal: «Vai ser-me muito difícil, mas acompanharei, até onde puder, este curso. Vou tentar aguentar também esta batalha», acrescentou.

Há uma coisa que esta jovem (quase vinte anos) não dispensa nem troca: a ginástica, que na «Cimpor» de Alhandra, clube que representa, tem como orientador o professor Gil Mota. «Não, não troco a ginástica por nada, nem, obviamente, pelo Tejo. Sabe - acrescentou -. é que já não sei viver sem ela, sem a ginástica».

Primeira lição prática no Tejo

O mouchão de Alhandra servirá, nos próximos três meses, ante ameaça de Inverno, de centro de apoio aos vinte jovens (que naturalmente foram seleccionados, embora a ideia custe muito ao secretário dos BV de Alhandra, Manuel Simões) aceites neste curso.

O curioso desta iniciativa é que, sem ter o apoio implícito ou explícito do Fundo Social Europeu ou organização quejanda, nem nele ter papel preponderante - como se poderia julgar - do Serviço Nacional de Parques e Reservas Naturais - , é que irá para a frente com a colaboração dos Municípios ribeirinhos, do INA, dos Serviços da Hidráulica do Vale do Tejo (que tem entre mãos uma interessante verba para a aliciante empreitada de limpeza das ribeiras da zona).

Oito horas, aos sábados, preencherão, durante cerca de vinte semanas, este curso. Todos os que chegarem ao seu termo, de Vila Franca, Almada, Alverca e Alhandra (de onde é Alexandra Neto, entre outros), estarão preparados para ministrarem cursos de «Vigilância e Defesa do Ambiente do Rio Tejo», a partir já do próximo Verão. Quantos chegarão ao fim ?

Parceiros sociais na mira dos Amigos

Este curso (para vigilância e defesa do ambiente do Tejo) está no rio, mas os Amigos do Tejo não páram. Carlos Salgado admitiu aoDL» a promoção de um Encontro Nacional dos Parceiros Económicos Ligados ao Tejo, isto é, que vivem do, para e no rio em questão. É mais uma arrojada iniciativa desta Associação que se diz ambientalista e não ecologista.

Que - como disse Carlos Salgado num breve encontro com representantes da Comunicação Social no passado sábado, na Quinta Municipal (de Vila Franca de Xira) de Subserra, em Alhandra - «aceita a existência de entidades industriais úteis ao progreso do País, mas luta para que não poluam o rio Tejo e outros rios».

As suas anteriores iniciativas abonam a sua missão e iniciativas, nomeadamente a promoção do II Encontro de Municípios Ribeirinhos e, mais recentemente, a «Juventejo», no último Verão, a que o «DL» se referiu desenvolvidamente. Cartaz não lhe falta, podendo gabar-se,face aos parcos meios de que dispõe, que a obra está acima, muito acima, do que humanamente lhe poderia ser exigido.

Neste momento, tem uma proposta de intervenção social que não é menos aliciante que tudo o que atrás se enfatiza: a de chamar a atenção das diversas (que são muitas) entidades que têm a ver com o Tejo, sob a necessidade de preservar as inúmeras potencialidades do rio nos domínios dos recursos fluviais, da fauna e da flora. E mais: sobre a urgência em preservar, reunir e conservar os trabalhos culturais e artísticos que tenham por base a beleza e sugestividade do Tejo.

Alguns termos para decorar

Não se espante, todo o que neste curso está inscrito e sábado visitou- na primeira lição prática - o Mouchão de Alhandra, onde foi recebido por João Franco, que trocou a «Quimigal» pelo trabalho agronómico de facto, pelas exigências teóricas e vocabulares que este teste contínuo implica.

As noções elementares de embarcações, nas suas generalidades, comportam, com efeito, muitos termos terminológicas, desde barco - um flutuador de forma alongada com as extremidades mais ou menos adelgaçadas -, a proa ou vante (a extremidade dianteira desse mesmo ou outro barco, destinada a cortar a água, oferecendo-lhe a manor resistência), a fundo, costado (a parte lateral externa do casco), amurada, meio navio, comoprimentos (entre perpendiculares, total ou mãximo), plano de flutuação, boca pu pontal. Outor termos (nomenclatura de construção): quilha, balizas, talhamar, borda falsa, porão, leme, paióis, patilhão, etc.

O curso «abre» o casco, mostra o que é, explica todos os seus segredos, a sua importância na água, referindo a apostura, caverna, emenda, capelo,etc, O que é a enora (abertura feita no convés para dar passagens aos mastros), vigias (aberturas feitas nos pavimentod ou cabines), robaletes, verdugo, costado (liso e trincado) e boeiras.

Entra também nos terrenos das embarcações miúdas e de um modo geral nos barcos de cruzeiro, barcos de competição ou regata.

O programa de curso abrange áreas temáticas como a dinamização social, dinâmica do grupo,animação cultural, publicidade, secretariado, reportagem (jornalismo, rádio, fotografia, vídeo-cine e som), património natural (ecologia, educação ambiental e protecção da natureza), património cultural (história, sócio-cultura, património náutico e museologia) e operacional-Tejo (vigilância, marinharia e navegação, cartografia, apoio e segurança à navegação, salvamento e socorrismo, transmissões, ecoturismo e autosuficiência no terreno).

A INDÚSTRIA ITALIANA DO VESTUÁRIO TRIUNFA GRAÇAS AO ESTILO

Ao contrário da indústria do vestuário da maior parte dos outros países industrializados, o sector de Itália conseguiu de um modo notável resolver o duplo problema do aumento dos custos de produção no interior e da concorrência asiática.

Esse êxito só em parte se explica pela sua capacidade de oferecer à clientela produtos atraentes e modernos. Na verdade, a indústria italiana do vestuário foi submetida a uma reestruturação draconiana entre 1976 e 1985, segundo um novo estudo do BIT. Depois de ter atravessado uma grave crise de 1975 até ao fim da década, conseguiu obter resultados brilhantes de 1980 a 1985. Os fabricantes de vestuário combateram a concorrência estrangeira e atenuaram os efeitos do aumento dos custos de produção essencialmente de duas maneiras: descentralização das grandes sociedades e agrupamento dos artesãos em unidades de fabrico.

O problema do ajustamento parecia de início absolutamente intransponível. No exterior, a indústria era confrontada com taxas de câmbios voláteis e com a concorrência crescente dos países recentemente industrializados. No interior, a produtividade do trabalho era estacionária, os custos da mão-de-obra subiam em flecha, a inflação era maior do que nos outros países avançados, e a estrutura financeira das grandes sociedades do sector do vestuário era fraca.

Foi o estilo italiano uma das chaves do êxito obtido pela indústria, porque contribuiu para manter as vendas em níveis elevados, visto os consumidores estarem dispostos, em certos mercados, a pagar a roupa da moda mais cara. Entretanto, as inovações dos processos de fabrico, assim como a introdução e a difusão de novas tecnologias, contribuíram para um forte aumento da produtividade.

«No entanto, a chave do sucesso italiano parece ter residido nas melhorias da organização da indústria», explica o estudo. Criou-se uma estrutura mais maleável graças à divisão das grandes empresas manufactoras, à integração vertical numa vasta rede de unidades de produção de pequenas e médias dimensões, nas quais o «centro» só tinha funções financeiras e comerciais. Simultaneamente, durante uma fase de transição, as zonas artesanais tradicionais dos têxteis e do vestuário feito à mão, situadas principalmente nas regiões menos industrializadas do Nordeste e do Centro, transformaram-se em distritos industriais. Os artesãos tornaram-se subdirectores de grandes empresas ou mesmo empresários propriamente ditos.

Durante a fase de reestruturação foram as grandes empresas quem perdeu mais postos de trabalho. O efeito das novas tecnologias foi agravado pela transferência para outros locais dos processos com maior intensidade de mão-de-obra. Calcula-se que nas empresas com um mínimo de 50 trabalhadores, o emprego desceu de 126 000 a 79 000 entre 1980 e 1985. O número de pessoas a trabalhar por conta própria manteve-se mais ou menos estável.

A passagem da capacidade de produção das grandes empresas para os pequenos produtores explica-se essencialmente pela diferença dos custos de mão-de-obra. Segundo os números disponíveis, pode haver uns 25% de diferença nos custos horários da mão-de-obra das empresas têxteis vulgares e nos dos trabalhadores independentes, incluindo os artesãos e os trabalhadores ao domicílio. Os custos, para além dos salariais, são menores, e as regras relativas ao despedimento são menos estritas nas pequenas empresas e nas oficinas artesanais.

No seu conjunto, segundo o estudo, a passagem para as zonas de salários baixos das regiões menos industrializadas de Itália, ajudou a reduzir os custos. Algumas empresas também se especializaram nos produtos de prestígio com rendimento elevado e fraca elasticidade em relação aos preços. Para mais, as sociedades vendem por intermédio de circuitos de distribuição seleccionados, para os quais a concorrência em matéria de preços é menos importante, isto é, através de lojas exclusivas e não de armazéns de múltiplas sucursais.

Em Itália, 80% do vestuário é vendido por comerciantes independentes, ao passo que na Alemanha Federal a percentagem é de 25% e no Reino Unido de 9%. É isto que parece ser uma das principais razões devido às quais a penetração das importações é tão fraca, porque é mais difícil para os produtores estrangeiros serem admitidos no mercado italiano. Embora a penetração das importações tenha passado para 15,6% em 1986, ela continua a ser mais fraca do que em muitos outros países industrializados.

O comércio do vestuário de Itália é tradicionalmente excedentário. As exportações absorvem uma grande parte da produção: 20% do vestuário propriamente dito, mais de 50% de acessórios e 36,7% de todo o sector, em 1986. O efeito de proteccionismo no quadro do acordo multifibras levou mais a mudanças do que a uma redução das importações, e a concorrência estrangeira é principalmente devido aos outros membros da Comunidade Económica Europeia.

A elevada proporção de vestuário nas exportações totais de Itália é atribuída em grande medida a factores estranhos aos preços, principalmente à maior competitividade do vestuário de qualidade. A moda, o estilo, a diferenciação dos produtos e das estratégias introduzidas pelas marcas deram origem a um crescimento regular do valor unitário das exportações entre 1971 e 1986.

O valor unitário das exportações de vestuário era dez vezes mais elevado em 1985 do que em 1971, mas o das importações só era quatro vezes maior.

A competitividade dos preços italianos no domínio do vestuário também foi atribuído às frequentes desvalorizações da lira durante a última década. No entanto, o estudo aconselha a não exagerar os seus efeitos e nota que essencialmente eles não passaram de reajustamentos às diferenças das taxas de inflação no quadro do sistema monetário europeu e consequentemente não foram um estímulo suplementar para as exportações.

O principal trunfo da indústria italiana do vestuário é o facto de ela ter sido capaz de explorar as ocasiões oferecidas pela evolução das tendências graças a um sistema de manufactura extremamente flexível, por exemplo passando para o fabrido de fatos completos e conjuntos de superior qualidade para homens e mulheres. No entanto, a concorrência aumenta incessantemente e o excedente comercial da indústria italiana d vestuário poderia começar pela primeira vez a declinar. Conscientes deste risco, as principais empresas orientam-se para a internacionalização comercial que visa criar redes de franquia estrangeira.

«No entanto, só os grandes produtores de vestuário são capazes de controlar directamente a rede de vendas ao estrangeiro, e é só nos Estados Unidos e em França que as suas partes do mercado têm alguma importância», conclui o estudo. «No Reino Unido e na República Federal da Alemanha, onde os grandes armazéns e as múltiplas sucursais ocupam um lugar mais importante, as suas partes do mercado mantêm-se fracas».

24 HORAS

ETA acorda negocições com governo espanhol

A organização separatista basca ETA, anunciou hoje que chegou a um acordo com o governo espanhol , para a realização de conversações em Argel, e prorrogou por 63 dias a trégua unilateral declarada no princípio de Janeiro. A ETA afirma que depois do início das tréguas, no passado dia 8, realizou-se um encontro na Argélia entre enviados do governo e do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), com uma delegação da ETA.Os "etarras" afirmam que a reunião durou várias horas e foram abordados "aspectos de ordem metodológica e prática política, para clarificar posições quanto ao alcance, condicionantes e formação de uma mesa de conversações políticas". Os guerrilheiros da ETA ficaram satisfeitos com esta reunião, consideram que houve um degelo nas atitudes do governo espanhol, e afirmam que ela "constituiu um avanço positivo, pois foram tratados vários temas que eram considerados práticamente inabordáveis". O governo de Madrid que tem rejeitado todas as propostas de diálogo com a ETA, recusou comentar a prorrogação da trégua dada pelos guerrilehrios bascos, e afirmou: "é sempre positivo que a ETA deixe de matar".

Coreias preparam aproximação

A Coreia do Sul confirmou hoje que vai enviar funcionários à fronteira com a Coreia do Norte, no próximo mês, a fim de preparar o primeiro encontro de sempre entre os primeiros-ministros dos dois países. O primeiro-ministro sul-coreano, em carta dirigida ao seu homólogo da Coreia do Norte, afirmou que visitas às duas capitais podem ajudar a ultrapassar a desconfiança acumulada desde a guerra da Coreia de 1950-1953. Delegações de 5 elementos, lideradas por vice-menistros, devem encontrar-se a 8 de Fevereiro, na aldeia fronteiriça de Panmunjon, a fim de preparar a reunião entre os dois chefes de governo.

Zâmbia pede fim do apoio à UNITA

O presidente da Zâmbia e dos estados da Linha da Frente, Kenneth Kaunda, incitou sábado, o novo presidente americano, George Bush, a cessar o apoio ao movimento rebelde angolano UNITA. "O presidente Bush tem de dar um passo ousado na via da reconciliação na África Austral. O melhor que pode fazer nesse sentido é acabar com o apoio da administração dos Estados Unidos a Savimbi e aos seus bandidos da UNITA" afirmou Kenneth Kaunda. O presidente zambiano pediu ainda a George Bush, para oferecer asilo nos Estados Unidos ao líder da UNITA, Jonas Savimbi, abrindo assim caminho para uma paz negociada que acabe com a guerra civil angolana.

O conflito Irão-Iraque

O enviado especial da ONU, Jan Eliasson, visita a partir de hoje o Irão e o Iraque, para tentar impulsionar as negociações de paz entre os dois países. O representante da ONU recolherá dados, para depois aconselhar Perez de Cuellar sobre a data do recomeço das conversações de paz entre os dois países. O Irão e o Iraque efectuaram conversações infrutíferas em Nova York e Genebra, depois do cessar-fogo que começou em Agosto de 1988. Na próxima semana, serão repatriados pela Cruz Vermelha 255 prisioneiros iranianos, doentes ou feridos, que o Iraque decidiu libertar.

Dubcek critica governo checo

A actual crise na Checoslováquia deve-se à insatisfação da juventude, disse Alexander Dubcek, líder do movimento reformista "Primavera de Praga" de 1968. "Os jovens pedem um diálogo, gostariam de fazer perguntas, mas ninguém os ouve" afirmou Dubcek numa entrevista hoje publicada no jornal comunista italiano "L'Unita". Dubcek afirma ainda que a reforma política é essencial para aliviar a estagnação económica e cultural da Checoslováquia. Na semana passada, em Praga, a polícia prendeu mais de 800 pessoas, durante a maior vaga de protestos políticos na Checoslováquia desde a invasão soviética, em 1968.

Confrontos em Los Angeles: 16 mortos

Pelo menos 16 pessoas foram mortas, na onda de violência que durante o fim de semana assolou a cidade de Los Angeles. A violência começou sábado, quando um bando de criminosos assassinou uma pessoa e feriu outras duas. Algumas das vítimas eram chefes de quadrilhas juvenis. A vaga de assassínios abrangeu Los Angeles e arredores, sem que a polícia consiga estabelecer qualquer relação entre os diferentes assassínios.

Depois da Arménia outra república soviética abalada por um tremor de terra

SISMO CAUSA 1400 MORTOS NO TAGIQUISTÃO

Um forte sismo que ontem se fez sentir na República soviética do Tagiquistão provocou um desabamento de terras que soterrou duas aldeias, matando pelo menos 1.400 pessoas - segundo um porta-voz da representação tajique em Moscovo. A mesma fonte disse o tremor de terra, que ocorreu às 5 e 23 locais (23 e 02 horas de ontem em Lisboa), provocou também extensos danos em duas outras aldeias. Acrescentou que o número de vítimas pode ser superior ao inicialmente indicado.

Um funcionário do centro sismológico em Dushanbe, capital do Tagiquistão, afirmou que o abalo provocou um desmoronamento que soterrou as 52 casas de barro da aldeia de Akulibolkho.

Wquipas de salvamento deslocaram-se para a aldeia e iniciaram as buscas para encontrar sobreviventes - afirmou o funcionário em delcarações prestadas, pelo telefone, a uma agência noticiosa.

O funcionário, que não se identificou, salientou que as famílias na região costumam ser grandes. Acrescentou que cada casa costuma ser habitada por oito a dez pessoas, mas que não se sabia por enquanto o número exacto de mortos e feridos.

Duas outras localidades situadas na área abrangida pelo sismo ficam menos danificadas, referiu o mesmo funcionário.

O sismo abalou a parte sudoeste da república, localizada a norte do Afeganistão e fronteira com a China.

O abalo atingiu uma magnitude de seis graus na escala de Richter e sete na escala soviética de 12 pontos.

Segundo a agência noticiosa oficial soviética Tass o sismo provocou "destruição e vítimas".

O epicentro situou-se 50 quilómetros a sudoeste da capital da república, Dushanbe.

No passado dia 7 de Dezembro, a república soviética da Arménia foi assolada por um violento terramoto.

EUA impõem expulsão dos «extremistas» como condição para apoiar a OLP

Os Estados Unidos estão dispostos a apoiar a participação da Organização de Libertação da Palestina nas negociações de paz para o Médio Oriente se esta organização expulsar determinados elementos e desmantelar a guerrilha, disse uma fonte da OLP.

Esta fonte, próxima do líder da OLP, Yasser Arafat, mas que se recusou a ser identificada, afirmou que estas condições foram divulgadas pelo embaixador norte-americano em Tunes, Robert Pellettreau, único diplomata autorizado pela Casa Branca a manter contactos com a OLP.

«Os Estados Unidos afirmaram que a aceitação destas condições podem qualificar a OLP para desempenhar um papel no processo de paz», disse a referida fonte, recusando-se a esclarecer quando foi feita esta proposta.

«Pellettreau apresentou uma lista dos dirigentes da OLP considerados pelos Estados Unidos como terroristas e que pretende ver expulsos», declarou este palestiniano, afirmando que entre os mais destacados se encontra «o líder da Frente de Libertação da Palestina, Mohammed (Abu) Abbas».

De acordo com investigações da CIA, Abbas é responsável pela organização do ataque ao cruzeiro «Achille Lauro», durante o qual foi morto um passageiro norte-americano.

Os Estados Unidos exigem igualmente, segundo a referida fonte, o desmantelamento da Força 17, integrada na Fatha – principal facção da OLP – e destinada a garantir a segurança de Yasser Arafat.

Outra das condições seria o reforço das relações entre a OLP e a Jordânia através de uma confederação. A OLP concorda com a criação dessa confederação, mas apenas depois do estabelecimento de um Estado palestiniano.

«A OLP considera muito difícil aceitar as condições impostas pelos Estados Unidos, mas apresentou contrapropostas», adiantou a mesma fonte.

Entretanto o líder da OLP, Yasser Arafat, apelou aos líderes dos países árabes para ajudarem a população nos territórios ocupados a enfrentar a repressão das forças israelitas.

Num comunicado distribuído em Nicósia, Arafat pediu aos «reis, presidentes e príncipes herdeiros» árabes que utilizem todos os seus esforços para acabar com as medidas de repressão do «exército de ocupação e o seu terrorismo organizado contra a população palestiniana».

A questão dos reféns norte-americanos

O presidente norte-americano George Bush, afirmou que não fará concessões para resolver a questão dos reféns norte-americanos, mas adiantou que os Estados Unidos seriam generosos para com os países que facilitassem a sua libertação.

Em conferência de Imprensa efectuada na sala oval da Casa Branca, onde se sentou acompanhado pela sua mãe, de 87 anos, Bush declarou:

«Quero sublinhar que aqueles que demonstrarem boa vontade, receberão boa vontade.»

Sem referir nenhum país em especial, Bush deu a entender que a sua administração não estava disposta a ceder «para salvar preciosas vidas humanas».

Não obstante melhoria de relações com a URSS

Casa Branca diz que «guerra fria» ainda não acabou

O conselheiro de Segurança Nacional da Casa Branca, Brent Scowcroft, afirmou que a «guerra fria não terminou» apesar da melhoria das relações com a União Soviética.

Em entrevista à cadeia de televisão ABC, durante a qual revelou algumas das prioridades da nova administração, Scowcroft disse que o líder soviético, Mikhail Gorbachev, necessita de um período de desanuviamento para se dedicar ao problema do relançamento económico do seu país.

O conselheiro da Casa Branca considera que isso não significa que Gorbachev não continue interessado em «levantar problemas à Aliança Atlântica» e que «acredite que a melhor forma de o fazer é lançar uma ofensiva de paz mais do que condenar a política seguida por alguns dos seus antecessores».

Referindo-se às prioridades do novo governo, Scowcroft defendeu uma revisão profunda de toda a estratégia de defesa e segurança dos Estados Unidos.

O responsável da Casa Branca manifestou reservas acerca de alguns aspectos da política de desarmamento da administração Reagan, designadamente quanto ao seu apoio a uma redução de 50 por cento das armas nucleares estratégicas.

Scowcroft revelou que a administração do presidente George Bush poderá vir a alterar algumas das propostas norte-americanas às conversações sobre desarmamento de Genebra, que deverão ser retomadas no próximo dia 15.

Scowcroft defendeu o desenvolvimento do míssil móvel «Midgetman» em lugar de colocar os mísseis «MX» sobre carris, considerando-o como uma das decisões mais importantes a tomar pela administração antes de 15 de Fevereiro.

O «Midgetman», um míssil com uma ogiva nuclear, é muito mais caro que o «MX» sobre carris, mas os técnicos consideram que seria menos vulnerável no caso de um ataque nuclear.

Para o conselheiro de Segurança Nacional, a partir de agora a «capacodade de sobrevivência» dos mísseis dos arsenais dos Estados Unidos e da União Soviética será um factor determinante, tendo em conta que todas as negociações tendem para a redução destas armas.

Bush: primeiro dia na Sala Oval começou às 7 horas e 30 minutos

O presidente norte-americano, George Bush, começou o seu dia de trabalho, às 7.30 horas de hoje (12.30 horas de Lisboa), na Sala Oval, com uma agenda repleta de problemas, anunciou o chefe de gabinete, John Sununu.

Depois de cinco dias de festejos pela transição na presidência, Bush teve a sua primeira reunião de trabalho na Casa Branca marcada às 7.30 horas, com prévia análise de documentos e um encontro oficial com o gabinete.

Em paralelo a essa reunião, realiza-se em Washington uma manifestação contra a legalização do aborto, a que a organização espera uma afluência de mais de 100 000 pessoas.

A manifestação coincide com o décimo sexto aniversário da determinação do Supremo Tribunal legalizando o aborto e culmina uma série de protestos, durante esta semana, na capital norte-americana, que levou à detenção de meio milhar de pessoas.

Bush, critico da liberalização do aborto, deverá tornar hoje pública uma posição sobre a questão, dado que durante a campanha eleitoral para a presidência fez declarações contraditórias, primeiro advogando castigo para a mulher que aborta e depois, corrigindo-se, pedindo-o para o médico que pratica a intervenção.

O aborto divide a sociedade norte-americana, sobretudo depois dos oito anos da presidência de Ronald Reagan, que tentou em vão revogar a legislação em vigor.

Uma sondagem publicada domingo pelo jornal «New York Times» referia que 60 por cento dos norte-americanos considera que cabe à mulher decidir sobre o aborto mas que menos de 50 por cento é contra a actual legislação, que o permite abertamente.

Na terça-feira, Bush reunir-se-á com líderes do Congresso para conferenciarem sobre os objectivos, especialmente sobre os métodos para redução do défice orçamental. Numa entrevista dada domingo à revitsa «Newsweek», Bush disse que tanto ele como o Congresso têm esperanças em conseguir enfrentar o problema do défice nos primeiros cem dias da administração mas que não crê que o êxito ou fracasso do seu governo dependa disso.

«Gosto de pensar que daqui até lá poderemos ver alguma nova iniciativa de política externa» — acrescentou.

Outra das questões que começam a ser debatidas esta semana é a indigitação do senador texano John Tower para o Departamento da Defesa, com as audiências para confirmação no cargo que se espera que sejam complexas.

O democrata Sam Nunn, presidente da Comissão para os Assuntos Militares do Senado, declarou, domingo, que serão estudadas as eventuais situações de conflitos de interesss, dado que ele foi assessor de fabricantes de armas. Disse, no entanto, que Tower está «preparado» para o cargo e conseguirá a aprovação do Senado.

Caso seja confirmado no Departamento da Defesa, Tower, de 63 anos, terá a seu cargo a redução do orçamento de defesa em mais de 300 000 milhões de dólares sem com isso afectar a imagem e projecção de força dos Estados Unidos.

A redução orçamental implicará cortes em alguns programas de armamentos e atrasos na produção de outros. Segundo o Conselho de Segurança Nacional, Brent Scowcroft, outra das prioridades da próxima administração será a revisão «a fundo» da sua estratégia de segurança e defesa, que poderá implicar alterações quanto às armas nucleares.

Nesse campo, Scowcroft disse-se adepto da instalação do míssil Midgetman, móvel, e de uma ogiva nuclear, em substituição da instalação em sistemas ferroviários do MX, a opção mais barata mas menos efectiva.

O assessor de Busch para questões de segurança, que já trabalhou na Casa Branca durante a administração Ford, mostrou-se cauteloso na avaliação do presidente soviético, Mikhail Gorbachev, dizendo que embora se veja uma luz no fundo do túnel «não se sabe ainda se é somente ele ou uma locomotiva que avança para nós».

Bush, comentando domingo a personalidade do líder soviético, disse que fará por avaliar as intenções soviéticas sem se deixar arrastar pela personalidade de Gorbachev.

Sobre o «desafio Gorbachev», disse numa entrevista à revista «Time»: «Não vejo isto como o desafio Gorbachev. Creio que cometemos o erro de avaliar a nossa relação com a União Soviética em termos de uma personalidade, e nunca nos arrependeremos disso o bastante. Temos de fazer uma avaliação mais lata da intenção soviética, que transcenda qualquer indivíduo.»

Andrei Sakharov fala durante uma reunião momentos antes de ter sido proposto por cerca de mil apoiantes para candidato às eleições do Comité Central do PCUS por Moscovo.

Eleições gerais na URSS em Março

Andrei Sakharov vai concorrer contra candidato do Politburo

O activista soviético dos direitos humanos, Andrei Sakharov, foi nomeado candidato por Moscovo às próximas eleições gerais. «Este homem manteve-se de pé como uma montanha de decência e honestidade durante os anos em que mentiras e meias-verdades dominaram as nossas vidas», afirmou o escritor Ales Adamovich, perante uma audiência que enchia por completo a sala de reunião e lhe respondeu com um ruidoso aplauso.

Um representante da comissão eleitoral do Estado disse aos jornalistas que a nomeação de Sakharov é perfeitamente legal, dando a entender que é quase certo que o activista será adversário do membro do Politburo, Vitaly Vorotnikov, nas eleições de 26 de Março.

Sakharov, de 67 anos, sorriu quando as cerca de mil pessoas que enchiam o salão de um sindicato, nas proximidades do Kremlin, o elegeram por unanimidade para concorrer por Moscovo às eleições «novo estilo» a realizar em Março.

«Estou comovido e satisfeito pela confiança que colocam em mim. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para o justificar», disse o físico, que durante anos viveu isolado e foi uma figura perseguida pelas autoridades soviéticas.

No exterior do edifício, aglomeravam-se cerca de 5000 pessoas, na esperança de poderem ainda entrar na sala.

Suren Avakyan, professor de Direito na Universidade de Moscovo e representante da comissão oficial eleitoral, disse na reunião que além de Sakharov e Vorotnikov, havia ainda mais dois candidatos, incluindo o desacreditado Boris Yeltsin.

Yeltsin, antigo líder do partido em Moscovo, foi abandonado como membro não votante do Politburo depois de ter acusado o líder soviético, Mikail Gorbachev, de não avançar com a reforma suficientemente depressa e de ter apelado para uma acção mais dura contra os conservadores que se opõem à mudança.

A reunião que escolheu Sakharov foi promovida por uma associação que reúne antigos dissidentes e intelectuais e está a fazer campanha para a edificação de um monumento em honra das vítimas de Estaline.

O prazo para a apresentação das nomeações públicas para as eleições que elegerão 2250 deputados encerra amanhã.

Retrato negro traçado por Gorbachev

Mikhail Gorbachev descreveu, entretanto, a intervenção soviética no Afeganistão como um «pecado» responsável pelo agravamento das despesas de Estado e dos problemas económicos.

Num discurso na 27.ª Conferência do Comité do Partido Comunista, transmitido pela televisão, Gorbachev reconheceu que a URSS atravessa tempos difíceis e que a economia se encontra estagnada, por diversas razões, entre as quais se conta a quebra do preço do petróleo, além de que 30 por cento da produção agrícola do país não chega ao consumidor.

«Antigamente, com o dinheiro que ganhávamos com o petróleo podíamos comprar mercadorias e abastecer a população, mas agora há uma conjuntura desfavorável do preço das ramas pelo que atravessamos uma estagnação e não podemos continuar a depender da venda das matérias-primas.»

«Temos de produzir as nossas próprias mercadorias e desenvolver a nossa economia», disse Gorbachev, destacando a «absurda situação» de a URSS perder quase um terço da produção agrícola devido à ineficácia nas diversas etapas, desde a colheita até à distribuição.

Afeganistão foi um fracasso

Um destacado comandante soviético considerou que Moscovo está a chegar ao fim de nove anos de guerra no Afeganistão com uma sensação de fracasso.

«Não conseguimos fazer tudo o que tínhamos planeado», disse aos correspondentes ocidentais o general Lev Serebrov, funcionário político do Alto-Comando militar soviético em Cabul.

«Viemos para aqui com uma honrosa missão, de coração aberto. Agora vamos partir com a sensação de não termos cumprido até ao fim a nossa missão», disse o general soviético.

Serebrov desmentiu que as tropas soviéticas que ainda ali permanecem tivessem já iniciado a retirada do Afeganistão, mas adiantou que todos os efectivos do Exército Vermelho abandonariam o país até 15 de Fevereiro, a data prevista nos acordos de Genebra.

A afirmação de que os 50 000 efectivos soviéticos que ainda se encontram no Afeganistão não iniciaram o processo de retirada contraria as declarações de diplomatas ocidentais em Cabul, segundo as quais a sua saída começou no início de Janeiro.

Além disso, podem ver-se tropas afegãs a ocuparem as anteriores posições das forças soviéticas na capital do Afeganistão.

Quanto às centenas de soldados soviéticos que partem diariamente em gigantescos aviões «Ilyushin-76», Serebrov disse que se trata da partida de efectivos que terminaram a sua missão de dois anos e que «estão a ser substituídos por outros».

«Estamos prontos a retirar, mas ainda não recebemos a ordem para iniciar a fase final do processo», esclareceu.

Interrogado como iria o Alto-Comando soviético mudar-se de Cabul para Hairatan, na fronteira soviética, entre 31 de Janeiro e 2 de Fevereiro, se ao mesmo tempo afirmava que tencionava permanecer na capital do Afeganistão até dia 15, o general soviético respondeu: «Havemos de arranjar maneira».

«Solidariedade» aceita condições para regresso à legalidade

A banida central sindical Solidariedade aceitou as condições do governo polaco para voltar à legalidade, revela um documento divulgado ontem pela agência oficial, PAP.

A Comissão Executiva Nacional da Solidariedade, reunida na cidade portuária de Gdansk, aceitou a resolução sobre pluralismo político e sindical aprovada quarta-feira passada pelo Congresso do Partido Operário Unificado Polaco, POUP.

«Estamos condenados a um acordo — o acordo constrói, o desacordo destrói», disse Lech Walesa, o histórico líder da central sindical, a centenas de apoiantes que, no exterior de uma igreja de Gdansk, cantavam «Solidariedade, Solidariedade».

O porta-voz da central, Janusz Onyszkiewicz, leu à multidão uma declaração da comissão executiva em que é manifestada a aceitação das regras avançadas pelo partido oficial para a restauração da legalidade da Solidariedade, declarada ilegal em 1981.

«A nossa resposta é estender a mão porque a outra parte põe também a mão de fora», disse Walesa aos apoiantes, falando das escadas da reitoria da igreja de Santa Brígida, na cidade onde em 1980 as greves levaram ao nascimento da primeira central sindical independente

Governo de coligação com a oposição?

O governo polaco está disposto a legalizar a central sindical Solidariedade e a admitir a oposição no Parlamento, e mesmo no governo, no qual os comunistas não teriam maioria absoluta nem garantias legais da sua liderança, disse Josef Czyrek, ministro polaco dos Negócios Estrangeiros, de 1980 a 1982, membro do Bureau Político e secretário do Partido Operário Unificado (Comunista) da Polónia (POUP). Fez estas revelações numa entrevista concedida, sábado à agência noticiosa EFE.

«A Polónia», acrescentou «está à frente dos demais países socialistas» na democratização do sistema.

«Somos o primeiro país socialista que oferece a edificação de um socialismo humanista com as normas do pluralismno, com a incorporação da oposição no sistema político», disse Czyrek.

A democracia parlamentar, frisou, não implica risco de que os comunistas se vejam afastados do poder.

«Numa perspectiva previsível, não vejo que se possa construir um sistema socialista sem o POUP, ao qual eu qualificaria de socialista, porque aquilo de que falamos no nosso programa é de socialismo.»

«Previsível, isso sim», acrescentou «é que o partido não tenha a maioria absoluta e seja obrigado a pactuar em coligações».

Pacífico Sul: a estratégia das grandes potências e os novos problemas regionais

AINDA SE DEVE TER MEDO DOS RUSSOS?

Patrice de Beer
Exclusivo «le Monde«/«DL«

Deve-se ter receio dos russos? Junto aos coqueiros das ilhas do Pacífico Sul, de reputação paradisíaca, nos antípodas da Europa e portanto de Moscovo, a pergunta pode parecer estranha. No entanto, na Polinésia francesa, onde se avalia a nossa força, há grande desconfiança perante os adversários potenciais e perante os curiosos, sejam eles comunistas ou neo-zelandeses. A organização Greenpeace teve a prova disso com o *Rainbow-Warrior*, afundado por «homens-rãs» franceses no porto de Auckland, em 1985. Mas esse medo dos russos vem de longe na região. Já em 1859, os neo-zelandeses, tinham tomado aos Maoris, no que é hoje a Auckland, algumas terras à beira-mar a fim de construir posições de defesa contra a frota russa. Em 1905 e pelas mesmas razões, os australianos construíram um forte na baía de Sydney.

Durante muito tempo os soviéticos causaram receio no oceano Pacífico, embora não estivessem muito presentes ali. A falta de finura da sua diplomacia ou a invasão do Afeganistão não eram de molde a seduzir as democracias australiana e neo-zelandesa ou os novos países insulares moldados num cristianismo omnipresente. As potências brancas (Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, mas também a França) faziam tudo para desencorajar os contactos entre os Melasianos, os Polinésios, os Micronésios e os emissários do Kremlin.

A URSS esteve, de resto, no centro da longa polémica entre a França e os Estados do Pacífico, acerca da Nova Caledónia. Paris afirmou, com efeito, durante muito tempo ao opor-se ao independentismo dos Canacas, lutava pela defesa do Ocidente. As outras capitais julgavam, pelo contrário, que a continuação dos problemas podia desestabilizar a região, criando uma aspiração para se implantar na única parte do planeta de que eram afastados. E tirarem argumentos das iniciativas – sem grandes efeitos – do ebuliente coronel Kadafi, em Vanvatu, mas também dos canacas, os aborígenes australianos ou os Maoris.

As experiências nucleares em Muroroa suscitaram um debate do mesmo estilo. Influenciados pelos testes britânicos e americanos, os países da região tornaram-se alérgicos à bomba, que excomungaram com o tratado de Rarotonga. **Façam-na explodir nos vossos países!,** dizem eles cada um a seu modo. Enquanto para os franceses, se trata não só de um modo de dissuasão nacional, mas também de uma participação na segurança de um mundo livre que se prolonga até aos mares do Sul. Durante muito tempo, responsáveis por esse diálogo de surdos, essas divergências profundas dão gradualmente lugar a contactos entre parceiros com pontos de vista diferentes. **Não há razão alguma para que as nossas relações sejam piores do que as que mantemos com a URSS,** diziam há um ano dirigentes australianos ao antigo ministro da defesa André Giraud.

A popularidade de Rocard

Paris deu-se conta do efeito desastroso do esplêndido isolamento em que se comprariam os TOM, assim como da necessidade, como se dizia em Papeete, **«de tratar bem, de não desprezar os Estados do Pacífico, e de retomar contacto com eles. É preferível que eles conheçam a nossa vontade e a nossa presença».**

«Temos que aceitar o facto de as experiências nucleares serem um problema sobre o qual não podemos estar de acordo. Mas isso não deve ser nem é o maior obstáculo, nas nossas relações», diz-se em Camberra sobre essa evolução em desacordo com a atitude abrupta do governo de Chirac.

A imagem da França ganhou com o acordo de Matignon entre caldoches e canacas, e a popularidade de Rocard é grande no Pacífico. Tanto mais que o primeiro ministro francês dispõe de dois trunfos sensíveis: é protestante e há muito que se interessa pelo sector. Para mais, Paris criou em 1988 uma comissão interministerial sobre o Pacífico Sul, dirigida pelo embaixador Philippe Bande, e deu ao chefe do governo da Polinésia, Alexandre Léontieff, uma carta de missão que lhe permitia discutir com os Estados vizinhos problemas de pesca. Ministra delegada junto do ministro dos Negócios Estrangeiros, a senhora Edwige Avice irá ao Pacífico no mês de Fevereiro.

Esta evolução dá-se quando o Pacífico, até então estável e conservador, entra num novo período. As instituições democráticas herdadas da colonização, as alianças exclusivas com o Ocidente, a estabilidade não podem considerar-se inteiramente conquistadas, pelas novas gerações que chegam ao poder, em condições económicas difíceis, como já se viu em Fidji ou em Vanuatu. No mesmo momento, com o discurso de Vladivostok de 1986, a URSS de Gorbatchev reafirmou a sua vocação de potência do Pacífico. Mas desta vez os «vermelhos» enviam diplomatas mais sofisticados – logo mais perigosos, pensam alguns – que praticam mais a sedução do que a clara subversão.

Assim o embaixador soviético em Wellington visitou três vezes num ano as ilhas Cook, e está a negociar com a Nova Zelândia a instalação de uma base de pesca. Moscovo deseja abrir uma embaixada em Port-Moresby, que seria a primeira num Estado insular, e negoceia a renovação do seu acordo de pesca com Vanuatu.

As visitas de delegações, os convites e as bolsas multiplicam-se. Os soviéticos entregam-se a importantes trabalhos oceanográficos, retomando uma antiga tradição marítima russa na região.

«Nem a Nicarágua nem a Albânia!»

Mas a frota soviética do Pacífico, a mais poderosa, não se aventura no Pacífico Sul, que continua a ser coutada das marinhas ocidentais. **«Um aumento de barcos de combate seria um elemento novo, inquietante, contraprodutivo para a política de abertura do Kremlin»,** diz um militar. Em todo o caso Moscovo alegra-se com o desenvolvimento do sentimento antinuclear e com as divergências entre aliados.

«Não há nenhuma evidência de presença militar soviética, afirma o ministro neo-zelandês dos Negócios Estrangeiros, Russell Marshall, antigo pregador metodista. **A URSS é uma potência legítima no Pacífico Sul. Assistimos a um lento degelo das nossas relações. Mas a nossa memória mantém-se fresca.» «Não somos a Nicarágua nem a Albânia. Temos afinidades naturais com o Ocidente, e todas as marcas do alinhamento. Não somos não-alinhados»,** acrescenta o primeiro-ministro David Lange. Precisão esta que não é inútil por parte de um país cuja opinião deriva para o neutralismo e o não-alinhamento, e cuja aliança com os Estados Unidos no seio do Anzus se quebrou no problema nuclear.

O que não impede Lange, apesar de fortes pressões vindas do seu próprio partido, de negociar com Camberra sobre a construção em comum de fragatas, necessárias para patrulhar o mar alto, do Equador ao Antárctico. Ora a Austrália continua a ser o aliado mais seguro dos Estados Unidos no hemisfério sul. O relatório do Ministério neo-zelandês da Defesa, de 1987 insiste, de resto, nas «obrigações» de defesa de certos Microestados, e na necessidade de se prevenir contra o terrorismo... **«como o provou o** Rainbow-Warrior»!

Perante a valsa da hesitação do seu vizinho, os australianos não escondem a sua inquietação. **«Nós dizemos-lhe claramente,** declarou-nos o ministro dos Negócios Estrangeiros Gareth Evans, **que eles não podem esperar que cumpramos as nossas obrigações de defesa, se não fizerem por seu lado um esforço conservando uma marinha de alto mar. Se não participarem no projecto das fragatas não poderão ter uma defesa credível. Se querem abrigar-se no luxo da geografia, terão de se arranjar sozinhos.»** Porque mesmo que considere que **«a presença económica e diplomática mais aparente dos soviéticos não criou nenhuma mudança substancial de equilíbrio na região»** e que **«o Pacífico Sul se mantém um lago ocidental»**, segundo as palavras de Evans, a Austrália nem por isso deixou de tentar modificar e fortalecer a sua estratégia de defesa.

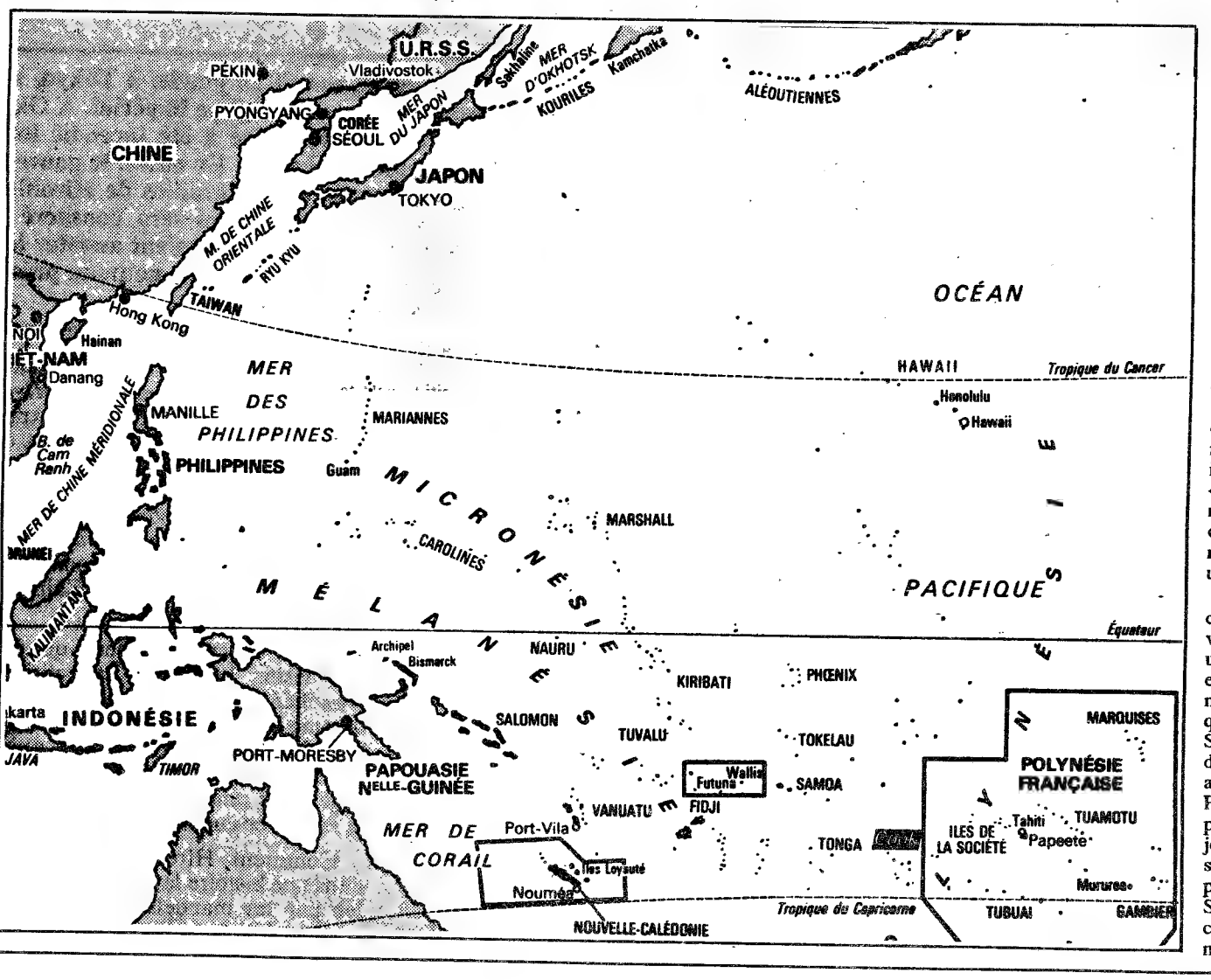
O fim de uma longa estabilidade

O Ministério da Defesa de Camberra publicou em 1987 um livro branco baseado em dois postulados. Primeiro que o aliado americano responda a toda e qualquer ameaça global e que a contribuição dada pela Austrália ao Ocidente e à sua própria segurança consista em assegurar a defesa do Pacífico Sul. Depois, que em caso de conflito regional – nunca citado, o vizinho indonésio aparece sempre em filigrana – não é certo que os Estados Unidos venham em seu socorro; convém pois que ela se dote de uma defesa avançada, para manter o adversário potencial o mais longe possível do seu território. Daí a modernização da sua marinha e da sua aviação, e a sua cooperação militar com os micro-Estados.

Mas, como sempre, o problema chegou onde não se esperava: não de Moscovo ou de Nouméa, mas dos arquipélagos onde a influência australiana e neozelandesa continua a ser predominante, em Fidji com o «putsch» militar e a exacerbação da tensão racial ou em Vanuatu com a explosão de rivalidades pessoais no seio do partido no poder. Wellington e Camberra não tinham previsto este **«grande choque»** que foi o golpe de Estado do coronel Rambuka. As suas pressões políticas e económicas para um regresso à democracia ficaram, para sua grande surpresa, letra morta. **«Os pequenos Estados adquiriram maior confiança em si próprios e aprenderam o pequeno jogo da ajuda internacional»,** confiaram-nos diplomatas neo-zelandeses.

As duas **«grandes potências regionais»** compreenderam os limites da sua influência. Elas também compreendem que outros países possam estar à mercê de febres nacionalistas ou de crises internas, a Papuuasia-Nova-Guiné com a sua mirfade de tribos, o Tonga e a Samoa ocidentais, cujo sistema feudal já gasto é contestado pelas novas gerações, e mesmo a Nova Zelândia com os seus maoris. Sem falar das ameaças externas sobre micro-Estados sem defesa, como o mostrou o exemplo recente da invasão falhada das Maldivas. **«Os actores tornaram-se mais numerosos, a situação mais complexa, mas não necessariamente mais ameaçadora»,** diz um oficial australiano.

Camberra e Wellington arriscam-se pois a ser obrigadas, talvez contra vontade, a intervir um dia além-fronteiras. Porque elas receiam toda e qualquer mudança do equilíbrio regional, que pudesse fazer do Pacífico Sul um novo teatro das rivalidades entre superpotências, o que até agora tem sido evitado. A França pode ter o seu papel a representar se aceitar inserir-se no jogo regional, fixando a sua presença numa cooperação com o país que mais conta no Pacífico Sul, a Austrália, mais do que com regimes instáveis de pequenos países insulares.



MORREU SALVADOR DALI: O ÚLTIMO ESPANHOL UNIVE

O pintor surrealista espanhol Salvador Dali, de 84 anos, morreu esta manhã, pouco depois das 9 horas de Lisboa, devido a uma paragem cardíaca. Carles Ponsati, médico pessoal do artista e director do Hospital de Figueras, revelou que a paragem foi provocada por insuficiência respiratória e pneumonia. Dali tinha dado entrada no hospital da sua terra natal na passada quarta-feira, com problemas cardíacos, e o seu estado agravou-se no dia seguinte devido a uma inflamação do pulmão direito. O presidente da Câmara de Figueras, Mariano Lorca, amigo pessoal de Salvador Dali, visitou-o no hospital às primeiras horas de hoje e disse que o pintor tinha passado uma noite tranquila. De acordo com as suas últimas vontades, expressas a Lorca quando Dali esteve hospitalizado durante 16 dias, em Novembro passado, em Barcelona, o seu corpo ficará em câmara ardente na torre Galatea, sua residência nas proximidades do Teatro-Museu de Dali, em Figueras. Mariano Lorca acrescentou que Dali pediu para ser embalsamado e depois sepultado no pátio interior do seu museu, sob uma cúpula geodésica. Uma missa fúnebre será celebrada em memória de Salvador Dali na igreja da paróquia de Saint Pere, em Figueras, onde o pintor foi baptizado. O estado de saúde de Dali, um dos últimos sobreviventes da geração de pintores surrealistas que chocaram o mundo da Arte nos anos 20 e 30, era débil desde a morte da mulher e musa, Gãla, há seis anos. Em Dezembro, adoeceu gravemente, mas recuperou para dizer ao rei Juan Carlos, durante uma visita do monarca, que voltaria a pintar. "Dali morreu tranquilamente, cercado pela equipa médica e pelos amigos. Teve uma morte serena e natural. Estava consciente minutos ou mesmo segundos antes da morte" - afirmou o advogado do artista, que assistiu aos últimos momentos.

Gilles Demarest
Serviço exclusivo EFE/«DL«

Nasceu às 8.45 da manhã do dia 11 de Maio de 1904 em Figueras (Gerona), fruto do matrimónio do notário D. Salvador Dalí Cusí com Doña Felipa Domenech i Farré.

Quando era pequeno, Dalí queria ser Napoleão. A sua irmã Ana Maria recorda-o: «era obstinado e casmurro mas também carinhoso e sentimental». Uma das «graças» de Dalí em criança era a de defecar nos chapéus das visitas. O seu irmão mais velho, que morreu foi durante algum tempo o centro das suas obsessões: «Quando visitei Freud ele disse-me que eram visões uterinas.»

«Sou eu e sou ele. Ele sou eu e está em mim», repetia constantemente o excêntrico personagem. «Quando eu era pequeno era de uma crueldade terrível. Só quando conheci Gala é que comecei a tornar-me bom».

Eram 8.45 da manhã do dia 11 de Maio de 1904 quando nascia em Figueras (Gerona), sob o signo do Touro, um dos mais controversos personagens da história da pintura universal: Salvador Dalí. Foi o segundo filho do casamento entre o notário Salvador Dalí Cusí e Doña Felipa Domenech i Farré.

O recém recém nascido era uma criança nervosa e muito viva, que desde muito poucas horas depois de vir ao mundo abriu os olhos para fixa-los em tudo o que o rodeava. Essa grande curiosidade seria o reflexo fiel da sua postura inquisitiva perante a vida, com a cor nas sua pupilas, a cor que depositou generosamente em todas as suas criações artísticas.

O primogénito da família Dalí, chamado também Salvador, morreu com tenra idade. O excêntrico pintor sempre que se referia a ele dizia que sentia na sua alma a presença latente do seu irmão morto: «Sou eu e sou ele, ele sou eu e está em mim».

Em pequeno queria ser Napoleão

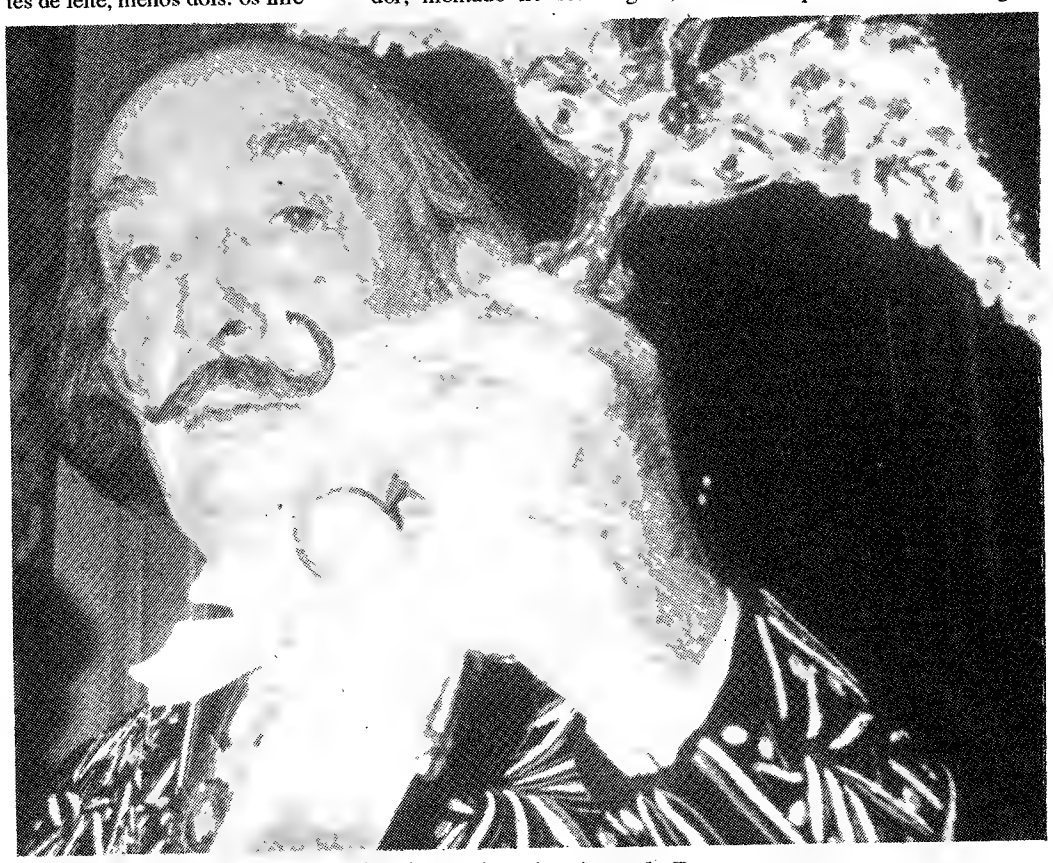
Como era Salvador Dalí em criança? A sua irmã Ana Maria recorda-o como um «menino encantador»:

«A sua carita infantil denotava ingenuidade e ao mesmo tempo uma grande vivacidade. Um facto curioso é que tanto a minha mãe como ele e eu, temos só dois dentes superiores em vez de quatro, mas é preciso saber-se para que se repare, pois os incisivos estão configurados de tal modo que o dissimulam completamente. O meu irmão tem além desta outra anomalia. Mudou todos os dentes de leite, menos dois: os inferiores do meio. Estes dentitos que são como dois grãos de arroz fazem com que a configuração do lábio superior forme uma leve depressão. Às vezes Salvador fixava-os e dizia que se tornavam transparentes, e que dentro de um deles, olhando-os bem, se podia ver a Virgem de Lourdes».

Dalí desde muito novo ostentava o seu temperamento. Diz a sua irmã: «Era obstinado e casmurro, mas também carinhoso e sentimental. Era tão teimoso quanto bom e sentimental e gostava de ser querido, embora tivesse um génio terrível, porque este era acidental e as outras qualidades, em contrapartida, eram permanentes».

Dalí queria ser Napoleão: «recordo-me que um dia quando íamos em excursão à Ermida de San Sebastian, en Figueras, ele estava tão cansado que já nem conseguia andar. Tieta fez-lhe um chapéu de papel e pô-lo na cabeça de Salvador, dizendo-lhe que era Napoleão.

Imediatamente se espevitou. Montado numa cana, à laia de cavalo, subiu animado a encosta íngreme que conduzia à ermida. Quando desfalecia, bastava que Tieta imitasse o rufar dos tambores para que Salvador, montado no seu Pégaso, que naquele momento era um vulgar tronco, subisse galopando até à mesma ermida, apesar da intensa fadiga que indubitavelmente sentia».



Em 1979, ao ser admitido na Academia de Belas-Artes de França

Aos dez anos o futuro grande pintor ingressa nos Maristas, onde se distinguiu desde logo pelo seu génio e rebeldia. O primeiro valeu-lhe grandes demonstrações de admiração, a segunda, inúmeras reprimendas. Configurava-se já uma forte personalidade que com o passar do tempo surpreenderia todo o mundo».

Calcula-se que a fortuna de Dali ultrapasse os seis biliões de pesetas.

Um acto de irreverência: defecar nos chapéus das visitas

Desde tenra idade, Salvador Dalí deu mostras da sua «originalidade». Segundo um amigo seu, uma das suas diversões era defecar nos chapéus das visitas que frequentavam a casa paterna. Com a maior tranquilidade do mundo, chegava-se ao pé dos pais e anunciava olimpicamente:« Já o fiz». Aí viamos as visitas a procurarem como loucas em qual dos chapéus Dalí tinha feito as suas necessidades: «Era divertido-comenta o pintor- o que eu gostava menos era dos açoites que o meu progenitor me aplicava. Só os consegui enganar uma vez, porque me escondi no «inodoro», o único lugar onde os meus pais e amigos não procuraram».

Salvador Dalí, eterna contradição, falava assim do livro que a sua irmã tinha escrito sobre ele: «Era a versão familiar, absolutamente burguesa, de que eu era uma criança mimada, magnífica e boa, e que os surrealistas me tranformaram num louco. Mas foi exactamente o contrário. Quando eu era pequeno era de uma crueldade terrível. Aos cinco anos empurrei uma criança para um precipício. Foi só quando conheci Gala que me tornei bom.

Não há dúvida que era um rapaz independente e cheio de rebeldías. Aos dez anos, depois do seu primeiro castigo nos Maristas, faz uma trouxa com a sua roupa e objectos pessoais e sai de casa, deixando um bilhete de despedida. Os seus pais e amigos procuram-no. Quando a noite cai chegam a casa com a alma destroçada. E quem encontram ali? Salvador devorando um formidável «bocadillo»: «Voltei porque tinha fome». O seu pai, por detrás de um semblante rígido não consegue sufocar uma gargalhada.

A visão do irmão morto

Para conhecer a fundo a complexa personalidade de Salvador Dali é necessário fixarmo-nos nos anos da sua infância de que tão pouco se sabe. O futuro pintor, sempre teve como centro das suas obsessões a imagem do irmão morto, de acordo com aquilo que desse irmão lhe relataram seus pais. Dali, que se chamaria Salvador como esse seu irmão, criou na sua mente, uma grande confusão que desembocou numa espécie de paranóia. Recordava Dali, mais tarde:

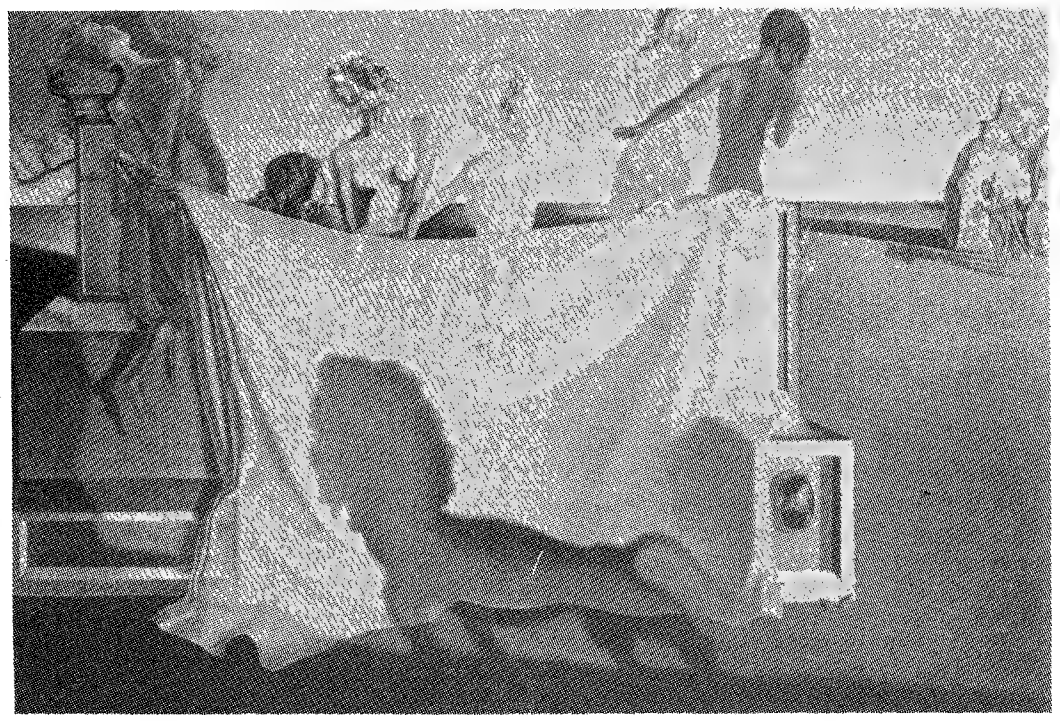
«A minha primeira recordação data de antes de nascer, quer dizer, quando estava ainda no ventre de minha mãe. É uma recordação algo difusa, como um ovo estrelado, mas sem prato. Quando já era crescido, sempre pensando nesta recordação, visitei Freud e ele disse-me que eram visões uterinas, procedentes da pressão dos meus punhos sobre os olhos. Em criança, julgava sempre ver círculos concêntricos, provavelmente ovos estrelados, o amarelo no meio. Nas minhas visões, o branco, da clara do ovo, dilatava-se... devia ser, seguramente, o feto» (...)«Passei toda a minha infância e boa parte da adolescência, transportando no meu corpo e na minha alma a imagem do meu irmão morto. Ele morreu antes de eu ter nascido. Quando vim ao mundo, puseram-me o mesmo nome dele. É doloroso e difícil explicar o que aquilo significou na minha infância e, mais tarde, quando me tornei um homem. Todas as excentricidades que fiz tiveram no fundo uma razão de ser: convencer-me a mim e aos outros que EU não sou ELE, ou talvez sim. A um jornal pode parecer sádico ou erótico o significado das minhas recordações. Nas minhas visões recordo que atirava crianças de uma ponte e, um dia, sempre dentro destas visões, atirei um miudo que ia num triciclo e morreu. A minha vida como vêem está dominada pela ideia de matar o meu irmão, já morto, de o matar nesses meninos todos. Só para me libertar dele, que me perseguiu durante tantos anos.»

Para os seus companheiros de jogos, Dali estava louco. Não era certamente uma criança normal. Recorda o pintor:

«A minha pobre avó esteve dois anos sem poder fazer praticamente nada, com o conhecimento perdido. Ela foi das pouca pessoas que me compreendeu nos tempos de infância. Pouco antes de morrer, dissse como se fosse uma revelação: 'O meu neto será um grande pintor de fama internacional'. Ela via mais longe do que todos os outros juntos.»

Ao fazer os treze anos, o pai de Dali pergunta-lhe: «O que é que vais ser quando fores grande? Salvador, com grande desembaraço, respondeu» «Vou conquistar o Mundo. Serei pintor».

ERSAL



«A Velhice de Guilherme Tell» (1931)

Durante os últimos anos um escândalo turvou a popularidade de Dali: um número indeterminado de obras foram falsificadas com o seu nome inserto nelas.

O senhor Dali ficou horrorizado, já que ambicionava que o filho fosse notário como ele, mas o adolescente negou-se a tais pretensões: «Notário é uma profissão aborrecida e pouco original. Eu quero criar coisas para que o mundo participe de todo o meu saber, que será muito. Serei grande e o apelido Dali partirá como uma seta meteórica rumo ao Universo para fundir-se com as estrelas mais luminosas.»

O pai começou a pensar que o seu rebento não estava bom da cabeça. Apesar disso, na cabeça do miudo está omnipresente uma sinfonia de cores, um tropel de cavalos loucos, uma cítara pensativa, um mar calmo de sonho... Quer ser importante e não parará até consegui-lo. Quer a glória pelo preço que for preciso pagar, quer matar o «outro eu» que dorme dentro dele, quer deslumbrar antes que o deslumbrem a ele... Sonha em ter alguns anos mais para mudar-se para Madrid, centro geográfico e cultural de Espanha, para encontrar na capital essa porta aberta que o conduza à meta que traçou.

O primeiro quadro

O primeiro quadro pintado por Dali, aos seis anos de idade, foi sobre um cartão e representava uma paisagem. Aos 17 anos «em busca da sua verdade pictórica», muda-se para Madrid. Entra para a Escola de Belas-Artes e aquartela-se na famosa Residência dos Estudantes, onde criará amizade com outros residentes, como Federico Garcia Lorca e Moreno Villa, bem assim com o futuro realizador Luís Buñuel.

É expulso das Belas-Artes em 1923 — «Por ter dito aos professores que nenhum deles tinha competência para o examinar.»

Além de contribuir com poemas para a revista literária dirigida por Ernesto Gimenez-Caballero, vê-se envolvido em problemas resultantes da sua actividade política, que lhe faz bater com os ossos na prisão, onde ficará detido duante duas semanas.

Paris

Apenas completados vinte anos, Salvador Dali vai para Paris em busca de novos desafios para a sua vida.

Escreve, em colaboração com Buñuel, o guião de «Um Cão Andaluz» e o de «A Idade de Ouro», dois filmes que foram considerados o expoente máximo do movimento surrealista, em que participou. Por esta época, Dali escreve textos surpreendentes na revista «A Revolução Surrealista». No prólogo da sua novela «Rostos Ocultos», escreveu Dali: «Nada menos do que no ano de 1922 o grande poeta Garcia Lorca predisse que eu estava destinado a levar a cabo uma missão literária, o que se concretizou precisamente nesta novela (...) No ano de 1927, tendo-me sentado em companhia do saudoso poeta, no café-bar Regina de Madrid, planeámos juntamente a composição de uma ópera de grande originalidade.»

A obra não pôde ser levada à cena devido à morte de Lorca, em 1936; seria Dali quem, anos mais tarde, a faria representar. Muito pouco depois da sua chegada a Paris, Dali faz-se «notar», por uma surpreendente defesa de Hitler e por uma novela considerada pornográfica. Consequentemente é expulso do grupo do movimento surrealista pelo seu fundador André Breton. O **pai** do surrealismo criou um anagrama com o nome de Salvador Dali, formando as palavras «AVIDA DOLLARS», que constituiu o primeiro de uma série de numerosos ataques estético e político contra o pintor.

A glória e a fortuna

No ano de 1929 teve lugar a primeira exposição de Dali na capital das margens do Sena. No ano de 1931 expõe em Wadsworth (Connecticut, USA) e um ano mais tarde apresenta, em Nova Iorque, vinte e oito obras, entre elas: «A Persistência da Memória». De regresso à Europa, depois de apresentar alguns trabalhos em Barcelona, volta a Paris, onde consegue a protecção de um mecenas: o Visconde de Noailles.

Durante a Guerra Civil Espanhola, Dali mantém o silêncio.

Um dos seus biógrafos, Conroy Maddox, afirma: «Ainda que Dali tenha ficado calado, a sua simpatia ia para Franco. Depois da última Guerra Mundial voltou a expressar a sua admiração por Hitler.»

Por seu lado Alain Bosquet, no seu livro «Entrevistas com Salvador Dali», fala-nos da desmesurada ambição pessoal do pintor, que ocultava por completo a sua ideologia.

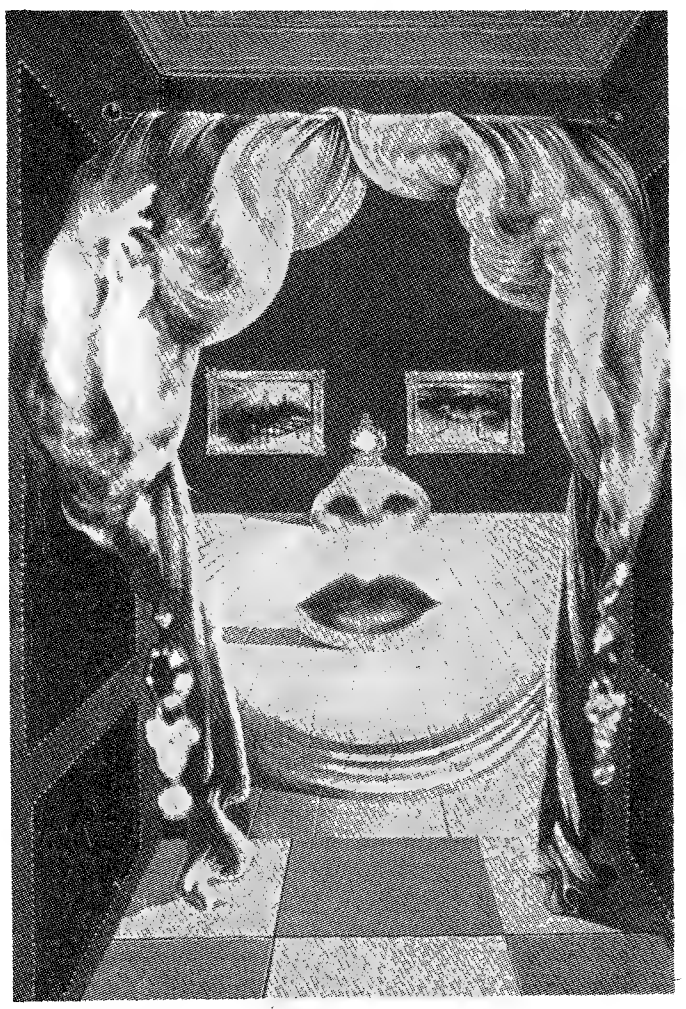
O pintor afirmou: «Sempre me senti impressionado pelo que escreveu Auguste Comte, que fundou a filosofia positivista. Considerava que não se pode constituir o mundo sem os banqueiros. Por conseguinte decidi que para o exercício do meu poder pessoal, absoluto, era essencial ter muito dinheiro. Um dinheiro que guardo, porque me será preciso para deixar hibernar o porco que sou. Porém, note-se que sou um porco «excelentíssimo.»

Quando a Alemanha invadiu a França, Dali organizou diversas exposições nos Estados Unidos e o seu nome tornou-se famoso em todos os estados norte-americanos. No ano de 1943 publica o livro «A Vida Secreta de Dali» e nos anos seguintes ilustra uma grande quantidade de livros, entre eles os «Ensaios» de Montaigne, o «Labirinto» de Sandoz e a «Autobiografia» de Benvenuto Cellini. Está numa época de grande força criadora. Já em Port Lligat (Cadaqués), pinta em 1949 «A Madona de Port Lligat» que foi elogiada por Pio XII; Ilustra a «Divina Comédia», de Dante; publica «Os Bigodes de Dali» e, em colaboração com Roberto Descharnes, roda um filme: «História prodigiosa de la encajera y el rinoceronte».

Dali está febril, cheio de impulsos criadores. Entre 1957 e 1959 pinta «Santiago el Mayor» e «El Descubrimiento de América por Cristobal Colon». No ano de 1961 escreve a «Vida Secreta de Salvador Dali» e estreia em Veneza o bailado «Gala», de que era libretista e coreógrafo.

Entre os anos 1962 e 1964 publica «O Mito de Ângelo de Mileto» e realiza em Tóquio uma exposição antológica da sua obra. Desde então e até ao ano de 1982, quando realizou a sua última grande exposição no Centro Pompidou de Paris, dedica a sua vida profissional, entre outras coisas, a ilustrar uma bíblia, a criar a sua primeira grande escultura dedicada a Dante, uma exposição retrospectiva no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, ilustração dos poemas de Appolinaire, Mão Tse -Tung...

Ronsard, e obras de Sade, o «Fausto» de Goethe, as «Metamorfoses» de Ovídio, etc. Completa também o seu grande quadro «O toureiro alucinado», inaugura em Figueras no ano de 1970 o Museu Dali, organiza uma exposição retrospectiva no Museu Boysmans van Beunigen de Roterdão, outra em Nova Iorque, e... a nove de Maio de 1979 é eleito para a Academia Francesa de Belas-Artes.



«Mae West» (1934-36)

«Dizem que sou um palhaço, Charlot também o era»

Os detractores de Salvador Dali têm sempre tentado evidenciar a sua pressuposta avareza, assim como dizem que é um grande esboçador e um péssimo pintor, e outras coisas similares. Também lhe chamam palhaço; porém essa é uma daquelas coisas que para o génio de Cadaqués nunca pareceu muito grave. Em certa ocasião assim o manifestou a Miguel Utrillo:

«Dizem que sou um palhaço, Charlot também o era, e era genial! Imagina que se por acaso também pintasse, como eu, o que seria certamente bastante difícil, seria algo de sensacional. Pois bem, é isso mesmo que eu sou, genial como artista e como palhaço. Haverá algum pecado nisso?»

Duas coisas foram inseparáveis na vida de Dali: os seus bigodes e Gala; em múltiplas ocasiões houve importantes firmas de publicidade que o tentaram ao oferecer-lhe somas astronómicas se deixasse cortar os bigodes, «as suas maravilhosas antenas», diante das câmaras de televisão. Os milhões que lhe ofereceram não o tentaram: «O meu bigode é consubstancial comigo, é o meu radar e o meu equilíbrio... sem ele não haveria Dali, acabaria, definitivamente».

A Soler Serrano dizia: «Um catalão, contemporâneo de Leonardo, Juan Bautista Laporte, acreditava que as sobrancelhas que a Platão quase cobriam os olhos, e bem assim as suas barbas, eram elementos indispensáveis para a inspiração e para a criatividade: era como se fossem antenas. E fazia uma série de comparações com as mariposas que estudara e deduzira que as que tinham antenas eram muito superiores às outras e a todos os outros insectos que não têm tais órgãos. No princípio mantinha as pontas dos bigodes rígidas, usando açúcar de tâmaras. «Naqueles tempos era um grande apaixonado das moscas, moscas limpas e não das moscas que passeiam pelas calvas dos burocratas, que são repugnantes. As moscas limpas das lojas de azeitonas, que parecem ter sido vestidas por Balenciaga, são belíssimas e maravilhosas. Quando pintava, costumava pôr o tal açúcar das tâmaras não só nos bigodes para os manter erectos, mas também nos cantos da boca. E, depois, esperava o momento de satisfação. Quando pinto babo-me de satisfação, e espero o grande momento em que a mosca chegue, pouse e entre na minha boca, e quando está lá bem dentro, fecho a boca e a mosca faz bzzzz, e isso é algo de sibarítico para a pintura.»

Em todo o seu deambolar em prol da glória artística e material, Salvador Dali jamais poderia ter imaginado que acima da sua intensa personalidade haveria de primar a de uma outra pessoa pela qual faria o que quer que fosse e da qual se converteria em escravo para toda a vida: Helena Diluvina Diakonoff, que imortalizaria sob o nome de «Gala», ex-esposa do grande poeta francês Paul Eluard.

Conheceram-se no ano de 1929 e muito em breve o pintor se sentia cativado por aquela formosa mulher, dez anos mais velha do que ele, e ante a qual falhavam todos os seus esquemas de génio.

«Os princípios da minha relação sentimental com Gala distinguiram-se pelo carácter permanente de uma anormalidade de doentia, assim como através de sintomas psicopatológicos muito evidentes e bem vincados. Enamorei-me loucamente por ela, ainda que soubesse que pertencia a outro homem.»

Cadaqués foi o cenário da sua declaração de amor

Desde a altura em que Gala lhe tinha sido apresentada por André Breton, Dali ficou fascinado com ela. Não o sabia dissimular e isso aborreceu. Éluard sobremaneira. Sem dúvida que Dali soube preparar a sua artimanha. Convida-a para o seu casamento em Cadaqués e aí declara o seu amor a Gala. Vários meses passarão antes que Gala decida romper com o marido dela para unir-se ao excêntrico artista espanhol, a quem, com o passar do tempo ela converterá num dos personagens mais populares do mundo.

Dali escreve e ilustra «A Mulher Invisível», o qual dedica à sua musa, e colabora com Breton nas tarefas de ilustrar o livro «A Imaculada Conceição». Se bem que todos os dias se encontrem, as relações entre Éluard e Dali não eram sinceras. A Gala separa-os e eles sabem disso. Um certo dia o poeta decide pôr cobro àquela situação anómala e abandona o lar conjugal: «Pelo que me parece converti-me num estorvo para vós, — escreveu dolorosamente a sua mulher — como não quero mais apoquentações concedo-vos que fiqueis juntos para o resto dos vossos dias.»

O divórcio de Éluard e Gala estava ali ao virar da esquina. Dali, em todas as suas declarações, sempre expressou a manifesta importância de Gala na sua vida:

«Pinto por Gala, quero ser imortal por Gala, quero ser escravo de Gala, e Gala será imortal através de mim...»

No decorrer de uma entrevista declarou: «Se o segredo da minha influência tem sido o de ser sempre secreto, o segredo da influência de Gala tem sido o de ser, por sua vez, duplamente secreto. A Gala possui o segredo de permanecer secreta dentro do meu segredo. Por vezes houve pessoas que tinham querido ter descoberto o meu segredo, porém isso teria sido impossível, porque não era o meu segredo, mas sim o de Gala.»

Igualmente Gala nunca perdia a oportunidade de elogiar o seu marido:

«É algo de tão grandioso que seria preciso ser como ele para o avaliar no seu valor real, para descobrir a sua profunda sensibilidade, a sua concepção especial da estética, a sua misteriosa compreensão das ciências, que, como as matemáticas parecem **alheadas** do seu interesse.

Gala introduziu Dali a uma vida triunfal. Falavam sempre, entre eles, em francês, com cer-

cont. na pág. 22

Dali: o último espanhol universal

cont. da pág. 21

teza porque ela, sendo uma aristocrata, considerava como um sinal de distinção, falar tal língua. Para casar-se com ela Dali teve de romper com a sua família, que a não aceitou. Não lhe importou. Para ele Gala era um ser divino, mais divino do que ele. Disse: «Abri a porta de minha casa e vi Gala, nua, na praia, e desde então que senti um amor completo, intenso, e tão duradoiro que o consagraremos de novo.» Gala, a sua musa, o seu modelo, a sua administradora. Dali jamais dará um passo sem que ela diga a última palavra. O seu marido imortalizou-a nos seus quadros. Disse Dali: «O seu anterior marido escreveu que os olhos de Gala atravessam as paredes», e com efeito tem um olhar que vê tudo e nunca se equivoca. Tenho por Gala uma verdadeira adoração. Há algo que muita gente não crê mas a verdade é que eu sou o mais fiel esposo no mundo. Nunca fiz amor salvo com a minha mulher. É certo que gosto de fazer rodear-me por toda a espécie de pessoas, o mais jovens e atraentes que seja possível. Porém sempre tive um terrível medo das doenças venéreas. Foi meu pai que em mim instilou o horror a tais enfermidades, e, por isso, quando ia aos bordéis de Paris, punha sempre a rapariga no outro canto da sala, pelo menos a cinco metros, com medo que dela saltasse um micróbio para mim. E eu masturbava-me.»

A morte de Gala acelerou o envelhecimento de Dali

Salvador Dali era doentiamente fiel a sua esposa. Porém, Gala a ele não era fiel. Até aos noventa anos, esta mulher, extraordinária em muitos aspectos, viveu apaixonantes histórias de amor com atraentes rapazes, dos quais socorreu a maior parte com muita generosidade. O mais famoso na sua longa lista de amantes, foi o actor teatral Jeff Fenhont, a quem ofereceu uma magnífica propriedade em New Jersey, assim como vários quadros de Dali.

Tal como uma nova Ninon de Lenclos, que seduziu os mais brilhantes dos cavaleiros na corte de França, até à idade de noventa anos com que morreu. Gala, sexualmente insatisfeita, a transbordar de vitalidade erótica, levou para a sua cama mais do que um atractivo adolescente. A uns e a outros sempre pagou os seus favores. Era uma mulher que não queria envelhecer, por isso submeteu-se a várias operações de cirurgia estética. Quando faleceu, em 1982, Dali que já então era apenas uma sombra do que fora, afundou-se no seu envelhecimento para jamais se erguer. Pouco antes da morte da mulher confessara:

«Não quero nem pensar na morte de Gala. O meu espírito teria necessidade de recorrer a todos os subterfúgios para que pudesse sobreviver-lhe. Sou capaz de vencer a maior das fatalidades, mas ficar na vida sem ela seria horroroso para mim.»

Gala «abandona-me a 10 de Junho de 1982». Estava no seu castelo de Pubol (Gerona) quando a morte delà ocorreu. Depois de ter efectuado o funeral na mais restrita intimidade, nesse mesmo castelo, Dali sumiu-se no mais hermético mutismo. Um mês depois da morte de Gala, o Rei Don Juan Carlos outorga a Dali o título nobiliário de marquês de Dali de Pubol. Em princípio este título fora-lhe concedido com carácter perpétuo, porém, a pedido do próprio pintor, e devido ao facto de não ter descendentes, tornou-se vitalício. Deste modo Dali privaria os seus familiares de qualquer pretendência ao título em questão.

De 15 de Abril a 29 de Maio de 1983, realizou-se no Museu de Arte Contemporânea de Madrid uma exposição de homenagem ao pintor de Cadaqués, intitulada «Quatrocentas obras de Salvador Dali» (1914-1983), que foi inaugurada pelos reis de Espanha, tendo o príncipe das Astúrias, representado oficialmente o pintor segundo o desejo expresso por ele.

Durante as seis semanas em que permaneceu aberta ao público a exposição de pintura foi visitada por mais de duzentas e sessenta mil pessoas, que quiseram admirar de perto a obra do genial pintor.

Nos seus últimos anos, convertido em morto-vivo, Dali apenas sonhava com a esposa defunta; a Gala que baptizara com os nomes mais díspares: Galukxa, Oliva, Gradiva, Silueta, Solibubuleta...

«Pronto, Gala, vou reunir-me contigo!» disse durante um dos seus momentos de lucidez, «já estou farto deste mundo, de viver só, sem a tua presença, quase sem sonhos...».

«Morremos cada dia», dizia Marcel Proust.

Uma fortuna de seis biliões de pesetas

Há uma pergunta que está na mente de toda a gente; «Qual será o valor real da fortuna de Dali?»

Peritos franceses estimaram há alguns anos que deveria ser da ordem dos seis mil milhões de pesetas, porém, agora, presume-se ser maior.

O pintor António Pichot, íntimo de Dali, e o homem que o amparou na sua velhice, declarou recentemente:

«O mestre não tem herdeiros directos. Nós, e isto é importante, conseguimos que fiquem em Espanha todas as obras que aqui tenham voltado. Encontravam-se dispersas por todos os lugares onde Dali vivera de tempos em tempos, tanto em Nova Iorque como Paris... Agora estão aqui, em Espanha. Tem sido uma tarefa muito grande e difícil, mas muito importante para o património artístico da Espanha. Isso foi parte do nosso dever e foi cumprido.»

Centenas de litografias e algum quadro ou outro foram vendidos como se foram obras de Dali, porém eram falsos. Nem sequer os próprios especialistas notaram a diferença.

No seu atelier de Port Lligat, Dali recebe os reis de Espanha

Dali doou toda a sua obra ao Estado Espanhol. No Museu Dali de Figueras, inaugurado em 1970, encontram-se algumas das suas mais importantes criaçãoes. O seu **ex-marchand** (agente de promoção de vendas de quadros de pintura) Enrique Sabater, afirma que a colecção particular de Dali «tem um valor incalculável». A colecçãao de Gala, igualmente doada ao Estado, é também importantíssima. A revista «Cambio 16», no seu número publicado em Março de 1981 fornecia ampla informaçãao acerca das colecções privadas no património de Dali (com a indicação do valor do seguro de cada uma ds obras expressa em dólares), que devido ao seu excepcional interesse em baixo transcrevemos:

«El enigma sin fin» (1938), segurada em 650 000 dólares; «El gran masturbador» (1929), segurada em 600 000 dólares; «El enigma de Hitler» (1937), segurada em 600 000 dólares; «El hombre invisible» (1933), segurada em 500 000 dólares; «Natureza muerta al claro de luna» (1927), segurada em 500 000 dólares; «Monumento imperial a la mujer niña» (1929), segurada em 500 dólares; «Arlequín y la pequeña botella de ron» (1927), segurada em 500 000 dólares; «Arlequín» (1927), segurada em 500 000 dólares; «Claro de luna malva' (1925), segurada em 400 000 dólares; «Sol, cuatro mujeres de pescadores» (1928), segurada em 400 000 dólares; «Maniquí barcelonés» (1925), segurada em 400 000 dólares; «Santa Cecilia ascensionista» (1955), segurada em 350 000 dólares; «Equilíbrio intraatómico de una pluma de cisne» (1947), segurada em 350 000 dólares; «Joven diosa acodada» (1960), segurada em 350 000 dólares; «Retrato de Gala com síntomas rinocerónticos» (1954), segurada em 350 000 dólares; «La mano de Dali retirando un Toisón de oro en forma de nube para mostrar a Gala la aurora completamente desnuda, muy, muy lejos, detrás del Sol» (1977), segurada em 350 000 dólares; «Dali levantando la piel del mar Mediterráneo para mostrar a Gala el nacimiento de Venus», segurada em 350 000 dólares; «Retratode Paul Eluard» (1929), segurada em 250 000 dólares; «Autoretrato cubista» (1923), segurada em 250 000 dólares; «Odalisca cibernética» (1978), segurada em 250 000 dólares; «A la búsqueda de la cuarta dimensión» (1979), segurada em 250 000 dólares; «Autoretrato con cuello rafaelesco» (1922), segurada em 200 000 dólares; «La sirvienta de los discípulos de Emaus» (1960), segurada em 180 000 dólares; «Retrato de Gala a contraluz», segurada em 180 000 dólares; «Cadaqués visto de espaldas» (1922), segurada em 125 00 dólares; «Las señoritas de Aviñón» (1970), segurada em 125 000 dólares; «La caza» (1975), segurada em 125 000 dólares.

Entre os de valor de 25 000 a 100 000 dólares temos as seguintes obras: «Canto» (1920), «Figura ecuestre molecular» (1952) «Más bello que Cánova» (1979), «Pierrot lunar» (1978), «Batalla en las nubes» (1974), «Las meninas» (1974), «Copia de un Rubens copia de Leonard» (1979), «Antel» y «El carro de Bacchus» (1953), «Senicitas» (1927), «Un reloj blando colocado en el sitio adecuado haciendo morir y resucitar un joven efebo por un excesso de satisfacción» (1979), «Sopa» (1920), «Estudio para una premonición de la guerra civil» (1935), «Creación de la Vía Lactea» (1970), «Fosfeno» (1979), «El Papa Juan XXIII» (1958), «La oreja del Papa» (1958), «Cabeza de medusa» (1962), «El buen pastor» (1958), «Alegoría» (1958), «Cadaqués» (1923), quince obras sin título, realizadas entre 1921 y 1928, «Cabeza de Venus otorrinológica» (1954), «Homenaje a Claudio de Lorena» (1977) y «Muchacho búlgaro comiendo ratas» (1939).

Só no Museu Dali de Figueras (Gerona) há obras cujo valor real global é calculado em cerca de três mil e quinhentos milhões de pesetas.

A todas estas obras, têm de ser acrescentadas as jóias desenhadas por Dali e os seus diversos manuscritos.

O escândalo das falsificações

Há alguns anos rebentou um escândalo com a produção de diversas obras de tipo «daliniano e assinadas por Dali», que não tinham sido feitas pelo pintor de Cadaqués.

No ano de 1981, Dali, já então em plena decadência física, tinha assinado várias folhas de papel e de cartolina em branco que tornaram possível a reprodução incontrolável de obras suas. O próprio Dali afirmaria que ignorava quantos contratos teria feito. O pintor assinara o seu nome em diversas ocasiões em papel litográfico sem saber o propósito para que seria usado. Em 1974, já os serviços de alfândega francesa, na fronteira com Andorra, haviam detido uma furgoneta que transportava 40 000 folhas de papel litográfico assinadas por Dali. Tais folhas eram propriedade de um editor francês de obras de arte de nome Jean Lavigne, porém, como se faziam acompanhar de uma autorização de importação, e visto assim não haver delito, não puderam ser expropriadas.

O destino de tais folhas, ainda hoje continua a ser ignorado.

Salvador Dali advertia em 1982 contra as manipulações da sua obra. As coisas tinham chegado a um extremo tal que, preocupados, os mais importantes coleccionadores de obras de Dali, chamaram peritos de prestígio para que autenticassem as obras que possuíam.

Dali então declarara à Imprensa: «Perante o vasto número de reproduções gráficas e litográficas com o nome **Dali** inserto nelas, e actualmente disponíveis e postas em circulação, vejo-me na obrigação de a todos dar conhecimento que nem todas as assinaturas podem ser-me atribuídas sem qualquer reserva».

Algumas das falsificações foram perpetadas por um jovem pintor catalão, Manuel Pujol Baladas. A «história» começara no ano 1975, quando Baladas pintou os primeiros quadros «de inspiração daliniana». Várias destas obras foram vendidas por 150 000 pesetas e sem assinatura, o que resultou em longas peregrinações de tais obras por entre coleccionadores, já então com o nome de «Dali» inserto nelas. É claro que não é preciso dizer que o pintor Pujol Baladas foi detido e submetido a tribunal, bem assim os seus intermediários. Nas suas declarações ao juiz afirmou:

«Não me considero responsável mas sim **utilizado** por uns senhores que são os culpados por todo este imbróglio.»

Pujol Baladas declararia ainda à Imprensa: «Comecei a pintar obras de inspiração daliniana em 1975. Vendi treze telas por 150 000 pesetas cada uma a um senhor que me disse ter as paredes de sua casa 'nuas'. Mais tarde vim a saber que tinha vendido os quadros como se fossem autênticos 'dalis' num leilão efectuado numa galeria londrina. Tendo-me assegurado, comprovativamente, através dos catálogos, com as fotografias que confirmavam plenamente que eram de minha autoria, decidime a denunciar o caso».

Há já algum tempo que o editor francês Pierre Argillet, especialista em livros sobre Dali, declarara possuir «dez quilos de documentos» sobre falsos «dalis». Segundo Argillet existe uma verdadeira rede de falsificadores espalhada pela França e Itália, que estaria disposta a colaborar com quer que seja no (no) esclarecimento da fraude.

Dali já há anos que se esqueceu de tais problemas. A sua mente outrora prodigiosa, esfumou-se com o passar do tempo.

Até ao final, o génio de Cadaqués foi motivo de escândalo.

Atletismo

DOMINGOS CASTRO: O MELHOR EM ITÁLICA

Pág. 29

D Desporto

Domingos Castro: triunfo de um grande atleta

Nacional de futebol

AQUI: NO PAÍS ONDE O GOLO É DESCONHECIDO

Neves de Sousa

Enquanto lá na frente nada de novo mete lança no turbilhão de águas e chamas que enrola este luso-brasileiro campeonato de futebol, com o quadrunvirato de chefia galgando terreno, estende-se o olhar para o rés-do-chão e nota-se que, enquanto os viseenses do Académico fazem um tremendo esforço para não resvalarem na lama movediça, os dois blocos algarvios vão de mal a pior. Portimonenses não conseguiram manter uma preciosa vantagem sobre os restelianos, que ultrapassagem chegou a ser de 2-0 (e, quando o Belenenses parecia encostado ao paredão, fugiu o pelotão de fuzilamento). Quanto aos farenses parece mais que eminente a mudança de chefia que, como nos disse já há dois dias o presidente Fernando Barata, estava dependente do desfecho do duelo em terra beirã: terá acabado o reinado de José Augusto no S. Luís e será perfeitamente possível que Malcolm Allison (ou outro «renovador») já amanhã tome conta da desgarrada esquadra farense? Entretanto, saúde-se a alegria dos alunos de Fernando Cabrita (nunca resignados) e o inconformismo dos chefiados por Mortimore que, ao menos uma vez, não se submergiram àquilo que parecia ser lei do dono da mesa.

Mas tornemos ao mastro de honra. Mais uma péssima arbitragem de Alder Dante, recomendando-lhe ser mais que hora de antecipar um digno adeus aos rectângulos que lhe deram possibilidades de emergir, de simples professor em Almeirim, para um mundo que certamente julgava impossível aqui há duas dezenas de anos. Árbitro «internacional», com pergaminhos, mas também muitos pecadilhos (ou fraquezas) que não vêm hoje para esta história, Alder Dante deu nova «barraca» de todo o tamanho em território vimaranense. E, não interessa aqui que outros colegas de crítica apenas perfilhem o «yes man», o inclinar de cabeça, a subalternidade perante os erros mais superiores, em nome da paz e da serenidade: o desfecho de um espectáculo-jogo em que estão colocados em equação interesses que roçam o céu não pode ser adulterado pela visão distorcida do seu comandante de ocasião: ao não marcar uma grande penalidade cometida por Veloso (mãozinha na bola) e logo fazendo a agulha para beneficiar os minhotos com um castigo máximo que só ele viu (lance entre Fonseca e Silvinho) agiu mal: foi pior a emenda que o soneto. Valha-nos que o resultado acabou por estar certo: seria pura injustiça que o emblema da águia, de João Santos e Marcel d'Almeida, José Gomes Machado e José Capristano, Toni e Eusébio, retirasse batido de terras onde o Fundador nos implantou como gente sem mordaça nem grilheta. Mas, foi um espectáculo feio, marcado por muitas faltas, cheio de pontos negros: culminados por mais um anúncio da continuada (adiada) renúncia de Alder Dante. Até quando, Pinto de Sousa?

Na Costa Verde, foi belíssima a réplica espinhense ao todo poderoso senhor que viajava das Antas: o activo abriu a favor dos **espinhenses** mas o certo é que os **azuis-brancos** conseguiram dar a volta ao texto e carrilar para casa o pecúlio maior em equação. Artur Jorge operou, ainda na rajada de abertura, modificações que ficam para melhor entendimento: saída de Sousa, rendição a favor de Jaime Pacheco, logo a seguir adeus a Gomes e apelo a Domingos. Sorte ou mero acaso? O técnico portista pode agora garantir que esteve com a varinha de condão a seu favor: muitos outros irão interrogar-se sobre o que terá (verdadeiramente) acontecido para o **bibota** de ouro morar em negrume no seu olhar.

Adiante: o Porto ganhou, esvaiu-se a crítica mais agreste. e, como o Sporting não desperdiçou ensejo de esbater o poderio bracarense que desembarcava em Alvalade, com uma exibição que intervalou momentos de monotonia com instantes de regalo, muito bem armado e disciplinado o «onze» do 1.º de Maio, mais bem calibrado o Sporting desde que Vítor Manuel Damas de Oliveira deu uma mãozinha a Pedro Rocha e Fernando Mendes igualmente pode trabalhar mais repousadamente, aí temos o trio da vanguarda da mesma correria mas (atenção!) sentindo a persistente e renovada presença de um Boavista eufórico, em plena colagem à fama que o catapultou por essas Europas. Demorou (tardando) o magro êxito sobre um Beira-Mar desapossado (momentaneamente) do mais poderoso espadachim (Alain, lesionado) e do alto esquematizador de todas as suas ondas (Abdel-Ghany, ao serviço da selecção do país das pirâmides). De qualquer modo, aproxima-se o Bessa da verdadeira qualidade: continuam os aveirenses na caçarola do seu natural exame. Sem veleidades, com os pés na terra e o olhar virado para os testes que serão formalizados na própria paliçada.

Admitia-se (mais que perfeitamente) sorte difícil na recepção amadorense a homens de Chaves, como no atendimento penafidelense a quem chegava de Matosinhos. E isso aconteceu, sem qualquer erro de cálculo: foi possível ao Desportivo de Chaves fazer (pelo menos) uma «linha» no «bingo» do Estrela, enquanto Leixões surgia em Penafiel com arame farpado para estender na zona de diálogo. Agora, lado a lado na tabela pontual, António Morais e João Alves ficam reciclando argumentos para fuga da área de cutelo sobre as cabeças, da zona de onde tenta escapulir-se um Fafe que, aproveitando a momentânea queda maritimista, ganha asas e força para discutir esses negócio da sobrevivência que, no tocante aos funchalenses do Nacional, parece negócio ultrapassado, especialmente após Paulo Autuori (uma vez mais, isso merecendo os parabéns maiores) ter vindo até longe da bandeira que serve para arrebatar a mais saborosa conquista, muito notavelmente por se tratar de vergar um Vitória de Setúbal que, encaminhando os mais secretos propósitos para a conversa uefeira, tão depressa rubrica o óptimo como o mais que medíocre, insuspeitado plano de visão para quantos continuam admitindo que Manuel Fernandes e o presidente Fernando Oliveira inocularam espírito de ambição e cobiça num excelente punhado de executantes. Só que, tomando o pulso ao mandão da festa, o Nacional chegou à beira do Sado e acabou por deitar os foguetes e sair entre aplausos de uma cercadura rendida a Dino e seus comparsas.

Duas dezenas e meia de golos: colheita tão fraca que, em observação atónita deste velho continente, Portugal permanece (com a ínfima colheita de nove golos pelos melhores e mais esclarecidos atiradores às malhas contrárias) na cave mais escura e sem amanhã efectivo na lista dos autores de tentos que poderiam revalidar Eusébio, Yazalde ou Fernando Gomes. Neste momento, que todos escondam ao mundo, viajamos no mais débil torneio de sempre vivido por estas bandas. De quantos será a culpa? Quem se acusa?

Magnusson fazia erguer as bandeiras rubras

Silvino: o estilo de um «keeper» de eleição

Silas: era o primeiro erguer da plateia

Espinho, 1 – FC Porto, 2

«DRAGÕES» QUASE SE PICAVAM

Manuel Neto

Esteve iminente uma «picadela» dos «dragões» em Espinho. Com efeito, mesmo sobre a hora de recolher a penates, Branco evitou o golo do empate espinhense, garantindo, assim, os dois pontos, pelos quais a sua equipa havia lutado e bem durante os 90 minutos. Embora muito suada, a vitória do Futebol Clube do Porto aceita-se como o corolário lógico do maior pendor atacante, bem expresso, aliás, nos onze pontapés de canto, sem resposta, de que beneficiaram no primeiro tempo os «azuis e brancos».

O Espinho, como de resto já se previa, agigantou-se perante os campeões nacionais e constituiu, na verdade, um adversário tremendamente difícil de superar. Dificuldades acrescidas pelo facto de os «tigres» terem logrado adiantar-se no marcador, logo aos 2 minutos de jogo, através de Luís Manuel (um ex-portista), que aproveitou da melhor maneira um passe mortífero de Ivan e... o desentendimento dos centrais das Antas, que ficaram pregados ao terreno, surpreendidos pela rapidez do lance.

O Futebol Clube do Porto reagiu de pronto e, no curto espaço de dois minutos, beneficiou de quatro pontapés de canto, um dos quais poderia ter dado golo, não fora a extraordinária concentração e agilidade de Silvino na primeira de uma série de boas intervenções. Esgotados os primeiros «tiros de pólvora seca», os portistas não desarmaram, continuando apostados na reposição da igualdade o mais rapidamente possível. Madjer, ontem descaído sobre o lado esquerdo do ataque portista, ofereceu essa oportunidade a Gomes em dois lances consecutivos, mas o «bota de ouro», manifestamente em crise, deixou-se antecipar pela defesa contrária.

A estratégia defensiva nos espinhenses começava, entretanto, a dar os seus frutos. Branco não subia, porque Aziz não deixava, João Pinto também não arriscava devido à presença de Marcos António, Rui Filipe marcava Madjer à zona e Luís Manuel não dava um palmo a Fernando Gomes. Por outro lado, sempre que os espinhenses ficavam na posse da bola, era notória a dificuldade dos portistas para voltarem à posse do esférico, o qual era habilmente guardado pelos «tigres», através de triangulações muito bem executadas e de variações de flanco que obrigavam os seus adversários a andar de um lado para o outro e causavam desgaste.

Vendo que a sua equipa começava a deixar-se enlear na «teia» espinhense, Artur Jorge procedeu a duas modificações quase em simultâneo: primeiro tirou Sousa, que andava manifestamenmte à deriva, e fez entrar Jaime Pacheco, e quase logo a seguir madou sair também Fernando Gomes, para apostar no jovem Domingos. Os resultados foram imediatos: a equipa portista ganhou outra agressividade no meio-campo e o Espinho foi forçado a recuar para suster a avalancha atacante. No intervalo que mediou entre a saída de Sousa e de Gomes (4 minutos) e na sequência de um pontapé de canto do lado direito, mas apontado por Branco, o Futebol Clube do Porto viu um golo anulado a Paulo Pereira, por falta que não descortinámos, o que constituiu, por assim dizer, o aviso do que iria suceder aos 38 minutos para as hostes espinhenses.

À passagem dos 38 minutos, os «azuis e brancos» acabaram, finalmente, por obter o justo prémio para o seu labor. Semedo ganhou um lance ao defesa-esquerdo Barriga e, de pronto, centrou para o coração da área espinhense, verificando-se, então, um falhanço colectivo da defesa local, que Rui Águas aproveitou para repor a igualdade.

No regresso do intervalo, os portistas continuaram apostados na liderança das operações, enquanto os espinhenses tentavam explorar o contra-ataque, com Pingo, Luís Manuel e Marcos António em plano de evidência. Primeiro foi o Futebol Clube do Porto que dispôs de excelente oportunidade, por intermédio de Madjer, quando iam decorridos 51 minutos, mas depois, volvidos 12 minutos, foi a vez de Zé Beto entrar em acção, negando, por duas vezes, o golo a Pingo, num período em que os locais, beneficiando de algum desacerto do meio-campo portista, se revelaram mais audaciosos.

Estava escrito, no entanto, que o «bolo» seria para os campeões nacionais. Num lance aparentemente inofensivo, Branco, do lado esquerdo, solicitou Madjer e este, absolutamente solto e liberto de opositores, saltou mais alto do que Silvino e obteve o tento do triunfo portista.

Madjer: foi dele o golo do triunfo portista

Com o senão do tal golo anulado a Paulo Pereira, a arbitragem de Sepa Santos esteve à altura do encontro.

ESPINHO: Silvino; Eliseu, Nené, Sousa e Barriga (Rui Neves, 75 m); Luís Manuel, Pingo, Rui Filipe e Marcos António; Aziz (Zezé Gomes, 56 m) e Ivan.

FC PORTO: Zé Beto; João Pinto, Dito, Paulo Pereira e Branco; Semedo, André e Sousa (Jaime Pacheco, 26 m); Gomes (Domingos, 30 m), Rui Águas e Madjer.

Ao intervalo: 1-1. Marcadores: Luís Manuel (2 m), Rui Águas (38 m) e Madjer (73 m).

Cartão amarelo – Gomes (28 m), Aziz (29 m) e Rui Filipe (38 m).

A selecção partiu para Atenas

Plácido rendeu o portista André

A comitiva futebolística nacional partiu esta manhã para Atenas, onde na quarta-feira, defrontará a sua congénere grega, em encontro de preparação para o confronto com a Bélgica que terá lugar no dia 15 de Fevereiro a contar para a fase de apuramento para o Mundial-90.

Depois da dispensa de Paulo Futre, a Comissão Técnica foi forçada a substituir o portista André que, após o encontro de ontem, começara a sentir forte dor de dentes. Juca «apostou» no benfiquista Pacheco mas também este se mostrou indisponível devido a problemas nas virilhas, pelo que Jorge Plácido foi chamado à última hora para integrar o grupo dos 15 que em Atenas se encontrarão com o «italiano» Rui Barros.

Pais do Amaral chefia a comitiva que integra mais os seguintes elementos: António Pimenta (dirigente), Pedro Mousinho (funcionário federativo), Juca (seleccionador), Barnabé e Costa (treinadores), Camacho Vieira (médico), João Silva e Joaquim Cotovio (massagistas), António Gonçalves (técnico de equipamentos) e os seguintes jogadores: Neno (V. Guimarães); Silvino, Veloso, Vítor Paneira (Benfica); João Pinto, Semedo, Rui Águas e Sousa (FC Porto); Fernando Mendes e Jorge Plácido (Sporting); Oliveira e Nunes (Marítimo), Sobrinho e Adão (Belenenses).

projecto®
móveis e equipamentos para escritório
Av. João XXI, 64-A — Lisboa

Nomes e números da jornada

Boavista, 1 — Beira Mar, 0

Árbitro: Ezequiel Feijão (Setúbal).

Boavista: Hubart; Casaca, Frederico, Valdir e Marcos António; Parente (Holmberg, aos 45 minutos), Jaime (Armando, aos 74 minutos), Isaías e Nélson; Elói e Walker.

Beira Mar: Miguel; Costeado, João Gouveia, Dinis e Ivan; Redondo, Dreiffus, João Paulo (Jarbas, aos 45 minutos) e Bugre (Guillao, aos 30 minutos); Paulo Campos e Simões.

Acção disciplinar: cartão amarelo para Redondo, aos 88 minutos.

Golo de Nélson (81m).

Amadora, 1 — Chaves, 1

Árbitro: Veiga Trigo (Beja).

Estrela da Amadora: Hugo; Rui Neves (Sessay, aos 46 minutos), Duílio, Barny e Caetano; Rebelo, Bobó, Nélson Borges e Marlon Brandão; Pedro Xavier e Paulo Jorge (Coelho, aos 64).

Chaves: Padrão; Vicente, Figueira, Jorginho e Cerqueira; Gilberto, Radi, Diamantino e Luís Saura (Slavkov, aos 85); Jorge Silvério (Eurico, aos 68) e David.

Acção disciplinar: Amarelos para Gilberto (54), Cerqueira (64), Bobó (65) e Radi (81). Vermelho para Gilberto (80) e Cerqueira (83).

Golos de Radi (45m) e Duílio (de grande penalidade, aos 76m).

Guimarães, 1 — Benfica, 2

Árbitro: Álder Dante (Santarém).

Guimarães: Neno; Nando, Jorge, Basílio e Nascimento; Nené, Roldão, René (Décio António, 70m) e Chiquinho; João Baptista e Silvinho.

Benfica: Silvino; Veloso, Ricardo, Samuel e Fonseca; Elzo, Vítor Paneira, Miranda (Shéu, 75m) e Valdo; Pacheco e Magnusson (Ricky, 87m).

Acção disciplinar: amarelo para Samuel (41), Jorge (45), Magnusson (52) e Roldão (60).

Golos de Magnusson (25), Pacheco (37) e João Baptista (de grande penalidade, 50m).

Portimonense, 2 — Belenenses, 2

Árbitro: Carlos Valente (Setúbal).

Portimonense: Sérgio; José Carlos, Justiniano, Floris e Aurélio; Nivaldo, Simeonov (Vado, aos 29m), Augusto e César Brito; Guetov (Décio, aos 71m) e José Pedro.

Belenenses: Jorge Martins; Galo (Chico Faria, aos 65m), José António, Sobrinho e Zé Mário; Teixeira, Juanico, Chiquinho e Macaé; Mladenov e Adão (Jaime, aos 52m).

Acção disciplinar: cartão amarelo a Vado (29) e Justiniano (38).

Golos de César Brito (3m), José Pedro (63), José Mário (66) e Macaé (77).

Penafiel, 1 — Leixões, 1

Árbitro: José Pratas (Évora).

Penafiel: Cerqueira; Bio, Manuel Correia, Vasco e Artur (Caetano, 63); Rui Manuel, Elias, China e Amâncio; Paulo Henrique (Tó Portela, 76) e Djão.

Leixões: Jesus; Abílio, Cardoso, Mauro e Chico; Quinito, Ruben, Tó Zé I e Penteado (Monteiro, 83), Márcio (Moreira de Sá, 89) e Makukula.

Acção disciplinar: amarelo a Bio (27).

Golos de Márcio (62m) e Djão (67).

Setúbal, 0 — Nacional, 1

Árbitro: Vítor Correia (Lisboa).

Setúbal: Meszaros; Crisanto, Edmundo, Quim e Flávio; Jorge Ferreira, Tueba, Vando e Cadete (Mendes, 71m); Roçadas (Aparício, 46m) e Jordão.

Nacional: Gilmar; Tininho (Rui Duarte, 7m), Leiz (Edu, 52m), Toninho e Vieira; Ladeira, Heitor, Paulo Sérgio e Cristiano; Murphy e Dino.

Acção disciplinar: cartão amarelo para Meszaros (40m)

Golo de Dino (82m).

Fafe, 2 — Marítimo, 1

Árbitro: Juvenal Silvestre (Setúbal).

Fafe: Quim; Sérgio, Grosso, Cláudio e Figueiredo; Perduv, Gomes, Célio e José Albano; Rogério (Flávio, 50) e Gospodinov.

Marítimo: Everton; Rui Vieira, Andrade, Oliveira e Nunes Nazaro; Adelino Nunes, Artur Semedo, Tó Zé (Paulo Ricardo, 54) e Esquerdinha; Jorge Silva (João Paulo, 80) e José Luís.

Acção disciplinar: amarelo para Rui Vieira (38), Nunes Nazaro (45), José Luís (55), Perduv (63), Grosso (70) e Oliveira (80).

Golos de Célio (19 e 52m) e Jorge Silva (35).

Viseu, 3 — Farense, 1

Árbitro: Francisco Caroço (Portalegre).

ACADÉMICO DE VISEU: Nélito; Morgado, Leal, Chico Nikita e Kapa; Nogueira, Rui (Amaral, 67), Djallo e Quim; Abel e Amadeu.

FARENSE: Baía; Eugénio, Luisão, Marco e Pereirinha; Vitinha (Carlos Pereira, 75), Ademar, Sérgio Duarte e Ricardo; Danov e Resende (Adilson, 45).

Acção disciplinar: amarelo para Danov (73) e Morgado (88).

Golos de Abel (16m de g.p.), Ricardo (19), Marco (24m na p.b.) e Nogueira (32).

KIT-MARKET
Móveis e utilidades para a casa
4000 m² — Centro Comercial das Olaias

Alvalade: Sporting, 2 – Braga, 0

DEIXEM O LEÃO POLIR AS UNHAS E VÃO VER O QUE PODE ACONTECER...

Neves de Sousa

Queiram ou não acreditar: cá por mim, costela também inclinando-se no parapeito da janelinha, estou em crer que o Sporting ainda pode, para além de impulsionar uma acha na fogueira, interferir muito directamente na esgrima pelo título mais superior destas áreas: e, inclusive, provocar novo safanão nas hostes, depois daquela cotovelada desferida por Jorge Gonçalves, o ingénuo (ou menos preparado) comadante de um emblema do mais alto e difícil futebol, sucessivamente recebendo golpes na armadura por tudo o que é lado: finanças, amigos da onça, meros companheiros de embarque ou (simplesmente e é bem pior) de quem embarcou na sua nau com o deliberado propósito de aproveitar mar bonançoso para sair no primeiro porto ou então, aproveitando-se de benesses quase reais (lautos lucros, saída da nebulosidade, carro e poderes à ordem) agora já procurar, como os ratos, vaguear no tombadilho da nave em louco torpel antes de terra firme.

Perdoem se rasgo esta história citando a estranha e bem inconcebível «entourage», que rodeia o mais carismático bigode que saiu para o palco nestes últimos nossos tempos: uma única vez (e com dispêndio da bolsa deste jornal...) falei com o actual presidente leonino. Nunca poderia (até por obrigatoriedade respeitada ao determinado pelo meu sindicato) alinhar em benfeitura da ocasião, fruto efémero e ocasional de um gesto impulsionado sem razão básica: o tempo virá (tenho a certeza mais que absoluta) a conceder-me razão para colocar na praça pública os autovendilhões da sua própria praça pública: os flutuantes de coração. Será apenas necessário deixar correr o marfim, mais meia dúzia de rios desaguarem sob as nossas pontes.

O certo é que, arrostando contra todas as flechas, alvejado de todos os ângulos, Jorge Gonçalves mantém-se de cabeça firme: terá (como se palpita) cometido erros em torrente, possibilitou a cautelas e peçonhas envolverem-se no seu andamento, houve quem tomasse boleia no eléctrico, tenha depois viajado para bonito automóvel e agora apenas deseje «lambretta» para se escapulir. Triste sinal dos tempos ultimamente vividos: **«se não o puderes vencer, alia-te a ele»** — rezam as crónicas desde Zeus, o deus máximo. **«Se não o conseguires poupar da descida, deixa-o cair sozinho»** novo lema de uma falange de aproveitadores de ocasião, que perderam o manto em outras ocasiões mas tentam (esbracejando contra a maré) manter-se no activo. Nalguns casos porque possuem qualidades para sobrevivência: em muitos outros porque o inimaginável tigre está, de garras abertas, disposto ao dilacerar de um corpo vencido.

Entenda quem o quiser: é recado com assinatura. Mas, para além disso e novamente regressando a quem não esquece, não oblitera nem perdoa facadas encomendadas ao centímetro, de inteira justiça considerar que alguém atraiçoou o actual presidente sportinguista, quem quer que seja tirou a carpete colorida com cifrões que tinha colocado perante os seus pés. O facto é que, mesmo sabendo-se que toda a sorte de problemas financeiros que encolhem o Sporting e o reduzem (em termos de legislação laboral) à expressão mais difícil, teremos de concordar que, depois da «apagada e vil tristeza» em que navegou em ventos recentes, está agora promovendo severa catalogação do seu valor, mas um exame sem pouca assistência clínica do seu mérito e do que representa para o luso desporto de que queremos orgulhar-nos. Um Sporting que, no entanto continua recebendo flechadas múltiplas: as últimas partem de mais um vice-presidente (José Nery) que, por razões que só a própria razão entenderá, pediu **escusa** do cargo, deixando ao descendente do meu saudoso amigo Abrantes Mendes a responsabilidade de atirar cá para fora a mais que nunca entendida justificação de que garantia reduzir tudo e todos a mero cisco, quando (afinal) não possui retaguarda nem artilheiros.

E aqui, ainda antes de voltarmos (muito celeremente) ao Sporting-Braga, fica-me no ouvido a confidência (alongada) de vasto pessoal do solar leonino: se quiserem que conte, demora largo calendário: se preferirem que reduza, fiquemos pelo desabafo. O certo é que em Alvalade (Janeiro de 1989) um pesado sector da Comunicação Social é entendido, longe dos favores do trono, como o mais apto a divulgar, daqui a pouco, o que vai pela casa.

Esperamos (todavia) que seja mais bonito o panorama que visionamos neste instante: Sporting bem metido na conversa entre chefes de partido, Benfica e Porto (com maior aceleração nas asas) tentando a fuga. Só que, na recepção aos minhotos o leãozinho ainda com poucas garras à vista, mostrou que não estava disposto a abrir mão de um petisco: custou, mas arrecadou.

Gostei de ver, à nossa frente, ali, onde antigamente se juntavam ministros e generais, artistas como Fernando Mendes e Carlos Cunha, António Lázaro viajar entre a plateia falando dos imediatos projectos «verde-brancos». Contudo, entendo que decaiu o nível imediato das gentes convidadas para o areópago sportinguista, por acaso com muitos lugares vagos: humanos-animais rasteiros estão em fuga?

De uma assentada, com a lógica base em problema de atrasados pagamentos a jogadores e treinadores de escalões menos dotados de fama, apresentam sinal de desistência figuras como Caló, Clemente, Subtil de Sousa, Abílio Monteiro, Ferrão, José Castro e Ruas: mais uma fatia de partidários-embarcantes no navio de Jorge Gonçalves pedem licença para sair na primeira ilha. E, entretanto, 2500 exemplares (afirmados) de um prospeto impresso na Gráfica Nazarense estavam a ser distribuídos junto às portas por meninos que somente tentavam justificar a condição de arregimentados. O título dos papelinhos tem uma bandeira: «Os leões da Nazaré». Depois (sem uma qualquer pequena alteração de vírgula) os papelinhos dizem assim:

Perdoem; outra vez me afastei desse puro e simples jogo de futebol que foi o choque Sporting-Braga, cada turma com muitos cuidados mas os nortenhos sempre aproveitando a incrível falta de pontaria da chefia esverdeada. Sucediam-se os pontapés de canto para erário dos senhores de Alvalade, mas igualmente foi necessário a Vital a mais extrema atenção para evitar a queda do seu castelo: uma belíssima estirada e, logo, saída a pontapé para enfrentar o pior, reduziram a cisco os problemas mais cheios de incógnitas.

Um golão (enorme!) de Silas, mais tarde complementado pelo tiraço imponente de Carlos Manuel, ficam até ao amanhã. surgiram, aqui e acolá, muitas oportunidades despediçadas por infantil calibragem. Venâncio a (sistematicamente) bater Marcão no jogo alto, Douglas a pontificar como grande esquematizador dos «leões», as entradas de Jorge Gomes e Vinicius a nada renderem, o chamamento de Oceano para defesa esquerdo ou de um rapaz de apelido Maside para a esquadrilha sportinguista, também ficando pelo zero mais absoluto. É que, no fim de contas, os sportinguistas mais salientes chamaram-se Vital (duas defesas de se lhe tirar o chapéu), João Luís, Morato e Venâncio (autenticamente impecáveis), Douglas (sem o erro mais superficial), Silas e Carlos Manuel (comprovando porque moram no plano cimeiro de duas observações com a mesma língua) e aqueles breves lampejos de Jorge Plácido que, antes de ter o apelido, já o bem merecia.

Sob o estandarte bracarense, adiante-se que terá sido erro crasso colocar Marcão debaixo do permanente compasso ditatorial de Venâncio, na mesma linha de quantos não entenderam os protestos vindos da linha lateral, de um sujeito que poucos poderão identificar como servidor bracarense mas que muito incendiou as hostes do patrão. Palmas (correctas e de justiça plena) para o impressionante Vítor Duarte, mais até Moroni e Laureta, Kiki e Marcão, Tiano e para o senhor Vítor Manuel, técnico da formação, que nunca perdeu a cabeça, sempre sabendo que o melhor fulgor sportinguista terá de aceitar-se a partir do instante em que, sacudindo a toca, obrigaram que o leão saísse da jaula. Agora, sim: de unhas em riste.

Com a direcção da partida entregue ao setubalense José Garcia (que esteve acompanhado por Valdemar Custódio e João Rosa) alinharam:

SPORTING: Vital; João Luís, Morato, Venâncio e Fernando Mendes (Oceano aos 64 minutos); Douglas; Silas, Carlos Manuel e Xavier; Paulinho Cascavel e Jorge Plácido (Maside, 81).

BRAGA: Hélder; Chico Silva, Vítor Duarte, Moroni e Laureta; Kiki; João Mário, Santos (Jorge Gomes, 60), Fernando Pires e Tiano (Vinícius, 66); Marcão.

Golos por Silas (39 minutos) e Carlos Manuel (56). Cartão amarelo para João Luís, Carlos Xavier e dr. Romeu Maia (médico bracarense).

Nazaré apoia Gonçalves

«Nós, os sportinguistas da província, estamos atentos ao que se passa dentro e fora do nosso clube. Não embarcamos na campanha de desestabilização que a maior parte dos órgãos de informação têm estado a fazer. Estamos ao mesmo tempo atentos às manobras de falsos sportinguistas que tudo estão a fazer para que este tão grande clube se afunde cada vez mais, mas não o vamos permitir. O **Sporting Clube de Portugal** é de todos nós, sócios, atletas e de todos aqueles que lutam para que o nosso tão grande clube seja cada vez maior. Somos nós que temos que transmitir à actual direcção, a tranquilidade e a estabilidade necessária para que a mesma consiga cumprir com o prometido. Continuamos a acreditar em **Jorge Gonçalves** e em todos aqueles que se mantêm firmes a seu lado. Por isso aqui fica o nosso apelo: Todos à próxima Assembleia Geral com os mesmos objectivos. Paz, União e um Sporting cada vez maior.

Viva o Sporting Clube de Portugal!»

Francisco Silva: homenagem ao mérito

Cerca de 300 pessoas ligadas ao futebol associaram-se à homenagem prestada ao árbitro Francisco Silva, único juiz do Conselho Regional de Faro que integra o quadro da primeira categoria nacional, e um dos sete árbitros internacionais portugueses.

Na Adega da Torralta, em Alvor, congregaram-se figuras destacadas do futebol português, vindas dos mais diversos pontos do País, desde dirigentes da Federação Portuguesa de Futebol e do Conselho Nacional de Arbitragem, a representantes de associações desportivas.

Marcaram também presença os grandes e os pequenos clubes de futebol, vários autarcas algarvios, muitos jornalistas desportivos e jogadores e ainda os árbitros de categoria internacional, colegas do homenageado.

Peres Bandeira em representação do Benfica entrega a Francisco Silva uma águia em estatueta

Além do jantar de confraternização, a homenagem incluiu uma passagem de modelos sobre **«O árbitro e o equipamento»** e duas exposições, uma de fotografia versando **«Instantâneos do apito»** e outra de desenhos subordinados ao tema 20árbitro na imaginação das crianças».

Francisco Silva, de 40 anos, natural de Alvor, iniciou a sua carreira em 1973 e nove anos depois ingressou no quadro nacional, tendo sido promovido à categoria de internacional há três épocas.

Baptista da Silva desmente fuga

O presidente do Conselho Fiscal do Sporting, Baptista da Silva, desmentiu à agência Lusa ter fugido para Macau, ou ser acusado de burla num processo judicial.

O dirigente do Sporting, que regressou no domingo ao princípio da tarde de Macau, disse ter sido surpreendido pelas «notícias totalmente falsas e difamatórias» publicadas em dois jornais, a quem vai mover, segundo disse, um processo-crime.

Baptista da Silva confirmou haver um diferendo com a empresa referenciada na notícia, cujo processo judicial decorre há cinco anos, onde diz ser também queixoso.

Sporting: no futebol dos «pequeninos» Os problemas estão resolvidos

Subtil de Sousa, director-geral do futebol juvenil do Sporting, disse à agência Lusa que **«estão praticamente resolvidos todos os problemas»** que levaram a direcção do sector a apresentar a demissão.

«O presidente Jorge Gonçalves prometeu-nos todo o apoio e praticamente estão resolvidos todos os problemas», afirmou o dirigente «leonino», que adiantou existirem ainda casos de «salários em atraso».

Futebol por cá

NACIONAL ENTRA NA CARRUAGEM DA EUROPA

Desta vez, os ventos do Norte não sopraram a favor de Alvalade, já que tanto o Espinho como o Guimarães, foram batidos pela marca tangencial de 2-1 pelos principais concorrentes ao título (Porto e Benfica) deixando os prosélitos «leoninos» à espera de futuras oportunidades.

Surpresa aconteceu no Bonfim onde a turma local repetiu o que fizera com o Braga. Quatro pontos perdidos que poderão comprometer as legítimas aspirações do clube de Fernando Oliveira e Manuel Fernandes. Por seu turno, o Nacional que, com este triunfo somou dez pontos conquistados fora dos «Barreiros» entra decididamente na «carruagem da Europa» juntando-se ao V. Setúbal, Penafiel e onde se encontram o Boavista e o Sporting.

Outras notas de destaque desta 22.ª ronda: os empates conseguidos pelo Chaves (Amadora), Belenenses (Portimonense) e Leixões (Penafiel) e as dificuldades impostas pelo Beira Mar no Bessa. Refira-se ainda que o Estrela da Amadora, só através de uma grande penalidade evitou a derrota e o Belenenses, que conseguiu «virar» o dois zero para o dois-dois.

Para o Farense, a derrota em Viseu coloca-o em desvantagem perante os homens do Viriato, já que na 1.ª volta haviam vencido apenas por 1-0. No termo da prova um golo poderá ser fatal. Vejamos a «história» da ronda:

Resultados

Sporting-Braga 2-0
Fafe-Marítimo 2-1
Guimarães-Benfica 1-2
Espinho-Porto 1-2
Portimonense-Belenenses 2-2
Setúbal-Nacional 0-1
Boavista-Beira Mar 1-0
Penafiel-Leixões 1-1
Amadora-Chaves 1-1
Viseu-Farense 3-1

Próxima jornada (23.ª): Fafe - Setúbal, Nacional - Amadora, Chaves - Sporting, Braga - Boavista, Beira Mar - Penafiel, Leixões - Espinho, Porto - Guimarães, Benfica - Portimonense, Belenenses - Viseu e Farense - Marítimo.

Os golos

A jornada rendeu 25 golos com a curiosidade de somente Célio (Fafe) haver bisado e, quanto aos rematadores da frente, apenas Jorge Silva ter feito o «gosto à bota». Deste modo, o grupo da frente (com nove golos) eleva-se a quatro sendo Vata, Jorge Andrade, Jordão e Jorge Silva; Dino conta 8 no activo e com 7 chutos certeiros seguem-se Aparício, Ivan, Dino, Amâncio, Abdel-Ghany e Chiquinho.

II DIVISAO

ZONA NORTE

Amarante - Aves, 1-1; Bragança - Marco, 1-3; Freamunde - Parede, 4-0; Moreirense - Gil Vicente, 1-1; Salgueiros - Rio Ave, 1-0; Santa Maria - Felgueiras, 2-2; Tirsense - Vizela, 3-0; Trofense - Paços Ferreira, 1-2; Varzim - Joane, 0-0.

	J	V	E	D	G	P
TIRSENSE	18	10	6	2	30-11	26
Aves	18	9	7	2	32-15	25
Vizela	18	7	9	2	22-16	23
Freamunde	18	8	6	4	28-16	22
Rio Ave	18	8	5	5	29-19	21
Varzim	17	6	8	3	27-16	20
Felgueiras	18	6	8	4	25-17	20
Gil Vicente	18	7	6	5	20-18	20
Joane	18	5	8	5	21-23	18
Salgueiros	18	5	7	6	11-15	17
Marco	17	6	5	6	15-22	17
Paredes	18	5	6	7	15-23	16
Trofense	18	4	8	6	15-24	16
Paços Ferreira	17	5	4	8	19-25	14
Bragança	18	3	8	7	11-20	14
Amarante	18	2	8	8	15-26	12
Moreirense	17	2	6	9	13-24	10
Santa Maria	18	2	5	11	14-32	9

Próxima jornada: Vizela - Santa Maria, Felgueiras - Amarante; Aves - Salgueiros; Rio Ave - Trofense; Paços Ferreira - Freamunde; Paredes - Varzim; Joane - Bragança; Marco - Moreirense; Gil Vicente - Tirsense.

ZONA CENTRO

Águeda - Mealhada, 0-1; Caldas - Lousanense, 2-0; Estarreja - Peniche, 1-2; Luso - Sp. Covilhã, 1-0; Marialvas - Est. Portalegre, 1-0; Oliv. Bairro - Académica, 0-2; Portalegrense - Mangualde, 3-1; U. Lamas - Marinhense, 2-1; U. Leiria - Feirense, 1-1.

	J	V	E	D	G	P
FEIRENSE	18	13	5	0	46- 8	31
Académica	18	9	8	1	26-11	26
U. Lamas	18	9	7	2	24-13	25
Marialvas	17	8	6	3	25-13	22
Águeda	18	6	9	3	18-13	21
Caldas	18	8	4	6	33-23	20
Portaleg.	18	8	4	6	26-22	20
Ol. Bairro	18	6	8	4	11-13	20
Peniche	18	6	7	5	18-22	19
Sp. Covilhã	17	8	2	7	30-14	18
Luso	18	5	5	8	18-24	15
U. Leiria	18	4	7	7	19-27	15
Mealhada	18	5	5	8	18-28	15
Lousanense	18	5	4	9	21-30	14
Marinhense	18	3	6	9	10-34	12
E. Portalegre	18	2	7	9	9-19	11
Mangualde	18	3	5	10	10-23	11
Estarreja	18	2	3	13	16-41	7

Próxima jornada: Mealhada - Oliveira Bairro; Académica - Portalegrense; Mangualde - U. Lamas; Marinhense - Estarreja; Peniche - Caldas; Lousanense - U. Leiria; Feirense - Marialvas; Est. Portalegre - Luso; Sp. Covilhã - Águeda.

ZONA SUL

Alverca - Sacavenense, 1-0; Atlético - Olhanense, 0-1; Barreirense - Esp. Lagos, 3-1; Elvas - Sant. Cacém, 2-0; Estoril - Lusitano Évora, 0-0; Juventude - União Madeira, 0-0; Montijo - Silves, 3-1; Oliv. Moscavide - Louletano, 1-0; Torriense - Oriental, 2-2.

	J	V	E	D	G	P
ELVAS	18	10	4	4	27-16	24
Olhanense	18	10	3	5	32-18	23
Louletano	18	8	6	4	23-13	22
U. Madeira	17	9	4	4	20-11	22
Estoril	18	9	4	5	19-11	22
Alverca	18	9	3	6	26-16	21
Torreense	18	7	7	4	26-18	21
Ol. Moscavide	18	9	2	7	20-25	20
Juventude	18	5	7	6	20-16	17
Atlético	17	5	7	5	21-20	17
Lus. Évora	18	5	6	7	14-14	16
Barreirense	18	5	6	7	21-28	16
Silves	18	3	9	6	19-29	15
Oriental	18	5	4	9	18-25	14
U. S. Cacém	18	5	4	9	18-27	14
Montijo	18	5	4	9	21-31	14
Esp. Lagos	18	6	2	10	15-25	14
Sacavenense	18	2	6	10	13-30	10

Próxima jornada: Silves - Atlético; Olhanense - Barreirense; Esp. Lagos - Oliv. Moscavide; Louletano - Estoril; Lusitano Évora - Juventude; União Madeira - Alverca; Sacavenense - Torriense; Oriental - Elvas; Sant. Cacém - Montijo.

Divisão 3

Série A: Esposende-Valenciano, 2-1; Lanheses-Vinhais, 2-1; Delães-Mac. Cavaleiros. 2-1; Vieira-Valdevez, 1-0; Ponte da Barca-Maria da Fonte, 1-0; Mirandês-Celoricense, 0-0; Vila Pouca-Famalicão, 1-1; Valpaços-Prado, 0-0; Vianense-Neves, 2-1.

Próxima Jornada: Neves-Esposende; Valenciano-Lanheses; Vinhais-Delães; Mac. Cavaleiros-Vieira; Valdevez-Ponte da Barca; Maria da Fonte-Mirandês; Celoricense-Vila Pouca; Famalicão-Valpaços; e Prado-Vianense.

Série B: Lousada-Ovarense, 2-0; Maia-Vilanovense, 2-0; Infesta-Sandinense, 4-0; Lordelo-Paivense, 0-1; Leça-Torre de Moncorvo, 2-1; Valonguense-Pedrouços, 1-1; Ol. Douro-Ermesinde, 0-2; Régua-Lourosa, 2-2; Lixa-Vila Real, 2-0.

Próxima jornada: Vila Real-Lousada, Ovarense-Maia, Vilanovense-Infesta, Sandinenses-Lordelo, Paivense-Leça, Torre de Moncorvo-Valonguense, Pedrouços-Ol. Douro, Ermesinde-Régua e Lourosa-Lixa.

Série C: Valonguense-Ol. Hospital, 2-1; Gouveia-Guarda, 0-1; Pessegueirense-Valecambrense, 0-1; Oliveirinha-Mortágua, 2-0; Alba-Argus, 2-1; Oliveirense-Anadia, 1-0; S. Romão-Seia, 0-1; Ac. Paço-Santacombadense, 1-1; U. Coimbra-V. Benfica, 2-0.

Próxima jornada: V. Benfica-Valonguense; Ol. Hospital-Gouveia; Guarda-Pessegueirense; Valecambrense-Oliveirinha; Mortágua-Alba; Argus-Oliveirense; Anadia-S. Romão; Seia-Ac. Paço e Santacombadense-U. Coimbra.

Série D: Beneditense-BC Branco, 1-3; Nazarenos-Mirandese, 0-0; AD Fátima-Marrazes, 0-0; Atouguiense-Mirense, 0-6; Ferrel-Usseira, 2-0; Bombarralense-U. Tomar, 0-1; 22 Junho/Amor-Naval, 0-0; Alcanenense-Alcobaça, 0-0; Sertanense-Cast. Vide, 0-0.

Próxima jornada: Cast. Vide-Beneditense; BC Branco-Nazarenos; Mirandense-AD Fátima; Marrazes-Atouguiense; Mirense-Ferrel; Usseira-Bombarralense; U. Tomar-22 Junho/Amor; Naval-Alcanenense e Alcobaça-Sertanense.

Série E: Fanhões-Sintrense, 1-0; Santa Clara-Praiense, 0-0; Portosantense-Vilafranquense, 0-0; Cartaxo-U. Santarém, 1-1; U. Almeirim-Vialonga, 1-1; Samora Correia-L. Olivais, 4-0; Lusitânia-Cacém, 0-1; Arraiolense-Fut. Benfica, 0-0; Pêro Pinheiro-Campomaiorense, 4-4.

Próxima jornada: Campomaiorense-Fanhões; Sintrense-Santa Clara; Praiense-Portosantense; Vilafranquense-Cartaxo; U. Santarém-U. Almeirim; Vialonga-Samora Correia; Lisboa Olivais-Lusitânia; Cacém-Arraiolense e Fut. Benfica-Pêro Pinheiro.

Série F: Vasco da Gama-Imortal, 1-1; Moura-Alvorense, 2-0; Banheirense-Almancilense, 1-2; U. Montemor-Seixal, 4-1; Amora-Est. V. Novas, 1-0; Quarteirense-Lusit. V. Real, 0-1; Sesimbra-Ferreirense, 0-0; Pescadores-Quimigal, 4-2; Palmelense-Cova da Piedade, 0-1.

Próxima jornada: Cova da Piedade-Vasco da Gama; Imortal-Moura; Alvorense-Banheirense; Almancilense-U. Montemor ; Seixal-Amora; Est. V. Novas-Quarteirense; Lusit. V. Real-Sesimbra; Ferreirense-Pescadores e Quimigal-Palmelense.

Quanto a classificações as coisas estão assim: **série A:** Famalicão lidera com 28 pontos seguido do Vianense com 27, mas os famalicenses têm menos um jogo; **série B:** Infesta comanda com 27 pontos e o Valonguense é 2.º com 23; **série C:** Oliveirense (27) e Guarda (26) comandam; **série D:** Mirense continua sem derrotas e segue na dianteira com 9 pontos de avanço sobre o Benfica de Castelo Branco; **série E:** Samora Correia e Futebol Benfica lideram com 22 pontos, seguindo-se o Praiense e o União de Almeirim com 21; **série F;** União de Montemor (25), Pescadores (24) e Seixal e Lusitano de V. Real (23) são os da frente.

Pacheco: a alegria pelo tiro certeiro

ibérico
HIPERMERCADO
Paço do Lumiar — 1600 LISBOA
Telef.: 758 00 19 — Autocarros 3 e 4

TOTOBOLA

ACHAVE

Guimarães - Benfica 2
Espinho - Porto 2
Setúbal - Nacional 2
E. Amadora - Chaves X
Sporting - Braga 1
Boavista - Beira Mar 1
Penafiel - Leixões X
Portimonense - Belenenses . X
A. Viseu - Farense 1
Fafe - Marítimo 2
Tirsense - Vizela 1
O. Bairro - Académica 2
Atlético - Olhanense 2

Totoloto

11 - 17 - 29 - 34 - 38 - 39 × 25

A NOSSA APOSTA

N.º 4/89
29 de Janeiro de 1989

Benfica - Portimonense 1
Porto - Guimarães 1
Chaves - Sporting X
Fafe - Setúbal X
Nacional - E. Amadora 1
Braga - Boavista X
Beira Mar - Penafiel 1
Leixões - Espinho 1
Belenenses - A. Viseu 1
Farense - Marítimo 1
Gil Vicente - Tirsense X
Louletano - Estoril X
Oriental - Elvas X

ibérico
HIPERMERCADO

RENAULT
FERNANDO DE OLIVEIRA & FILHOS, LDA
Vendas: Rua Miguel Bombarda, 26
Sete Portais - Telha
Assistência - Peças: Sete Portais - Telha
2830 BARREIRO

	J	V	E	D	G	P
1.º BENFICA	22	14	6	2	31-10	34
2.º FC Porto	22	12	8	2	26-12	32
3.º Sporting	22	10	8	4	29-17	28
4.º Boavista	22	10	6	6	29-17	26
5.º Penafiel	22	8	8	6	21-17	24
6.º Nacional	22	9	6	7	31-29	24
7.º Setúbal	22	10	4	8	29-24	24
8.º Guimarães	22	8	7	7	21-18	23
9.º Beira Mar	22	6	9	7	16-16	21
10.º Marítimo	22	6	9	7	26-24	21
11.º Belenenses	22	5	11	6	23-21	21
12.º Chaves	22	7	7	8	17-16	21
13.º Sp. Braga	22	7	7	8	21-22	21
14.º Leixões	22	6	7	9	15-23	19
15.º Amadora	22	7	5	10	18-28	19
16.º Sp. Espinho	22	6	6	10	28-30	18
17.º Fafe	22	6	6	10	16-30	18
18.º Farense	22	5	6	11	15-31	16
19.º Portimonense	22	4	7	11	13-23	15
20.º Acad. Viseu	22	4	7	11	14-31	15

Andebol

BENFICA NÃO CEDE LIDERANÇA

Tal como previámos na semana passada, houve festa rija em Guimarães, neste sábado, com a qualificação do Francisco da Holanda para a fase final do nacional da 1.ª divisão.

Efectivamente, o emblema sediado na cidade berço bateu de forma clara o seu opositor directo à conquista do sexto lugar, conseguindo, assim, a uma jornada do fim desta 1.ª fase, juntar-se aos cinco clubes que já tinham atingido a qualificação.

Grande derrotado foi, pois, o Belenenses, que, além de ter sido derrotado no encontro que teve por palco o Pavilhão da Coelima, perdeu, também, as hipóteses de qualificação para a disputa do título de campeão, o que acontece pela primeira vez no seu historial.

Deste encontro, que os vimarenenses venceram por 27-21 (e que ficará certamente na história do clube), aqui ficam os nomes dos intervenientes (Barata Aires e Vítor Marques, de Lisboa, foram os árbitros):

FRANCISCO DA HOLANDA — Mendonça (Bento); Nikolov (3), Paulo Carneiro (8), Fernando Jorge (2), Mitev (5), Domingos (3), Granja (5), Pedro Martins.

BELENENSES — Mourão (Miguel); Casper (1), Hernâni (5), Emanuel (2), João Manuel (4), Gomes (2), Pinho (2), José Gomes (1), Chico Marta, João Wilson (2) e Fleming (2).

Atentemos agora nos resultados completos da ronda n.º 21: Académico de Braga, 26 - Sporting, 19; Salgueiros, 21 - Clube TAP, 18; Vitória de Setúbal, 27 - Caramão, 12; Académica de Coimbra, 27 - Comércio e Indústria, 21; Francisco da Holanda, 27 - Belenenses, 21; Benfica, 19 - FC Porto, 15.

Analisando os números das seis partidas, constatamos o predomínio dos visitados, que saíram 100% vitoriosos desta 21.ª etapa do nacional. Tal ficou a dever-se a alguns resultados menos esperados, nomeadamente o desaire dos «aviadores» no recinto dos salgueiristas (os lanternas vermelhas), o que demonstra, talvez, algum desânimo que se terá instalado nas hostes comandadas por José Manuel, após verem esfumar as esperanças de se alcandorarem à fase derradeira da prova.

Em Braga, o Académico local manteve-se invicto no seu terreno, desta vez ante o conjunto «leonino», que sofreu assim a primeira derrota desde que Manuel Brito tomou conta da equipa e logo por números que não deixam dúvidas.

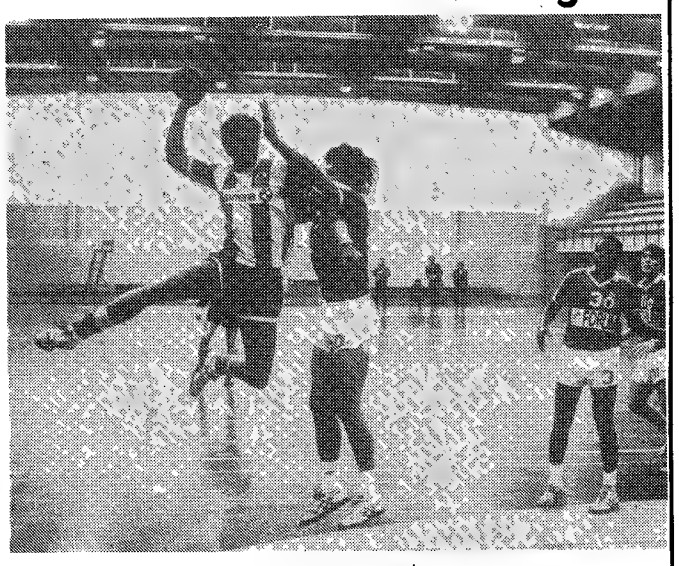
Nos outros encontros tudo normal, com os sadinos a golearem os homens da Ajuda, os estudantes a baterem claramente a outra formação de Setúbal (e a apanharem na classificação o Clube TAP) e os comandantes a imporem-se à turma das Antas, em partida a que assistimos.

•

Jogo realizado no Pavilhão Borges Coutinho (domingo de manhã), com a arbitragem a cargo da dupla formada por Jorge Gil e António Marreiros, de Évora.

BENFICA — José António (João Marques); João Duarte, Paulo Bunze (1), Vasco Vasconcelos (1), Paulo Cautela (1), Luís Lopes (2), Pocas, Janeiro, Mário Gentil (4), Appelgreen (6), Armando Pires (4).

FC PORTO — Rodrigo (Nuno Rego); Peter (1), Armando Jorge (1), Fernando, Jorge Rebelo (1), José Santos (1), Alexandre Barbosa (1), Eric (4), Luís Graça (4), Carlos Resende e José Luzia (2).



Portista dispara em estilo académico

Uma palavra definirá o jogo de ontem: emoção. Foi exactamente o que se passou de princípio ao fim, aliado a um andebol de boa qualidade e um certo equilíbrio.

Com o apuramento para a fase seguinte assegurado pelas duas equipas, estas apresentaram-se a jogar com a única preocupação de amealhar pontos. Postando-se num 6XO defensivo e atacando em 3x3, os portistas conseguiram alguma avanço e domínio até ao meio da 1.ª parte, altura em que os benfiquistas lograram empatar e mesmo adiantar-se, fazendo uso da sua grande arma: o contra-ataque. Assim, o intervalo chegou com o marcador a acusar 10-6 para os lisboetas, numa clara demonstração de superioridade das defesas em relação aos ataques.

No reatamento os dragões desaproveitaram uma soberana oportunidade de recuperação quando estiveram com dois elementos a mais (faltas técnicas). Depois (cerca do meio desta parte) passaram de 6 para apenas 2 golos de diferença, ante um desacerto momentâneo dos guias, mas nova «aceleradela» destes levou aos quatro tentos de diferença finais.

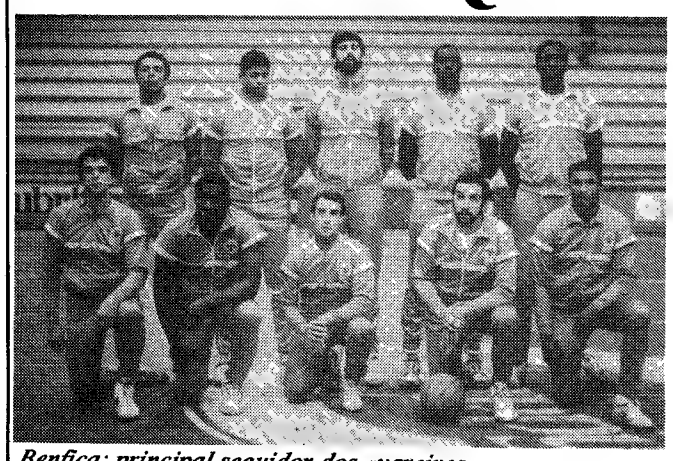
Destaques individuais para José António (o melhor em campo), Mário Gentil, Appelgreen e A. Pires (nos encarnados) e Rodrigo, Eric e Luís Graça (nos portistas).

Classificação: 1.º Benfica, 55 pontos; 2.º Académico de Braga, 53; 3.º Sporting, 50; 4.º Vitória de Setúbal, 50; 5.º FC Porto, 49; 6.º Francisco de Holanda, 41; 7.º Belenenses, 41; 8.º Académica de Coimbra, 39; 9.º Clube TAP, 39; 10.º Comércio e Indústria, 29; 11.º Caramão, 27 e 12.º Salgueiros, 27.

Jorge Marques

Basquetebol

Vareiros no topo da escala e Imortal no «Quadro de Honra»



Benfica: principal seguidor dos «vareiros»

Quando resta uma jornada (a disputar na próxima quarta-feira) para o termo da primeira fase do nacional da 1.ª divisão, estão já definidos os grupos da fase imediata. Teremos: **série A:** Ovarense, Benfica, FC Porto, Sporting, Illiabum e Imortal. **Série B:** Esgueira, Ginásio Figueirense, Beira Mar, Estrelas da Avenida, Belenenses e Estoril.

A derradeira jornada, a realizar depois de amanhã, tem o seguinte quadro de jogos e horário: Belenenses-Imortal, no Restelo, às 21 horas; Benfica-Estrelas da Avenida, na Luz, às 21; Ovarense-Esgueira. em Ovar, às 21 e 30; FC Porto-Illiabum, nas Antas, às 21; Ginásio Figueirense-Beira Mar, em Buarcos, às 21 e 30, e Estoril-Sporting, no Estoril, às 22.

E agora vejamos os resultados da duple ronda do último fim-de-semana e a respectivo escalonamento classificativo:

Resultados

20.ª jornada: Imortal - Sporting, 59-77; Belenenses - Estoril, 119-65; Estrelas da Avenida - Beira-Mar, 109-89; Benfica - Ginásio, 79-69; Esgueira - Illiabum, 68-71 e Ovarense - FC Porto, 102-76.

21.ª jornada: Belenenses - Sporting, 84-87; Imortal - Estoril, 131-80; Benfica - Beira-Mar, 75-57; Estrelas - Ginásio, 88-91; Ovarense - Illiabum, 106-71 e Esgueira - FC Porto, 82-92.

Classificação

	J	V	D	P
OVARENSE	20	19	2	40
Benfica	20	18	3	39
FC Porto	20	5	5	37
Illiabum	20	13	8	34
Sporting	20	13	8	34
Imortal	20	10	11	31
Esgueira	20	9	12	30
Ginásio	20	9	12	30
Beira-Mar	20	8	13	29
Estrelas	20	7	14	28
Belenenses	20	4	17	25
Estoril	21	0	20	21

Campeonatos nacionais

Voleibol

Quadro de resultados masculinos:

S. Mamede – FC Porto, 0-3 (11/15, 6/15 e 12/15); Benfica - Leixões, 1-3 12/15, 15/12, 11/15 e 1/15); Sporting de Espinho - Académica de Espinho, 2-3 (5/15, 15/8, 15/13, 7/15 e 13/15).

Quadro feminino desta primeira jornada: Benfica - Estrelas da Avenida, 2-3 (9/15, 15/5, 15/7, 11/15 e 13/15); Leixões - Fluvial, 3-0 (15/7, 15/9 e 15/13); Vila Real - Boavista, 0-3 (7/15, 5/15 e 7/15).

Râguebi

RESULTADOS – Série 1: Benfica, 9 - CDUL, 28; Académica, 6 - Cascais, 16 e Direito, 7 - Belenenses, 3. Série 2: Económicas, 14 - CRAV, 3; Lousã, 14 - Moitense, 9 e Universidade Livre, 14 - Técnico, 9.

Classificação:

SÉRIE 1: CDUL, 9 pontos (3J e 3V); Cascais, 8 (3J, 2V, 1E); Benfica, 7 (3J, 1V, 1E, 1D); Académica, 5 (3J, 1V, 2D); Direito, 5 (3J, 1V, 2D) e Belenenses, 3 (3J, 3D).

SÉRIE 2: Lousã, 9 pontos (3J e 3V); Económicos, 7 (3J, 2V, 1D); Moitense, 6 (3J, 1V, 1E, 1D); Universidade Livre, 6 (3J, 1V, 1E, 1D); Técnico, 5(3J, 1V, 2D) e CRAV, 3 (3J, 3D).

Futebol lá fora

A «Juve» continua em queda livre

A Juventus, perdeu, em casa, com o Atalanta, por 0-1, em jogo do Campeonato italiano de Futebol da primeira Divisão, enquanto a Fiorentina (equipa orientada por Sven Eriksson) empatou, sem golos, em casa do Lecce.

Resultados da jornada: Ascoli - Torino, 1-0; Bolonha - Verona, 0-0; Como - Pescara, 1-0; Inter - Lazio, 1-0; Juventus - Atalanta, 0-1; Lecce - Fiorentina, 0-0; Pisa - Cesena, 1-0; Roma - Milão, 1-3; e Sampdoria - Nápoles, 0-0.

Após a 14.ª jornada o Inter lidera a classificação com 25 pontos, seguindo-se o Nápoles (de Maradona) com 21, o Sampdoria e o Atalanta (19), Juventus (17) e Milão (16).

Holanda: PSV não cede

O PSV Eindhoven, o clube de Ronald Koeman que assinou contrato com o Barcelona, venceu fora o MVV por 3-1 em jogo da 18.ª jornada do Campeonato holandês.

Com este resultado, o PSV manteve o comando da prova e os três pontos de avanço sobre o 2.º classificado (Ajax) que venceu por 1-0 na sua deslocação ao campo do Veendam.

Na 3.ª posição encontram-se o Twente e o Fortuna Sittard apesar de terem empatado 1-1 no recinto do Venlo e 0-0 em casa com o Groningen, respectivamente.

Resultados da jornada: Utrecht - Haarlem, 2-1; Feyenoord - RKC Waalwijk, 0-0; Volendam - JC, 1-0; Den Bosch - Sparta de Roterdão, 2-1; Veendam - Ajax, 0-1; Fortuna Sittard - Groningen, 0-0; MVV - PSV Eindhoven, 1-3; Venlo - Twente, 1-1; e Willwm II - Pec Zwolle, 4-1.

Jogos para o Mundial-90

• Os Emiratos Árabes Unidos venceram por 5-0 a selecção do Paquistão, em encontro realizado ontem, a contar para a fase de qualificação para o Mundial-90. Após este encontro o Koweit lidera a classificação do grupo com 4 pontos (dois jogos), seguindo-se os EAU com dois pontos nos dois encontros realizados, situando-se o Paquistão no derradeiro posto (3.º) com 0 pontos e dois jogos efectuados.

• A Jordânia e o Qatar venceram os encontros disputados, respectivamente, com Omã (2-0) e Iraque (1-0). Após esta jornada (3.ª) o Qatar soma 5 pontos, Iraque, 3, enquanto a Jordânica e Omã contam apenas 2 pontos.

• Na cidade de Luanda, a selecção de Angola empatou (2-2) com a Nigéria em encontro do grupo «C» africano. A turma angolana alinhou assim: Lúcio; Nejo, Quim, Rasgado e Ralph; Ivo, Vieira Dias, Jesus e Nélson; Abel e Saavedra. Vieira Dias (29m) e Jesus (72m) foram os autores dos golos.

• Em Lusaca e a contar para o grupo «D» africano, a Zâmbia venceu o Zaire por 4-2. Outro encontro para o mesmo grupo opôs a Tunísia e Marrocos tendo o triunfo pertencido à Tunísia por 2-1. Completada a 2.ª jornada verifica-se igualdade entre os quatro concorrentes, todos com uma vitória e uma derrota.

• O Egipto e o Malawi empataram (1-1) em jogo a contar para o grupo «B». O Egipto lidera o grupo com 3 pontos (vitória e empate), seguindo-se o Malawi (2/2), Quénia (1/1) e Libéria (1/0).

• Para o grupo «A» o Zimbabwe empatou (0-0) com a Costa do Marfim. Na classificação do grupo, a Argélia comanda com 4 pontos em dois jogos, seguindo-se Costa do Marfim (2/3), Zimbabwe (2/1) e Líbia (2/0).

• Outros jogos: em Libreville, os Camarões venceram o Gabão por 3-1 para o grupo «C» africano e na Monróvia a Libéria empatou com o Quénia, a zero, para o grupo «B».

Em La Valletta, a selecção espanhola venceu a sua congénere de Malta por 2-0, obtendo assim a sua 3.ª vitória em três jogos efectuados a contar para o grupo seis «europeu». Após este encontro a classificação ficou assim ordenada:

	J	V	E	D	P
ESPANHA	3	3	0	0	6
Hungria	2	1	1	0	3
Irl. Norte	4	1	1	2	3
Rep. Irlanda	2	0	1	1	1
Malta	3	0	1	2	1

Koeman «ultrapassou» Maradona

Ronald Koeman, futebolista do PSV Eidhoven, assinou um contrato de quatro anos com o Barcelona, numa transferência que deve envolver 10 milhões de dólares (cerca de um milhão e meio de contos).

A Imprensa espanhola informou que nesta transferência, uma das mais caras da história do futebol, seis milhões de dólares (cerca de 900 mil contos) vão caber ao clube holandês, enquanto o jogador receberá um milhão de dólares (cerca de de 150 mil contos) em cada uma das quatro épocas.

Os dirigentes do Barcelona recusaram-se comentar os valores anunciados para a transferência do internacional holandês de 25 anos, mas o «libero» deverá juntar-se aos seus novos companheiros em Julho.

Em conferência de Imprensa, Johan Cruyff, treinador do Barcelona, também se escusou a tecer comentários acerca do montante envolvido no negócio, considerando este «um contrato privado que só interessa às pessoas envolvidas».

As outras grandes transferências de sempre do futebol mundial foram as do holandês Ruud Gullit para o Milão e do argentino Diego Maradona para Nápoles, que envolveram, respectivamente, 8,5 e 7,5 milhões de dólares (cerca de um milhão e duzentos mil contos e um milhão de contos, respectivamente).

Grande prémio revoluciona ténis português

GUERRA FEDERAÇÃO – SOTÉNIS É CONSEQUÊNCIA DA SITUAÇAO INTERN CIONAL

A «guerra» existente entre a Federação Portuguesa de Ténis e a Soténis (empresa privada que organiza torneios de ténis) — manifestada sexta-feira à tarde, quando a entidade federativa recusou o convite endossado pela empresa de João Lagos para assistir à apresentação nacional do primeiro torneio do Grande Prémio a realizar em Portugal desde 1983 — poderá ser um reflexo de um outro combate que deflagrou no «mundo do ténis» entre a Federação Internacional da modalidade, e a Associação dos Tenistas Profissionais.

Mas, para não começarmos pelo fim, convém primeiro apresentarmos os factos, para depois se poderem tirar algumas conclusões.

Já vem de longe o desejo de Portugal de receber um torneio do Grande Prémio. Estes torneios assim designados são aqueles que fazem parte do circuito profissional de ténis, e que oferecem prémios monetários superiores a 100 mil dólares (15 mil contos). Como é do conhecimento público, tal desejo concretizou-se em 1983, graças ao financiamento de um alemão-federal, apoiado em alguns portugueses que mais tarde fundariam a Editénis, a segunda grande empresa organizadora de provas deste tipo em Portugal. Então, nesse ano, cá tivemos no nosso Estádio Nacional algumas das grandes figuras do ténis mundial e, na final, Mats Wilander e Yannick Noah ofereceram um espectáculo memorável que ficou no goto de todos quantos assistiram.

O «Open» de Portugal de 1983, bem como a vinda de Bjorn Borg, Vitas Gerulaitis, Paul McNamee e Rolf Ghering, no ano anterior, vieram a revelar-se como um estímulo imprescindível para a evolução do ténis em Portugal, e originaram um «boom» da modalidade sem precedentes. Contudo, não foi possível continuar com essa iniciativa, pois o tal financiamento estrangeiro não teve continuidade, com os parcos dinheiros portugueses a relegarem o «open» para uns 25 mil dólares e, posteriormente, para 50 mil, pensado-se agora em 75 mil dólares.

Mas o Grande Prémio nunca foi esquecido e, tanto a FPT, como a Soténis, Editénis e os organizadores do «Oporto Cup» nunca esconderam o seu desejo de ver evoluir os seus torneios, até um possível «superséries». A evolução seria lenta e difícil, mas não impossível. Por isso, apesar do carregado calendário internacional, João Lagos já se candidatara para organizar um Grande Prémio em 1991.

Foi então que se deu a revolução.

Guerra aberta

Há muito tempo que os tenistas se queixavam à Federação Internacional de Ténis da dureza do circuito profissional. Para não serem obrigados a disputar as provas de qualificação em cada torneio, os jogadores melhor cotados no «ranking» eram obrigados a disputar um mínimo de 14 torneios por ano, e como as provas de menor envergadura não somavam pontos à sua tabela, estes Lendls, Wilanders, Beckers e Ca. viam-se forçados a manter um elevado rendimento durante todo o ano, sem direito a período de defeso. Com efeito, o «Masters» disputava-se em Dezembro (assim como a final da Taça Davis) e o primeiro torneio da temporada seguinte estava calendarizado para a semana inaugural de Janeiro.

Esta situação atingiu o cúmulo quando, em 1982, a FIT quis obrigar o campeoníssimo Bjorn Borg a disputar os «qualifyings» por ter estado parado durante seis meses, facto que antecipou a reforma do sueco.

De ano para ano, aumentavam as pressões económicas dos organizadores de torneios sobre a Federação, sobrecarregando o calendário internacional. A situação atingiu o ponto de ruptura em Setembro passado, durante o Open dos Estados Unidos, com a ATP (Associação dos Tenistas Profissionais) a anunciar à Imprensa (presente em peso naquele certame) a criação de um circuito paralelo, organizado pelos jogadores, já para 1990, designado-o ATP Tour 1990.

Com efeito, os tenistas estavam «pelos cabelos», e o esforço exigido levara-os ao limite das suas forças. As lesões começaram a aparecer, e em vez de curar, avolumavam-se. Veja-se os exemplos de Ivan Lendl (fracturas de esforço num pé – cinco semanas sem jogar – seguido de operação ao ombro direito - mais cinco semanas inactivo) e Boris Becker (lesão num pé com cinco semanas sem jogar, mais problemas na clavícula esquerda seguida de paragem de três semanas). Mas mais nomes poderiam ser enunciados como Wilander, Connors, Carlsson, Edberg, Agassi, etc.

Demasiado preocupados com as suas contas bancárias, os jogadores deixaram Philipe Chatrier (presidente da FIT) concentrar todo o poder da modalidade nas suas mãos, ao ponto de constituir com Juan Antonio Samaranch (COI) e Jean-Marie Ballestre (FISA) a troica mais poderosa do desporto mundial.

No entanto, com a chegada de Hamilton Jordan ao executivo, a ATP conseguiu o seu cavaleiro andante, capaz de uma «testa de ferro» com Chatrier, só para defender a sua dama.

ATP Tour 1990

Inicialmente cépticos, os organizadores de torneios acabaram por aderir ao novo circuito, seduzidos pelas propostas bastante razoáveis da ATP. De facto, neste ponto os jogadores ganharam a «guerra», quando decidiram defender posições moderadas, consensuais, em vez de tentarem revolucionar a modalidade. Deste modo, ao fim de três meses de negociações, apenas um dos Grandes Prémios actualmente existentes não se candidatou à participação no ATP Tour. No total, foram endereçados à associação dos jogadores 110 pedidos para as 77 provas previstas no calendário.

Para o apuramento dos 77 torneios utilizaram-se os seguintes critérios: 1) Experiência profissional da organização. 2) Superfície escolhida. 3) Capacidades de facilidades oferecidas pela localidade onde se disputa o torneio. 4) Prémios monetários, 5) Avaliação do mercado publicitário disponível. 6) Apoios concedidos aos jogadores. 7) Capacidade da organização em manter o compromisso de organizar o torneio no futuro.

Apesar do tal Open de Portugal em 1983 considera-se que a atribuição de um Grande Prémio a Portugal constitui uma estreia (João Lagos também deve ter usado esse argumento aquando da sua candidatura), a par de outros países como a Jugoslávia, República da China e URSS, também eles com ténis a este nível pela primeira vez em seu território.

Este ATP Tour 1990 foi oficialmente apresentado no passado dia 19, em Nova Iorque, cerimónia onde esteve presente João Lagos, que não deixou passar a oportunidade para estabelecer alguns contactos.

Nessa conferência de Imprensa, Hamilton Jordan desejou as melhores felicidades ao novo circuito:

— «Cremos que este novo sistema será melhor para os apreciadores da modalidade, patrocinadores, organizadores de torneios e jogadores, pois o calendário será melhor organizado, as classificações serão mais fáceis de perceber, e, muito importante, contará com o apoio dos jogadores.»

Grand Slam e Taça Davis

Em síntese, o ATP Tour 1990 inclui 21 Championships Series (dos quais uma quinzena oferecerá, pelo menos, um milhão de dólares em prémios, cerca de 150 mil contos), e 56 World Series, que podem ainda levar a designação de Free. Os World Series Free (o caso da prova portuguesa) dispõem de 250 mil dólares de prémios (40 mil contos) e podem negociar bilateralmente com um jogador a sua participação, mediante um prémio de presença. Esta acção (as chamadas luvas) sempre foi proibida pela FIT. Os não-Free, dispõem de prémios no valor de 150 mil dólares (22 500 contos) e os participantes serão designados para essa prova.

Outra das alterações diz respeito a algo que já se encontrava latente no actual sistema, mas com frequentes desvios: haverão temporadas rigorosamente definidas em função das superfícies dos «courts», ou seja, épocas de terra batida, de relva, dos rápidos e dos recintos cobertos («indoors»).

A ATP não se atreveu, contudo, a mexer nos baluartes do ténis mundial, isto é, os torneios do Grand Slam. Estes colossos mantêm-se sob a égide da FIT, bem como a Taça Davis (campeonato do mundo por selecções). Aliás, a organização em torno dos pisos, acaba por significar um compromisso com o peso dos torneios do Grand Slam.

A grande conquista dos jogadores consistiu, no entanto, no tão desejado período de férias, cerca de seis a oito semanas, entre a semana de 12 de Novembro, até à de 1 de Janeiro do ano seguinte.

No final, a ATP conquistou menos semanas de trabalho com remunerações mais elevadas. São cerca de 50 milhões de dólares (7500 milhões de contos) distribuídos por provas realizadas em 30 países. A pontuação, por seu lado, ainda não foi totalmente divulgada mas, segundo Castro Martins, do gabinete de Imprensa da Soténis, «será mais simples e inteligível para o comum dos adeptos do ténis, e apelará à participação dos jogadores, o que não acontecia até aqui».

Grande Prémio português

Depois da apresentação do novo panorama tenístico mundial, convirá, agora, explicar onde e como se inscreve o Grande Prémio que se realizará em Portugal.

A sua classificação oficial é a de um «World Series Free» de 250 mil dólares (40 mil contos). Quando foi expressamente convidado pela ATP a apresentar um projecto, João Lagos aproveitou para se candidatar a duas provas. A segunda, que foi recusada, disputar-se-ia no Algarve, numa data mais avançada do calendário e sobre «courts» sintéticos (chamados rápidos). A data e o piso terão sido os principais critérios de rejeição por parte da ATP, já que o Algarve possui tão boas ou melhores instalações para a prática do ténis.

A escolha da ATP recaiu sobre o Estoril Open (não confundir com o DN Estoril Open), mas João Lagos já lançou o aviso de eventuais mudanças de local no caso de não receber os apoios necessários na Costa do Sol:

— «O torneio está definitivamente implantado em Portugal, embora a localidade possa estar sujeita a alterações. Tudo dependerá das forças vivas regionais. A opção pelo Estoril veio levantar o problema das infra-estruturas. Neste momento, a Junta de Turismo da Costa do Estoril, a Associação de Hoteleiros, e a Câmara Municipal de Cascais estão sensibilizados e empenhados na resolução deste problema. O futuro o dirá.»

Para já, estamos em condições de informar que João Lagos não desdenharia a construção de um complexo inteiramente novo, de modo a possibilitar e facilitar a implementação de todos os requisitos necessários para um evento deste tipo, sem se recorrer a acrescentos sempre imperfeitos, como é o caso de um «court» central, bem munido de bancadas.

O grande problema que se punha à partida na prova portuguesa era a concorrência na mesma semana dos Grandes Prémios de Orlando (EUA) e do Rio de Janeiro (Brasil), ambos com um «prize money» de 250 mil dólares. Contudo, dois pormenores acabam por beneficiar a prova portuguesa. Por um lado, o facto de ser o torneio inaugural da época em terra batida, quando os melhores jogadores mundiais preparam a presença em Roland Garros, oito semanas depois. Por outro lado, convém lembrar que se trata do único torneio europeu nessa semana e, por enquanto, os europeus continuam a dominar a modalidade. Esperemos que daqui a um ano a situação não sofra grandes alterações.

A falha da FPT

Voltemos então ao princípio, ou seja, à recusa da Federação Portuguesa de Ténis para participar na apresentação de um torneio que poderá originar um novo «boom» no ténis nacional, para além de beneficiar directamente os melhores valores do nosso ténis, designadamente João Cunha e Silva, Nuno Marques e Jorge Dias, este último um árbitro internacional, que, assim, poderia fazer a sua estreia como juiz-árbitro de um Grande Prémio.

A ausência da FPT na referida cerimónia só pode ser compreendida como um acto de solidariedade para com a Federação Internacional de Ténis, e para com Philipe Chatrier, o grande derrotado neste imbróglio com a ATP. Gesto um tanto ou quanto anacrónico, pois neste momento a própria FIT começa a reconhecer o «ATP Tour 1990» como uma realidade irreversível.

Assunção Ribeiro

ARMAZÉNS DO MINHO

1954 • De: J. A. Veloso, Lda. • 1989

SEDE:

ALVALADE — R. José Duro, 25-A ..... ☎ ★ 89 34 76 - 89 35 64

Liquidação Total — Até 28/Fev.

(vamos fazer obras)

DISTRIBUIDOR DAS ALCATIFAS

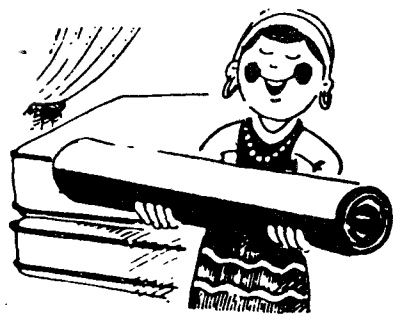
LÍDER – COURTELE – CUF – LUSOTUFO

ENTREGA IMEDIATA C/ COLOCAÇÃO

Preços de Fábrica

★ PAPÉIS PINTADOS
★ CORTIÇAS
★ PAVIMENTOS
★ CARPETES
★ COLCHÕES
★ ARTIGOS DE DECORAÇÃO
★ TAPEÇARIAS
★ ENXOVAL

★ TAPETES E CARPETES BELGAS, TAPETS TIPO PERSAS



Atletismo

Domingos Castro: força «leonina» no crosse do «ex libris» sevilhano

O Sporting ganhou por equipas a VII edição do Crosse Itálica disputado em Sevilha com **Domingos Castro** a vencer individualmente e com o melhor atleta do Benfica, José Regalo, em 6.º lugar.

Por equipas, pontuando os quatro melhores elementos de cada formação, o Sporting totalizou 21 pontos, a turma espanhola do **DYC** foi 2.ª com 51 pontos e o Benfica terminou na 3.º posição com 64 pontos, mais 43 pontos que o Sporting.

Domingos Castro fez o tempo de 28.28,39 minutos, batendo o recorde do percurso que pertencia ao queniano Paul Kipkoech com 28.47 minutos, o qual foi uma das desilusões terminando na 42.ª posição com 30.25 minutos.

A corrida foi inteiramente dominada pelos gémeos Castro e pelo espanhol José Luís Gonzalez, que na última volta perdeu o contacto com os primeiros, surgindo o etíope Haji Buibula a ascender ao 2.º posto.

Classificação:

1.º **Domingos Castro,** Sporting, 28.28,39; 2.º Haji Buibula, Etiópia, 28.39,34; 3.º **Dionísio Castro,** Sporting, 28.41,88; 4.º Vicente Polo, Espanha, 28.48,27; 5.º Steve Binns, GB, 28.53,50; 6.º **José Regalo,** Benfica, 28.59,40; 7.º José Luis Gonzalez, Espanha, 29.00,39; 8.º **Fernando Mamede,** Sporting, 29.03,04; 9.º **Fernando Couto,** Sporting, 29.03,04; 10.º António Prieto, Espanha, 29.07,24; 11.º Eamon Martin, GB, 29.08,68; 12.º Abel Anton, Espanha, 29.11,30; 13.º **António Pinto,** Benfica, 29.19,01;

Que maravilha!

Alberto Maravilha, do FC Porto, recebeu o maior prémio da sua carreira – 200 contos – ao ganhar a primeira edição do Crosse Internacional das Mimosas, em Viana do Castelo, cabendo a **Albertina Machado,** Sp. Braga, a vitória feminina.

Alberto Maravilha gastou 30.48 minutos para os 10 400 metros do percurso batendo Eduardo Henriques, do Sporting, a revelação desta prova. Em 3.º lugar classificou-se António Salvador, do Benfica.

Três atletas que estiveram nos Jogos de Seul alcançaram as três primeiras posições com Albertina Machado a superiorizar-se a Albertina Dias e Conceição Ferreira.

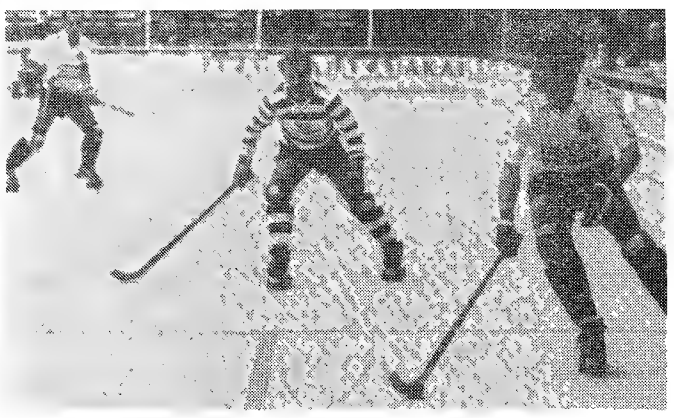
Carlos Lopes, campeão olímpico em Los Angeles, deu o tiro de partida e distribuiu prémios.

Classificações: masculinos: 1.º Alberto Maravilha, FC Porto, 30.48; 2.º Eduardo Henriques, Sporting, 30.59; 3.º António Salvador, Benfica, 31.13; 4.º José Negrão, FC Porto, 31.16 e 5.º Carlos Pereira, Salgueiros, 31.22.

Femininos: 1.ª Albertina Machado, Braga, 18.25; 2.ª Albertina Dias, Boavista, 18.37; 3.ª Conceição Ferreira, Braga, 18.57; 4.ª Mónica Gama, Benfica, 19.04; 5.ª Fernanda Marques, Sporting, 19.13.

Recordes em Braga

Fernando Costa (Benfica) e Emília Tavares (Sporting) estabeleceram novos recordes nacionais de pista coberta durante o «meeting» disputado na pista bracarense. Fernando Costa no salto em altura pulou a 2,11 metros enquanto Emília Tavares correu os 60 metros barreiras em 8,61 segundos. Ainda entre os portugueses há a destacar os máximos nacionais alcançados pelo júnior Pedro Rodrigues, do Benfica, ao realizar 8,40 segundos nos 60 metros barreiras, na mesma disciplina Sandra Barreiro, do Sporting com 8,88 e o juvenil Valdemar Santo, do Benfica ao transpor a fasquia a 4,35 metros no salto com vara.



Fase do confronto entre «leões» e nabantinos

Hóquei em patins

«Dragões» dobram no comando

Completada a 1.ª volta do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, o Futebol Clube do Porto segue no topo da escala com 37 pontos enquanto o Benfica se situa no 2.º degrau com menos um. Considerando o comportamento de todos os concorrentes, é de prever que a luta pelo título se venha a limitar a estes dois, porquanto, os demais não evidenciam sintomas que possam sugerir confronto.

Vejamos os resultados e a posição na pauta de valores:

Resultados: Campo de Ourique - Turquel, 0-4; Sporting - Tomar, 8-4; Oliveirense - Infante de Sagres, 5-2; Paço de Arcos - Famalicense, 3-10; Barcelos - Juventude de Viana, 7-1; Sanjoanense - Benfica, 2-3 e FC Porto - Parede, 12-2.

	J	V	E	D	P
FC PORTO	13	12	0	1	37
Benfica	13	11	1	1	36
Oliveirense	13	10	0	3	33
Barcelos	13	9	0	4	31
Sanjoanense	13	6	1	6	26
Sporting	13	6	1	6	26
Paço d'Arcos	13	5	2	6	25
Famalicense	13	6	0	7	25
Parede	13	5	1	7	24
Turquel	13	4	3	6	24
Juv. Viana	13	4	2	7	23
Sp. Tomar	13	4	1	8	23
Inf. Sagres	13	3	0	10	19
C. Ourique	13	0	0	13	13

Rali Sopete

JOAQUIM SANTOS VENCE SEM OPOSIÇÃO

«Não foi difícil... mas também não foi fácil vencer», afirmara Joaquim Santos, o primeiro classificado do Rali Internacional Sopete, jornada inaugural do campeonato nacional de ralis, organizada pelo Targa Clube.

De facto, a equipa da Diabólique Motorsport, constituída por Joaquim Santos e Miguel de Oliveira, não teve dificuldades de maior em levar o bem preparado Ford Sierra Cosworth à posição cimeira.

António Coutinho, piloto da Salvador Caetano, esteve ausente da competição, mas presente como espectador. «A Salvador Caetano tudo fez para alugar um BMW M3 à Prodive ou Toyota Celica GT Four à marca inglesa mas aquelas solicitações não tiveram o eco desejado assim, restava apenas o «velho» Toyota Corolla para alinhar no Sopete ou no Rali das Camélias, perante este cenário, os responsáveis pela Salvador Caetano decidiram preparar convenientemente o carro – o Toyota Celica GT Four – para o Rali de Portugal, atitude com a qual estou de acordo pois, assim, terei também mais tempo para iniciar os treinos para a prova máxima de ralis em Portugal», referiu António Coutinho.

Com esta ausência, restava apenas a Joaquim Santos a oposição de Carlos Bica. Inverno Amaral dificilmente poderia, em princípio, intrometer-se na luta para o primeiro lugar já que o seu «velho» Renault 11 Turbo está bastante desactualizado em relação à concorrência.

No entanto, Carlos Bica não foi além da quarta posição da geral, chegando mesmo a ser suplantado por carros de produção, como foi o caso do Ford Sierra Cosworth tripulado por José Miguel.

«O Lancia Delta estava impossível de conduzir. A Abarth tinha efectuado os testes de suspensão para asfalto com pneus Pirelli, mas eu só tinha Michelin, factor que desequilibrou completamente o carro e, por outro lado, o muito público e ao muito tráfego que se sentir nas ligações, não permitiu uma paragem demorada na assistência para tentar remediar o problema das suspensões», justificava assim Carlos Bica que disse ainda «ir desde já afinar a suspensão com vista ao Rali das Camélias».

Se o primeiro lugar desde muito cedo ficou entregue a Joaquim Santos vencendo a maioria das provas de classificação e, no final da primeira secção tinha já cerca de dois minutos de avanço sobre os seus mais directos adversários, Inverno Amaral e José Miguel, o mesmo já não acontecendo com o segundo posto da geral.

Durante algum tempo assistiu-se a um «duelo» entre José Miguel e Inverno Amaral mas a experiência do piloto algarvio, fez com que a sua superioridade de condução desportiva se destacasse nos pisos escorregadios de asfalto do Alto Minho, acabando por alcançar uma brilhante posição tendo em conta o carro em que alinhou.

A perseguição efectuada por José Miguel ao Renault 11 Turbo de Inverno, permitiu, assim, ganhar vantagem sobre Carlos Bica e conquistar o terceiro lugar no final do Sopete e o primeiro do agrupamento de Produção.

Aliás, na Produção, tal como no Turismo, também nunca esteve em causa a liderança de José Miguel. Ramiro Fernandes em Lancia Delta e Adruzílio Lopes em Mazda 323 4WD, foram os únicos pilotos que proporcionaram alguns despiques, trocando por diversas vezes de posição, sempre com Pedro Leite Faria (que tripulava o Ford Sierra Cosworth que servia de muleto a seu irmão José Miguel) na peugada dos homens da frente daquele agrupamento.

«Quim» Santos em plena prova

No entanto, e com o aproximar do final da prova, Pedro Leite Faria acelerou a fundo e conseguiu ultrapassar Ramiro Fernandes e Adruzílio Lopes, terminando no segundo posto do Produção, lugar que é óptimo para seu irmão, que fica assim com um «travão» entre ele e Ramiro Fernandes.

Pena foi o despiste de João Santos no Lancia e o capotanço do Renault 11 Turbo de Manuel Rolo e por certo o agrupamento de Produção teria outra dinâmica.

Foi uma prova pouco emocionante o que vem demonstrar que o nosso parque automóvel desportivo nesta especialidade apareceu neste início de temporada bastante inferior em relação aos anos transactos.

Resta agora esperar pelo Rali de Portugal pois, talvez, algumas novidades apareçam o que irá por certo dificultar a tarefa a Joaquim Santos, um piloto que pretende alcançar o título que lhe fugiu o ano passado por um escasso meio ponto, devido a um erro de contas do seu navegador, Miguel de Oliveira, aquando do Rali Alto Tâmega.

Classificação: 1.º Joaquim Santos / Miguel de Oliveira (Ford Sierra), 1.44,06s; 2.º Inverno Amaral / Joaquim Neto (Renault 11 Turbo), a 1m e 38s; 3.º José Miguel / Ricardo Caldeira (Ford Sierra), a 2m e 23s; 4.º Carlos Bica / Fernando Prata (Lancia Delta), a 4m e 09s; 5.º Pedro Leite Faria / Cândido Júnior (Ford Sierra), a 5m e 05s; 6.º Ramiro Fernandes / Cruz Monteiro (Lancia Delta), a 6m e 43s; 7.º Adruzílio Lopes / Luís Lisboa (Mazda 323 4WD), a 6m e 44s; 8.º José Cunha / António Durães (Lancia Integrale), a 9m e 58s; 9.º Jorge Leite / Alfredo Lavrador (Ford Sierra), a 10m e 40s; 10.º Tomaz Mello Breyner / João Sena (Lancia Integrale), a 10m e 59s.

Tiago Alexandre

Rali de Monte Carlo

Biasion defende prestígio

O piloto italiano Massimo Biasion, em Lancia Integrale, venceu as duas últimas classificativas do Rali de Monte Carlo e passou a liderar a competição, com o tempo de 1:26.8 horas.

Biasion, a defender o título de campeão do mundo de ralis, tem 20 segundos de vantagem sobre o francês Didier Auriol, também em Lancia Integrale.

O finlandês Juha Kankunen, que venceu a primeira etapa cronometrada do Rali, ocupa agora o 3.º lugar da geral.

Classificação após as quatro classificativas do primeiro dia de prova:

1.º Massimo Biasion (Ita), Lancia Integrale, 1:26.08 horas; 2.º Didier Auriol (Fra), Lancia Integrale, 1:26.28; 3.º Juha Kankunen (Fin), Toyota Celica, 1:28.03; 4.º Carlos Sainz (Esp), Toyota Celica, 1:28.14; 5.º Ari Vatanen (Fin), Mitsubishi, 1:28.42; 6.º Hannu Mikkola (Fin), Mazda 323, 1:28.48; 7.º Alessandro Fiorio (Ita), Lancia Integrale, 1:29.10; 8.º Bruno Saby (Fra), Lancia Integrale, 1:29.15; 9.º Patrick Snijers (Bel), Toyota Celica, 1:30.47 e 10.º Dario Cerrato (Ita), Lancia Integrale, 1:33.53.

Miki Biasion: sempre um favorito

«Vuelta» com Joalheiros e Sicasal

A 44.ª Volta à Espanha em Bicicleta, começa no dia 24 de Abril em La Corunha e termina a 15 de Maio, em Madrid, na Avenida Castellana, anunciou a organização da prova em La Corunha.

A Vuelta terá este ano 3665 quilómetros divididos em 22 etapas, participando 198 ciclistas, que irão disputar entre 35 a 40 milhões de pesetas em prémios monetários.

Entre as equipas inscritas para a Vuelta contam-se as portuguesas da Sicasal/Torreense, orientada de novo este ano por Leonel Miranda, e a Garcia Joalheiro, treinada por Mário Miranda.

HÁ 20 ANOS

Atacados a tiro os cosmonautas no Kremlin

Um cidadão soviético atacou ontem o carro que transportava os quatro cosmonautas, perto de uma das portas do Kremlin- soube-se de fonte geralmente bem informada. O veículo, descapotável, estava a chegar à Torre Borovitski, que marca a entrada do Kremlin, quando um homem saíu do passeio e disparou muitos turos de pistola contra o automóvel. O motorista foi atingido. O seu estado é desesperado. Ignora-se como parou o carro ou se foi de encontro a algum obstáculo. Nenhum dos quatro cosmonautas foi atingido. O autor do atentado foi dominado imediatamente pela multidão e preso pela Polícia. Ignora-se a sua identidade.

«Esquadrão da Vida» em São Paulo contra «Esquadrão da Morte»

Detectives criaram, em São Paulo, um «Esquadrão da Vida», para salvar as vidas de criminosos marcados para serem executados pelo terrível «Esquadrão da Morte». Aquele primeiro esquadrão tem como missão a prisão preventiva de criminosos, antes de poderem ser assassinados a sangue frio pelo «Esquadrão da Morte». Um método empregado pelo «Esquadrão da Vida» é chamar parentes e amigos de vítimas em potência e pedir-lhes para persuadirem os criminosos a entregarem-se, antes do «Esquadrão da Morte» os apanhar.

Terceiro submarino para Portugal

Depois de amanhã, na base de submarinos de Lorient, é entregue às autoridades portuguesas o submarino «Cachalote», construído em Nantes pela Sociedade Dubigeon-Normandie. É o terceiro dos quatro submarinos a serem entregues a Portugal. Depois do «Albacora» e do «Barracuda», o «Cachalote» será seguido pelo «Delfim».

EM PORTUGAL

	1 6 h	Min	Prec.	Às 13 h.
Bragança	2	2	0.0	Nevoeiro
V. Castelo	1	0	0.0	Neblina
Vila Real	1	-1	0.0	Nevoeiro
Porto	5	4	0.0	Limpo
Coimbra ..	3	3	0.0	Neblina
C. Carvoeiro	8	8	0.0	Limpo
C. Branco	5	4	0.0	Neblina
Portalegre ..	-	-	0.0	Neblina
Lisboa	5	5	0.0	Neblina
Évora	8	8	0.0	Neblina
Beja	6	5	0.0	Limpo
Faro	9	8	0.0	Limpo
Sagres	-	-	0.0	Limpo
P. Delgada .	13	13	0.0	M. nub.
Horta	14	14	0.0	M. nub.
Funchal	12	11	0.0	P. nub.

Temp. max. prevista para hoje: Lisboa 14, Porto 15, Faro 16, Ponta Delgada 18, Funchal 18.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

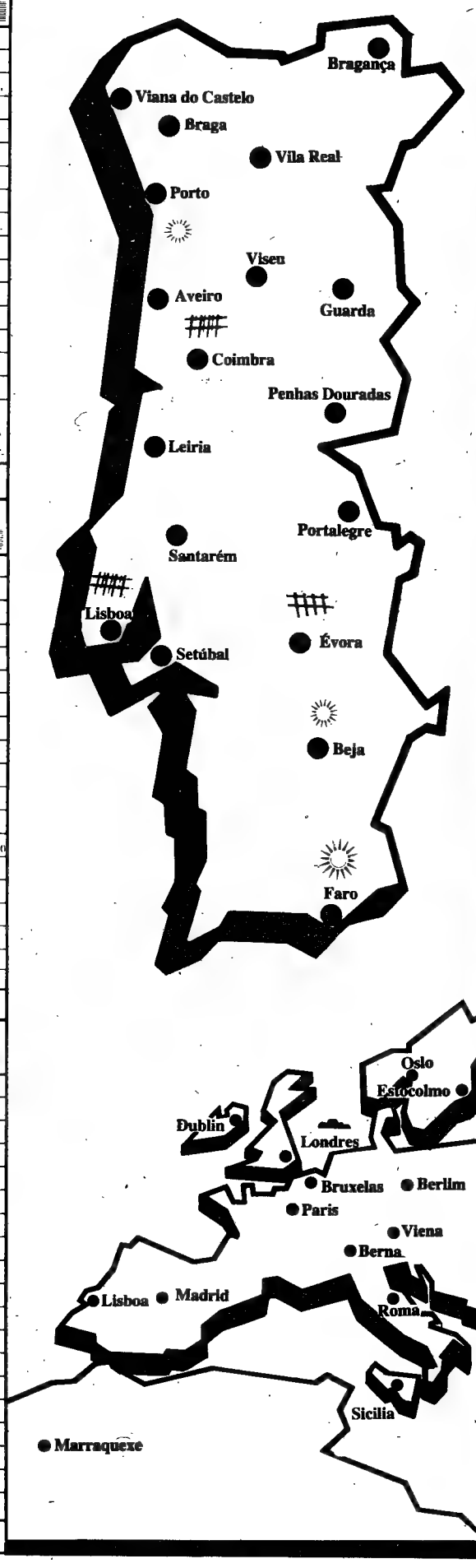
	Min.	1 6 h	Às 18 h.
Madrid	3	9	Chuvisco
Londres	1	6	Nevoeiro
Paris	3	5	Encoberto
Bruxelas	1	6	Encoberto
Amesterdão. ...	1	4	Neblina
Genebra	1	4	Neblina
Roma	1	9	Neblina
Oslo	6	6	Pouco nub.
Copenhaga	4	4	Encoberto
Estocolmo	6	6	Muito nub.
Berlim	0	4	Neblina
Viena	–3	–5	Nevoeiro gelo
Varsóvia	4	3	Chuva
Atenas	8	8	Pouco nub.
Moscovo	–6	–7	Aguac. neve

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Max.	Às 13 h.
Caracas	15	23	Nublado
Joanesburgo ...	16	23	Limpo
Los Angeles	8	26	Limpo
Montreal	–8	2	Neve
Nova Deli	6	20	Limpo
Nova Iorque ...	1	9	Nublado
R. de Janeiro ..	21	36	Limpo
S. Francisco ...	6	16	Limpo
São Paulo	–	–	Neve
Toquio	4	12	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



• Informação da agência Lusa

TEMPO

HOJE

No Continente:

Em todo o território: Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco do quadrante leste. Neblina ou nevoeiro especialmente nas regiões do Norte e Centro que em Trás-os-Montes persistirá durante todo o dia.
Estado do mar: Mar encrespado com ondulação noroeste de um a dois metros na costa ocidental e ondulação sueste de um metro na costa sul.

Nos Açores:

Grupo Ocidental e Central: Vento geralmente fraco. Vento sul fraco a moderado. Períodos de chuva fraca.
Grupo Oriental: Céu pouco nublado, tornando-se muito nublado. Vento sueste fraco ou moderado.
Estado do mar: Mar de pequena vaga. Ondulação noroeste de dois metros.

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento leste moderado. Aguaceiros.
Estado do mar: Costa Norte: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação noroeste de um a dois metros.
Costa Sul: Mar encrespado. Ondulação inferior a um metro.
Funchal: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco. Possibilidade de aguaceiros fracos.

AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo, tornando-se muito nublado na região Norte a partir da tarde. Vento fraco. Neblina ou nevoeiro matinal e formação de geada.

DEPOIS

Céu geralmente limpo. Vento fraco, por vezes moderado de leste. Neblina ou nevoeiro nas regiões Norte e Centro. Formação de geada.

MARES

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
02.00	3,9 m	07.55	1,3 m
14.27	3,7 m	19.59	1,3 m

Amanhã

02.44	4,0 m	08.35	1,2 m
15.08	3,7 m	20.37	1,2 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

EFEMERIDES

1945 Forças soviéticas alcançam o rio Oder, no decurso da Segunda Guerra Mundial.

1963 Inicia-se na colónia portuguesa da Guiné a luta armada de libertação nacional dirigida pelo PAIGC.

1964 A Indonésia e a Malásia concordam em estabelecer um cessar-fogo na disputa fronteiriça.

1968 A Coreia do Norte apresa, no mar do Japão, o navio patrulha norte-americano «Pueblo», prendendo a tripulação sob a acusação de espionagem.

1973 Richard Nixon anuncia o estabelecimento de um acordo com vista ao termo da guerra do Vietname.

1980 O Papa João Paulo II alude à violação dos direitos humanos na sequência da prisão, em Moscovo, do dissidente soviético Andrei Sakharov.

1981 A escritora Margarite Youcenar torna-se a primeira mulher a ser admitida na Acedemia francesa, fundada em 1635.

1982 A França assina, com a URSS, um contrato de fornecimento de gás natural, apesar da objeções levantadas pela administração norte-americana.

1983 O presidente da República portuguesa, Ramalho Eanes, anuncia a «dissolução a prazo» da Assembleia da República.

- O satélite soviético «Cosmos», fora de controle, entra na atmosfera terrestre, desintegrando-se sobre o Oceano Indíco.

1984 É entregue no Parlamento português um abaixo-assinado contra a legalização do aborto, subscrito por mais de 545 mil pessoas adultas de todo o país.

- O primeiro-ministro chinês, Zhao Ziyang, afirma em Vancouver, Canadá, que não haverá mais revoluções culturais no seu país.

1985 O chefe do Estado-Maior das Forças Armadas Filipinas, Fabian Ver, dois outros generais e mais 23 individuos são acusados, em Manila, de envolvimento no assassinio do líder da oposição Benigno Aquino.

1986 No penúltimo dia da campanha eleitoral para a presidência da República portuguesa, o candidato comunista Ângelo Veloso apresenta formalmente a sua desistência, apelando ao voto em Salgado Zenha.

- Após dez dias de guerra civil no Iemene do Sul, com cerca de dez mil mortos, os rebeldes marxistas reivindicam a vitória sobre o presidente Ali Nasser Mohammed.

1987 O nadador Alexandre Yokochi conquista a medalha de ouro nos 200 metros bruços no «meeting» internacional da Golden Cup, em Estrasburgo.

Rock Rendez-Vous: o «Som» continua...

GATOS E FUTEBÓIS

Rui Eduardo Paes

Foto de Rui Vasco

Mais gatos. No mês deles, o Rock Rendez-Vous abre as portas tanto para os de pêlo tratado como para os vadios, sem discriminações mas também sem lutas de classes, assim mesmo, par a par, como nos debates políticos de televisão, com tempo conometrado e tudo. No sábado à noite, mas já a entrar no domingo, a série «Som dos Gatos» lembrou-se dos Lobo Meigo, banda com um nome estranho vinda de S. João do Estoril, e dos Paralelo 16, que teve apenas que dar um pulo dos Prazeres, na nossa Lx. da mais velha guarda. O cinema da Rua da Beneficência tornado em templo do rock estava às moscas, mas não deu para as ouvir: o pessoal gostou, e bateu palmas que se desunhou.

Dava que pensar: os Lobo Meigo concorreram ao 5º Concurso do Rendez-Vous e foram chumbados antes mesmo de chegarem aos ouvidos do júri. No entanto, o som que produzem não é mau, antes - dentro do estilo que escolheram - demonstra garra, brio, presença e muitas vezes uma razoabilíssima dose de inspiração. São quatro os gatos, todos eles de bom trato e bem criados.

O vocalista, que dá pelo nome de Luís Ventura, esteve já num grupo bastante competente da segunda linha que desapareceu, os Street Kids, também ele formado por putos da linha do Estoril. O guitarrista chama-se João Carvalhais e, juro a pés juntos, dava gosto ouvi-lo. O baixista, José Carvalhosa, e o rapaz do sintetizador e da caixa de ritmos, Hélder Reis, tiveram experiências anteriores (nos Expresso e nos Tuntatuntatum) e cumpriram. Tudo bem.

Ora, o que tinham para dar, e irão repetir, casmurros, no 6º Concurso que está quase, quase a começar (ver caixa, please), pode definir-se como um pop/rock, com destaque para o primeiro elemento, de boa água, ou seja, com preocupações de elaboração sonora e de efeitos felizes para quem ouve.

Solos de guitarra q. b., coros como não estamos acostumados por estes sítios, sentido de conjunto são características que cumprem qualquer receita, e se os Lobo Meigo não se atrevem a grandes audácias nem se desviam para imaginações mais livres, o que tocaram nessa terra de ninguém que fica entre um sábado e um domingo à noite, tempo para cervejas e cigarros, foi decente. Comentário de Luís Ventura, à reportagem: «Bom, nós queremos que isto seja uma banda de rock, mas se as pessoas acham que é pop, tudo bem, é pop.»

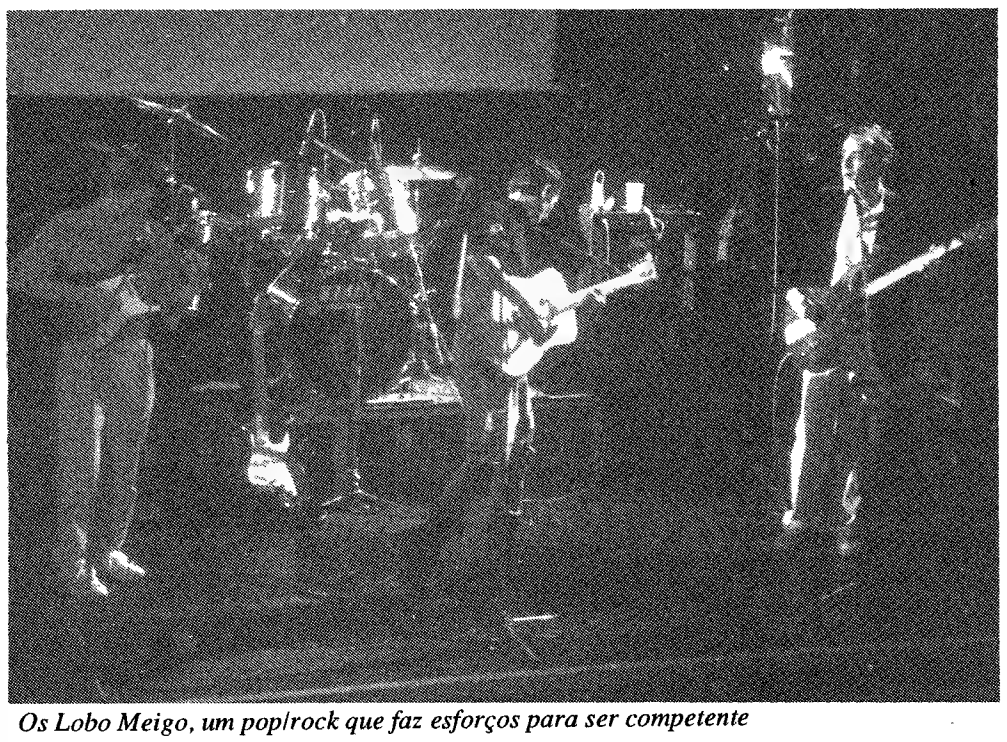
Pois. Os Lobo Meigo não estão para chatices, são «bons vivants» e gostam é de tocar, atitude de gente com saúde. Música fresca a deles, piscando o olho como que a dizer «ó malta, estamos aqui para que gostem de nós». E porque não? Agora que vou escrevendo, lembro-me de letras assim (é verdade, coisa rara: ouvia-se o que os Lobo Meigo cantavam!): «Quero ser um herói nacional/actual/intelectual» ou «Tu és o meu mundo/tu és o meu par». Se é assim que eles vêem as coisas, força nesses corpos. Só mais uma, sobre os Lobo Meigo: o Zé Carvalhosa era um velho conhecimento meu e não o via há que anos - era punk naqueles dias, hoje, se ainda é lobo, ficou meigo. Um yuppie da música moderna portuguesa.

Quarenta minutos depois foram os Paralelo 16, designação com ressonâncias a Vietcong, o que, com Angola aqui ao pé, é um bocado esquisito. Num formato duas guitarras, baixo e bateria, Francisco, Pico, Humberto e Alexandre nem por morarem perto do cemitério dos Prazeres pareciam deprimidos.

A ideia deles era tocar um rock «rasca», como todo o verdadeiro rock deve ser. E tocaram, à bruta, espontâneamente, com quilos de adrenalina a arder. Foi bom? Não sei sequer se eles estavam a pensar nessas cenas da qualidade. Era forte, era rock, e fazia mexer, sem complicações. «Crescemos para a música com os Xutos & Pontapés a acontecer», disse o Francisco a propósito. Esse, pois, o óbice maior desta banda de gatos: é excessivamente parecida com os papás Xutos, não dá.

Os Paralelo 16 ouviu-se que têm alguma coisa a deitar cá para fora, e não era só energia, raiva e alegria. Também foram seleccionados para o 6º Concurso do Rock Rendez-Vous (Pudera! Com uma canção em que distinguimos «Na televisão é tudo uma ilusão», os putos têm alguma matéria na cachimónia!), de modo que os seus sucessos ou insucessos futuros dependerão de descolarem da matriz que lhes foi razão para existirem enquanto grupo. Que eles querem, com muita vontade, ser alguém na selva da secção rock «hard» da MMP, isso ficou claro.

Quando o rock dos filhos dos operários faz guerra para subir à aristocracia da fama é de dar um empurrãozinho, porque está tão difícil. Mas não pode ser de qualquer maneira, não pode não. Estoril-Prazeres: ganha o Estoril. A vida é um futebol...



Os Lobo Meigo, um pop/rock que faz esforços para ser competente

O 6.º Concurso de Música Moderna

Já estão apuradas as bandas concorrentes ao 6º Concurso de Música Moderna do Rock Rendez-Vous. De sessenta projectos concorrentes foram seleccionados 24 e três suplentes. Por ordem de inscrição e para que conste:

Mata-Ratos (Oeiras), M'As Foice (Coimbra), Alma Dorida (Carvalhos), Depressão Total (Vila Nova de Gaia), Paralelo 16 (Lisboa), Hormona (Porto), Ulisses Cobarde e os Heróis (Vila do Conde), Silhuetas Figurativas (Oeiras), Vómito (Queluz), Lobo Meigo (Carcavelos), Lex Injusta (Fafe), Los Paz d'Almas (Sacavém), More República Masónica (Lisboa), C.T.N. (Arganil), O Pacto! (Lisboa), Senhores do Mundo Inferior (Tires), Liriscumbrus (Linda-a-Velha), A Kausa (Sesimbra), Vultos (Lisboa), Primus Inter Pares (Coimbra), Clandestinos (Lisboa), Madragoa (Lisboa), Petro Max (Lisboa) e Flávio com F de Folha (S. Bartolomeu de Messines).

Suplentes:

Alma Calma (Lisboa), Anómeos (Guimarães) e Tom Tom Macoute (Coimbra).

A 1ª Fase, na sua 1ª Apresentação, terá a primeira sessão no dia 19 de Fevereiro com a actuação de "Depressão Total", "M'As Foice", "O Pacto!" e "Vultos".

Marino Silva, cabo-verdiano e português

«Uma lenda viva» da música cabo-verdiana e um dos primeiros divulgadores das mornas em Portugal tem passaporte português e é funcionário da Câmara Municipal de Lisboa.

Trata-se de Marino Silva, 57 anos, natural da ilha do Sal e radicado em Portugal desde 1946. Actualmente encontra-se de férias em Cabo Verde, país que não visitava desde a proclamação da independência, em Junho de 1975.

Começou a dedilhar um violão aos 12 aos e lembra-se que mesmo antes disso «quando à noite ouvia uma serenata, vinha logo à janela».

O pai e a mãe também tocavam violão, instrumento muito popular em Cabo Verde e de que o próprio presidente da República, Aristides Pereira, é um dedicado praticante.

«Tocámos muitas vezes juntos, em Lisboa, nos anos cinquenta» – recorda Marino Silva acerca de Aristides Pereira.

O seu primeiro disco, um 45 rotações intitulado «Bia», saiu em 1958 e, desde então, publicou mais 15 «singles» e LP's.

Nos anos 60, em Portugal, participou em diversos programas da Rádio e Televisão, e era presença assídua nos Serões para Trabalhadores promovidos pela então FNAT (Federação Nacional para a Alegria no Trabalho).

Segundo conta, «as serenatas cabo-verdianas eram então completamente desconhecidas do público metropolitano».

Marino Silva, no entanto, considera-se um amador («para mim a música é um 'hobby' e um divertimento») e, paralelamente à sua actividade musical continuou sempre a trabalhar na Câmara Municipal de Lisboa, onde ingressou há 25 anos e de cuja secção de salubridade é hoje o chefe.

Admirador de Amália Rodrigues e Alfredo Marceneiro, Marino Silva sustenta que entre o fado e a morna da sua terra natal há «uma certa analogia». «Ambas são músicas dolentes, que traduzem nostalgia e saudade.»

«O cabo-verdiano, que é um ilhéu por excelência, sente a falta de qualquer coisa, e é através da morna que exprime esse sentimento» – diz Marino Silva.

«E onde há um cabo-verdiano, seja nos Estados Unidos ou em Portugal – acrescenta – há sempre um sopro de morna.»

Amália hoje em Bruxelas

O mais famoso programa da televisão francesa, «Le Grand Echiquier», de Jacques Chancel, promove hoje uma edição especial transmitida em directo para 20 países a partir do Palácio das Belas-Artes de Bruxelas. Nesta emissão, intitulada «Le Grand Echiquier Special Europe Autour de Jacques Delors», estarão presentes, entre outras personalidades, François Mitterrand, Gunter Grass, Jorge Semprun, Melina Mercouri, Ettore Scala, Simone Weill, Enio Morricone e, evidentemente, Jacques Delors.

Colaborarão no espectáculo, entre outros artistas especialmente convidados, o Ballet Real da Dinamarca, Placido Domingo e Amália Rodrigues, que cantará acompanhada pela Orquestra Nacional da Bélgica.

Instituto D. Dinis defende ecologia

O Instituto D. Diniz - Ecologia e Desenvolvimento realizou recentemente a sua primeira assembleia geral, com vista á eleição dos seus corpos gerentes bem como à aprovação dos princípios porque passou a reger-se.

De acordo com os princípios aprovados pela assembleia geral, o IDD declara-se independente de quaisquer poderes estabelecidos e visa uma intervenção crítica no processo de desenvolvimento do país. Esta nova instituição considera, por outros lado, que "a ecologia é o humanismo do nosso tempo e que o desenvolvimento deve ser pensado e concretizado segundo os seus pressupostos, dado que os actuais sistemas economicistas se encontram esgotados". Foi ainda acordado que a actividade do Instituto D. Diniz "será desenvolvida através da reanálise dos dados existentes, preparação de estruturas de pesquisa e formulação das alternativas decorrentes".

A direcção do IDD passou a ser constituída por Gonçalo Ribeiro Telles, Leonel Fadigas, Luís Coimbra, Vasco Castanheira de Melo e Vasco Rodrigo Lobo; para a mesa da assembleia geral foram eleitos Paulino de Magalhães, José Carlos Ferreira de Almeida, Afonso Cautela, Mário Gonzaga Ribeiro e João Reis Gomes; no conselho fiscal ficaram Maria Teresa Mendes Macedo, Rui Apolónia da Conceição e Nuno Noronha da Costa.

MARCEL MARCEAU: Quando o silêncio fala

Alain Woodsow
Serviço exclusivo «Le Monde«/«DL«

HÁ mais de quarenta anos que o mimo Marceau se apresenta quase todos os dias do ano sob todas as latitudes. Quem é o homem que se esconde por detrás da máscara pálida de Pierrot lunar? Se Henry Chapier consegue fazê-lo, falar, o mistério essencial, permanece. Toda a gente conhece o mimo Marcel Marceau. Quem não viu, uma vez, este Pierrot branco de sobrancelhas em acento circunflexo, que passeia Bip, a sua personagem, nos quatros cantos do planeta, para se metamorfosear sob os fogos da ribalta em mil matérias, vegetais, animais, humanas?

Conhecemos menos Marcel Mangel, o judeu alsaciano, nascido em Estrasburgo há sessenta e cinco anos, casado por duas vezes e pai de quatro filhos. Será necessário arrancar a sua máscara de Pierrot a fim de perfurar o mistério do homem-gesto? Pôr em questão este actor que decidiu há vinte e quatro anos renunciar à palavra?

Decerto, a emissão «Divan» foi concebida da confissão do seu criador Henry Chapier, «à la manière d'un jeu de société», mas, curiosamente, as pessoas que aceitam participar nisso — porque existe «refuzniks» du divan! — deixam-se levar pelo seu próprio jogo.

«Eles sentem a necessidade de falar deles próprios duma outra maneira — explica Chapier que deixa descobrir certos aspectos escondidos da sua personalidade. Quer se queira ou não, ninguém sai ileso duma sessão de 'Divan', a começar por mim mesmo, que faço perguntas quando deveria ouvir e calar.»

Não é preciso esperar revelações escandalosas deste interrogatório de Marceau por Chapier, em que o pudor é grande, as perguntas insistentes sobre o Holocausto — o pai de Marceau foi deportado — produzem-se ressonâncias entre os dois homens. «Pode tornar-se o maior mímico do mundo sem ter conhecido um grande sofrimento?» Pergunta Chapier e Marceau devolve a pergunta citando Chaplin, «o maior mímico do século XX», que voluntariamente ficou discreto, sobre as suas origens judias. Contudo, Marceau reconhece ter experimentado a influência de criadores como Dickens, Hugo ou Chaplin, cujas obras tratam da miséria dos «ghettos»: tema iminentemente sensível para um judeu. «Fui formado pela cultura grega, latina e francesa tanto como hebraica — explica Marceau — o homem é o gesto através do alcance da história, para lá da religião.»

«O corpo não pode mentir»

Paradoxo, então, deste silêncio que fala, desta silhueta vivaz em repouso. Mas a posição horizontal assenta mal ao Pierrot lunar e para exprimir-se, as mãos saltam, juntam-se fazendo suplicações, descrevendo arabescos ou torcem-se de angústia num bailado mímico perpétuo. A bonita cara iluminada pelos dois imensos olhos, estranhamente nua sob a cabeleira encaracolada, deve excepcionalmente substituir o corpo inteiro para exprimir os seus sentimentos profundos sob o olhar verificador da câmara.

Como é que um filho dum talhante se torna mimo? «Eu já era mimo no ventre da minha mãe! — responde Marcel Marceau, rindo. Os meus pais ensinaram-me a tolerância e ponho-me muito depressa no lugar de outro. Talvez o mimo seja isso... Em criança, eu fazia mímica das fábulas de La Fontaine, imitava o Charlot, e mesmo Hitler que eu achava muito estranho!»

Até então era aluno de Dublin e de Ducroux, depois da guerra, Marceau escolheu o silêncio. «A palavra permite a mentira, explica ele, mas o corpo não pode mentir. O gesto não trai as metamorfoses da alma. É a hora da verdade!» Ele preferiu, por isso, renunciar à duplicidade do teatro — «já estava farto de mentir, como tive que fazer na Resistência!» — para exprimir as verdades elementares, ligadas à terra, à água, ao fogo, ao vento». Eu queria criar imagens que a palavra não saberia traduzir, disse ele. Um exemplo: falar é difícil, é difícil mostrar um homem que luta contra o vento. O mimo mostra-o, ele faz nascer o vento!»

Marceau teve dificuldade em quebrar este silêncio, escolhido e desejado. O seu discurso lírico, poético, passa depressa, embrulha-se, engrossa, apesar das tentativas repetidas de Chapier de o trazer para terra. «Mas quem é você, afinal?» Pergunta ele irritado. «O artista deve guardar uma parte do mistério, responde Marceau. Ele é um pouco como toda a gente e não se deve deixar fechar numa interpretação, numa definição. Sou um camaleão, um D. Quixote que luta contra os moinhos de vento da vida. Quanto à minha vida privada, ela pertence-me!»

Já há mais de quarenta anos que o mimo Marceau sulca os cinco continentes, com uma média de trezentas representações por ano.

«Você tem medo do tempo que passa?», pergunta Chapier bruscamente. «Eu tenho medo da velhice, como toda a gente, confessa ele, mas creio que a saberei enfrentar. A velhice é, talvez, um naufrágio como dizia justamente De Gaulle, mas penso como Jung, que o homem não deve pensar na morte. É preciso pensar na vida até ao fim porque ele não aceitará nunca o nada...»

Será que é por isso que Marcel Marceau escolheu, tal como um judeu errante, incarnar a condição humana no que ela tem de eterno?

CRÍTICA DE TEATRO

Humor Britânico

Carlos Porto

HABEAS CORPUS, **de Alan Bennett.** Tradução/Encenação: **Luzia Maria Martins.** Interpretação: **Carlos Santos, Helena Félix, Fernanda Garção, Manuel Mendonça, Lia Sena, António Machado, José Brás, Maria José Baião, Célia David, Vítor Hugo e Rui Anjos.** Teatro Estúdio de Lisboa. **Estreia: Teatro Vasco Santana/12.01-1989.**

A escolha deste texto rompe com o estilo do reportório habitual do TEL, geralmente mais virado para o drama e para a comédia do que para a farsa.

«Habeas Corpus» invade sem cerimónias o terreno do «vaudeville» ao mesmo tempo que parodia o bulevar (através dos jogos de casais, do próprio mecanismo em que assenta) e satiriza a sociedade inglesa no tempo (1973) em que a frase «isto é que deve ser a sociedade permissiva» começa a ser a legenda de um mundo em transição.

«Habeas Corpus» é um jogo de máscaras que evoca a «commedia dell'arte», pelo menos numa cena em termos directos, quando os actores fingem dar bofetadas uns aos outros. Esse jogo tem como referente um discurso directo para os espectadores que nele são cumpliciados. Há uma personagem que ajuda a essa relação directa: é ao mesmo tempo mulher da limpeza, narradora e símbolo do destino. (Excelente interpretação de Helena Félix.)

A acção da peça decorre em casa do Dr. Artur Cavalito Cansado (Carlos Santos) e de sua mulher Muriel Cavalito Cansado (Fernanda Garção), com o filho Dinis Cavalito Cansado (Manuel Mendonça) e a filha Constança Cavalito Cansado (Lia Sena); o reverendo Palpitante (António Machado), visita da casa, persegue Constança, que o repele e tem um desgosto na vida, não ter umas mamas como as da Jane Mansfield (tradução desactualizada...). De tal maneira que o reverendo diz que ela é magra e lisa como um rapazinho, e talvez seja por isso que a ama. Lady Garupa (Maria José Baião), outra visita, é retornada da Etiópia e da Rodésia e recorda com nostalgia o glorioso império britânico; a filha desta, Felicidade (Célia David) apaixona-se inexplicavelmente pelo filho dos Cavalito Cansado que é um hipocondríaco com a mania, que sofre de uma febre do Cáucaso. Atrás da sr.ª Cavalito Cansado anda **sir** Jorge Curtinho que é, nada mais nada menos, bastonário da Ordem dos Médicos britânica e médico de Sua Majestade. Ele foi a primeira grande paixão de Muriel. No entanto, descobrir-se-á que durante a guerra, numa situação de **blackout**, ele fez um filho a «lady» Garupa, aquela mesma Felicidade com quem por pouco, tinha tido uma relação incestuosa. Dois outros homens surgem em cena: o sr. Canelas (Vítor Hugo), que é funcionário da fábrica de **soutiens** especiais que a Constança mandou vir para melhorar a figura, embora o sr. Canelas confunda com Muriel, confusão que terá as suas complicações, e ainda o sr. Embuscado, doente do dr. Cavalito Cansado, com uma corda ao pescoço para se enforcar, propósito que não chegará a concretizar. Mas é com um baile que o espectáculo termina porque a vida é mesmo assim: cada panela tem o seu testo.

Mesmo que a peça nem sempre aguente o jogo paródico, a energia fársica que atravessam muitas das suas cenas é marcada por um senso de humor, por uma força satírica (o Serviço Nacional de Saúde, os médicos e as suas relações com as doentes interessantes, a igreja) que explicam o interesse de Luzia Maria Martins em revelá-lo ao seu público.

Pena que a opção da encenadora não fosse no sentido de explorar as vertentes «absurdas», quase «surrealizantes» da peça, limitando-se a uma composição e marcação das personagens e das situações demasiado equilibradas, demasiado baças. A peça exige, a meu ver, uma leitura da malícia que a enche, do carácter delirante que a marca. Sem isso, parece menos interessante por lhe faltar a intensidade, a força comunicativa que outros intérpretes lhe teriam transmitido.

As condições em que esta companhia tem estado a trabalhar explicam, ao menos em parte, a impossibilidade de superar algumas das carências que os seus espectáculos revelam.

No caso desta peça, e de acordo com o tom neutral usado pela encenadora, além de Helena Félix, Maria João Baião, Carlos Santos, Lia Sena, Célia David, actriz que pertencia ao elenco do TAS, conseguiram momentos de alguma criatividade.

A graça deste texto, se bem que escassamente explorada, justifica o interesse dos espectadores.

Homenagem ao palhaço Kinito

Uma homenagem nacional ao palhaço Kinito, promovida pela Câmara Municial de Setúbal e Círculo Cultural da Cidade do Sado, inicia-se hoje.

De hoje até sexta-feira, o programa inclui espectáculos gratuitos para os alunos das escolas primárias e preparatórias do concelho, num circo montado no Parque José Afonso.

A homenagem termina sábado à noite num espectáculo em homenagem a Kinito, de seu nome Joaquim da Purificação dos Santos, nascido em Setúbal a 6 de Maio de 1922 e falecido a 21 de Novembro de 1982, aos 60 anos.

Conhecido como «o palhaço das pernas elásticas», actuou por todo o Mundo, tendo sido atracção do Coliseu dos Recreios de Lisboa e proprietário de alguns circos.

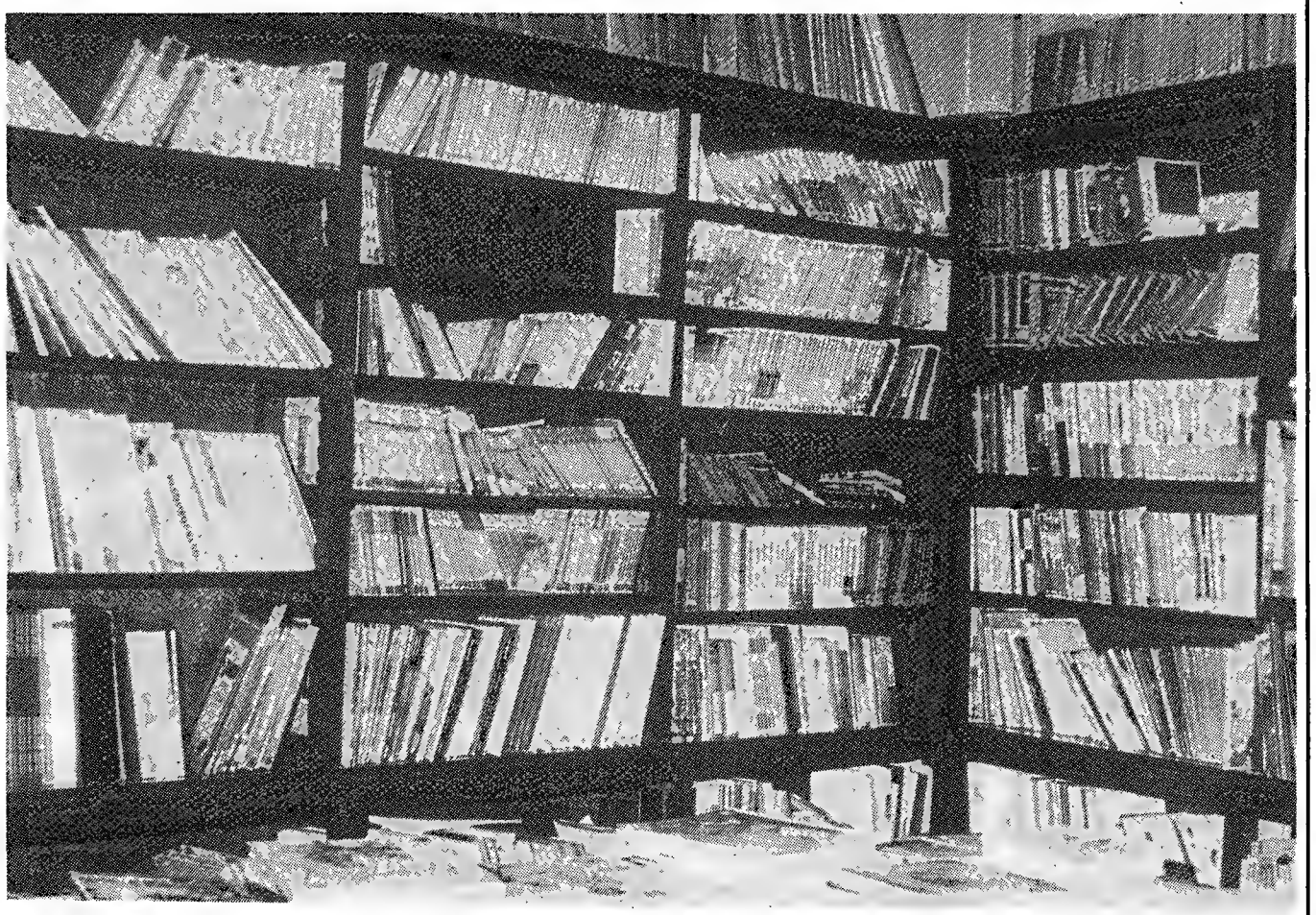
Proposta de novo acordo ortográfico

MAIS LETRAS, HÍFENS E ACENTOS

Ernesto Sampaio

EM Portugal, no Brasil, em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, S. Tomé, a língua é a mesma, mas as falas são várias. Como escrever o português de forma a não arrepiar as sensibilidades da gente de tão desvairados sítios? Diga-se que o português de Portugal entende-se melhor escrito que falado. Há dois séculos que não paramos de fechar as vogais, e o resultado é ninguém perceber o que dizemos, o emudecimento da língua.

O nosso português setecentista, antes de termos começado a comer sons, devia ser muito parecido com o que actualmente se fala no Brasil. Aliás, não é só pela língua que a grande nação brasileira é hoje a depositária de algumas das nossas tradições culturais: quem quiser ter uma ideia de como era o Portugal do século XVIII, é em Minas Gerais, na Baía, Pernambuco ou Maranhão que mais fielmente o encontra.



Seja como for, com vogais abertas ou fechadas, a verdade é que não pode cada um começar a escrever conforme lhe dá na tineta. Dentro de certos limites, a diversidade é estimulante e operativa; excedida essa bitola, as trocas culturais entre os diversos países de língua portuguesa tornam-se ainda mais confusas do que já são.

A cultura, por outro lado, não é dissociável da língua, o que torna esta matéria extremamente delicada, já que é preciso obter consensos e não impor opções unilaterais, ou seja, é preciso não partir da ideia de que a nossa cultura é superior às outras.

Um novo projecto

No sentido de conseguir os consensos já referidos, a Academia das Ciências de Lisboa apresentou ao Brasil e aos países de língua oficial portuguesa uma proposta visando negociar a constituição de um acordo ortográfico diferente do que foi discutido em 1986 e tanta polémica gerou, sobretudo em aspectos relacionados com a acentuação. No novo documento, por exemplo, preconiza-se a conservação da dupla grafia para algumas palavras (facto e fato, adopção e adoção, etc., conforme se trate de portugueses e brasileiros).

Além de aos governantes dos países mencionados, o documento foi também entregue, para apreciação, a personalidades reconhecidamente qualificadas na matéria, de todas estas entidades se aguardando sugestões que permitam iniciar a negociação formal e mais tarde a ratificação do acordo. A discussão deverá começar em Fevereiro.

Escusado será dizer que se for possível obter a anuência dos vários países interessados para um acordo deste tipo, fica facilitada, no mundo de fala portuguesa, a difusão de obras impressas em Portugal, além das vantagens que traz para o ensino de português a estrangeiros.

A projecção que a língua portuguesa tem hoje no mundo sobreleva pretensões desfazadas da realidade, quais sejam a mirífica ideia de que o português de Portugal, por ser a língua-mãe, deve predominar sobre o português de África ou do Brasil. Trata-se, no fundo, de manter a língua e a cultura com ela relacionada aberta à participação de universos culturais diferentes.

Por outro lado, a preservação da unidade da língua escrita não corre perigo se uma grafia apropriada contemplar as particularidades fónicas que ocorrem nos diversos países. Na verdade, os sistemas gráfico e fonológico são relativamente autónomos, e além disso as diferenças consideráveis de pronúncia não incidem, segundo um especialista como o professor Malaca Casteleiro, sobre mais de dois por cento da totalidade do vocabulário.

Alterações no alfabeto

O anteprojecto de um novo acordo ortográfico elaborado pela Academia das Ciências estabelece que o alfabeto português, o comum de «A» a «Z» será acrescido das letras K, W e Y. Era até agora composto por 23 letras e passará a integrar 26 letras.

Recorde-se que em tempos a letra K foi substituída por «QU» antes de «E» ou «I» e por «C» antes de outra letra qualquer, o W foi substituído por «V» ou «U», conforme o seu valor fonético e o Y encontra-se substituído pelo «I» em todas as palavras portuguesas ou aportuguesadas.

Caso o anteprojecto do novo acordo ortográfico venha a ser adoptado, o K vai surgir entre as letras «J» e «L», o W entre o «V» e o «X» e o Y entre o «X» e o «Z».

No acordo ortográfico ainda em vigor, o K, o W e o Y mantêm-se nos vocábulos derivados de nomes próprios estrangeiros.

O novo texto também reconsidera a questão do hífen. Da redução de 1986 a quatro regras, passa-se agora a uma dúzia, retomando a regulamentação de 1945. No anteprojecto proposto pela Academia das Ciências, o predomínio da língua escrita sobre a oral reintroduz a utilização dos acentos nas esdrúxulas e graves e a supressão das consoantes ditas «mudas» (casos de óptimo e baptismo que passarão a escrever-se ótimo e batismo). Quando houver disparidade irremediável de formas, figurarão a par nos dicionários, escolhendo o sujeito falante aquela mais ao jeito da sua pronúncia (casos de facto e fato, Antônio e António, fenômeno e fenómeno, etc.).

O grupo de trabalho da Secção de Estudos Literários e Linguísticos da Academia das Ciências que elaborou o anteprojecto é constituído por Lindley Cintra, Jacinto Nunes, Malaca Casteleiro, Costa Ramalho, Maria Helena da Rocha Pereira, Fernando Cristóvão, Maria de Lourdes Belchior (que em 1986 assinaram o anterior projecto de acordo), Herculano de Carvalho e Aníbal Pinto de Castro.

Razões de natureza emocional, isto é, não científicas, inquinaram a proposta de 1986. Espera-se que os preconceitos e os sentimentalismos patrioteiros não voltem a tentar inviabilizar a consagração, na escrita, da evolução da língua.

Professor-coreógrafo soviético em Lisboa

Erik Volodin, mais três meses na Companhia Nacional

A Companhia Nacional de Bailado renovou, por mais três meses, o contrato com Erik Volodin, professor da Escola de Coreografia de Moscovo.

Este especialista, que chegou a Portugal em Outubro para dar aulas, até finais de Dezembro, aos artistas e alunos da companhia dirigida, por Armando Jorge, já está de novo no exercício das suas funções, na Rua Vítor Cordon, depois de uma breve estada na capital soviética para passar o Ano Novo com a família.

«Interessa-nos, um bom professor. Temos assinado contratos de três meses com vários professores estrangeiros e como Volodin se encontrava livre aceitou continuar», disse à «Novosti» Armando Jorge, sublinhando que com o trabalho do técnico soviético «vai certamente haver progressos. Os bailarinos mostram grande vontade de trabalhar com um bom professor».

Para o antigo bailarino do Bolchoi, que chefiou o grupo de coreógrafos-mestres do grande teatro moscovita, a juventude dos bailarinos portugueses, o seu interesse pelo trabalho, a confiança que mostravam depositar nele e o bom ambiente de trabalho que se gerou, deram-lhe «vontade de ficar em Lisboa mais três meses apesar de isso implicar um longo afastamento da mulher, que dirige as classes femininas de aperfeiçoamento do Bolchoi, e da filha que dança no corpo de baile daquele teatro.

«Quando cheguei», frisa o técnico, «desconhecia o trabalho que me esperava. A primeira semana foi para conhecer os jovens de que gostei logo de início e que mostraram gostar de mim e de aprender comigo, agora já sei o que eles precisam. Durante este período vamos trabalhar com acompanhamento musical. Trouxe gravações para lhes ensinar como se deve trabalhar no bailado».

Iniciação balética é tardia

Segundo Volodin, conhecido como um grande professor de técnica masculina de bailado, o contrato estipulava aulas a duas classes: de artistas e de alunos. No entanto, para tirar mais rendimento, propôs a divisão das classes por sexos, passando a ter uma constituída por 25 homens e outra por 35 mulheres.

Nas aulas há que desenvolver esforços para compensar a preparação física desigual dos bailarinos que depende da sua experiência profissional; diz o especialista que considera, no entanto, que a Companhia Nacional de Bailado tem bailarinos com preparação física de nível internacional.

A actividade de Volodin naquela companhia incluiu ensaios aos três alunos que se encontram em Lausana a fim de participar num concurso balético que decorre até ao dia 21.

O elemento masculino, Alexandre Fernandes possui, na opinião de Erik Volodin, «nível suficiente» para a competição, não se podendo, no entanto, dizer o mesmo dos elementos femininos que «têm pouca experiência».

«Em Portugal começa-se a trabalhar demasiado tarde, com a iniciação por volta dos 12 anos. Alexandre compreendeu isso e trabalha como um louco», sublinhou o célebre intérprete de Lorenzo de «Romeu e Julieta», que ao referir-se a projectos futuros apontou, no âmbito da colaboração com a Companhia Nacional de Bailado, a preparação de uma peça balética.

«Existe um projecto para preparar, em 1990, o bailado 'D. Quixote'. Não será um espectáculo novo mas uma recriação da peça do repertório do Bolchoi estando previsto convidar um par de bailarinos estrangeiros.»

Quatro filmes no tempo de Lalique

BELLE ÉPOQUE: ONDE ESTEVE A FELICIDADE?

Maria Joao Martins

A procura do tempo de Lalique sendo uma ideia genial (mais uma) da Fundação Guibenkian não é de modo algum e embora esse facto não lhe retire mérito, caso inédito na exploração de uma época que dita beia e ideal («La Belle Époque») se tornou inspiração de aromas, vinho e rosas mas também de realizadores deveras representativos no amplo contexto da cinematografia mundial, com curioso destaque para a europeia.

"Olhos Negros" de Nikita Mikhalkov

Luchino Visconti, Federico Fellini, Ingmar Bergman e James Ivory e Nikita Mikhalkov são apenas alguns desses magos do celulóide que em determinado momento das respectivas carreiras cederam à sedução nostálgica de um período que continha em si o sémen do ocaso próximo que se delineava nos militarismos agudizados de então num mundo estranhamente polvilhado de paradoxos que permitia que a Alemanha desejasse a I Grande Guerra enquanto Renoir fixava impressões da felicidade. Ou que os **Olhos Negros** de uma dama russa deslumbrassem Marcello Mastroianni.

1 – Os filmes

Assinado por Nikita Mikhalkov, **Olhos Negros** é, por exemplo, uma das mais recentes películas cujo argumento se reporta aos primeiros anos deste conturbado século XX, quando as contingências da História ainda não eram suficientemente óbvias para alterarem toda uma ordem mental herdada dos tempos em que a rainha Vitória se intitulava imperatriz das Índias. Como este filme, existem outros mais ou menos notáveis: **Quarto com vista sobre a cidade** e **Maurice** de James Ivory, **O navio** de Fellini e a não menos célebre **Morte em Veneza** assinada por um outro italiano, Luchino Visconti, com base no romance homónimo de Thomas Mann. Curiosamente os pontos em comum entre estes quatro filmes não se limitam à época em que os acontecimentos narrados têm lugar, estendendo-se este pequeno cosmos de semelhanças a determinadas concepções sobre o espaço, sobre as relações humanas, sobre a vida ela própria e os rumos da felicidade.

2 – O Estrangeiro

Elo comum às diversas películas é o sortilégio, a energia reabilitadora que as diversas personagens, independentemente do sexo e da idade, encontram ou esperam encontrar no espaço estrangeiro, servindo-se conscientemente ou não desta referência para determinar de forma indelével o modo como se relacionam com os outros. James Ivory parce ser neste âmbito particular o realizador mais subversivo, tendo rodado por isso

"Maurice" de James Ivory

Quarto com vista sobre a cidade onde o espaço estrangeiro é identificado com Florença, exótica ao olhar da proverbial austeridade britânica; paisagem que contrapondo-se à Grã-Bretanha natal legitima todas as pulsões e afectos, concede fôlego às fantasias e liberta os recalcamentos. Mais curioso ainda, a protagonista de **Quarto com vista sobre a cidade** é uma mulher jovem que nesta condição sofreria com particular acuidade a incidência da intransigente moralidade vitoriana.

A Itália do limiar do século XX parece ter servido ainda de inspiração a Thomas Mann e posteriormente a Luchino Visconti que realizou **Morte em Veneza** para abordar os devaneios estivais de um rígido intelectual numa praia da «sereníssima» cidade. A tragédia acabará neste caso por acinzentar o cenário e a epidemia de cólera propaga-se numa cabal demonstração dos arcaísmos inerentes a uma região cujo «glamour» decorre da predominância dos sentidos. Porque o que estes cineastas sentem e dão a saber é a mitificação da bacia mediterrânica enquanto vale dos instintos e do ócio em detrimento do labor e do cálculo que, por seu turno, não desempenham papel digno de nota em qualquer destes filmes.

Se em **O Navio** o pretexto será uma viagem para uma pequena ilha, em **Olhos Negros,** há um homem desencantado que se surpreende na senda da felicidade e perde a coragem de a agarrar. A paisagem encantatória tornada chave do sonho é neste caso a Rússia do tempo do último czar Romanov, fechada sobre as cúpulas das grandes catedrais ortodoxas e por isso tanto ou mais misteriosa que as amenas planícies do Lácio. Como se para alemães, ingleses e outros setentrionais radicados no coração da Europa industrial, o romantismo se houvesse refugiado nestes espaços desprovidos de «civilization» e só neles fosse possível inventar um desejo insensato.

3 — A descoberta dos outros numa mesa de restaurante

Uma vez à deriva nestes espaços que idolatrizaram, por vezes, ao longo de toda uma existência tida por vã e obscura, as personagens dos filmes previamente referidos tendem a procurar nos outros a próxima concretização dos seus ideais quase sempre amorosos e fazem-no sentados em torno de uma mesa colectiva num espaço de convívio: o restaurante de um navio ou de um hotel, um salão das termas que, diga-se a propósito, estiveram muito em voga nos anos que precederam 1914.

A busca desse ser porventura imaginário é então feita através de uma selecção criteriosa que transmite ao espectador as linhas gerais do carácter dos vários convivas, homens, mulheres, crianças afadigadas em relações de lazer que predominam amplamente sobre as de trabalho. Uma jovem e britânica burguesa encontra um americano que à sua passagem semeia pontos de interrogação e a um arquitecto frustrado depara-se-lhe, por seu turno, uma perturbante dama russa que se refugia atrás do reflexo deslumbrante de uma jóia num apontamento a merecer nota máxima para o autor de tão bela fotografia (falamos obviamente de **Olhos Negros).**

O domínio do sonho que se julga poder realizar fora de portas não é, no entanto, suficientemente elevado e forte para transpor certos preconceitos sociais. Só aos que podem viajar, usufruir comummente o ócio é dado aventurar-se e entrelaçar os destinos porque eles são a luz em torno da qual se agitam pequenas e insignificantes borboletas que, mantendo de pé o suporte material do sonho, não pensam atingi-lo. São os inúmeros criados de hotel, os empregados de mesa, o povo de Florença, de Veneza, da taiga russa, os exóticos que constituem o vago fundo humano da paisagem.

É evidente que às personagens não assistirá qualquer responsabilidade, cabendo toda ela às forças criativas de cada um dos filmes, argumentistas e realizadores, que continuam a reproduzir um discurso deliciosamente mitificado sobre um tempo que, segundo a consciência ocidental terá estado algures no caminho da felicidade.

MÁRIO LIMÃO REIS

FALECEU

✝

A família cumpre o doloroso dever de participar o seu falecimento, ocorrido dia 22 de Janeiro, aos 63 anos de idade.

O funeral realiza-se amanhã, dia 24 de Janeiro, pelas 11 horas, da Igreja do Feijó (Almada) para o cemitério do Feijó

Docentes contestam transferência de arquivo histórico parlamentar

Um grupo de docentes universitários expressou, em carta enviada ao presidente da Assembleia da República, a sua preocupação face à possibilidade de o arquivo histórico parlamentar ser encerrado, inviabilizando teses de doutoramento e investigação em curso.

Segundo aquele grupo, a transferência e consequente encerramento por dois anos do arquivo seria altamente prejudicial para a comunidade científica, pois dele dependem teses de doutoramento em fase adiantada, bem como contratos de investigação assinados com instituições estatais, cujo financiamento ficaria desaproveitado.

Os docentes sublinham ainda a falta de condições do edifício provisório para onde está já a ser transferido o acervo do arquivo, que não permite a conservação de manuscritos antigos e preciosos e que constituem documentação de carácter único e insubstituível.

Esta carta surge após o esclarecimento que o presidente da Assembleia da República, Vítor Crespo, fez perante o plenário, de que os documentos que estão agora numa antiga galeria de arte, próxima de instalações da PSP, serão arquivados na Torre do Tombo, logo que aquelas instalações sejam desocupadas.

Vítor Crespo afirmou ainda que se estava a proceder a microfilmagens dos documentos e à instalação de desumificadores sistemas contra incêndios no arquivo provisório.

Sob a «batuta» de mestre Lima de Freitas

«SOCTIP», NOVO ESPAÇO CULTURAL

Rodrigues Borges

O Centro de Arte Soctip, recentemente criado em Lisboa por iniciativa da Sociedade Tipográfica, por ocasião das comemorações do seu meio século de existência, engloba uma galeria, uma livraria e uma editora e pretende, na sequência duma dinâmica superiormente orientada por Lima de Freitas, contribuir para o alargamento da vida cultural portuguesa através de acções concertadas de promoção, divulgação e expansão da cultura artística no nosso país. A exposição inaugural, patente até ao próximo dia 28, integra obras de seis artistas: Rodrigo Ferreira, Graça Morais, Emília Nadal, Armanda Passos, Paiva Raposo e Filipe Rocha da Silva os quais, aparentemente sem qualquer tipo de identidade estética, acabam por revelar uma afinidade que poderá traduzir-se como uma análoga pesquisa de mundos intermédios entre o real e o imaginário, que aponta para a (re)descoberta de uma "nova memória". O novíssimo espaço cultural lisboeta fica na Rua de D. Estefânia, 195-D.

Este Centro de Arte, cujos interiores foram concebidos pelos arquitectos Francisco e Madalena Teves, tem como já se disse três vertentes. Para a galeria de Arte, dirigida por Luís Teixeira da Mota, está prevista a realização de exposições individuais e colectivas de artistas plásticos, privilegiando-se a produção nacional, bem como a organização de colóquios, conferências e ainda outras actividades, em conecção com a temática das exposições ou no âmbito da linha de acção cultural programada por Lima de Freitas para o Centro de Arte.

Assim, já para este ano, a programação prevê a atribuição de três prémios, um no domínio das Arte Gráficas no valor de trezentos contos, outro contemplando os jovens pintores e o terceiro, de mil contos, para o artista do ano, destinado a distinguir um artista de reconhecido mérito e com obra de grande projecção.

Livraria e editora

Integrada no Centro de Arte Soctip funciona também uma livraria - especializada em livros de Arte (nacionais e estrangeiros) e edições artísticas, cuja orientação foi entregue a Luísa Barahona Possollo.

Criada também uma editora, orientada directamente por Lima de Freitas, com a qual se pretende dar corpo a um plano de acção coerente e multifacetado.

Por um lado, em estreita colaboração com a galeria de Arte, esta editora promoverá o lançamento de albuns, livros e outros materiais de divulgação centrados na obra dos artistas distinguidos com os "Prémios Soctip", ou até tomando por tema certas exposições programáticas e o trabalho de artistas especialmente convidados.

Por outro lado, de acordo com um plano a longo prazo, dar-se-á início a várias colecções abrangendo um largo campo que englobará monografias, ensaios, estudos, edições de luxo e edições acessíveis aos diversos públicos, cobrindo todo o espectro da arte portuguesa, antiga e moderna, num propósito de divulgação ordenada, que torne conhecidos os tesouros e os valores - tantas vezes ignorados ou mal conhecidos - da nossa pintura, da nossa escultura, da nossa arquitectura e dos múltiplos âmbitos da cerâmica, mobiliário, artes sumptuárias, fotografia, design, etc.

Muito brevemente, vai ser lançado umprimeiro livro "hors-série", com realização gráfica de Sebastião Rodrigues, profusamante ilustrado, que reunirá seis conferências de artistas gráficos e plásticos, proferidas na Sociedade Nacional de Belas-Artes por ocasião das comemorações do cinquentenário da Sociedade Tipográfica, S.A.

«Todo este conjunto de actividades e de intenções pode parecer ambicioso e arriscado; é-o, indubitavelmente - disse Lima de Freitas, que conclui: «representa, todavia, um desafio estimulante e um esforço em prol da arte, e sobretudo da arte portuguesa no que ela tem de mais português e de mais universal, desafio e esforço que não recusamos porque a nossa recompensa, nas alegrias como nas (eventuais) decepções, há-de consistir apenas em cumprir, sempre o melhor que nos será possível».

Como tudo começou

«A história deste novo espaço cultural começa - revelou Lima de Freitas - com as comemorações dos cinquenta anos de vida da Sociedade Tipográfica. O presidente do conselho de administração, Manuel Ferreira, convidou-me para para colaborar na organização de alguma coisa suficientemente importante para assinalar essa data. Na sequência, surgiu a ideia de homenagear os artistas gráficos, tendo sido convidados seis, com idade superior a 50 anos, que tivessem trabalhado ou colaborado com a empresa aniversariante, para uma exposição antológica dos seus trabalhos e também para falarem das suas experiências como artistas gráficos. Como a ideia tivesse agradado, iniciou-se um ciclo na Sociedade Nacional de Belas-Artes denominado "Falando do Ofício". O mais velho dos convidados foi o Tom (Tomás de Mello), com quase 80 anos, seguindo-se-lhe o Victor Palla, que teve um papel importante nas Artes Gráficas dos anos 50; Fernando Azevedo, conhecido pelo lugar que ocupa na Fundação Gulbenkian e há anos atrás ilustrou livros e fez publicidade e que continua ligado à sua Arte; o Sebastião Rodrigues, talvez o nosso maior gráfico, com prémios obtidos por toda a parte; Octávio Clérigo, hoje mais conhecido pelo seu trabalho de cenografia e figurinos no teatro e televisão mas que também começou como artista gráfico».

Este ciclo "Falando do Ofício" decorreu já há cerca de dois anos e foi exactamente a partir dele que nasceu a ideia da galeria.

Ainda Lima de Freitas a continuar a história: «Nessa exposição apareceram trabalhos antigos mostrando uma certa evolução e a ideia foi a de fazer um livro, juntando as seis palestras num volume, com os respectivos desenhos e ilustrações, uma curta biografia de cada um e fazer desse mesmo livro um dos elementos da comemoração dos 50 anos da Soc Tip. Tanto Manuel Ferreira como os seus mais directos colaboradores se entusiasmaram com a ideia, que tivemos de continuar. Acontece que a empresa cresceu muito nos últimos anos e resolveu sair do espaço que ocupava na Rua de D. Estefânia e mudar-se para um maior, na Portela de Sacavém. Animados com o êxito da exposição e o contacto com os artistas, o administrador da Sociedade Tipográfica chamou-me de novo, para me perguntar o que eu achava melhor para implantar naquele espaço vago da Estefânia, se um centro de arte, se uma galeria».

O Presidente Soares na inauguração do Centro de Arte Soctip, com Luís Teixeira da Mota, Manuel Ferreira e Lima de Freitas

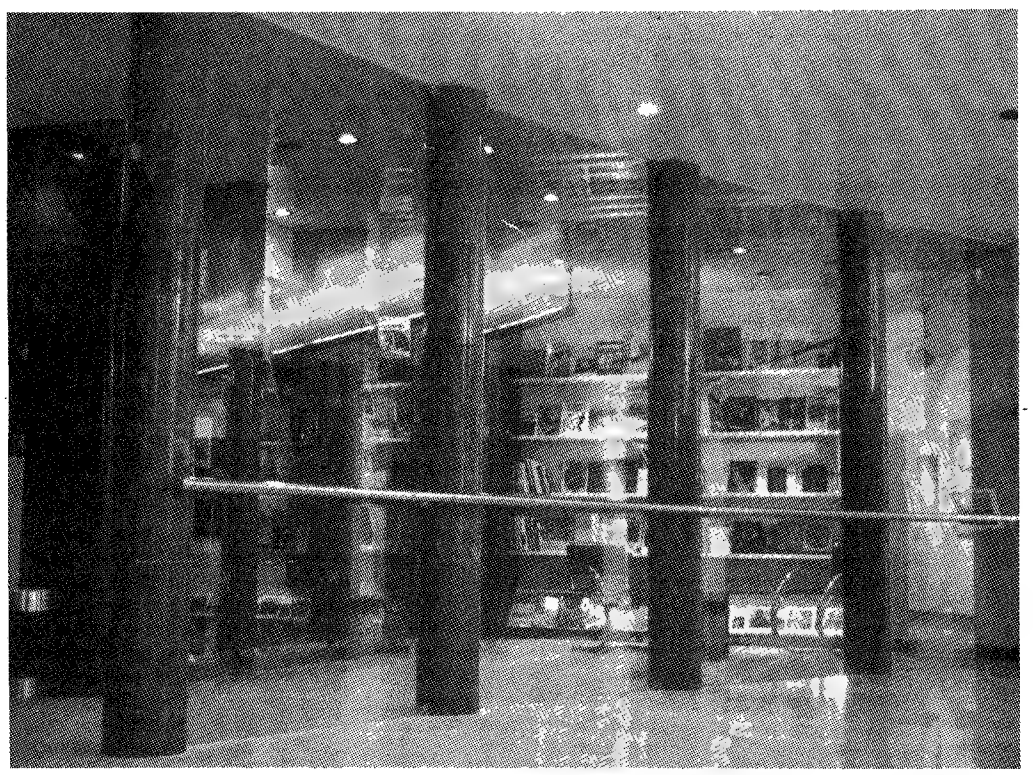
Lima de Freitas complementa a história do novo espaço cultural: «Achei a ideia estupenda, o sítio era magnífico, perto do Instituto Superior Técnico, perto de artérias e praças hoje em dia muito importantes. Local fabuloso, como o próprio espaço. Então Manuel Ferreira encarregou o casal de arquitectos Francisco e Madalena Teves, autores do projecto da Livraria Barata, para o projecto global de aproveitamento das instalações da Sociedade Tipográfica, quê inclui, além do Centro de Arte, um Centro de Fotocópias».

O júri e a monografia

Entregue a direcção da nova galeria a Luís Teixeira da Mota, Lima de Freitas passa a dedicar-se à editora, uma editora vocacionada para os livros de Arte.

Segundo mestre Lima de Freitas, «Em Portugal pouco se tem editado relativamente à nossa riqueza artística, antiga e moderna. E algumas coisas boas que se têm editado, têm-no sido mais com o critério do "coffe-table book"; livros patrocinados por bancos, como objectos de prestígio e também de oferta. Assim, temos muita coisa a explorar, desde a ensaística de arte, que convém promover, até às monografias sobre museus, monumentos, inclusive sobre os "sítios" de Portugal, hoje tão ameaçados. Há livros que estão esgotados há muitos anos e alguns, que estão nos antiquários, custam dezenas de contos. Existem milhares de estudantes de História de Arte que têm grande dificuldade em encontrar certos textos fundamentais para os seus trabalhos e investigações. Pensámos nisso tudo, em tantos territórios a explorar sobre os quais se podem fazer obras, desde que tenhamos escritores, investigadores, historiadores, fotógrafos, e háos neste país, basta motivá-los. Temos também bons artistas gráficos capazes de organizar um livro de forma inteligente e agradável. O que falta é alguma planificação e alguém que invista e esteja disposto a apostar. Foi essa perspectiva que me animou a elaborar um plano, na sequência da Sociedade Tipográfica aceitar essa responsabilidade e de ser uma empresa gráfica que pode imprimir com grande qualidade documentos artísticos. Penso que, até ao final deste ano, poderão ser editados alguns livros de Arte. O primeiro, o "livro zero" da editora, reunirá as já citadas seis conferências dos artistas gráficos da SNBA e poderá sair dentro de um mês. A seguir penso editar o meu livro "Almada e o Número", muito, procurado por estudantes e esgotado há vários anos».

Sobre o "Prémio Artista do Ano", uma iniciativa que nos parece um bom achado, será decidido por um júri já constituído, que integra Rui Mário Gonçalves, Maria João Fernandes, Luís Teixeira da Mota (em representação da Soctip), Helena Vaz da Silva e o próprio Lima de Freitas, que especifica a propósito que o prémio será de mil contos em dinheiro, mas «inclui duas alíneas que parecem muito importantes: uma exposição na Galeria Soctip, com um sentido antológico da sua obra e a edição duma monografia sobre ela, o mais completa possível, bem ilustrada e documentada. Se tivermos sucesso e hover dinheiro, naturalmente que nos próximos anos teremos sempre uma monografia sobre o artista eleito».



Aspecto da Livraria de Arte

DL CINEMAS

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
QUEM TRAMOU ROGER RABBIT
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
WILLOW NA TERRA DA MAGIA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
LIGAÇAO FATAL
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4
JOVENS PISTOLEIROS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa Club
TUCKER, O HOMEM E O SEU SONHO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras
Amoreiras 1
LIGAÇÃO FATAL
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 2
WILLOW, NA TERRA DA MAGIA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 3
ADEUS RAPAZES
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 4
TUCKER, O HOMEM E O SEU SONHO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 00.15 h

Amoreiras 5
FUGA À MEIA-NOITE
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.30 e 00.15 h

Amoreiras 6
QUEM TRAMOU ROGER RABITT
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 7
ASSALTO AO ARRANHA-CÉUS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 00.15 h

Amoreiras 8
SOS FANTASMAS
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15 h

Amoreiras 9
ENTRE O INFERNO E O CÉU
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 21.45 e 24.00

Amoreiras 10
OS BONS AMANTES
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Pub.

OS BONS AMANTES — Em exibição no QUARTETO — SALA 3

(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Apolo 70
TUCKER, O HOMEM E O SEU SONHO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Ávila
— T. 539930

PAPUÇA E DENTUÇA
(maiores 6 anos)
14.00, 15.30 e 17.00 h

Berna
— T. 776060

A RAPRIGA DA CHINA
(maiores 16 anos)
15.15, 18.00 e 21.30 h

Capitólio
— T. 372358

SEXO PRÉ-HISTÓRICO
(interdito men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Cinebolso
A VIDA ÍNTIMA DE TRÊS MULHERES
(maiores 18 anos)
Pornográfico
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões
T. 324194

DESAPARECIDO EM COMBATE
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 533253

O PODER DA JUSTIÇA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
PERIGO EM MIAMI
24.00 h

Cinemateca Portuguesa
SERGEANT RUTLEDGE
18.30 h
HITLER'S MAIMAN
21.30

Cine Portela
— T. 9434773

Estúdio Anusha
UM NINJA AMERICANO
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

Estúdio Sheza
AS NOITES LOUCAS DE JIMMY REARDON
(maiores 16 anos)
15.15 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

A MALDIÇÃO DOS MORTOS VIVOS
(maiores 12 anos)
14.30, 18.00 e 21.30 h

Condes
— T. 322523

ASSALTO AO ARRANHA-CÉUS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

NA LISTA DO ASSASSINIO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134

A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO
(maiores 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255

O PEQUENO NIKITA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
CAFÉ BAGDAD
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2
A VIDA NÃO PODE ESPERAR
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
MORTO À CHEGADA
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas
— T. 541037

FEITIÇO DA LUA
(maiores 16 anos)

Gemini
— T. 734009

UM PRINCIPE EM NOVA IORQUE
(maiores 6 anos)
15.00, 18.00 e 21.30

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
A MULHER DO PROXIMO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 21.30 e 24.00 h

Sala 2
ASSALTO AO ARRANHA-CÉUS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império
— T. 555134

NA LISTA DO ASSASSINO
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

King Triplex
Sala 1
OS DUROS NÃO BRINCAM
(maiores 16 anos)
19.30, e 21.45 h

Sala 2
O PODER DA JUSTIÇA
(maiores 16 anos)
14.15, 16,45, 19.15 e 21.30 h

Sala 3
BARFLY – AMOR MARGINAL
(maiores 16 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
CAFE BAGDAD
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
ASSALTO AO ARRANHA-CÉUS
(maiores 16 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres
— T. 801313

ASSALTO AO ARRANHA-CÉUS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1
A RAPARIGA DA CHINA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Sala 2
ADEUS RAPAZES
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
A VIDA NÃO PODE ESPERAR
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas
— T. 574362

QUEM TRAMOU ROGER RABITT?
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

FORÇA DESTRUIDORA
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

Olímpia
T. 325309

AS DEVORADORAS
Pornográfico
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(maiores 18 anos)

Pathe
— T. 821933

OS MALUCOS DO ESTÁDIO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama
T. 326305

A MALDIÇÃO DOS MORTOS VIVOS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
CAFÉ BAGDAD
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
OS DIAS DA RÁDIO
(maiores 12 anos)
23.45 h

Sala 2
IMAGINE! JOHN LENNON
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
O HARÉM
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3
BONS AMANTES
(maiores 16 anos)
15.00, 18.30 e 21.30 h
COMBOIO EM FUGA
(maiores 12 anos)
24.00 h

Sala 4
A LEI DO DESEJO
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
EU VOS SAÚDO, MARIA
(maiores 12 anos)
23.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
LIGAÇÃO FATAL
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
SOS FANTASMAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.10 e 21.45 h

Sala 3
TUCKER, O HOMEM E O SEU SONHO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte
— T. 730715

QUEM TRAMOU ROGER RABITT
(maiores 6 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Star
— T. 804210

TUCKER, O HOMEM E O SEU SONHO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

QUEM TRAMOU ROGER RABITT
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Tivoli
— T. 570595

QUEM TRAMOU ROGER RABITT
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666

INFERNO VERMELHO
(maiores 16 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon
T. 368480

SUPER DETECTIVE
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra
AMADORA – Babilónia – «Na Lista do Assassino», às 13.30, 15.30, 17.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

ALGUEIRÃO – Cine Teatro Chaby – «Quem Tramou Roger Rabit», às 21.30 h (maiores 6 anos).

CACÉM – Cinestúdio Flores «Los Angeles a Ferro e Fogo», (maiores 16 anos).

MEM MARTINS – Estúdio Dois Eme «S.O.S. Fantasmas», (maiores 6 anos).

Linha de Cascais
ESTORIL – Casino Estoril – Encerrado para obras.

ALGÉS – Cinema 2000 – «Corpos Escaldantes», às 21.30 h (maiores 16 anos).

OEIRAS – Alto da Barra – Sala 1 – «Willow, na terra da Magia», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).

Sala 2 – «Fogo na Estrada», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos).

NOVA OEIRAS – Cine Palmeiras – Sala 1 – «O Passageiro da Lua», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).

CARCAVELOS – Atlântida Cine – «Quem Tramou Roger Rabbit?», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).

CASCAIS – Miramar – Sala 1 – «Assalto ao Arranha-Céus», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (maiores 16 anos).

Sala 2 – «Quem Tramou Roger Rabbit», às 15.30 e 21.45 h (maiores 6 anos).

Outra Banda
ALMADA – Academia – «Fuga à Meia-Noite», às 15.30 e 21.15 h (maiores 16 anos).

ALMADA – Incrível Almadense – «Raça Violenta», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

COVA DA PIEDADE – Clube Piedense – «Poltergeist», às 21.30 h (maiores 16 anos).

BARREIRO – Cinestúdio Barreirense – «A Hora dos Heróis», às 15.00 e 18.30 h (maiores 12 anos).

FOTOGRAFIA ARTÍSTICA DA ALEMANHA

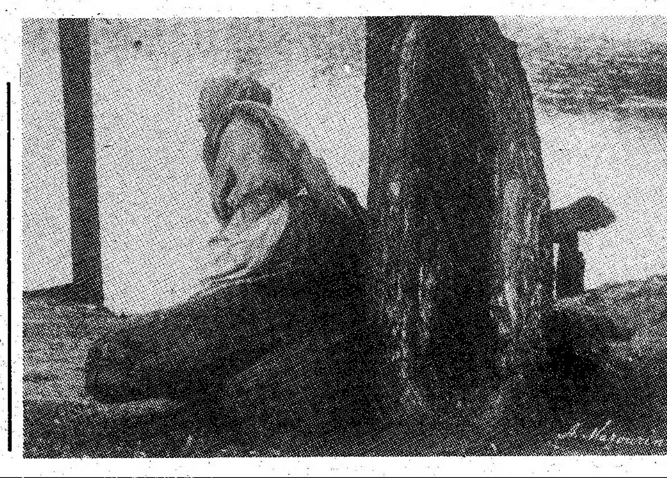
"A Fotografia artística por volta de 1900 na Alemanha" é o título de uma exposição do Instituto para as Relações com o Estrangeiro, de Estugarda, que pode ser vista até ao próximo dia 27, no Goethe Institut/Instituto Alemão de Lisboa, no Campo dos Mártires da Pátria, 37.

Esta exposição permite ao visitante compreender a evolução estilística da Fotografia Artística.

Na primeira fase, fotografava-se sem grandes alterações do modelo natural, mantendo-se os formatos originais e as características dos materiais utilizados. Admiráveis são as representações do quotidiano conseguidas pelos artistas.

A segunda fase está intimamente ligada aos objectivos do Jugendstil e da Art Noveau.

As últimas imagens desta exposição, que foi apresentada pela primeira vez em Portugal no âmbito dos Encontros de Fotografia em Coimbra, foram feitas já depois da I Guerra Mundial, em 1919.



EXPOSIÇÕES

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: até Março de 89, a exposição temporária "Imagens do Tempo", escultura portuguesa do século XIII ao XVIII. Até 23 de Janeiro, as salas de pintura portuguesa e parte da pintura europeia, encontram-se encerradas para obras de beneficiação.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até 28 de Fevereiro, a exposição "Tapeçarias de Vieira da Silva".

BIBLIOTECA NACIONAL: até meados de Fevereiro, a exposição "Fernando Pessoa no seu Tempo", com o lançamento das obras "Fotobibliografia de Fernando Pesoa" e o número especial da "Revista da Biblioteca Nacional" dedicado a Pessoa. Patente ainda, neste espaço, uma exposição de Fotografia de Albano da Costa Lobo com o título "Ecrita para um Outro Mundo".

GALERIA TEMPO (R. Nova de S. Mamede, 17-A): até 31 de Janeiro, de segunda a sábado das 16 às 20, pintura de Zéluiz Costa.

MERIDIEN LISBOA (Galeria do foyer): até 29 de Janeiro, duas exposições - pintura de Dirceu Carvalho (importante "naif" brasileiro") e artesanato brasileiro da "Brasuca", integrada na Semana gastronómica do Brasil.

GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA: até 12 de Fevereiro, das 15 às 23 horas, pintura de Fernando Ançã, Francisco Gaia e José Alves e escultura de Óscar Guimarães. Até 5 de Fevereiro, no átrio da Câmara Municipal, das 9 às 23 horas, uma exposição de estudos para azulejos de Sousa Martins.

DISCOTECA MAGIC (Barreiro): até 31 de Janeiro, pintura a óleo de Pedro Feijão, aluno da Escola António Arroio.

GULBENKIAN (Exposições Temporárias): pintura do artista espanhol Lucio Muñoz.

SNBA (Galeria de Arte Moderna): acrílicos e desenhos de Alfredo Ferraz.

PALÁCIO GALVEIAS (Campo Pequeno): até 3 de Fevereiro, de segunda a sábado das 15 às 19, pintura a óleo de Maria Teresa Fradinho.

FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA (R. José Falcão, 100-Porto): até 28 de Janeiro, pintura e serigrafias de Cila Gonçalves.

GALERIA QUADRUM (R. Alberto de Oliveira - Corucheus): até 11 de Fevereiro, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 15 às 19, uma exposição intitulada "Os Ases da Paleta", dos jovens artistas leirienses Amadeu de Sousa Veloso, Sanita Pintor, Palmada e Maluca.

GALERIA NOVO SÉCULO (R. do Século, 23-A): até 31 de Janeiro, de terça a sábado das 14 às 20, Fotografia de André Gomes.

FACULDADE DE ARQUITECTURA (Largo da Academia Nacional de Belas Artes, 2-2º): até 20 de Janeiro, das 9 às 18 horas, a exposição "A recuperação dos centros históricos - Bordeus um exemplo europeu", na galeria "José Luís Monteiro".

INTERNI (R. Rodrigo da Fonseca, 51): em colaboração com a Embaixada da Suécia, até 11 de Fevereiro, a exposição "Natura Nórdica - Variações em Têxtil", de Lena Önnesjö Horta Lobo. de segunda a sábado das 15 às 19,30.

GALERIA NASONI (R. Galeria de Paris, 80-Porto): até 8 de Fevereiro, uma exposição de óleos da autoria de Rogério Ribeiro, subordinada ao título "O Atelier, A Paleta, Os Anjos e O Pintor em Exposição".

QUADRADO AZUL (R. de Costa Cabral, 777 - Porto): diariamente das 10 às 12 e das 15 às 22, pintura de Marques da Cruz.

CASA-MUSEU ÁLVARO DE CAMPOS (Tavira): até 20 de Março, de terça a sábado das 15 às 19, uma exposição de Edições de Arte, com seis gravuras em metal de Vítor Pomar e uma série de fotografias do pintor Jorge Martins sobre o Algarve.

CASA DE BOCAGE (Setúbal): até 12 de Fevereiro, a exposição de pintura de Eduardo Santos Neves com o título "...Com que Cores se Pintam as Coisas..."

BAR DOM PINGAROLAS (Óbidos): até 31 de Março, pintura de Peter Bowie subordinada ao tema "Um Escocês em Óbidos".

IGREJA DA MISERICÓRDIA DE SILVES: até 4 de Fevereiro, uma exposição de Mário Rita denominada "Capelas Imperfeitas".

CENTRO CULTURAL REGIONAL DE SANTARÉM: até 5 de Fevereiro, desenho e pintura de Mário Tropa.

GALERIA VIRAGEM (Cascais): até 9 de Fevereiro, a "Exposição Viragem de Tapeçaria".

COOPERATIVA ÁRVORE (R. Azevedo de Albuquerque, 1-Porto): até 1 de Fevereiro, as exposições de Gün (pintura), Luísa Correia Pereira (desenhos) e Alberto Raposo (fotografia).

GALERIA ATLÂNTICA (R. Galeria de Paris, 67-Porto): de segunda a sexta das 10 às 12,30 e das 15 às 19,30, sábados das 15 às 19,30, uma exposição do pintor espanhol Juan Carlos Savater.

GALERIA DIFERENÇA(R. S. Filipe Nery, 42): até 5 de Fevereiro, de terça a sexta das 15 às 20 e sábados e domingos das 16 às 19, "Cenas de Ócio" - pinturas de Miguel Branco e "Pinturas Recortadas" de Luísa Correia Pereira.

GALERIA MIRON (R. do Mirante, 14 r/cE): até 31 de Janeiro, de segunda a sábado das 15 às 20, pintura de Regina Bidarra. Patente ainda ao público, no acervo da galeria, obras de Rogério Amaral, Martins Pereira, João Mourão, Fernando Cruz, Joaquim Lourenço, Lança Semedo, Victor Mesquita, Álvaro Carneiro, Carlos Dutra, João Rosado, Tomás Henriques, Luisa Perienes e Helena San Payo.

GALERIA ARCADA (Parque do Estoril): até 15 de Fevereiro, exposições do acervo da galeria com o título "Um Olhar sobre as Reservas" (um balanço das exposições e aquisições de obras efectuadas pela galeria ao longo de quase dois anos de actividade).

ALLIANCE FRANÇAISE DE LISBOA (R. Braamcamp, 13-1º): até 3 de Fevereiro, a exposição de pintura de Luís Alves da Costa com o título "Os Cantos de Maldoror".

GALERIA ALMADARTE (Shopping Center Marimar-Costa de Caparica): até 3 de Fevereiro, às sextas, sábados e domingos das 15 às 22,30, pintura de Luís castro Lobo sob o tema "Viver as nossas memórias".

CASA DA CULTURA DAS CALDAS DA RAINHA: até 29 de Janeiro, exposição de cerâmica de Eduardo Constantino.

LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): uma exposição sobre o tema "A Cor" promovida pelo IADE - Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing.

GALERIA TRIÂNGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48-A): até 28 de Janeiro, de terça a sábado das 14 às 20, pintura de Gracinda Candeias.

CLUBE CINQUENTA (R. S. Mamede ao Caldas, 9-1º): até 8 de Fevereiro, pintura de Rogério de Freitas, patente de terça a sexta 17 às 20 e sábados das 15 às 20.

BOHEMIA (Cª Marquês de Abrantes, 38-A): até 11 de Fevereiro, pintura de Fernanda Igreja e Elisabeth Figueiredo.

MÓDULO DE LISBOA (Cª dos Mestres, 34-A): em exposição um conjunto de nove serigrafias a várias cores de José de Guimarães, que acabou de ser apresentada na Feira de Los Angeles e numa exposição recentemente inaugurada em Barcelona. Simultaneamente, uma instalação de pintura do jovem artista Pedro Sousa Vieira.

MÓDULO DO PORTO (Av. da Boavista, 854): até 31 de Janeiro, pintura de Pedro Portugal, de segunda a sábado das 16 às 20.

PALÁCIO FOZ: esculturas em cerâmica dos artistas brasileiros Hylda Lucena mello, Mauricio Chaer, Jean-Jacques Vidal, Kimi nii, Lica Cox, Clara Fonseca, Grace Gradin, Paulo James e Maximo Soalheiro.

TEATRO GIL VICENTE (Coimbra): até 31 de Janeiro, uma exposição de fotografia e desenho alusiva ao romance "Terras do Demo" de Aquilino Ribeiro, uma iniciativa do Museu Grão Vasco de Viseu, no âmbito do centenário do nascimento do escritor.

RESTAURANTE ESCORIAL (R. das Portas de Santo Antão, 47): até 26 de Janeiro, pintura de Teresa Lopes, patente todos os dias das 12 às 24 horas..

O OUTRO LADO DO ESPELHO (R. Dr. Alfredo Costa, 14-Sintra): até 1 de Fevereiro, de terça a sábado das 10 às 14 e das 15 às 19, domingos e feriados das 15 às 19, a exposição "Mãos de Terra" - desenho e pintura de Hugo Ferrão.

MUSEU RAINHA D. LEONOR (Beja): até 26 de Fevereiro, a exposição itinerante "Gravuras da Colecção Calouste Gulbenkian"

SOC TIP- Centro de Arte (R. de D. Estefânia, 195-D): até 28 de Janeiro, de segunda a sexta das 10 às 20 e sábados das 10 às 14, a exposição "Uma Nova Memória" com opriginais de Rodrigo Ferreira, Graça Morais, Emília Nadal, Armanda Passos, Paiva Raposo e Filipe Rocha da Silva.

MUSEU DE SETÚBAL (Convento de Jesus): a exposição "Cem Artistas de Setúbal".

GALERIA JF (Junta de Freguesia de Cascais): até 26 de Janeiro, pintura a óleo de Elisa Afonso.

ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): até 24 de Janeiro, uma colectiva com obras de António Palolo, António Viana, Daniel Nave, Dora Iva Rita, Idílio Salteiro, Isabel Garcia, João Moreira, José Paulo Ferro, Luís França, Moniz Pereira, Rocha Pinto, Victor Fortes, Vespeira e Wessel Dijktra.

GALERIA MUNICIPAL DE ARTE DE ALMADA (Av. D. Nuno Álvares Pereira, 74-A): até 5 de Fevereiro, de terça a domingo das 15 às 23 horas, a exposição Ver Desenho 1 - A Aula de Desenho: Academias dos séc. XIX e XX das Escolas de Belas Artes.

GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): até 26 de Janeiro, de segunda a sábado das 9,30 às 13 e das 15 às 19, pintura de Luís Aniceto.

A MEIAS BAR (Viseu): até 31 de Janeiro, O Cine Clube de Viseu e o Ameias apresentam a exposição "Fotografias Premiadas", acervo do Cine Clube resultante dos concursos nacionais realizados em 1985-86-87.

GALERIA 12 A (Costa do Castelo, 12-A): até 27 de Janeiro, de segunda a sábado das 9,30 às 13,30 e das 15,30 às 19,30, fotografias de Celina Morais.

INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS: até 27 de Janeiro, fotografias de Christian Auscher com o título "Janelas Fechadas".

GALERIA CÓMICOS (R. tenente Raul Cascais, 1-B): até 31 de Janeiro, exposição de Fernando Calhau, de segunda a sábado das 15 às 20.

INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS: até 27 de Janeiro, "Caricaturas de Siné" e desenhos de António, Carlos Zíngaro, Cid, Isolino Vaz, Luís Lima Saraiva, Maia, Rui Pimentel, Vasco e Zé Bandeira.

MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS: exposição evocativa de Fernando Pessoa "O Ganges passa também pela Rua dos Douradores".

Farmácias

MÉDICO DE URGÊNCIA ☎ 76 61 71 / 76 61 78 / 76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ARCO DO CEGO - ESTEFÂNIA: Palma, Av. Duque de Ávila, 25-31 (T. 547088); **AVENIDA DE ROMA: Avis**, Av. de Roma, 56-B-C (T. 895370); **CAMPOLIDE - SETE RIOS: Nova**, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); **INFANTE SANTO: Andrade Ribeiro**, Av. Infante Santo, 66-B (T. 666971); **LUMIAR: Douro**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 891131); **LUZ - FRENTE AOS MENINOS DA LUZ: Geny**, R. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da E. da Luz (T. 7140342); **OLIVAIS SUL: Fernandes Borges**, R. D. Aleixo Corte Real, lote 388, cruzamento com a R. Cidade de Bolama (T. 311091); **PEDROUÇOS: Sociedade Higilux**, R. de Pedrouços, 50-52 (T. 610280); **PENHA DE FRANÇA: Higiénica**, R. Heliodoro Salgado, 20-A (T. 844361); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C, R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SANTA APOLÓNIA - CAMINHOS DE FERRO: Pereira, Sucursal**, R. Paraíso, 98, Santa Clara, Hospital da Marinha (T. 863224); **TIVOLI: Morais Sarmento**, R. de Santa Marta, 16-A-B (T. 546490); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS: Nabais Vicente**, R. A, lote 19-A, loja E, Urbanização Codivel (T. 9816803); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 9922453).

REFORÇO — ALTO DE SANTO AMARO: Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A-B (T. 637070); **ALVALADE: Brisália**, Av. Rio de Janeiro, 66-66-A (T. 882368); **AVENIDAS NOVAS: Fátima**, Av. 5 de Outubro, 147-A (T. 763107); **BAIRRO AZUL: Sírius**, R. Fialho de Almeida, 38-A (T. 544000); **BAIXA: Barral**, R. Augusta, 225 (T. 361534); **BENFICA - ATRÁS DO «CALIFA»: Rebocho**, R. Tenente-Coronel Ribeiro dos Reis, 12-B (T. 743871); **CAMPO DE OURIQUE: Pinheiro**, R. de Campo de Ourique, 135 (T. 686640); **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA: Serra**, R. Luís Cristino da Silva, lote 221, loja 133, zona 2, Chelas (T. 853720); **FONTE LUMINOSA - ALAMEDA AFONSO HENRIQUES: Paes**, R. Abade de Faria, 22-A (T. 883965); **RATO: São Mamede**, R. da Escola Politécnica, 82-B (T. 660280); **SANTOS: Fontoura Carvalho**, R. de Santos-o-Velho, 12 (T. 662075); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, Pt. Fernando Pessoa, loja E, 26-B (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Central, R. de Olivença, 11-B (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Louro**, R. Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Silva Inácio**, P. Gomes Teixeira, 45 (T. 2071962). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Fonseca**, R. do Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Permanente; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Costa**, R. da Misericórdia, 48 (T. 22760). Permanente; **Moreira Martins**, P. Olga Sarmento, 14 (T. 26051). Permanente; **Brasil**, P. do Brasil, 15 (T. 24788). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Cabrita, P. de Miraflores, lote 12 (T. 4101486). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Permanente; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 22850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente; **OEIRAS: Sacor**. Permanente; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737); **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro**, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Dias & Brito, Av. Marquês de Pombal, 45-A (T. 4940118). Permanente; **Carmele**, R. Elias Garcia, lote 28 (T. 4933303). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Permanente; **QUELUZ: Vasconcelos**, E. Particular Henrique Pousão (T. 4372649). Permanente; **Albergaria**, Queluz de Baixo. Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACÉM: Rodrigues Garcia**, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 9243693). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA: Marrazes**, L. Afonso de Albuquerque, 24 (T. 9230058). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

DL TEATROS

Variedades

Parque Mayer. (Telef. 326037)
De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, matinée ás 16.00

A PROVA DOS NOVOS, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga e Nuno Nazaré Fernandes.

Casa da Comedia

R. São Francisco de Borja, 24 às Janelas Verdes — Tel. 607299
5.ª, sáb. e dom. às 16
PIERROT E ARLEQUIM, de Almada Negreiros, pelo grupo de teatro da Casa da Comédia. Encenação de Filipe La Féria, com interpretações de Teresa Norton, António Jorge Cândido, Tiago Porteiro e João Pizarro. Música de João Paulo Soares.

Sala Antiga da Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«**AMAZÓNIA ANO 2000**«, de Darcy Figueiredo. Cenários e figurinos: Grupo de Arte Pinus Plofl. Iluminação: Eduardo Rodrigues. Músicos: Zezo Almeida, Marquinhos Tessarti e Sílvio Luís. Intérpretes: Darcy Figueiredo, Márcia Regina, Marta Meola, Stella Bastos, Artur Ribas e Osmar Ângelo.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 69 10

Sextas e sábados, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**CARCAÇAS**«, contos populares. Pelo **Bando**. Encenação e cenários: João Brites. Música: Luís Pedro Faro. Intérpretes: Antónia Terrinha, Eduarda Dionísio, Horácio Manuel, Maria Emília Correia, Pompeu José e Tiza Gonçalves.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69
De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00
Estreia, dia 21 de Dezembro
«**ROMEU E JULIETA**«, de William Shakespeare. Versão portuguesa: João Lourenço e Vera de San Payo Lemos. Encenação: João Lourenço. Dramaturgia: Vera de San Payo Lemos. Música: Eduardo Paes Mamede. Apoio corporal: J. Stobbaerts. Movimento de baile: Olga Roriz. Figurinos: Renée Hendrix. Cenário: Jocken Finke. Execução musical: Simon Wadsworth e Francisco Sales.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

Sábados, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30. De 3.ª a sábado ás 21.30
«**PIJAMA PARA 6**», de Marc Camoletti.

Ritz Clube

R. da Glória, 57 — Tel. 32 51 40
De terça a domingo, às 21.30
«**O BAILE**«. Pelo grupo **A Barraca**. Guião e encenação: Hélder Costa.

Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00.
«**O LEITINHO DO NENÉ**«, de Alfonso Paso. Adaptação: Henrique Santana. Encenação: Francisco Nicholson. Intérpretes: Carlos Miguel, Maria Dulce, António Montez e Rui Luís, entre outros.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00
«**FAUSTO — FERNANDO — FRAGMENTOS**«, de Fernando Pessoa. Encenação: Ricardo Pais. Música: António Emiliano. Cenários e figurinos: António Lagarto. Luzes: Orlando Worm. Intérpretes: António Rama, Carlos Pimenta, Fernanda Alves, Filipe Pais, João Perry, José Neves, José Wallenstein, Lúcia Maria, Luís Madureira e Maria Amélia Mata.

Teatro Vasco Santana

Av. da República, Feira Popular — Tel. 76 86 09
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos às 16.00
«**HABEAS CORPUS**«, de Alan Bennet. Pelo Teatro Estúdio de Lisboa. Encenação: Luzia Maria Martins.

Amadora — C.D.I. Almeida Garrett

R. Santos Matos, 2 — Tel. 493 01 19
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00
«**O PRÍNCIPE PERFEITO**», de António Borges Coelho. Encenação: José Martins e José Peixoto. Música: António Victorino d'Almeida. Cenários: Acácio de Carvalho. Figurinos: Manuela Bronze. Coreografia: Wanda Ribeiro da Silva.

TIL — Teatro Infantil

R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74
Sábados, domingos e feriados
«**A NUVEM QUE NÃO QUERIA CHOVER**»

Teatro Iberico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31
Sextas e sábados, às 21.30; domingos, às 17.00
«**ORQUIDEAS À LUZ DA LUA**«, de Carlos Fuentes. Encenação: Blanco Xil. Com: Fernanda Montemor, Alina Vaz e Francisco Soromenho.

Casino Estoril

(Telef. 2684521)
4.ª, 5.ª, 6.ª às 21.30. Sáb. às 17.00 e 21.30. Domingo às 17.00

«**PIAF**» de Pam Gems, interpretações de Bibi Ferreira. Tradução de Millôr Fernandes, encenação de Flávio Rangel, direcção musical de Nelson Melim.

IFICT

Rua de Santiago, 19 — Tel. 572084
Quintas, sextas e sábados, às 21.30
Passagens, colagem de textos, pelos Alunos do IFICT. Enc.: Rogério de Carvalho.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«**A VIDA E MORTE DE BAMBA**«, de Lope de Vega.

Instituto Franco-Portugu s

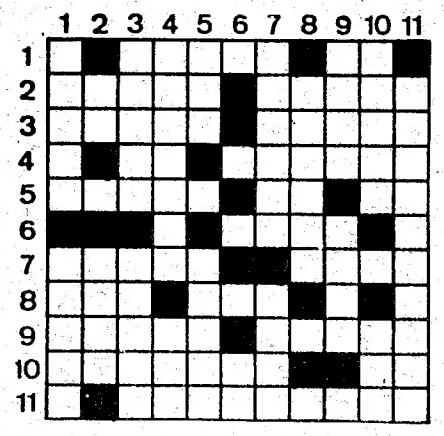
Av. Luís Bivar, 91. T. 544389.
De 3.ª a sáb., às 21.30; sáb. e dom., às 17. Dias 17 a 22.
AZNAMOUR, de Isabelle Philippe, pelo Centre Théâtral du Havre. Enc. de Jean-François Philippe e int. de Patrick Kabakdjan, Pierre Ozanne, Eric Bouffard e a «voz off» de Charles Aznavour.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17 550

HORIZONTAIS:

1 Nome de letra. Privação. Preposição.
2 Cidade da Alemanha. Erguera.
3 Género de mamíferos prossímios, da Índia e de Ceilão. Movem os remos.
4 O mais. Molhara com baba.
5 Relativo ao nariz. Acrescentando uma consoante é deusa da Aurora. Antes do meio-dia.
6 Cidade da Noruega.
7 Do ceco ou a ele referente. Cidade da Palestina, 100km a nordeste de Jerusalém.
8 Fileira. Artilharia antiaérea.
9 Cidade de França. Vila e sede de concelho (Beja).
10 Induz. Nesse lugar.
11 Acorrentados.



VERTICAIS:

1 Cidade da Bélgica. Galo castrado.
2 Satélite de Júpiter. Prender com elos.
3 Pessoa cruel (fig.). Acarreta (prov. transm.).
4 Recolhida em asilo. Seguiam.
5 Pêlos de certos animais. Afrouxa.
6 Duas consoantes desiguais.
7 Freguesia do concelho de Felgueiras. Guarnecer de asas.
8 Indolente (fig.). Conjunção.
9 Carta de jogar. Califa que mandou incendiar a Biblioteca de Alexandria.
10 Comprara garrotes de um ano para revender daí a dois anos para exportação. Um dos Estados da Federação da Malásia.
11 Criais ao peito.

RESOLVEU...

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **17 549**

HORIZONTAIS:

1 OLHAR. PARA
2 Ias. Pó.
3 Ami. Iacás.
4 Atentaram.
5 Uri. Oaú. Dia.
6 Vã. CV. Trova.
7 Assoamos.
8 Ária. Osa.
9 Nadasses. Eu.
10 II. Sm. ED.
11 Ocasião. Seu.

VERTICAIS:

1 A. UVA. NÃO.
2 Limaras.
3 Haiti. Sadia.
4 Ás. Corais.
5 Inovais.
6 MATA. Massa.
7 Cauto. ECo.
8 Apar. Rs.
9 Rosado. És.
10 A. MIV. SEDE.
11 Pt. Aarau.

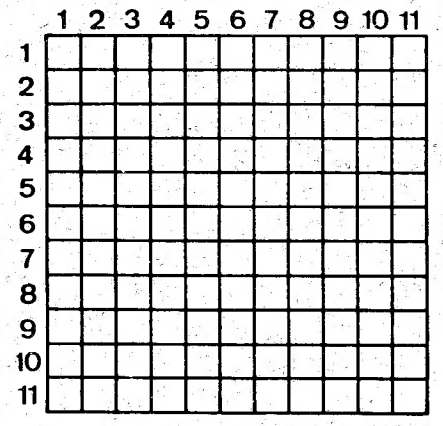
PROVÉRBIO:

Olhar para a uva, não mata a sede.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 364

HORIZONTAIS:

1 Balança chinesa. Assassinem.
2 Vai pelo ar com grande velocidade. Nesse lugar. Vi.
3 Cidade de França. Calcular.
4 Vassourar o forno depois de aquecido. Campo inculto.
5 Equipam. Roldanas dos guindastes das proas.
6 Olé.
7 Unta de mais.
8 Cidade de Espanha. Serra de Portugal.
9 Lábios. Pastor siciliano, que foi amado por Galateia.
10 Sufixo que designa pequenez. Pronome possessivo. Anel.
11 Cidade da Suíça. Chuvisco (Bras).



VERTICAIS:

1 Avarenta. Pássaro do Brasil.
2 Enrubescera. Consagra.
3 Conjunto de odaliscas que constituem o serralho. Nicar.
4 Arara. Pronome pessoal.
5 Conjunção. Mamífero americano afim da corça. Pronome pessoal.
6 Lutécio (s.q). Despido.
7 Punhado. Fome. Prata (s.q).
8 Encolerizar. Irmã da mãe.
9 Cruel. Cingir.
10 Prendias com elos. Enguia.
11 Observas. Esmonca.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 363**

VERTICAIS:

1 Amaro. Sa. Pl.
2 Papa. Cercai.
3 Ato. Mará.
4 Ga. VA. Amada.
5 Assina. Ala.
6 In. Ia.
7 Braga. Asma.
8 Aura. Atoai.
9 Ra. Ando. Só.
10 Rios. Oiros.
11 Ossada. Oral.

HORIZONTAIS:

1 Apaga. Barro.
2 Matas. Ruais.
3 Apó. Siar. Os.
4 Rã. Vinga. Sa.
5 Man.
6 Cá. Aí. Noa.
7 Será. Adi.
8 Aramá. Atoro.
9 Aliso. Or.
10 Pã. Dã. Massa.
11 Lima. Paio.

Rádio

Antena Um

14.00: Gerações por minuto; **17.00**: Sete mares; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Musical; **20.30**: O som dos negócios; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

17.00: Terra viva, planeta azul; **17.30**: Trechos de óperas e operetas; **18.40**: Duas suites, de Arcangelo Corelli; **19.00**: Integrais; **19.35**: Sinfonia, n.º 1, op. 68, em dó menor, de Johannes Brahms; **20.40**: Música, para dois pianos, de Camille Saint-Saëns; **21.00**: 1.ª parte de um concerto pela Orquestra Chinesa de Macau; **21.51**: O poema sinfónico; **23.00**: O canto e os seus intérpretes; **00.00**: Concerto de câmara nocturno; **02.00**: Música na madrugada em disco compacto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média
(283, 290 e 397m)

14.00: Musical; **17.00**: Média alta; **20.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: As noites da Comercial; **03.00**: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Espaço Lubritex; **20.00**: Espaço Inforgal; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Hora Akai; **01.00**: Som da frente; **03.00**: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Banda da amizade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: A viagem continua; **20.00**: Boa nova; **20.30**: Conversa de amigos; **21.00**: Sequência; **22.30**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial da BBC; **23.55**: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula Três; **19.00**: Atlântida; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Alentejo em notícia; **19.20**: Grande bazar.

Voz do Alto Tâmega

15.00: Da veiga à serra; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fontes termais.

Voz de Lisboa

15.00: Voz de Lisboa; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Voz de Lisboa; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Voz de Lisboa.

Voz do Minho

16.00: Linha do Minho; **18.00**: Bola branca; **19.00**: Jornal da região; **19.30**: Largo do Coreto.

TELEVISÃO

RTP 1

17.30 - Brinca Brincando
«Le Piaf», «Os Espertalhões», «Hey Bumboo», «As Aventuras de Tim Tim» e «Tao Tao».

18.20 - Parque Nacional da Peneda Gerês
6º Programa

18.50 - Mãe e Filho
16º Episódio: Maggie organiza um piquenique para toda a família. Porém os jogos que ela escolhe para se divertirem não são do agrado dos filhos e da nora. resolvem então ir passear sózinha. Como ao anoitecer ainda não regressou, Arthur, preocupado, telefona para a polícia...

19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.10 - Boletim Agrário
20.15 - Passerelle
80º Episódio

20.55 - Em Busca do Arco-Íris
4º Episódio: O clube de Jake reabre, mas ninguém comparece à reinauguração. Numa recepção oferecida pelo Príncipe de Gales, ele tem uma ideia brilhante para salvar o clube e arranjar clientela.

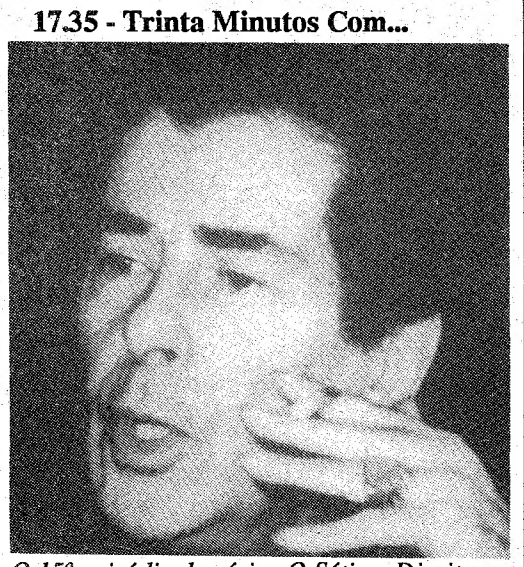
Realização: William Fruet e Bruce Pittaman

21.40 - 24 Horas
23.10 - Remate

RTP 2

16.55 - Helena
144º Episódio

17.35 - Trinta Minutos Com...



O 15º episódio da série «O Sétimo Direito», no 2º canal às 21.30

No 1º canal às 20.55, o 4º episódio da série «Em Busca do Arco-Íris»

18.00 - Quero o Meu Filho
18.55 - Music Box Especial
Wet Wet Wet / A-Ha

19.55 - No Limiar da Realidade
28º Episódio

20.45 - Cem Grandes Quadros
21.00 - Jornal da Nove
21.30 - O Sétimo Direito
15º episódio

21.55 - Conta Corrente
(Magazine de Economia)

22.20 - Bailado
«The Catherine Wheel»: Fruto de um aturado trabalho de concepção e realização televisiva, «The Catherine Wheel» traz até nós uma experiência verdadeiramente inovadora no que diz respeito ao domínio dos movimentos do corpo dos bailarinos pelas câmaras de televisão e por todo o posterior trabalho de montagem. A partir de um trabalho montado no Winter Garden Theater da Broadway, Twyla Tharp dirigiu e coreografou um espectáculo ilustrado pela música de David Byrne, líder dos Talking Heads. Marcado pela contenção, esta bailado tem, no recurso ao negro e a todas as «nuances» que é possível extrair desta cor, grande parte dos seus trunfos.

AMANHÃ

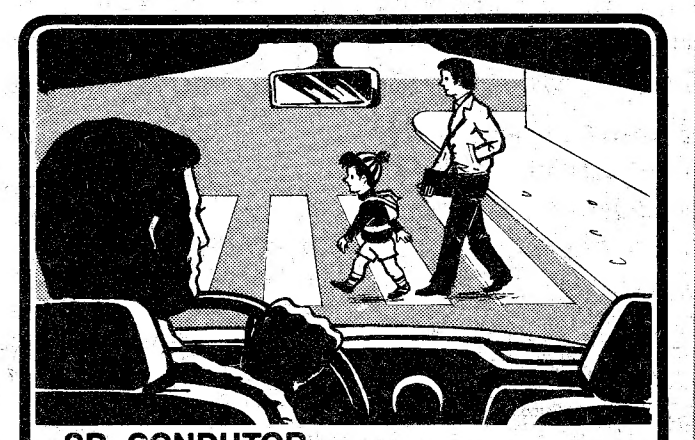
RTP-1

09.01 - Bom-Dia
10.00 - Às Dez
12.15 - Brega e Chique
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa do Porto
13.30 - Dallas
14.15 - Os Super Gatos
14.40 - Que Profissão?
15.05 - Smash Hits
16.05 - Animais de África
16.30 - Ponto por Ponto
17.30 - Brinca Brincando
18.20 - Parque Nacional da Peneda Gerês
18.50 - Mãe e Filho
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.10 - Boletim Agrário
20.15 - Passerelle
20.50 - Modelo e Detective
21.40 - Primeira Página
22.40 - Tribunal de Polícia
23.10 - 24 Horas
23.40 - Remate

RTP-2

15.01 - Filhos e Filhas
15.25 - Elogio da Leitura
15.50 - Primeiro Andamento
16.30 - Lá em Casa Tudo Bem
16.55 - Helena
17.30 - Trinta Minutos Com...
18.05 - Music Box
(Via rápida)
19.00 - Music Box
«Off the Wall»
19.55 - No Limiar da Realidade
20.45 - Cem Grandes Quadros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Maude
21.55 - CinemaDois

O «Diário de Lisboa» não se responsabiliza por alterações que a RTP introduza nesta programação e sobre as quais o jornal não seja informado em tempo devido.



LOEWE. seleccionou para si...

RTP 1 Em Busca do Arco-Íris

RTP 2 O Sétimo Direito

Representante Continente e Ilhas

PORTO Telef. 9515003 — SGO — LISBOA Telef. 777824

PORTE PAGO

DL

Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SA
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES: 32 11 54/ 5 — 32 02 71/ 2/3 — Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71/ 2/3
Endereço Telegráfico: DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS, Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84
Preço do «DL» nos Açores e Madeira: 65$00

Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Pitelra Santos**

DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

ÚLTIMA HORA

Patrulhas da Polícia cercaram o Regimento 3 de Infantaria, nos arredores de Buenos Aires, e vários helicópteros sobrevoavam o local, na sequência de um tiroteio ocorrido hoje naquele quartel. Testemunhas afirmaram que se tratou de um ataque ao aquartelamento e as agências de notícias locais referem cinco feridos, sem especificar se se trata de atacantes ou não. Os atacantes, cujo nº e identidade se desconhece, lançaram granadas e outros explosivos contra a unidade, que repeliu o ataque. Este incidente surge um mês depois de uma rebelião dirigida pelo coronel M. A. Seineldin, a 3ª desencadeada por militares para exigirem uma amnistia.

Judiciária intercepta tráfico de pistolas

A 6.ª Secção da Polícia Judiciária de Lisboa, a cargo do inspector Sousa Martins, acaba de identificar dois jovens, de 21 e 25 anos que tinham em seu poder 23 pistolas calibre 6,35 milímetros e três revólveres 22, bem como 1500 munições na sua maioria daqueles calibres.

Segundo a PJ divulgou esta manhã, as investigações desenrolaram-se especialmente na área da Grande Lisboa, embora também noutros pontos do País. As armas serão provenientes de contrabando. A mesma fonte revelou ainda que as armas tinham sido previamente adaptadas para aqueles calibres a fim de utilizarem as munições apreendidas.

Sabendo-se que tem sido utilizado tal tipo de armas em muitos crimes, em especial assaltos à mão armada e homicídios, a PJ admite que esta apreensão tenha efeitos úteis a nível de crimes violentos.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extração de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO
25 095
70 000 CONTOS

2.º PRÉMIO
24 680
12 000 CONTOS

3.º PRÉMIO
15 058
3 000 CONTOS

O 3.º Prémio foi vendido aos balcões da Casa da Sorte

Na 6.ª feira, dia 27, Lotaria do Inverno
70 000 CONTOS
Bilhetes a 7000$00 e décimos a 700$00

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA – BRAGA – PORTO – AVEIRO – VISEU – COIMBRA – SETÚBAL – FARO

A Casa Viola paga todo e qualquer prémio da Lotaria Nacional. "Mesmo que seja de outras casas"
CASA VIOLA – «A SORTE QUE TOCA»
LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMAO • SETÚBAL
CORREIO: R. Assunção, 67 — 1100 LISBOA

DECARAS

BAGÃO FELIX, secretário de Estado do Emprego, afirmou que não está disposto «a perder tempo com uma política-espectáculo de família» e «com práticas discursivas mais ou menos ocas ou desprovidas de sentido real». Acontece que a Direcção-Geral da Família está sob a tutela de Bagão Félix e estas suas declarações constituíam uma reacção a acusações de Teresa Costa Macedo de que as instituições do Estado se furtam ao diálogo sobre a família. Assim, fica-se a saber que Bagão Félix «tem procurado desenvolver uma política de família que reconheça esta instituição como o espaço natural de realização pessoal e humana do indivíduo e de solidariedade entre gerações». Mas a verdade é que Teresa Costa Macedo, nas suas acusações, em nome da Confederação Nacional das Associações de Família, assinalava que diálogo com a Direcção-Geral não há e que a organização está numa «situação de pedinte de audiências». Sensibilidade para a família tinha encontrado mesmo no ministro Couto dos Santos, mas este para os problemas dos filhos (das famílias, claro). Temos, pois, que apoios prometidos há pelos governantes do sector da Juventude. Mas quanto a empregos, o secretário do sector, Bagão Félix, não vai em espectáculos. Cada um que pague o seu bilhete.

Totoloto para quatro Totobola para trinta

Totoloto para quatro (embora as previsões dos serviços da Santa Casa abranjam a hipótese de aparecer mais um que tenha acertado nos seis números que rolaram sábado pouco antes das 20 horas nos écrãs da RTP), Totoloto para três dezenas: eis, em síntese, o que os palpites do último fim-de-semana nos revelaram quanto a números (no primeiro caso) e símbolos (na caso dos jogos de futebol).

No Totoloto há muito que é «sistema» aparecerem entre os totalistas, apostadores não identificados. São os «célebres» anónimos. Esta semana, nenhum dos quatro totalistas - já apurados - quis que o seu nome fosse conhecido.

Se não surgir mais nenhum totalista no Totoloto, cada um dos quatro já conhecidos (perdão: anónimos, dois dos quais do Porto, um da Amadora e o último de Mirandela, segundo a ordem de apuramento) receberá mais de 13 mil contos. Os que acertaram em cinco mais o «suplementar» (entre 37 e 40) terão 574 mil escudos. O terceiro prémio deverá render aos apostadores que acertaram nos cinco números(mais de 984, menos de 1 544) 454 contos. Os que acertaram em quatro números embolsarão cerca de mil escudos e com três apenas 100$00.

Eis, já agora, os números do Totoloto da última semana: 11-17-29-34-38-39: «Suplementar». 25.

Quanto ao Totobola,foram apurados trinta totalistas, o que dá a cada um 662 731 escudos. Com doze resultados certos (segundo prémio) há 1 5288 apostadores que irão receber 13 contos. E 20 925 com onze símbolos nos seus lugares, cabendo a cada 950 escudos.